

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

O ensino de artes na educação básica em tempos de avaliação educacional:
um estudo de caso em uma escola pública estadual paulista.

Marisa Ribeiro da Silva Pardini

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de
São Paulo, como parte das exigências para a obtenção
do título de Mestre em Ciências, Área: Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO - SP

2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

O ensino de artes na educação básica em tempos de avaliação educacional:
um estudo de caso em uma escola pública estadual paulista.

Marisa Ribeiro da Silva Pardini

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Raquel Lucato Cianflone

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de
São Paulo, como parte das exigências para a obtenção
do título de Mestre em Ciências, Área: Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO - SP

2010

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

FICHA CATALOGRÁFICA

Pardini, Marisa Ribeiro da Silva

O ensino de artes na educação básica em tempos de avaliação educacional: um estudo de caso em uma escola pública estadual paulista. Ribeirão Preto, 2010.

238 p. : il. ; 30cm

Dissertação, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP- Dep. de Psicologia e Educação.

Orientadora: Cianflone, Ana Raquel Lucato

1. Ensino de Artes. 2. Avaliação da aprendizagem. 3. Educação Básica

FOLHA DE APROVAÇÃO

Marisa Ribeiro da Silva Pardini

**O ensino de artes na educação básica em tempos de avaliação educacional:
um estudo de caso em uma escola pública estadual paulista**

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto da
Universidade de São Paulo, como parte das
exigências para a obtenção do título de Mestre em
Ciências.

Área de concentração: Psicologia

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof^a. Dr^a. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof^a. Dr^a. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Dedico este trabalho à toda minha família, a quem muito amo e que sempre me apoiou nos momentos de dificuldade e ausência, pelo companheirismo, pela compreensão e incentivo . Aos meus queridos amigos e irmãos que mesmo sem saberem, me acolheram, consolaram e me fortaleceram.

AGRADECIMENTOS

Uma jornada traz consigo muitos desafios e a companhia de amigos é o que acalenta as dificuldades. Por isso, quero agradecer a todos que colaboraram para a conclusão desta importante etapa de minha vida acadêmica. Agradeço inicialmente a Deus, por ter me oportunizado este aprendizado e me fortalecido nesta difícil trajetória.

Aos meus pais, pela vida e exemplo.

Aos meus irmãos, cunhadas e sobrinhos pelo companheirismo de família.

Ao meu esposo querido e eterno incentivador dos estudos, pelo carinho, colaboração e companheirismo.

Às minhas queridas filhas, Natália e Naira, e a meus queridos futuros genros, pela compreensão, paciência e auxílio, para que este trabalho fosse concluído.

À minha amiga e irmã, Patrícia, pelo amor e cuidado dispensado a mim e a minha família.

Às companheiras de trabalho, Ana Claudia, Iara e Andréa que tanto souberam entender os momentos difíceis e minha ausência no decorrer desta jornada.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, do Departamento de Psicologia e Educação da FFCLRP – USP, pelo respeito e pela oportunidade que me foi concedida, de concretizar este trabalho.

Às professoras, alunos e à instituição escolar que colaboraram voluntariamente para que esta pesquisa fosse realizada.

As professoras Ana Lúcia Horta e Daniela pelas valiosas orientações e textos sugeridos no exame de qualificação.

Agradecimento especial à professora Ana Raquel Lucato Cianflone, pelo apoio, estímulo e principalmente pela confiança depositada em meus estudos.

E a todos em geral, amigos, funcionários, que mesmo sem saberem exerceram um papel muito importante durante este caminho,

meus sinceros agradecimentos.

"Só desperta paixão de aprender
quem tem paixão de ensinar."
(Paulo Freire)

RESUMO

PARDINI, M. R. S. **O ensino de artes na educação básica em tempos de avaliação educacional: um estudo de caso em uma escola pública estadual paulista.** 2010. 238p. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2010.

A presença do ensino de Artes nos currículos escolares no Brasil apresenta historicamente, muitas fragilidades e vem passando por mudanças. A partir dos anos 90 as avaliações educacionais vêm ocupando lugar central nas reformas de ensino, com grande impacto na organização do trabalho pedagógico desenvolvido nas escolas brasileiras. Nesse contexto, visando identificar e compreender essas transformações foram definidos como objetivos desta pesquisa: investigar as práticas avaliativas de professores de Artes; analisar os referentes do processo de avaliação na área de Artes; conhecer e analisar as teorias implícitas que fundamentam a ação docente; investigar crenças e valores que fundamentam as práticas avaliativas; identificar as dificuldades encontradas pelos professores e como estas são enfrentadas. A metodologia adotada foi o estudo de caso etnográfico. A pesquisa foi realizada em uma escola de ensino fundamental no interior do Estado de São Paulo. Os participantes da pesquisa foram duas professoras efetivas de Artes, coordenação pedagógica, direção e funcionários. Os procedimentos de coleta de dados foram: observação participante, a análise documental e a entrevista semi-estruturada. A análise dos dados permitiu concluir que o ensino de Artes apresenta-se como uma prática híbrida, onde os professores priorizam ora a técnica, a expressão e o conhecimento. Está se descaracterizando como campo de conhecimento para subsidiar e impulsionar o desempenho em outras disciplinas mais valorizadas visando a obtenção de maior rendimento escolar nos processos de avaliação externa.

Palavras-chave: Ensino de Artes. Avaliação da aprendizagem. Educação Básica.

ABSTRACT

PARDINI, M. R. S. **The teaching of arts in basic education in times of educational evaluation: a case study in a public state school of São Paulo.** 2010. 238p. Dissertation (Master) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2010.

The presence of arts education in school curriculum in Brazil has historically many weaknesses and has changed over time. From the 90 educational evaluations have occupied central place in education reforms, with great impact on the organization of the pedagogical work developed in Brazilian schools. In this context, to identify and understand these changes were defined as goals of this research: to investigate the assessment practices of teachers of Arts; analyze regarding the evaluation process in the Arts area, know and analyze the implicit theories that underlie the teaching, research beliefs and values that underlie the assessment practices, identify the difficulties encountered by teachers and how they are addressed. The methodology used was an ethnographic case study. The survey was conducted in an elementary school within the State of São Paulo. The research participants were two teachers effective for Arts, education supervision, management and employees. The procedures for data collection were participant observation, document analysis and semi-structured interview. These analysis showed that the teaching of Art presents itself as a hybrid practice, where teachers now prioritize the technique, expression and knowledge. Is characterizing as a field of knowledge to support and boost performance in other subjects more valued in order to obtain greater academic performance in the process of external evaluation.

Keywords: Arts teaching. Learning evaluation. Basic education.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	XIX
1. INTRODUÇÃO	21
1.1 Breve histórico do ensino de Artes no Brasil.....	21
1.2 A formação dos professores de Artes na atualidade	32
1.3 Alguns apontamentos sobre as Artes e o desenvolvimento psicológico.....	36
1.4 Sobre as práticas avaliativas no ensino de Artes.....	37
1.5 O ensino de Artes no contexto das avaliações educacionais.....	42
2. OBJETIVOS	47
3. O PERCURSO METODOLÓGICO	49
3.1 Pesquisa qualitativa	49
3.2 O universo da pesquisa.....	50
3.3 Procedimentos de coleta de dados.....	53
3.3.1 A observação participante.....	53
3.3.2 Entrevistas.....	53
3.3.3 Análise documental.....	54
3.4 Procedimentos de análise dos dados	55
4. APREENDENDO AS PRÁTICAS AVALIATIVAS DAS PROFESSORAS DE ARTES E SEU CONTEXTO	57
A. O ensino de artes: uma prática pedagógica híbrida.....	57
A1. Diferentes concepções de ensino	57
A2. Formação docente e prática pedagógica	62
B. O planejamento pedagógico em ação	66
B1. O papel da coordenação/ direção na ação docente.....	66
B2. Fontes e fundamentação dos trabalhos desenvolvidos.....	69
C. Ensino e aprendizagem de artes e praticas avaliativas	71
C1. Critérios de avaliação	71
C2. Procedimentos de avaliação	73
C3. Relações entre as avaliações interna e externa.....	77

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	85
APÊNDICES	89
APÊNDICE A – Roteiro Preliminar de Observação	89
APÊNDICE B – Diário de Campo	90
APÊNDICE C – ROTEIRO PRELIMINAR DE ENTREVISTAS.....	175
APÊNDICE D - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	176
ANEXOS.....	211
ANEXO A – PLANEJAMENTO ANUAL DE ARTES.....	211
ANEXO B – PROJETO ELABORADO PELA SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO.....	215

APRESENTAÇÃO

Nasci em São Paulo, capital. Meus pais mudaram para Ribeirão Preto quando eu tinha sete anos de idade. Sempre estudei em escolas públicas até completar o Ensino Médio. Ao longo de minha vida sempre me interessei por assuntos relacionados às artes, especialmente desenho e pintura, como também o artesanato.

Alguns anos se passaram e eu resolvi, por incentivo do meu esposo, ir à busca de um sonho: estudar Artes. Procurei escolas em Ribeirão Preto, mas infelizmente não existiam. Fiz graduação em Educação Artística na UNIFRAN (Universidade de Franca) e concluí o curso em 2004. Em 2001 comecei a trabalhar em uma escola particular de Ribeirão Preto, inicialmente na Educação Infantil e posteriormente fui convidada para lecionar também no Ensino Fundamental (1ª a 4ª séries).

Em 2005 fiz especialização em Arte e Criatividade na UNIFRAN e no ano seguinte, 2006, fiz outra especialização, à distância, na UnB (Universidade de Brasília).

Durante este percurso acadêmico e pedagógico, algumas questões foram surgindo em minha mente e muitas dúvidas sobre o processo de avaliação no campo das artes começaram a surgir e as respostas permaneciam ocultas.

Atuando como professora de Artes, avaliar meus alunos passou a me incomodar, pois não tinha orientação metodológica da instituição e não conhecia profundamente o núcleo da avaliação, os critérios e instrumentos para realizá-la.

Avaliar como? O que considerar? O resultado das produções, a participação, interesse? Criar uma ficha individual? Anotar em um diário? Avaliar em grupo? Individualmente? Enfim, um turbilhão de questões não tinham respostas e era em busca delas que eu estava. Reconheço que aquele foi um ano difícil. Tomar decisões em questões avaliativas exerceu sobre mim uma pressão inquietante. Tinha medo de ser injusta em relação ao estabelecimento de conceitos, pois não tinha clareza suficiente para exercer o papel de avaliadora.

Pela indicação de uma colega de trabalho, pude conhecer a professora Ana Raquel, do Departamento de Psicologia e Educação, que me possibilitou o início dos estudos, leituras e discussões relativas à avaliação.

Fiz algumas disciplinas como aluna especial do programa de Pós-Graduação, enquanto me preparava para a seleção do Programa.

Por questões prioritárias renunciei às aulas do Ensino Fundamental e fiquei somente na Educação Infantil, focando meus esforços em busca àquelas respostas na tentativa de aquietar o meu íntimo.

Entrei no Programa em agosto de 2007. Que alegria! Com o projeto em mãos, parti para as leituras e disciplinas.

O trabalho de campo foi realizado durante o ano letivo de 2008, onde pudemos colher os dados para a realização desta pesquisa. Este período trouxe-nos muitas revelações sobre a atuação do professor, sua concepção da disciplina e o processo de avaliação utilizado.

Com o apoio da literatura, das disciplinas que cursei no Programa, do material coletado e analisado, pudemos elaborar este trabalho e debruçar sobre aquelas questões que tanto me incomodavam. A conclusão desta pesquisa, embora tenha respondido a muitas questões, não trouxe a tranquilidade que um problema resolvido promove. Outros temas foram remexidos e como que se estivessem adormecidos, foram acordados.

Entendemos que na Educação o processo de pesquisa é contínuo e sempre haverá temas e levantamentos que precisarão de respostas. Essa busca constante que nos mantém vivos e nos torna conscientes que o conhecimento é construído e nos tornamos parte deste processo de construção.

Entendo que avaliar envolve compreender o processo da construção desse conhecimento e que este é distinto a cada aluno. Selecionar instrumentos e critérios para realizar esta avaliação é muito mais denso que parece. Ser professor e avaliador supõe atuar em um campo neutro, mas minado por instrumentos previamente formatados que geralmente, não revelam a realidade existente.

Aprendi muito e quero continuar aprendendo a aprender.

1. INTRODUÇÃO

1.1 Breve histórico do ensino de Artes no Brasil

Iniciamos este breve histórico do ensino de Artes no Brasil partindo do pressuposto de que é fundamental analisar seus elementos constitutivos para compreender sua situação atual e empreender ações transformadoras. Assim como é importante a análise histórica, conhecer as tendências que influenciaram o ensino e a aprendizagem da Arte na educação escolar brasileira também é fundamental para compreender a situação da Arte-educação no contexto atual. Por essas razões, é importante saber como a Arte vem sendo ensinada nas escolas, suas relações com a educação escolar e o modo como ocorre nos sistemas de ensino. “A partir dessas noções poderemos nos reconhecer na construção histórica, esclarecendo como estamos atuando e como queremos construir essa nossa história” (FUSARI e FERRAZ, 1993, p.20-21).

No dizer de Barbosa (1989, p.14):

[...] um dos instrumentos de conscientização dos educadores poderá se constituir na análise do sistema educacional, que numa sociedade dependente, de acordo com Berger, "necessariamente tem que ser histórica", porque a análise histórica atravessa o processo de transformação, modernização e inovação do sistema educacional.

Para Barbosa (1998), a Arte/Educação se caracteriza como um campo amplo de conhecimento que, durante a sua trajetória histórica, vem abarcando diferentes estudos, resultantes de pesquisas na área do ensino da Arte, de pesquisas artísticas e da produção de conhecimento/saberes, advindos da prática de ensino da Arte tanto na educação escolar como não-escolar. Assim, a Arte/Educação, como campo de conhecimento empírico-conceitual, tornou-se aberto a diferentes enfoques e vêm abarcando uma diversificada linha de atuação, estudos e pesquisas, tais, como: a formação do professor para o ensino de Arte; a história do ensino de Arte no Brasil; Dança/Educação; Educação Musical; o ensino da Arte na educação escolar; o ensino da Arte na educação não-escolar; o ensino das Artes visuais; o ensino inclusivo de Arte; os fundamentos da Arte/Educação, os processos de aprendizagem da Arte; Teatro/Educação; entre outros (SILVA; ARAÚJO, 2007).

A despeito dos diferentes conhecimentos, saberes e práticas desse campo de conhecimento, o foco deste estudo está relacionado ao campo do ensino da Arte na educação básica.

A educação escolar, além de se constituir como uma prática social, também está vinculada a uma pedagogia ou uma teoria educativa, utilizada pelos professores para que o ensino se realize. Essas teorias apresentam fortes enraizamentos filosóficos e ideológicos, que se tornam relevantes na visão que construímos do mundo e no modo como a ação docente é desenvolvida. De modo geral, é possível situar as posições dos educadores em dois grandes polos: alguns acreditam que a educação escolar é capaz de influenciar e mudar as práticas sociais; já outros esperam que a sociedade determine a educação escolar sendo esta pouco capaz - ou até incapaz de gerar modificações sociais profundas.

Para uma melhor compreensão da situação atual do ensino de Artes na escola pública brasileira é fundamental uma análise, mesmo que sucinta, de como ele se desenvolveu e das relações existentes entre o processo histórico-social e cultural do país e a educação escolar. Desse modo, a análise do histórico do ensino de Artes no Brasil traz esclarecimentos importantes para a elucidação dos avanços e retrocessos que afetaram a área de ensino de Artes nas últimas décadas no país. Também pode apontar as razões das fragilidades que a área apresenta atualmente e, também, questões que merecem ser analisadas de forma rigorosa e contextualizadas.

Para a análise das concepções e tendências no ensino de Artes serão utilizadas como referência nesta pesquisa, as categorias definidas por Silva e Araújo (2007) a partir de três grandes categorias conceituais: 1. Ensino de Arte Pré-Modernista; 2. Ensino de Arte Modernista e 3. Ensino de Arte Pós-Modernista ou Pós-Moderno. Os autores ressaltam que, por meio da utilização de prefixos gregolatinos (pré e/ou pós), é possível nomear tendências da Arte/Educação no país. Assim, o Modernismo é considerado a grande ruptura no modo de conceber tanto a Arte como o ensino da Arte.

Ainda segundo Silva e Araújo (2007), dentro dessas tendências, vamos encontrar diferentes concepções de ensino da Arte. Na Tendência Pré-Modernista, encontraremos a concepção de Ensino da Arte como Técnica; já na Tendência Modernista vamos encontrar a concepção de Ensino da Arte como Expressão e também como Atividade; e na Tendência Pós-Modernista, a concepção de ensino da Arte como Conhecimento.

O ensino de Arte como técnica tem sua origem no Brasil com a presença dos jesuítas, a partir de 1549, quando teve início o ensino da Arte na educação brasileira. O objetivo dos jesuítas era catequizar os povos da terra recém-descoberta, e o ensino de técnicas artísticas e

de artesanato deveriam estar a serviço dessa missão. Já na educação formal, o ensino de Arte tem a sua origem na criação da Academia Imperial de Belas Artes, em 1816, com a chegada da Missão Artística Francesa (SILVA; ARAÚJO, 2007).

A forte orientação neoclássica da missão francesa marcou profundamente o ensino de Artes, com o predomínio da reprodução de modelos vivos, desenhos de figuras e estamparias com obediência rígida às regras pré-estabelecidas. Desse modo, o ensino de Artes era considerado como um instrumento de modernização dirigido a outros setores e não tinha uma importância em si.

Com a abolição da escravatura (1888) e com a Proclamação da República (1889), houve importantes reformas sociais e políticas e a educação, de algum modo, teve que acompanhar esse processo, pois também era considerada como setor estratégico para potencializar o desenvolvimento do país. Desse modo, para Silva e Araújo (2007), o ensino de Arte passou a desempenhar um importante papel, com o ensino do desenho como linguagem da técnica e da ciência, sendo “valorizadas como meio de redenção econômica do país e da classe obreira, que engrossara suas fileiras com os recém-libertos” (BARBOSA, 2002, p. 30). Nesse contexto, o ensino da Arte do Desenho foi incluído no currículo escolar com o objetivo de preparar os alunos para o trabalho.

Tendo como referência o pensamento de Augusto Comte, os positivistas brasileiros defendiam a ideia de que a Arte possuía grande importância na medida em que contribuía para o estudo da ciência. Acreditavam que a Arte era um poderoso meio para o desenvolvimento do raciocínio e da racionalização da emoção, desde que ensinada em consonância com os princípios do método positivo, que subordinava a imaginação à observação. Conforme o exposto é possível concluir que quatro séculos do ensino de Arte no Brasil foram baseados, exclusivamente, na concepção de Arte como técnica. No entanto, essa concepção de ensino não ficou restrita apenas a esse período histórico, pois, ainda hoje está presente nas práticas escolares e se manifesta no ensino do desenho, do desenho geométrico, do ensino dos elementos da linguagem visual, descontextualizada da obra de Arte; na produção de artefatos, utilizando-se de elementos artísticos para a sua composição; na pintura de desenhos e figuras mimeografadas (SILVA; ARAÚJO, 2007). Assim, nota-se que a orientação do ensino de Arte como técnica se constitui em dois princípios: (1) a efetivação do processo de aprendizagem através do ensino de técnicas artísticas, para uma formação propedêutica, que visa a preparação para o trabalho; (2) e na utilização da Arte como ferramenta didático-pedagógica para o ensino das disciplinas mais valorizadas do currículo escolar, como Matemática e Língua Portuguesa. Nessa concepção, o ensino de Arte na educação escolar não possui um

fim em si mesmo e serve apenas como um meio para se alcançar objetivos que não estão relacionados com o ensino de Arte propriamente dito (SILVA; ARAÚJO, 2007).

Desse modo, na primeira metade do século XX, as disciplinas de Desenho, Trabalhos Manuais, Música e Canto Orfeônico faziam parte dos programas de ensino nas escolas primárias e secundárias. Nos anos 30 e 40, com o projeto elaborado pelo compositor Heitor Villa-Lobos, o Canto Orfeônico passou a ser difundido nas escolas brasileiras objetivando a ampliação e disseminação da cultura musical. Essa tentativa, apesar da implantação, foi fracassada devido a aspectos de caráter político, de falta de capacitação pedagógica adequada e falta de metodologia de ensino suficientemente estruturada (BRASIL, 1996). Nesse contexto, o Canto Orfeônico era responsável por garantir um caráter nacional e unificador na formação do cidadão brasileiro. Essa característica histórica da educação escolar brasileira – de buscar o fortalecimento do Estado com ações centralizadoras foi analisada por Shiroma, Moraes e Evangelista (2002).

Também no início da década de 30, com o início da democratização política no país, surgiu um movimento de renovação educacional denominado “Escola Nova”, inspirado no pensamento do filósofo americano John Dewey. Esse novo ideário pedagógico, com origens no final do século XIX na Europa e Estados Unidos, muito influenciou o ensino de Artes no Brasil. Esse movimento buscava uma sociedade mais democrática, tendo a escola um papel de formar os estudantes para uma sociedade democrática. A escola, de acordo com os princípios do movimento, não deveria apenas preparar os alunos para a vida em uma sociedade democrática, mas sim, ela mesma se constituir e se organizar de acordo com os princípios da democracia.

No Brasil, vários pensadores, como Anísio Teixeira, Nereu Sampaio, Fernando de Azevedo, Lourenço Filho e Francisco Campos, interpretaram e foram influenciados de diferentes formas por esse movimento renovador do ideário pedagógico e pelos princípios da escola nova. É uma geração de educadores que foi crítica do ensino tradicional ministrado no país, tanto por influência do pensamento herbartiano, como por influência das propostas pedagógicas dos jesuítas expressas em seu guia pedagógico *Ratio Studiorum*.

O movimento da escola nova introduziu no país uma série de princípios, dentre eles a necessidade de *centrar a ação pedagógica no aluno, no seu desenvolvimento psicobiológico, nas suas motivações e interesses*. Um acontecimento importante neste período foi o lançamento do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, em 1932 (FUSARI e FERRAZ, 1993).

Saviani (1986) registra as contradições deste momento histórico:

Os professores têm na cabeça o movimento e os princípios da escola nova. A realidade, porém, não oferece aos professores condições para instaurar a escola nova, porque a realidade em que atuam é tradicional. [...]. A essa contradição se acrescenta uma outra [...], o professor se vê pressionado pela pedagogia oficial que prega a racionalidade e a produtividade do sistema e do seu trabalho, isto é, ênfase nos meios (tecnicismo)[..] (p. 60).

Ainda segundo a categorização desenvolvida por Silva e Araújo (2007), em contraposição ao ensino da Arte como técnica, já a partir de 1914, começa a surgir no país a Tendência Modernista, carregando consigo, também as influências da pedagogia progressista e experimental. Nessa tendência, o ensino da Arte é concebido como o desenvolvimento da expressão e da criatividade (SILVA; ARAÚJO, 2007).

Em sintonia com alguns dos princípios da Escola Nova, Mário de Andrade e Anita Malfatti desempenharam um importante papel na introdução das ideias da livre-expressão do ensino de Artes para as crianças, com a implementação de métodos baseados na valorização da expressão e da espontaneidade da criança:

A ideia da livre-expressão, originada no expressionismo, levou à ideia de que a Arte na educação tem como finalidade principal permitir que a criança expresse seu sentimento e a ideia de que a Arte não é ensinada, mas expressada. Esses novos conceitos, mais do que aos educadores, entusiasmaram artistas e psicólogos, que foram os grandes divulgadores dessas correntes e, talvez por isso, promover experiências terapêuticas passou a ser considerada a maior missão da Arte na Educação (BARBOSA, 1975, p. 45).

Esse modo de conceber o ensino de Artes tem seus fundamentos conceituais e metodológicos no Movimento Escolinhas de Artes (MEA), que foi o primeiro movimento que possibilitou o processo de transformação filosófica e metodológica de Arte/Educação no Brasil. Apesar de ser um movimento que se referia ao ensino da Arte extra-escolar teve grande influência no ensino de Arte na escola (AZEVEDO, 2000). O MEA também teve grande relevância na formação inicial e continuada dos professores de Arte no país (VARELLA, 1986).

O MEA surgiu a partir da fundação da Escolinha de Arte do Brasil, no Rio de Janeiro em 1948, pelos artistas plásticos Augusto Rodrigues, Margaret Spencer e Lúcia Valentim. A EAB foi o início do que seria mais tarde denominado MEA, formado por um conjunto de 140 escolinhas espalhadas ao longo do território nacional (AZEVEDO, 2000, p. 25). O surgimento do MEA foi de extrema importância para a área de Arte/educação brasileira, pois disseminou no país seu objetivo que era o desenvolvimento da capacidade criadora em geral.

O MEA recebeu diferentes influências e contribuições teóricas de educadores, psicólogos, intelectuais e artistas. Suas bases conceituais estão assentadas nos trabalhos de Herbert Read, “Educação Através da Arte” (READ, 1982), e Viktor Lowenfeld, “Desenvolvimento da Capacidade Criadora” (LOWENFELD, 1977).

Segundo Azevedo (2000), outro valor da Arte/Educação Modernista era a democratização da Arte pela dessacralização da obra de Arte. O movimento tinha como base a ideia de que todas as crianças, em potencial, eram capazes de expressar-se através da Arte e de produzir Arte. No entanto, para que a criança fosse capaz de produzir a sua própria Arte era necessário preservá-la do contato com a Arte instituída, produzida pelo adulto, pois, esta Arte não deveria ser apresentada para a criança como modelo. Na proposta do MEA, a aproximação com o universo da Arte adulta deveria acontecer naturalmente. Desse modo, o papel do Arte/Educador era interferir o mínimo possível na Arte da criança. Essa maneira de proceder iria possibilitar conservar um valor fundamental divulgado pela Arte/Educação Modernista: a originalidade como um fator primordial do fazer artístico (SILVA; ARAÚJO, 2007).

Apesar dessa nova concepção sobre o trabalho artístico da criança, os valores estéticos da Arte infantil só passaram a ser reconhecidos e valorizados com a ocorrência de eventos artísticos expressionistas em especial a Semana de Arte Moderna de 1922. Assim, o ensino de Arte modernista possui uma trajetória conceitual de cerca de 57 anos (1914-1971). Se comparada à tendência pré-modernista (Arte como técnica), ela possuiu uma trajetória relativamente curta. No entanto, apesar dessa curta trajetória, a concepção de ensino de Arte como desenvolvimento da expressão e da criatividade deixou marcas profundas no modo de ensinar Arte. Ainda é possível encontrar nas escolas práticas de ensino de Arte, tais, como: produção de desenho e pintura como forma de expressão do pensamento da criança; apresentações artísticas, visitas às exposições em museus de Arte. Segundo essa vertente, essas atividades devem ser realizadas sem o planejamento de estratégias de compreensão do conhecimento artístico antes, durante ou após a excursão didática, caracterizando-se, apenas, como uma simples aula passeio. Essas atividades, em geral, são trabalhadas de forma “livre”, sem qualquer intervenção do professor, pois parte-se do pressuposto que a aprendizagem do conhecimento artístico ocorre de forma espontânea, sem necessidade de qualquer intervenção do professor. Dessa forma, a ênfase recai sobre os processos mentais desenvolvidos durante a realização da atividade artística. É a partir dessa ideia que surge a concepção de ensino de Arte como lazer, auto-expressão e catarse, o que descaracteriza a Arte como um conhecimento indispensável para a formação das novas gerações, possível de ser ensinado e

aprendido. Essa interpretação custou à área de Arte ser configurada apenas como uma mera atividade, sem conteúdos próprios (SILVA; ARAÚJO, 2007).

A concepção de ensino da Arte baseada na simples realização de atividades artísticas resulta do esvaziamento dos conteúdos específicos da área de Arte na educação escolar no cenário político na década de 60. Com o regime militar, a educação passou a priorizar a mão de obra qualificada que viesse a favorecer a importação tecnológica buscada pelo Estado (FUSARI e FERRAZ, 1993). O ensino do desenho novamente passa a ter importância primária nas escolas, visando preparar o aluno para atender o progresso industrial vigente. O objetivo de tal ensino era direcionar o desenho para ser empregado nas fábricas. Fica clara a relação entre o ensino do desenho e o trabalho.

O desenho geométrico utilizado na decoração era empregado para copiar modelos que vinham de fora do país. Eram centrados nos exercícios com ênfase nas repetições, visando alcançar a perfeição do traço, tendo como suporte a observação, representação de cópias de objetos, centrados nas imagens, abrangendo noções de proporção, composição, teoria da luz e sombra, textura e perspectiva.

Essa concepção de ensino de Arte enfatiza um fazer técnico e científico, com base em modelos ou reproduções, tendo como prioridade a produção final elaborada e próxima à perfeição. Esse método de ensino foi amplamente concebido e estabelecido pela classe docente e continua a se perpetuar entre muitos educadores que atuam como professores de Artes, especialmente nos casos de Arte-educadores sem formação específica.

Essa concepção de ensino foi legitimada com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), de nº 5.692, promulgada em 11 de agosto de 1971, que instituiu a obrigatoriedade do ensino de Arte nos currículos das escolas de 1º e 2º graus. A partir dessa Lei, o ensino de Arte no Brasil passou a ser designado como “Educação Artística”, uma terminologia ultrapassada para a época, diante dos avanços possibilitados pelos diferentes estudos e discussões da área da Arte e seu ensino, desenvolvidas no Brasil, Estados Unidos e Europa. No entanto, apesar de instaurar a obrigatoriedade do ensino da Arte na educação escolar, a Lei, ao designar os componentes do currículo, classificou-os em duas modalidades: (1) Disciplinas (áreas do conhecimento com objetivos, conteúdos, metodologias e processo de avaliação específica); (2) e atividades (desenvolvimento de práticas e procedimentos) (SILVA; ARAÚJO, 2007). Dessa forma, coube à Arte, no currículo escolar, desempenhar, apenas, o papel de mera atividade.

No contexto do Regime Militar e da Lei 5.692/71 o ensino de Artes desempenhou uma função predominantemente ideológica, que tinha como objetivo dar um caráter humanista ao

currículo. No currículo estabelecido a partir desta data, o ensino de Artes possibilitou uma abertura para as humanidades ou para o trabalho criativo, porque a filosofia e a história haviam sido eliminadas do currículo (BARBOSA, 2005b).

Naquele período não existiam cursos universitários de Arte-educação, mas apenas cursos que preparavam professores para ensino de desenho geométrico. Foi neste contexto que o governo federal decidiu criar um curso universitário para preparar professores para a disciplina de educação artística, criada pela nova lei. Esses cursos foram criados em 1973, com a intenção de preparar os professores de Artes em dois anos, tornando-os habilitados a lecionar música, teatro, artes visuais, desenho, dança e desenho geométrico.

Outra característica importante do ensino de Artes no sistema educacional brasileiro é o fato de não haver exigência de atribuição de notas aos alunos na área de Artes (desde a 5692/71) porque a educação artística é concebida como uma atividade, não como uma disciplina.

Referindo-se a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 5.692/71, as autoras Fusari e Ferraz, afirmam que:

Desde sua implantação, observa-se que a Educação Artística é tratada de modo indefinido, o que fica patente na redação de um dos documentos explicativos da lei, ou seja, o Parecer nº 540/77: “não é uma matéria, mas uma área bastante generosa e sem contornos fixos, flutuando ao sabor das tendências e dos interesses” (1993, p. 37).

A não exigência de atribuição de notas em Educação Artística, associada à concepção de mera atividade e não disciplina, os professores de Arte passaram a buscar apoio em livros didáticos de Educação Artística, produzidos para serem consumidos desde o final dos anos 70. Apresentavam uma formação universitária insuficiente e mostravam-se inseguros em aplicar fundamentações teórico-metodológicas de ensino e aprendizagem de Arte.

Estas dificuldades refletiram e continuam a deixar sinais de fragilidade no cotidiano das salas de aula.

Fusari e Ferraz expressam seu desapontamento em relação a prática do ensino:

O que se tem constatado é uma prática diluída, pouco ou nada fundamentada, na qual métodos e conteúdos de tendência tradicional e novista se misturam, sem grandes preocupações, com o que seria melhor para o ensino de Arte (1993, p. 39).

Apontam também para os dias de hoje em que o ensino de Artes apresenta um núcleo de atividades artísticas, utilizando a exploração de técnicas e materiais com um fazer

espontaneísta, sem assumir a preocupação de buscar o conhecimento de Arte. As aulas apresentam-se divididas entre um saber construir, um saber exprimir-se, mas sem fundamentos e aprofundamentos teóricos.

Na realidade, a referida Lei, no campo do ensino da Arte, caracterizou-se como uma ação não planejada, pois, as atividades eram desenvolvidas, apenas, para cumprir as formalidades e ocupar os horários, sendo ministradas por professores de outras áreas que não compreendiam o significado da Arte na Educação. É necessário destacar, que diferente das outras concepções de ensino de Arte, não encontramos em nossos estudos, registros históricos ou conceituais de uma matriz teórica que a fundamentasse. Na realidade, essa concepção é a maior expressão da presença do tecnicismo pedagógico no ensino de Arte (SILVA, ARAÚJO, 2007).

O ensino da Arte como atividade cristalizou no decorrer dos anos e o que encontramos, ainda hoje, nas escolas brasileiras, são atividades como: cantar músicas da rotina escolar, preparar apresentações artísticas e objetos para a comemoração de datas comemorativas; fazer a decoração da escola para as festas cívicas e religiosas. Desprovida de conteúdo de ensino, a concepção de ensino da Arte baseada exclusivamente no “fazer artístico” contribuiu muito para colocar a Arte em uma posição desprivilegiada na educação escolar.

Com o objetivo de desenvolver o ensino de Arte e colocá-lo em uma posição central no desenvolvimento intelectual das crianças e jovens, os Arte/educadores brasileiros lutaram para garantir a presença da Arte no currículo escolar, considerando-a como um campo de conhecimento específico, com objetivos, conteúdos, métodos de ensino e processos de avaliação da aprendizagem específicos.

Para Silva e Araújo (2007), a concepção de ensino de Arte como conhecimento, defende a ideia da Arte na educação com ênfase na própria Arte, denominada por Eisner (2002) como o “essencialismo” no ensino de Arte. Segundo Rizzi (2002), a corrente essencialista:

[...] acredita ser a Arte importante por si mesma e não por ser instrumento para fins de outra natureza. Por ser uma experiência que permite a integração da experiência singular e isolada de cada ser humano com a experiência da humanidade (RIZZI, 2002, p. 64-65).

Atualmente, no Brasil, a abordagem mais contemporânea da Arte/Educação está relacionada ao desenvolvimento cognitivo, que, segundo Barbosa (2005), vem se impondo cada vez mais entre os Arte/educadores brasileiros. Essa compreensão nos impõe a pensar de

maneira diferente o ensino de Arte na educação escolar, provocando o deslocamento das nossas preocupações relacionadas à questão de “como se ensina Arte” para “como se aprende Arte”. É nessa nova significação de paradigmas que surge no Brasil, a Tendência Pós-Moderna de ensino de Arte. Barbosa afirma que:

[...] nossa existência hoje é marcada pela tenebrosa sensação de sobrevivência, vivendo um presente que não tem nome próprio, mas é designado por um prefixo acrescentado ao passado. Trata-se do prefixo ‘pós’ do pós-modernismo, do pós-colonialismo, do pós-feminismo etc. Queremos explicitamente ultrapassar o passado sem deixá-lo de lado (BARBOSA, 1998, p. 33).

Na década de 1980, com a redemocratização do país, surgiram no cenário nacional associações de Arte/educadores e cursos de pós-graduação (*lato sensu e stricto sensu*), fazendo com que ocorressem novas reflexões sobre o ensino de Arte e novas concepções para o processo de ensino-aprendizagem de Arte no âmbito escolar. (SILVA; ARAÚJO, 2007).

Em 1988, com a promulgação da Constituição Brasileira, iniciaram-se as discussões sobre a nova LDBEN. Nesse contexto, ocorreu uma longa luta política e conceitual dos Arte/educadores brasileiros para tornar a Arte uma disciplina curricular obrigatória, com todas as suas especificidades, como campo de conhecimento baseado no interculturalismo, na interdisciplinaridade e na aprendizagem de conhecimentos.

Após essa legislação, foi criada a lei 9394/96, a atual LDB (Lei de Diretrizes Básicas da Educação). O artigo 25, parágrafo 2 diz: “O ensino da Arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”.

Para o Ensino Fundamental a atual LDB esclarece no artigo 32, item II:

“O ensino fundamental, com duração mínima de oito anos, obrigatório e gratuito na escola pública, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante: a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das Artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade”.

A Lei 9.394 foi alterada pela Lei 2.732 de 2008 (BRASIL, 2008), aprovada em 21/05/2008, acrescenta os parágrafos 6º e 7º ao art. 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional para tornar obrigatório o ensino de música na educação básica (educação infantil, ensino fundamental e ensino médio), além de estabelecer que a disciplina seja ministrada por professores com formação específica. O Projeto de Lei ainda estabelece o prazo de três anos para que os sistemas de ensino se adaptem a esta exigência.

Com o esvaziamento dos conteúdos do ensino de Arte, que vinha ocorrendo desde o início do Século XX, com a Tendência Modernista da Arte/Educação, surgem, na década de 1970, alguns pensadores que propunham buscar os conteúdos para as aulas de Arte. Foi desse movimento que apareceram, no cenário da Arte/Educação, diferentes abordagens de ensino da Arte (SILVA, ARAÚJO, 2007). Inspirada pelas ideias que circulavam no cenário internacional, Ana Mae Barbosa e suas colaboradoras sistematizaram, na década 1980, a partir das atividades educativas desenvolvidas no Museu de Arte Contemporânea (MAC), da Universidade de São Paulo (USP), a abordagem denominada Proposta Triangular de Ensino de Arte:

A Proposta Triangular deriva de uma dupla triangulação. A primeira é de natureza epistemológica, ao designar aos componentes do ensino/aprendizagem por três ações mentalmente e sensorialmente básicas, quais sejam: criação (fazer artístico), leitura da obra de Arte e contextualização. A segunda triangulação está na gênese da própria sistematização, originada em uma tríplice influência, na deglutinação de três outras abordagens epistemológicas: as Escuelas al Aire Libre mexicanas, o Critical Studies inglês e o Movimento de Apreciação Estética aliado ao DBAE (Discipline Based Art Education) americano (BARBOSA, 1998, p. 35).

Para possibilitar uma maior compreensão sobre Abordagem Triangular de Ensino de Arte, do ponto de vista das teorias educacionais e das teorias da aprendizagem, Barbosa (1998) afirma:

A educação cultural que se pretende com a Proposta Triangular é uma educação crítica do conhecimento construído pelo próprio aluno, com a mediação do professor, acerca do mundo visual e não uma “educação bancária” (p. 40).

Ao contrário da concepção de ensino como técnica – que valoriza o produto artístico em detrimento do processo – e da concepção de ensino de Arte como expressão – que supervaloriza o processo, dando pouca importância ao produto estético –, a concepção de Arte como conhecimento busca a valorização do produto artístico e dos processos desencadeados no ensino de Arte, trazendo para o contexto atual da Arte/Educação a ideia de Arte como processo e produto, que vem sendo defendida por Barbosa (1975), desde a década de 1970.

A proposta de elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) datadas de 1997, 1998 e 1999 pelo Ministério da Educação e do Desporto (MEC) buscaram estabelecer um referencial de ensino para todo o território nacional:

A primeira parte do documento tem por objetivo analisar e propor encaminhamentos para o ensino e a aprendizagem de Arte no ensino fundamental. Para isso, inicia-se com o histórico da área na educação escolar e suas correlações com a produção de Arte na cultura brasileira; foi elaborada para que o professor possa conhecer a área na sua contextualização histórica, pedagógica e estética e ter contato com os conceitos relativos às concepções do conhecimento artístico (PCN, Artes, 1996).

A segunda parte aborda as quatro linguagens: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro, elegendo objetivos a serem alcançados e sugestões para que o ensino e a aprendizagem destas linguagens sejam efetivamente consolidados.

O PCN (BRASIL, 1996), na tentativa de fornecer orientação aos professores que trabalham com Arte, apresenta direções, caminhos, conteúdos, linguagens e critérios de avaliação a fim de ampliar as possibilidades para os profissionais dessa área.

Tendo como cenário o território nacional, levanta-se a seguinte questão: como um país com dimensões tão abrangentes, apresentando suas particularidades regionais e sociais, pode aplicar estas orientações de maneira uniforme? Como as questões sociais podem interferir na formação e qualificação do docente? Estas questões reflexivas estabelecem algumas críticas à adoção do PCN (Artes) em todo o território brasileiro.

Gomes e Nogueira (2008) sinalizam estas particularidades:

Cada escola inserida numa determinada comunidade possui sua própria realidade social que difere das realidades de outras escolas localizadas em comunidades, bairros ou cidades diferentes. Este fato interfere diretamente na maneira pela qual o docente irá selecionar os conteúdos a serem aplicados, pois isso dependerá não somente dos recursos de que a escola possa dispor, mas também dos alunos para quem se dirige a ação pedagógica.

1.2 A formação dos professores de Artes na atualidade

A atuação do professor está sem dúvida, vinculada a sua formação acadêmica. A formação de professores tornou-se tema recorrente nas discussões acadêmicas dos últimos 30 anos e constitui-se em objeto permanente de estudos.

Como a formação do professor de Arte pode influenciar ou determinar sua prática docente? Para melhor compreender essa complexa questão, faz-se necessário um afastamento histórico e traçar a trajetória percorrida por este profissional.

Nos anos iniciais da implantação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 5.692/71, em 1971, os professores de Educação Artística foram formados em cursos de curta duração e tinham como única alternativa adotar os documentos oficiais (guias curriculares) que apresentavam listagens de atividades e livros didáticos em geral, sem explicitar fundamentos, orientações teórico-metodológicas, ou mesmo bibliografias específicas. Pode-se afirmar que era mais um processo restrito de capacitação do que de formação. As faculdades que formavam para Educação Artística, criadas na época especialmente para atender o mercado aberto pela lei, não estavam instrumentalizadas para a formação integral do professor, oferecendo cursos técnicos, sem bases conceituais.

Os professores limitavam-se a desenvolver atividades múltiplas que contemplassem exercícios musicais, corporais e plásticos sem aprofundamentos teóricos, divididos pelas faixas etárias de seus alunos. Estes anos iniciais de implantação da lei foram regidos por aspectos parciais da aprendizagem, privilegiando-se, a aprendizagem reprodutiva de modelos e técnicas, o plano expressivo e processual dos alunos e a execução de tarefas pré-fixadas e distribuídas em planejamentos desvinculados da realidade da escola e do aluno.

Os professores passaram a atuar em todas as linguagens artísticas, independentemente de sua formação e habilitação.

Na década de 80, os professores de Arte mobilizaram-se com o propósito de maior conscientização e integração. Esse movimento, denominado Arte-educação, permitiu a ampliação das discussões sobre o compromisso, a valorização e o aprimoramento do professor, e se multiplicaram no país novas ideias, tais como mudanças de concepções de atuação com Arte, que foram difundidas por meio de encontros promovidos por universidades, associações de Arte-educadores, entidades públicas e particulares.

A tramitação do anteprojeto que gerou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) moveu nos anos 90, discussões sobre a formação docente no Brasil, entre entidades representantes de profissionais da educação e a comunidade acadêmica. Para melhor compreender as atuais discussões a respeito da formação de professores e as recentes políticas regulamentadoras dessa atividade, é importante lembrar o contexto mais amplo em que a LDB foi aprovada. Na época, o contexto da América Latina era marcado pela hegemonia das políticas neoliberais, de interesse do capital financeiro, estabelecidas pelo Banco Mundial e Fundo Monetário Internacional (FMI), que “procuravam promover a reforma do Estado, minimizando o seu papel, e favorecer o predomínio das regras do mercado em todos os setores da sociedade, incluindo as atividades educacionais” (PEREIRA, 1999).

Atualmente existe a carência de criação de cursos de licenciatura para conceder a profissionais atuantes a formação acadêmica que lhes é exigida pela Lei. O professor da disciplina de Arte encontra-se em situação similar. O Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2001) confirma este fato.

O ensino da Arte, em todos os níveis, tem passado, nos últimos tempos, por processos de mudança, influenciado quer por questões sociais, quer por modismos, ou pela importação de modelos sem a necessária adaptação ao contexto cultural brasileiro.

A época em que vivemos caracteriza-se por transformações aceleradas, nem sempre possíveis de serem captadas em sua totalidade. Não se pode negar que, o consumo cultural hoje, ao alcance de todos, ocupa um papel de grande importância no contexto cultural moderno.

Com estas transformações em foco, faz-se necessário também que o educador em Arte conheça os fundamentos da Educação, sua história e suas diferentes linhas metodológicas, para que ele possa, com sua vivência e prática constantes, estabelecer um elo entre Arte e Educação, disseminando o conhecimento daí advindo (SILVA, 2007).

Existe uma preocupação com a formação intelectual através das disciplinas oferecidas nos cursos de formação em Arte, no que diz respeito às teorias, textos e conteúdos para o domínio de conhecimentos no processo de ensino/aprendizagem, indispensáveis para uma boa formação do professor. Mas, apenas o conhecimento teórico não é o suficiente. A necessidade da prática é indiscutível. Porém, a falta de articulação entre a prática e o conhecimento teórico ainda é sentida na preparação e formação do educador, deixando para um segundo momento a experiência e a vivência da Arte (observar, experimentar, construir e viver).

A experiência vivida pelos alunos, que se preparam para serem professores, tem uma influência significativa e exerce grande importância para a atuação futura. Somente através das pesquisas e vivências, que os alunos, futuros educadores, poderão explorar seus conhecimentos adquiridos e assim buscar a cada momento novo algo que instigará seus alunos a quererem mais e mais. Através do conhecimento busca-se o aperfeiçoamento no constante ato de ensinar e aprender.

Durante o curso de Arte, agravam-se ainda mais as condições para atuar com segurança quando durante o estágio aparecem as consequências dessa desarticulação entre a teoria e a prática. O estágio é de suma importância, deve conduzir o aluno a entrar em contato com a realidade da escola, despertar sua aptidão, problematizar através de projetos, as situações educacionais, como: conhecer o cotidiano, a dinâmica de suas manifestações culturais, o projeto político pedagógico da escola, currículos e outras vivências que tais momentos proporcionam (SILVA, 2007).

Rever esta dinâmica buscando a integração destes componentes num só elemento, interagindo e inter-relacionando-se como movimento dinâmico e dialético, não estático ou separado, objetivando uma relação de equilíbrio (teoria, práxis e estágio), que ajudarão no domínio do conteúdo, método, técnica e a vivenciar o curso com experiências coerentes para a sua formação.

A busca por este equilíbrio teoria/prática é o avanço que poderá caracterizar uma formação adequada.

Pereira (1999) esclarece esta questão afirmando que:

[...] o descuido com o embasamento teórico na formação de professores, indispensável no preparo desses profissionais, é extremamente prejudicial aos cursos de licenciatura. O rompimento com o modelo que prioriza a teoria em detrimento da prática não pode significar a adoção de esquemas que supervalorizem a prática e minimizem o papel da formação teórica. Assim como não basta o domínio de conteúdos específicos ou pedagógicos para alguém se tornar um bom professor, também não é suficiente estar em contato apenas com a prática para se garantir uma formação docente de qualidade. Sabe-se que a prática pedagógica não é isenta de conhecimentos teóricos e que estes, por sua vez, ganham novos significados quando diante da realidade escolar (p. 114).

Um currículo bem elaborado estará atento à realidade cultural da comunidade, a história de vida do educando, suas características, necessidades e interesses. Também adaptará os aspectos da evolução da ciência e tecnologia e não poderá ignorar os aspectos políticos, sociais e econômicos que influenciam em sua formação e que estão intimamente ligados à sua vida acadêmica e social.

Pelo que foi exposto até o momento, é possível concluir que a formação de professores foi secundarizada na pauta de discussões nas décadas anteriores na história da educação brasileira. Dentre outros motivos para que isso acontecesse, situa-se a forte presença de um modelo positivista de ciência e de uma abordagem psicologista da educação, que se concentraram mais nas explicações dos fenômenos e problemas educativos centrados em temas como repetência, fracasso e sucesso escolar, prevalecendo dessa forma o enfoque da avaliação por resultados, tendo como medida mais os produtos alcançados que os processos formativos em educação (FELDMANN, 2008).

As investigações recentes sobre formação de professores apontam a necessidade de se tomar a prática pedagógica como fonte do conhecimento sobre os problemas educacionais, ao mesmo tempo em que se evidencia a inadequação do modelo da racionalidade técnica para dar respostas às dificuldades e angústias vivenciadas na ação concreta desses profissionais.

A partir da década de 90, as transformações no campo do ensino e nas concepções sobre o ensino da Arte apontam para uma perspectiva para a Arte-Educação, processual, relacional e contextual. Barbosa (2005) afirma que a Arte, com sua linguagem aguçadora dos sentidos, expressa significados que não podem ser transmitidos por meio de nenhum outro tipo de linguagem. A autora afirma que a Arte na educação, como expressão pessoal e como cultura, é um importante instrumento para identificação cultural e desenvolvimento individual. Ressalta, também, que por meio do ensino da Arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação para apreender a realidade concreta vivida, interpretando-a e modificando-a, se necessário, pelo uso de processos analíticos criadores. Essa perspectiva fomenta cada vez mais a aproximação do aluno e do professor à obra de Arte. Se, antes, ensinar Arte era sinônimo de fazer, agora se enfatiza tanto o fazer como a apreciação, a leitura e a fruição da obra de Arte, assim como a própria história da Arte. Essa prática de aproximação do universo escolar junto à produção do artista tem gerado alguns equívocos e um deles é a ideia de releitura que tem sido muito difundida e praticada nas escolas. Frequentemente, a obra é colocada como modelo e acaba por gerar infinitas cópias na sala de aula, sendo que os trabalhos considerados melhores são aqueles que mais se aproximam da obra estudada, gerando uma prática reprodutivista. A ideia não é prover o aluno para que ele faça o que muitos artistas já fizeram ao longo da história da Arte, mas para que conheça essa história que a humanidade construiu ao longo da sua caminhada e para que nela possa intervir, fazendo as suas representações e não copiando outras que já fazem parte da história. Em nosso tempo a Arte é vista como parte constitutiva das várias manifestações simbólicas de cultura (FELDMAN, 2004).

1.3 Alguns apontamentos sobre as Artes e o desenvolvimento psicológico

Não nascemos humanos, nos tornamos humanos gradualmente, na prática social da qual fazemos parte; humanizamo-nos uns aos outros e esse processo histórico, social e cultural chama-se educação e ocorre nas inter-relações entre os homens e da teoria com a prática. É essa possibilidade de aproximar teoria e prática que reside na educação e faz dela um ato criador, assim como a Arte, na qual o artista transforma materiais amorfos em obras únicas e singulares. Essa criação é que muda o estabelecido, que possibilita a transformação de cada sujeito e do meio social que o circunda.

Desta forma, a apreciação da Arte estará sempre na dependência da interpretação psicológica que fazemos.

Para Vygotsky (2001) a Arte é:

[...] o social em nós, e, se o seu efeito se processa em um indivíduo isolado, isto não significa, de maneira nenhuma, que as suas raízes e essência sejam individuais. O social existe até onde há apenas um homem e suas emoções pessoais. (p. 34)

A teoria de Vygotsky é chamada de metapsicológica, pois exige fundamentalmente que o conhecimento deve restituir a totalidade do objeto, isto é, o objeto na totalidade concreta de suas determinações. Essa afirmação coloca a própria Psicologia como uma Psicologia crítica, pois confronta seus próprios limites. No que diz respeito à Psicologia da Arte, Vygotsky (2001) recusa-se a reduzir seu objeto em uma perspectiva disciplinar, mas visa ampliar a perspectiva psicológica e articulá-la com outros domínios do conhecimento que consideram também a obra de arte em uma perspectiva múltipla. Para ele, a realidade psicológica individual é socialmente constituída, sua estrutura e seus processos se constituem como elementos mediadores entre as formas de vida e as formas de ação no mundo; a psicologia, assim, garante seu lugar em um sistema de conhecimento e se articula com a perspectiva sociológica, mas nela não se dissolve.

No pensamento vygotskyano, na análise da obra de arte, a função do signo artístico se revela: a socialização da emoção, o ato de trazer para o círculo da vida social os aspectos mais íntimos da experiência humana. Por essa razão, para ele a arte é a “técnica social da emoção” e a obra de arte tem como função restituir enquanto atividade a relação do sujeito sensível com o real. Assim, a noção de mediação semiótica do desenvolvimento psicológico em Vygotsky envolve as funções cognitivas, afetivas e os sistemas de relação e de ação e o papel da imaginação criadora é evidente nos produtos culturais, tanto das ciências como das artes.

É desse modo dialético - e graças ao concurso da arte - o ser humano é capaz de transformar o meio, de humanizar a natureza e de se transformar.

1.4 Sobre as práticas avaliativas no ensino de Artes

No que diz respeito especificamente às práticas avaliativas, é importante ressaltar que elas constituem um momento privilegiado do processo de ensino e aprendizagem,

especialmente por veiculares e evidenciarem valores que permeiam toda prática pedagógica. Nessa perspectiva, conceber a avaliação como prática, no dizer de Gimeno-Sacristán (1998), significa estar diante de uma atividade que se desenvolve seguindo certos usos, que cumpre múltiplas funções, que se apoia numa série de ideias e formas e que é a resposta a determinados condicionamentos. Assim, a prática da avaliação é explicada pela forma como são realizadas as funções que a escola desempenha e, por isso, sua realização vem condicionada por aspectos pessoais, sociais e institucionais: ao mesmo tempo, ela incide sobre todos os demais elementos envolvidos na escolarização: transmissão de conhecimento, relações entre professores e alunos, interações entre os grupos, métodos praticados, disciplina, expectativas de alunos e professores, etc. (CIANFLONE, 2009).

Assim, coloca-se a necessidade de se compreender e analisar os valores e critérios do professor de Artes no momento da construção de sua avaliação. Pode-se dizer que a avaliação não é uma medida, visto que o avaliador (o professor) não é um instrumento e o que é avaliado não é um objeto, mas um aluno com suas características individuais.

Hadji (2001) esclarece que as questões envolvidas neste processo estão diretamente ligadas ao contexto. Não se pode atribuir um valor ou um nível ao um aluno da mesma maneira que se atribui um número a um objeto. O desempenho do aluno depende da interação que ele constrói com o professor em sala de aula, com o examinador em situação de prova cumulativa, ou de uma maneira mais abrangente, com uma situação social que exige que se mostre suas capacidades no exame. O êxito ou o fracasso estão associados às atribuições sociais de valor e às situações de visibilidade que acentuam o peso dos fatores sociais.

Hadji aponta estudos realizados por Noizet e Caverni (1978) que revelam divergências e implicações do ato avaliativo realizado pelo avaliador. Estas pesquisas mostraram que a ordem das correções revela-se importante: os primeiros trabalhos são superavaliados e aqueles corrigidos por último são subavaliados. Outros fatores influenciáveis para o avaliador que interferem no seu julgamento são: o conhecimento das notas ou desempenhos anteriores que ele possui do produtor (aluno), o conhecimento do estatuto escolar do aluno (nível forte, fraco), informações referentes à origem socioeconômica do produtor do trabalho. Portanto, “a avaliação é sempre influenciada pela consideração de informações *a priori*” (HADJI, 2001, p. 39).

Freitas (2003) alerta-nos de que a lógica da avaliação em sala de aula não é independente da lógica da escola, mas está associada a três componentes básicos: aspecto instrucional – onde avalia-se o domínio de habilidades e conteúdos em provas para saber o que o aluno aprendeu; avaliação do comportamento – um poderoso instrumento de controle

do ambiente escolar, conferindo ao professor o poder e exigência às regras; o lado da avaliação de valores e atitudes – que consiste em expor o aluno a repreensões verbais e físicas, incluindo humilhações perante os colegas criticando seus valores e atitudes.

A partir do que precede, algumas questões são formuladas: quais critérios o avaliador estabelece e utiliza para julgar o aprendizado do aluno? Quais os conhecimentos e condições necessários para que esta avaliação seja plenamente efetuada e seja, portanto, um ponto de partida para futuras práticas?

Avaliar o aluno nesta disciplina envolve questões subjetivas que estão profundamente vinculadas ao docente. Estas questões envolvem sua formação, intenções, crenças, interesses e valores que orientam a seleção de critérios para efetuar seu julgamento em relação ao aluno e suas produções. Estes valores estão fortemente ligados à cultura e constituem elementos cruciais na tomada de decisões e possíveis intervenções no processo ensino/aprendizagem.

Gardner (1996) destaca que, dentre os vários fatores e agentes contextuais que cercam cada ser humano em desenvolvimento, um deles merece ser tratado em separado: os indivíduos e instituições que julgam a qualidade do trabalho humano. Para os autores, toda cultura transmite sinais explícitos e implícitos sobre os produtos e comportamentos que valorizam e esses valores permeiam as escolas e outras instituições educacionais. Assim, a reflexão e a análise sobre os problemas enfrentados pela escola devem, necessariamente, considerar as representações que o conjunto da sociedade tem da escola, do ensinar e do aprender (a *folk pedagogy*), conforme destacam Olson e Bruner (1996). No caso da análise das práticas avaliativas esse é um ponto crucial, pois ao investigar crenças, significados e valores, estamos buscando compreender como são formuladas teorias sobre a prática educativa na sala de aula. Devemos levar em consideração essas teorias pedagógicas que aqueles engajados no ensino e na aprendizagem já possuem, porque quaisquer inovações terão de competir com essas teorias, substituí-las, ou de alguma maneira, modificá-las, pois elas já guiam tanto os professores como os alunos (OLSON, BRUNER, 1996).

Da mesma forma que as pessoas, ou no caso, os docentes são guiados pela psicologia popular, também são orientados na atividade de ajudar as crianças a aprenderem sobre o mundo por noções de “pedagogia popular”. Estas refletem uma série de pressupostos sobre as crianças, como por exemplo: são vistas como teimosas, precisam de disciplina, são recipientes vazios e precisam do conhecimento que somente os adultos podem fornecer, precisam ser socializadas para deixarem de ser egocêntricas (BRUNER, 2001).

Esta produção de significados é a princípio interpretativa, imprecisa, sensível ao tempo e muitas vezes mutável. Embora estes significados estejam na mente, eles têm suas

origens e sua importância na cultura na qual são criados. Os significados constituem uma base para o intercâmbio cultural (BRUNER, 2001).

Pozo (1998) e Rodrigo; Rodrigues Péres; Marrero (1993) também consideram que todos nós somos possuidores de teorias informais, ou implícitas, que utilizamos para dar sentido ao nosso cotidiano informal ou pedagógico. Nesse processo, o professor constrói e reconstrói relações pessoais e pedagógicas com base em conhecimentos adquiridos através da formação e da prática pedagógica.

Estas teorias implícitas necessitam ser investigadas, pois fundamentam a planificação do processo de ensino e aprendizagem, os critérios de avaliação dos trabalhos dos alunos e os juízos mediante os quais elegem as atividades que implementam para ajudar na construção de conhecimentos. Estes conhecimentos culturais e experiências pessoais constituem uma síntese da teoria implícita, ou seja, estes saberes construídos serão decisivos nas ações do docente.

Feldman (1995) e Rodrigo; Rodrigues Péres; Marrero (1993) concordam que não é possível interpretar o valor das teorias pessoais dos docentes sem relacioná-las com suas condições de trabalho e de ensino. As pessoas conhecem e aprendem em atuações com outras pessoas e em determinadas condições de existência. Consideram que o conhecimento do docente é pessoal, mas não individual, pois interagem com uma realidade “culturalizada” pedagogicamente e combina, em diferente proporção, aspectos tácitos e explícitos. O ensino real não fica limitado a um modelo de aprendizagem ou a um modelo de ensino. A maior parte da educação cotidiana nas escolas tem por objetivo cultivar ou promover as habilidades, capacidades, transmitir conhecimentos de teorias ou fatos e cultivar a compreensão de crenças e intenções daqueles que estão próximos ou distantes. Qualquer escolha de uma prática pedagógica implica na formação de um ponto de vista do aprendiz e pode ser adotado por ele como uma forma adequada de pensar sobre o processo de aprendizagem. Desta maneira, a atuação do docente implicará de forma decisiva nas ações futuras do aprendiz (BRUNER, 2001).

Essa proposta ampla e aberta enfatiza que o campo de estudos não se organiza a partir de nomes de artefatos, fatos e ou sujeitos, mas sim de seus significados culturais, vinculando-se à noção de mediação de representações, valores e identidades. Hernandez (2000) entende o campo de estudo como sendo móvel, pois a cada dia se incorporam novos aspectos relacionados tanto às representações quanto aos artefatos, que sofrem mudanças na maneira de pensar e atuar. Nessa perspectiva, não há receptores nem leitores, mas sim construtores e intérpretes, na medida em que a aproximação não é passiva nem dependente, mas sim interativa e condizente com as experiências que cada sujeito vive no seu dia-a-dia.

Outros autores, (BERTONI; POGGI; TEOBALDO, 1999) também consideram que as questões referentes às práticas de avaliação e os saberes dos docentes como a construção de significados novos para velhas práticas devem ser revistos. Surge também o questionamento sobre os valores implícitos com respeito à responsabilidade social e moral que cabe aos avaliadores; um processo de construção que inclui a interação de fatores políticos, culturais, axiológicos e as representações sociais.

John Dewey (1980) considera que “a Arte é uma experiência”. O conceito de experiência é usado para designar qualquer dos processos conscientes de nossa vida e que, em cada momento da existência se vive uma experiência. A ideia é de que a “experiência verdadeira” é uma organização do novo com o velho, de maneira que os valores e significados anteriores adquiram nova vida no estado presente e se desenvolvam como uma experiência nova. Assim, “toda experiência é o resultado de interação entre alguma criatura viva e algum aspecto do mundo no qual ela vive” (DEWEY, 1980, p. 95).

O autor explica que a experiência artística está intimamente relacionada com a experiência intelectual. Para que um artista possa realizar uma pintura ele precisa perceber o que já fez para saber o que fará em seguida. Tem que ver cada conexão com o todo para conduzir seu trabalho até onde deseja chegar. O pensar sobre sua obra ou sobre o seu fazer, é uma das mais exatas formas de pensamento. Na verdade, a diferença na qualidade das pinturas, depende mais da qualidade da inteligência empregada na percepção das relações, do que de qualquer outro fator.

A palavra “artístico” está relacionada ao ato de produção, enquanto o “estético” está ligado ao ato da percepção e apreciação. Embora muitas vezes estes conceitos apresentem-se separados ou distintos não podemos entender a Arte considerando-se apenas o fazer ou apreciar.

Dewey (1980) quando define a Arte como experiência, revela esta relação ao dizer que “a perfeição na execução não pode ser medida ou definida em termos de execução; ela implica aqueles que percebem e gozam o produto executado” (p. 98).

A Arte une as relações de fazer e padecer ou sentir a obra produzida. Este caminho de ida e volta faz que uma experiência seja uma experiência. Quando o artista esculpe, dança ou canta,

[...] este fazer ou obrar é artístico quando o resultado percebido é de tal natureza que *suas* qualidades *enquanto percebidas* controlam a produção. O ato de produzir dirigido pela intenção de produzir alguma coisa gozada na experiência imediata do perceber tem qualidades que uma atividade espontânea ou não-controlada não tem. O artista incorpora a si próprio a atitude do que percebe, enquanto trabalha (DEWEY, 1980, p. 99).

Estas considerações são relevantes para estabelecer associações que pontuam a Arte e a experiência num processo contínuo e construído. Assim como o respirar, obedece a uma sequência e um ritmo, uma sucessão de inspirações e expirações, a Arte e a experiência são sucessões de pensamentos, percepções e fazeres; quando uma fase cessa a outra está latente e em preparação.

Outra ideia relevante do autor foi considerar que a experiência estética e artística não são vividas com vistas a um final, mas que todas as fases do processo têm seu valor no resultado final. Essa afirmação nos remete ao caráter processual e complexo da avaliação no campo das Artes.

1.5 O ensino de Artes no contexto das avaliações educacionais

As avaliações educacionais ocupam, inquestionavelmente, um papel importante na formação do aluno e na organização do trabalho pedagógico nos últimos anos, especialmente a partir da década de 90, período de implementação, no país, de reformas e avaliações de sistemas de ensino promovidas pelo Estado. A preocupação dos governos com uma educação de qualidade - concebida como resultados de aprendizagem em consonância com os recursos investidos e que pode ser medida por avaliações de resultados - tem ocupado papel central nas definições políticas educacionais. Pode-se dizer que esta qualidade tem sido avaliada por meio de testes ou exames que tentam atribuir um valor ou uma posição das instituições e do aluno dentro no sistema educacional brasileiro. Essas reformas, impulsionadas pela relação entre o desenvolvimento educacional e o desenvolvimento econômico, alegam que a qualidade insatisfatória da educação seria basicamente responsável pela fragilidade do país em relação ao desenvolvimento de outros países industrializados. Partem do pressuposto de que uma força de trabalho educada é crucial para enfrentar a competição econômica, elevando a produtividade e aumentando a capacidade de adaptação às rápidas mudanças nos mercados internacionais. Elas evocam o princípio da *accountability* como fundamento, ou seja, o de que o poder público deve prestar contas à população dos serviços que oferece e de como gasta os recursos que lhe foram confiados (BARRETTO, 2001).

Diferentes tipos de testes ou exames são aplicados nas instituições educacionais com igual intenção: medir ou mensurar o desempenho escolar e avaliar as escolas e redes de ensino. Muitos pesquisadores têm se esforçado no sentido de elucidarem pressupostos

filosóficos, das ciências humanas e da própria pedagogia, aos quais se reportam a concepções de homem, sociedade e educação, de que decorrem, por sua vez, diferentes concepções de avaliação. Desse modo, a produção e a divulgação das informações do rendimento dos alunos em relação aos conhecimentos adquiridos na escola devem ser responsabilidade do Estado, como uma prestação de contas à população da qualidade dos serviços oferecidos. A divulgação destes resultados pode significar a aquisição de futuros alunos e permanência dos mesmos ou a diminuição destes, por escolha dos pais (BARRETTO, 2001).

Na América Latina, praticamente todos os países implantaram algum tipo de sistema nacional e/ou estadual de avaliação do rendimento escolar na última década. No Brasil, em 1990, foi criado Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB). Em 1996, a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo - SEE/SP - criou o Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (SARESP) e vem avaliando sistematicamente (com edições anuais) o rendimento escolar de todos estudantes da Educação Básica no Estado.

O uso que se faz da avaliação traz atrelado a si importantes repercussões. As práticas tradicionais de avaliação existentes nas escolas causam aos professores uma tensão entre o resultado obtido, o produto, e a possibilidade de avaliar o processo de aprendizagem do aluno realizada no interior da própria escola pelos atores educacionais.

Barretto (2001) esclarece que enquanto a avaliação qualitativa e formativa valoriza o processo de aprendizagem, pode assegurar a continuidade da escolarização sem as repetências e possibilita à escola a alternativa de trabalhar de modo diferenciado com a heterogeneidade dos alunos. Já a avaliação de resultado, visa oferecer indicadores da qualidade do ensino, valorizando-se o produto da aprendizagem, utilizando para isso indicadores quantitativos e alta tecnologia e recorre à avaliação externa do rendimento escolar. Priorizam-se alguns aspectos cognitivos do currículo, deixando de lado dimensões da formação do educando, não só muito valorizadas socialmente, como incorporadas nas próprias diretrizes do ensino.

Perrenoud (1999) atribui a complexidade da avaliação ao fato dela situar-se no âmbito das contradições do sistema educativo e à presença de duas lógicas antagônicas: da seleção e da formação e do reconhecimento e da negação das desigualdades.

Nessa perspectiva, o que significa exatamente avaliar?

Muitos pesquisadores realizaram estudos para elucidar o papel da avaliação no processo pedagógico. Dentre eles, podemos destacar aqueles que a colocam como sendo um processo pelo qual se obtém informações sobre um dado e que mediante estas informações, ações poderão ser empreendidas (STUFFEBEAM, 1960, apud HADJI, 2001).

Outro conceito é o de que a avaliação é um processo pelo qual os professores buscam informações para julgar o valor de um dado ou objeto. Nessa perspectiva, a avaliação é considerada como um processo por meio do qual os professores buscam e usam informações de diferentes fontes para chegar a um julgamento de valor sobre o aluno, ou sobre alguma faceta particular do mesmo. Esse modo de conceber a avaliação evidencia a complexidade da prática de avaliar, uma vez que implica em processamento, análise, interpretação e julgamento da informação coletada (SCRIVEN, 1967, apud HADJI, 2001).

Hadji (2001) define a avaliação como verificar, julgar, estimar, situar, representar, determinar; verificar o aproveitamento do aluno, suas aquisições. Julgar o nível de um aluno em relação à turma, segundo regras preestabelecidas. Estimar o nível das aptidões de um aluno. Situar o aluno em relação à turma, às suas possibilidades. Representar por um número o grau de sucesso de sua produção escolar. Determinar o nível de sua produção. Além destes procedimentos, faz-se necessária a construção de um conjunto de ideias ou normas predeterminadas que constituirão a “grade de leitura” deste processo no qual se dará a avaliação da realidade observável.

Estabelecidos estes parâmetros, atribui-se a este processo algumas características que precisam ser mencionadas. Algumas relações são constituídas, como relações entre o que existe e o que se é esperado; relação entre um desempenho real e um desempenho visado e a relação entre uma realidade e um modelo ideal.

No processo de avaliação, faz-se presente uma dupla articulação. A primeira entre o referente (conjunto de elementos considerados como modelo ideal do objeto avaliado a partir das quais vão se estabelecer normas e critérios de apreciação) e o referido (conjunto de observáveis dos quais o real/concreto é captado). Outra articulação faz-se entre o referido e o referente, uma vez que eles constituem modelos reduzidos de realidade.

Hadji (2001) define avaliação como:

[...] o ato qual se formula um juízo de valor, incidindo num objeto determinado (indivíduo, situação, ação, projeto, etc.) por meio de um confronto entre duas séries dos dados que são postos em relação: - dados que são da ordem do fato em si e que dizem respeito ao objeto real a avaliar; - dados que são da ordem do ideal e que dizem respeito a expectativas, intenções ou a projetos que se aplicam ao mesmo objeto(p. 43).

Nesse sentido, o ato de avaliar é um ato de “leitura” de uma realidade observável que se constrói a partir de uma grade (referente/critério/objetivo).

As modalidades das avaliações escolares podem ser compreendidas a partir dos seus objetivos e do momento do processo pedagógico em que ocorrem. A primeira dessas modalidades – *avaliação diagnóstica* – ocorre antes do início de um processo de ensino; visa avaliar conhecimentos, aquisições, lacunas e dificuldades fornecendo, assim, um diagnóstico da situação em que se encontra o aluno. Propicia elementos para o professor fazer adaptações mais precisas em seu plano de ensino. As avaliações efetuadas ao longo do processo de formação - *avaliação formativa ou processual* - têm como objetivos, regular e facilitar a aprendizagem do aluno. Nestes casos, a ação é centrada nos processos e nas atividades de produção do aluno. A avaliação formativa foi proposta por Scriven em 1967. Sua característica essencial é a de ser integrada na ação de formação, e, principalmente, de ser incorporada ao próprio ato de ensino. Seu objetivo é contribuir para melhorar a aprendizagem em curso, fornecendo informações ao professor e ao aluno sobre seu próprio percurso, seus êxitos e suas dificuldades. Este *feedback* constituirá um sinalizador para futuras decisões, contribuindo para o desenvolvimento do auto-conceito e da autoconfiança dos alunos. A *avaliação somativa* tem por objetivo classificar, promover ou reter os alunos. Ocorre depois da ação de formação e é centrada no produto.

Visando ocupar um lugar mais central num currículo escolar equilibrado, a disciplina de Artes necessita de conteúdo próprio e substancial, conforme aponta a proposta elaborada por Eisner em 1995, mencionada anteriormente, Discipline-Based Art Education (DBAE), (BARBOSA, 2005b).

Na construção de conhecimentos em Arte, o DBAE valoriza não só a produção artística, mas também as informações culturais e históricas, bem como a análise das obras. Esse modo de ensinar Arte baseia-se em senti-la, compreendê-la na sua dimensão histórica, apreciá-la esteticamente, analisá-la e refletir sobre ela com espírito crítico, o que requer as quatro instâncias do conhecimento: a produção, a crítica, a estética e a história da Arte.

Aqui no Brasil, a professora Ana Mae Barbosa adaptou a teoria DBAE ao nosso contexto, denominando-a Proposta ou Abordagem Triangular. Esta proposta artística cobra um reconhecimento similar ao de outras disciplinas do currículo, e organiza seus conteúdos de forma pedagogicamente fundamentada. Atualmente, está intervindo qualitativamente no processo e melhoria do ensino da Arte no Brasil e tem por base um trabalho pedagógico integrador de três facetas do conhecimento em Arte: o fazer artístico, a análise de obras artísticas e a história da Arte.

Ao avaliar, segundo o PCN (1998), o professor de Artes precisa considerar a história do processo pessoal de cada aluno e observar com cuidado as atividades que desenvolveu, o

registro do que foi realizado. Sugere também a avaliação participativa, em que os alunos participam da avaliação de cada colega, expondo seus pontos de vista e ampliando sua percepção estética. À escola também compete promover situações de auto-avaliação orientada, onde o aluno poderá observar as diferenças e semelhanças entre suas observações e a de seus colegas.

Concomitantemente, o professor poderá avaliar o seu modo de ensinar e apresentar os conteúdos e replanejar uma tarefa para conseguir a aprendizagem esperada. Portanto, a avaliação também leva o professor a avaliar-se como criador de estratégias de ensino e de orientações didáticas. Assim, é fundamental que o professor discuta seus instrumentos, métodos e procedimentos de avaliação com a equipe escolar. O professor precisa ser avaliado sobre as avaliações que realiza, pois a prática pedagógica é social, de equipe de trabalho da escola e da rede educacional como um todo.

Considerando o papel central que a avaliação educacional e da aprendizagem tem assumido nos dias de hoje e as características históricas do ensino de artes no Brasil, foram definidos os objetivos desta pesquisa.

2. OBJETIVOS

Conforme já exposto, a prática da avaliação está diretamente relacionada aos processos de ensino e aprendizagem e está, a cada dia, tornando-se objeto de questionamentos educacionais e sociais cada vez mais significativos.

Como se trata de uma questão complexa, com fundamentos e implicações tanto no meio acadêmico e social como psicológico, faz-se necessário investigar os fundamentos teóricos, filosóficos e históricos que fundamentam e dão sustentação ao ato de avaliar.

Visto que a Arte desencadeia sensações, percepções, sentimentos e estes conduzem à decisões e ações, aponta-se a importância de buscar fontes teóricas e práticas para que o ato da avaliação não seja uma prática desvinculada destes saberes, e resultante de uma série de tentativas, acertos e erros praticados pelos educadores. Assim, o objetivo geral desta pesquisa foi investigar as práticas pedagógicas de duas professoras de Artes do 1º ciclo do Ensino Fundamental em uma escola da rede pública estadual paulista, considerando a centralidade da avaliação educacional no contexto escolar.

Os objetivos específicos pretenderam:

- investigar as práticas avaliativas de professores de Artes;
- analisar os referentes do processo de avaliação na área de Artes;
- conhecer e analisar as teorias implícitas, crenças e valores que fundamentam a ação docente;
- identificar as dificuldades encontradas pelos professores e como estas são enfrentadas.

3. O PERCURSO METODOLÓGICO

3.1 Pesquisa qualitativa

A partir da formulação dos objetivos da pesquisa, foi definida a metodologia de investigação e os procedimentos de coleta de dados. O referencial teórico-metodológico adotado foi o da pesquisa qualitativa, mais especificamente o estudo de caso. A pesquisa qualitativa abarca uma série de estratégias e procedimentos, no entanto, todas possuem, como principal característica, buscar apreender os significados que as pessoas atribuem às suas ações e aos eventos que as circundam. Ao pesquisador cabe também apreender crenças, valores e como os significados são compartilhados no grupo no qual a pesquisa é realizada. É importante ressaltar que isso não significa que os significados sejam unívocos, mas a arena cultural, como dizem Rubin e Rubin (1995), é composta por diferentes modos de interpretação da realidade. O foco da pesquisa é delimitado progressivamente, ao longo do trabalho de campo.

Segundo Bogdan e Biklen (1994), a pesquisa qualitativa é identificada por cinco características, que constituem a base de sua estruturação:

- A fonte direta de dados é o ambiente natural e o investigador é o instrumento principal, pois o entendimento que este tem dos dados recolhidos é o instrumento-chave de análise. A pesquisa é realizada no ambiente habitual de ocorrência permitindo ao investigador melhor compreensão do contexto, pois “para o investigador qualitativo divorciar o ato, a palavra ou o gesto do seu contexto é perder de vista o seu significado” (BOGDAN, BIKLEN, 1994, p. 48).

- A investigação qualitativa é descritiva. A palavra escrita assume importância particular tanto no recolhimento dos dados como a disseminação dos resultados. Nada é desconsiderado pelo investigador e tudo que ocorre no ambiente de estudo pode ser um caminho para entender melhor o objeto de estudo.

- O processo é mais valorizado que os resultados.

- Os investigadores utilizam métodos de análise indutiva. Utilizam o estudo para perceber quais são as questões mais significativas e somente após a coleta de dados e passar determinado tempo com os sujeitos, estes dados vão se agrupando e se construindo. São

elencados em categorias (códigos) principais e subcategorias (subcódigos) para permitir ao pesquisador uma sequência lógica e detalhamento dos dados encontrados.

- O significado é de vital importância e precisa ser apreendido pelos pesquisadores.

De modo geral, os estudos qualitativos são realizados em um único local e têm como procedimentos típicos de coleta de dados a observação, a entrevista e a análise documental. O estudo de caso é uma modalidade de pesquisa qualitativa em que o caso é dado ao pesquisador com a finalidade de reunir informações, dados importantes, para alcançar um conhecimento mais amplo sobre o objeto de estudo.

Essa modalidade de pesquisa envolve a coleta sistemática de dados sobre uma pessoa particular, uma família, um evento, uma atividade, ou um processo social visando auxiliar futuras decisões, justificar intervenções ou esclarecer porque elas foram tomadas e os resultados obtidos. Um estudo de caso não objetiva generalizações, mas busca uma compreensão mais elaborada de determinado problema; pode fornecer informações universais, pois nenhum caso é um fato isolado, mas traz consigo as relações sociais onde ocorre (CHIZZOTTI, 2006).

As etapas de um estudo de caso podem ser divididas, segundo Chizzotti (2006), em: seleção dos casos e negociação de acesso, trabalho de campo, organização dos registros, e a redação do relatório. Um caso pode mostrar múltiplas realidades reveladas durante o processo de observação, da coleta de dados e da própria interpretação do pesquisador. Não significa uma leitura única, supõe a possibilidade de diversidade de percepções.

Este estudo é exploratório, na medida em que constitui uma primeira abordagem à investigação sobre as crenças e critérios de avaliação dos professores de Artes e das suas teorias implícitas em um contexto em que as avaliações se tornaram o eixo estruturante da organização do trabalho pedagógico e afetaram profundamente a cultura escolar e as relações desta com a sociedade.

3.2 O universo da pesquisa

O campo de investigação desta pesquisa foi uma escola estadual de ensino fundamental (Ciclo I) em uma cidade com cerca de 500 mil habitantes do interior paulista com aproximadamente seiscentos e cinquenta alunos, ao longo do ano letivo de 2008. A

escola fica localizada em um bairro da região central de uma cidade do interior do Estado de São Paulo.

Esta instituição possui aproximadamente cinquenta funcionários. Dentre estes estão vinte e quatro professores, secretários administrativos, agentes escolares, merendeira, agentes de limpeza, coordenadora pedagógica, diretora. Os professores efetivos formam aproximadamente 50% do quadro docente sendo que apenas 10 % destes possuem sede nesta escola. Os outros professores efetivos possuem sede em outra escola e lecionam nesta instituição por meio do artigo 22.¹

A escola possui APM (Associação de Pais e Mestres) que tem como agentes atuantes a comunidade escolar (professores, alunos e funcionários) e familiares. Dentro do espaço escolar e do que o circunda, esta associação tem-se revelado de maneira participativa e parceira na concepção e realização da Proposta Pedagógica da Escola.

A diretora atual está nesta escola há aproximadamente cinco anos.

Nota-se a preocupação da escola em sinalizar qualquer possibilidade de aumento do número de ausências dos alunos sem justificativa. Os professores possuem um sistema de controle de presença de seus alunos que é definido logo no início do ano letivo, através da troca de informações entre a família do aluno e do professor da classe. A partir de duas ausências não justificadas, o professor já questiona junto à família o motivo das ausências e comunica à Coordenação, Secretaria e Direção. Se a ausência é motivada por doença, solicita-se atestado médico, que depois de registrado em Diário de Classe é encaminhado para o prontuário do aluno na Secretaria da Escola. E, concomitantemente, os pais são informados de que se as ausências continuarem haverá necessidade de serem compensadas, mediante trabalhos escolares. Se houver caso de impossibilidade de locomoção, o responsável pelo aluno é orientado a solicitar condições específicas de atividades de aprendizagem e avaliação (atividades desenvolvidas na casa do aluno), que são organizadas, aplicadas e avaliadas pelos professores por meio dos responsáveis, que comparecem semanalmente para atendimento pelo professor da classe.

Uma característica importante desta escola é sua elevada participação no processo de inclusão de crianças com deficiência visual. Isso ocorre por possuir localização próxima a uma associação que atende portadores de deficiência visual da cidade. Esta associação fornece acompanhamento pedagógico individualizado a este aluno em horário diverso ao das aulas regulares, além de transporte à escola, mantendo estreita comunicação com a família do

¹ Lei Complementar nº 444/85 - de 27 de dezembro de 1985 - Dispõe sobre o Estatuto do Magistério Paulista e dá providências correlatas - Artigos 22; 24; 25; 45; 82 ao 88; 95.

aluno. Deste modo, torna-se intermediária entre a escola e a família do aluno, garantindo sua presença às aulas.

Duas professoras de Artes efetivas atuam nesta escola. O ensino de Artes é realizado em todas as séries do Ensino Fundamental (Ciclo 1) através de duas aulas semanais de cinquenta minutos.

Esta escola foi escolhida por pertencer à rede estadual paulista, atendendo aos requisitos de buscar compreender como o ensino de Artes vem se realizando, quais seus fundamentos, critérios e instrumentos e suas possíveis implicações. Para a escolha da escola foi considerado como critério fundamental a existência de professoras estáveis na instituição, que desenvolvessem um projeto de maneira contínua e com formação específica em Artes.

Buscou-se, informalmente, dados com alguns professores de Artes sobre algumas escolas estaduais onde o ensino de Artes pudesse revelar fatos e práticas que auxiliassem o desenvolvimento desta pesquisa. Esta escola foi apontada por estes professores como uma “boa escola” e trazia referências de que nela realizava-se um “trabalho sério” nesta disciplina. É uma escola bem organizada, limpa e atende crianças do bairro e crianças que moram em lugares um pouco mais afastados da região central.

Escolhida a escola, a direção foi contatada. O primeiro encontro deu-se com a coordenadora pedagógica, também com formação em Educação Artística. Nesta ocasião foi exposto o motivo da pesquisa, a escolha da escola, objetivos e procedimentos futuros a serem adotados. Exposto estes detalhes, marcou-se um encontro com a diretora da escola.

O segundo encontro, agora com a diretora, possibilitou a abertura de um diálogo mais detalhado e explicativo sobre projeto de pesquisa. Entre os itens abordados, a ética e a possibilidade de livre acesso aos dados registrados durante a coleta foram destacados e assegurados pela Resolução 196/96 elaborada pelo Conselho Nacional de Saúde. A diretora pediu uma cópia desta resolução para leitura, que foi providenciada na mesma semana.

O terceiro encontro foi decisivo para a permissão da realização da pesquisa. Outras dúvidas foram levantadas pela diretora e esclarecidas pela pesquisadora e o consentimento foi fornecido. A direção desta escola acolhe bem os estagiários de Pedagogia e, da mesma maneira também fui bem recebida e acolhida pelos docentes, funcionários e equipe pedagógica.

A princípio notou-se certa estranheza por parte das professoras, mas a pesquisadora recebeu o convite da diretora para participar de uma reunião de HTPC, onde foi feita a apresentação da pesquisa ao corpo docente. À medida que o tempo passava, a estranheza inicial foi se dissipando e gradativamente foi substituída por empatia.

3.3 Procedimentos de coleta de dados

Nesta investigação foram utilizados os três procedimentos convencionais dos estudos qualitativos: a observação participante, a entrevista e a análise documental.

3.3.1 A observação participante

Em relação ao contexto pesquisado, é preciso ressaltar que o campo deve, necessariamente, ser a expressão concreta do fenômeno que se procura investigar; é a dimensão metodológica que relaciona o “mundo empírico” com o “mundo teórico”. Dentre os procedimentos de coleta de dados da pesquisa qualitativa, a observação participante é especialmente relevante porque permite ao pesquisador observar e descrever o fenômeno em estudo e apreender a perspectiva dos indivíduos envolvidos.

Nesta pesquisa, a observação participante foi o procedimento de coleta de dados privilegiado, mais especificamente a observação das aulas das duas professoras de Arte. Preliminarmente foi elaborado um roteiro de observação (APÊNDICE A), que ao longo do desenvolvimento da pesquisa foi sendo adaptado de acordo com as necessidades que surgiam no trabalho de campo. No total, foram feitas observações de 189 aulas. As séries possuíam duas aulas por semana, geralmente duplas. A observação foi realizada com a contribuição voluntária e autorizada das professoras, e consistiu em:

(1) observações das atividades pedagógicas realizadas em sala de aula durante o ano letivo de 2008 (fevereiro a dezembro) registrados em dois cadernos (diário de campo), cada um correspondendo a um semestre letivo; os registros das aulas observadas foram posteriormente digitados, em ordem cronológica e identificados por aula, dia e código da professora (APÊNDICE B).

3.3.2 Entrevistas

Foram realizadas duas entrevistas semi-estruturadas, com as respectivas professoras de Artes, cujas aulas foram campo da observação participante.

A professora A possui cinquenta anos de idade, concluiu o curso de graduação em Educação Artística em 1981. Trabalhou no período de 1986 a 1990 e reiniciou suas atividades a partir de 2001. Trabalha nesta escola estadual desde 2005. É professora efetiva com sede nesta escola.

A professora B possui a mesma idade que a professora A, concluiu o curso de graduação em Educação Artística em 1976. Começou a atuar como professora de Artes desde 1977. Prestou concurso em 1984, no Rio de Janeiro, e começou a trabalhar como professora efetiva naquele estado. Houve um período que interrompeu o trabalho para cuidar dos filhos pequenos. Prestou concurso público em 2004, onde foi aprovada e passou a ser professora efetiva com sede nesta escola onde trabalha atualmente.

Também foram elaborados roteiros preliminares semi-estruturados para as entrevistas (APÊNDICE C). Os roteiros das entrevistas eram flexíveis e foram ajustados às necessidades que emergiram ao longo do trabalho de campo e aos objetivos da pesquisa.

As entrevistas foram gravadas (sob consentimento) em aparelho portátil e posteriormente digitada na íntegra, respeitando todo o diálogo entre pesquisadora e entrevistada (APÊNDICE D). A duração da entrevista com a professora A foi de trinta e sete minutos e com a professora B, quarenta e sete minutos.

3.3.3 Análise documental

O primeiro documento analisado foi o planejamento anual, elaborado pelas professoras em parceria. O planejamento apresenta primeiramente como objetivos gerais, capacitar o aluno, dentro da leitura e da escrita, a apreciar histórias, conhecer a vida, as obras e a época de grandes artistas; utilizando a Proposta Triangular como metodologia; fornecer ao aluno subsídios para que através do aprendizado das Artes, ele próprio seja capaz de ser autor de suas próprias produções. São listados alguns objetivos específicos como: interpretar imagens por meio dos procedimentos de observação e descrição, desenvolver a comunicação por meio de sinais, gestos, expressões e sentimento, despertar o interesse pela Arte.

Outro item incluído no planejamento foi: desenvolver as habilidades do aluno em relacionar conhecimentos históricos, científicos e artísticos para que ele possa compreendê-los; habilitá-lo para se expressar na linguagem visual, teatral e musical. As estratégias utilizadas para facilitar este aprendizado foram definidas como, leitura interpretativa, cantigas de roda, bandinha, dança folclórica, teatro de fantoches e o evento da Semana de Arte Moderna.

A avaliação foi mencionada de maneira superficial, indicando apenas sua temporalidade (antes, durante e depois da ação pedagógica) tendo como fim, verificar o

progresso do aluno. Não foram mencionados os fundamentos teóricos, critérios e instrumentos que seriam utilizados. Os conteúdos foram listados por séries indicando os temas que seriam abordados durante o ano letivo.

As referências para a elaboração deste planejamento incluíram apostilas das capacitações da Oficina Pedagógica da Diretoria de Ensino, também analisada nesta pesquisa, livros pedagógicos e sites pesquisados na internet sem indicação de endereço eletrônico e data de acesso.

O registro utilizado pelas duas professoras foi o Diário de Classe fornecido pela Diretoria de Ensino. Neste diário elas anotavam as atividades desenvolvidas durante as aulas, aspectos relacionados à disciplina dos alunos, e entrega de trabalhos. Utilizaram também este registro para registrar a nota dos alunos que ao final dos bimestres foi entregue na secretaria da escola.

3.4 Procedimentos de análise dos dados

O processo de análise dos dados, nesta modalidade de pesquisa, é realizado ao longo de todo trabalho de campo. A análise do material empírico coletado, oriundo dos diários de campo, das entrevistas e da análise documental, foi realizada em duas etapas: análise preliminar e análise final. Na primeira fase, de análise preliminar, foram realizadas leituras e releituras do material coletado observando-se repetições de palavras, procedimentos, formas dos sujeitos pensarem ou atuarem, e frases que foram classificadas em categorias de codificação. As categorias preliminares podem ser modificadas, abandonadas ou se transformaram em novas categorias durante a análise preliminar. Estes códigos categorizam a informação em diferentes níveis. “Os códigos principais são mais gerais e abrangentes, incorporando um vasto leque de atividades, atitudes e comportamentos. Os subcódigos dividem os códigos principais em categorias menores” (BOGDAN, BIKLEN, 1994, p. 234).

A segunda fase, de análise final, pode ser definida como a relação entre teoria/empíria, por um movimento que vai do empírico para o teórico. Desse movimento de ida e volta, resulta uma redefinição das categorias iniciais e a construção das categorias analíticas finais.

Os dados colhidos e registrados no **diário de campo** e as transcrições das entrevistas foram analisados e divididos em categorias empíricas iniciais e principais, que por sua vez foram subdivididas em outras subcategorias, visando uma análise detalhada e comentada. O Quadro 1 registra as categorias A, B e C e respectivas subcategorias acrescidos de um dado (denominado texto) que indica a fonte empírica a partir da qual foram construídas as categorias e subcategorias:

Categories	Subcategories	Texts
A) O ensino de artes: uma prática pedagógica híbrida	A1. Diferentes concepções de ensino de artes A2. Formação docente e prática pedagógica	A prática de ensino observada durante o ano letivo revelou que as duas professoras mesclaram as aulas com propostas apresentando ora conceitos pré-modernistas, ora modernistas e pós-modernistas. Existe uma preocupação com a formação intelectual através das disciplinas oferecidas nos cursos de formação em Arte, no que diz respeito às teorias, textos e conteúdos para o domínio de conhecimentos no processo de ensino/aprendizagem, indispensáveis para uma boa formação do professor. Mas, apenas o conhecimento teórico não é o suficiente. A necessidade da prática é indiscutível.
B) O planejamento pedagógico em ação	B1. O papel da coordenação/direção na ação docente. B2. Fontes e fundamentação dos trabalhos desenvolvidos	[...] muitas vezes a gente começa um projeto e tem que interromper porque a coordenação quer que você faça outra coisa...(E, APENDICE D, Professora A). A professora mostra e explica mediante a apresentação de figuras e pinturas coloridas de livros. (DC Pesq, APENDICE B, Aula 11)
C) Ensino e aprendizagem de artes e práticas avaliativas	C1. Critérios de avaliação C2. Procedimentos de avaliação C3. Relações entre avaliações interna e externa e a fragilização do ensino de Artes.	[...] Todas as atividades que são dadas nós já estamos observando os alunos, avaliando o desempenho, a gente avalia já a coordenação, a gente avalia o método de trabalho. (E, APÊNDICE D, Professora A) [...] A gente tem um caderno que a gente faz as anotações. (E, APÊNDICE D, Professora A). [...] Ao longo do ano, a cobrança que o professor tem, uma cobrança muito brava, se a classe dele vai ser melhor ou pior. (na avaliação externa, no SARESP?) (E, APÊNDICE D, Professora B).

Quadro 1. Descrição das categorias, subcategorias e textos

Os dados apresentados a seguir apresentam a seguinte codificação:

E = entrevista.

DC= diário de campo.

DCProf= comentário do professor/coordenação/direção registrados no diário de campo.

DCPesq= observação da pesquisadora no diário de campo.

4. APREENDENDO AS PRÁTICAS AVALIATIVAS DAS PROFESSORAS DE ARTES E SEU CONTEXTO

Neste capítulo estão apresentados e analisados, sob a forma de categorias e subcategorias, os dados colhidos no trabalho de campo. É importante ressaltar que tanto os dados aqui, como o esforço de compreendê-los, representam uma aproximação da prática pedagógica das professoras de Artes participantes da pesquisa; prática esta que não está dada, mas que é construída constantemente e é também superável.

A. O ensino de artes: uma prática pedagógica híbrida

A1. Diferentes concepções de ensino

A prática de ensino observada durante o ano letivo revelou que as duas professoras mesclaram as aulas com diferentes propostas, apresentando ora conceitos pré-modernistas, ora modernistas e pós-modernistas. Estes conceitos tiveram, na história do ensino de Artes, características próprias e distintas e, no presente, estes limites são rompidos e combinados, resultando uma prática pedagógica híbrida, atemporal.

A concepção de ensino da Arte pré-modernista é direcionada e conduzida para o desenvolvimento da *técnica* que o aluno deve utilizar em suas produções (SILVA; ARAÚJO, 2007). O registro do diário de campo evidencia como essa concepção expressa:

Professora distribui uma revista para cada aluno e diz que a atividade consiste em recortar com a tesoura as figuras e desenhar esta silhueta no caderno. Em seguida e deverão pintar o fundo do trabalho (DC, APÊNDICE B, Aulas 9 e 10).

A professora ensina a fazer a margem no caderno com a régua. Orienta cada aluno de carteira em carteira. A aula hoje será sobre diferentes tipos de linhas, diz ela. (DC, APÊNDICE B, Aulas 12 e 13).

A professora explica sobre as cores primárias (amarelo, azul, vermelho) e cores secundárias (verde, laranja, roxo)... Explica para pintarem com estas cores e experimentarem fazer as misturas, no caderno de desenho (DC, APÊNDICE B, Aulas 63 e 64).

O ensino das técnicas de desenho, pintura, recorte e colagem é, geralmente, definido pelas professoras, e os alunos concordam prontamente com estes procedimentos.

Esta ação diretiva e pontual dificulta, e até impede, novas vivências e possibilidades que poderiam ser exploradas e incorporadas na produção individual. Nota-se, entretanto, no aluno, um sentimento de conforto e bem-estar. Embora falte instigação, o desafio e o sabor de novas descobertas, ele segue as instruções sugeridas, pois tem um roteiro já definido que garantem a conclusão de seu trabalho.

Estas definições pré-estabelecidas dificultam a exploração de técnicas e utilização de materiais diferentes. Não é fornecido ao aluno possibilidades de escolha, a partir das quais ele próprio possa atuar e experimentar diferentes processos de elaboração e construção.

No conceito da Arte Modernista vamos encontrar a concepção de ensino da Arte como expressão e também como atividade (SILVA; ARAÚJO, 2007). A representação do sentimento, do pensamento é realizada por meio de desenhos livres ou pinturas livres. Estas atividades de expressão remontam a forte influência de Anita Malfatti e Mario de Andrade com a implementação de métodos baseados na valorização da expressão e da espontaneidade da criança. Muitas atividades propostas de desenho livre ou pintura livre foram antecedidas por uma história contada pela professora ou relacionada a uma data comemorativa.

A professora coloca no aparelho de som o CD que contém a história de Pedro Malasartes – O urubu mágico. As crianças ouvem atentamente. ... A professora pede para pegarem o caderno de Artes e fazerem um desenho referente à história (DC, APÊNDICE B, Aulas 119 e 120).

A professora propôs como atividade pintura com guache. Os alunos estavam ansiosos para pintar. Forraram a carteira com jornal e dividiram a folha do caderno ao meio com uma linha vertical. Escreveram na folha do caderno de desenho cores frias e cores complementares. Fizeram um desenho e começaram a pintar (DC, APÊNDICE B, Aula 41).

A professora começa a aula dando aos alunos uma baianinha mimeografada para que pintassem. Colaram em um papel cartonado, recortaram e amarraram um pano de prato que trouxeram de casa formando o turbante e vestido da baianinha. Este será o presente do dia das mães. (DC, APÊNDICE B, Aula 46).

Quando a professora termina de passar o texto na lousa pede para os alunos fazerem uma ilustração do texto e explica sobre a importância de manter uma alimentação equilibrada com frutas, verduras, etc. (DC, APÊNDICE B, Aulas 52 e 53).

Esses procedimentos pedagógicos podem ser atribuídos à intencionalidade de promover a elaboração e instigar a criação ou constituir um paradoxo, ou seja, promover uma

atividade livre da dependência do professor, para que este possa utilizar o tempo de aula, com outras atividades a ele requeridas.

Vygotsky (2009) comenta “que a criação é sempre inversamente proporcional à simplicidade do ambiente” (p. 41), ou seja, ele aponta que a atividade criadora não acontece fora das condições concretas, mas ela é instigada por essas. O ambiente em que a criança se encontra, as condições que ela vive, são fatores alavancadores do processo de criação.

Durante a entrevista com a professora B ela mencionou que valoriza a criação do aluno não se importando com a fidelidade em retratar uma obra artística na íntegra, embora ambas concebessem liberdade de pensamento para criação de desenhos e recortes, restringiam a construção desta ideia durante a disponibilização de técnicas e materiais sugeridos previamente.

[...] Então se eu vou falar da vida de um pintor, eu vou contar alguns pontos que eu acho importante, que eu acho que são chamativos, que eu acho que a criança memoriza, e a partir daí, né, a partir dessa interpretação que ela já faz, o motivo que levou o pintor a agir daquela maneira, ela vai fazer a criação dela, o abra dela. Nem sempre a obra fica parecida com a obra do autor. Eu procuro também nunca mostrar uma obra de arte antes de contar uma história pra eles. Eu sempre quero que eles façam a primeira imagem dentro deles (E, APÊNDICE D, Professora B).

No conceito Pós-Modernista, o ensino de Artes é entendido como aquisição de conhecimentos e uma alternativa para a construção de aprendizagens. A Arte é um poderoso instrumento para ampliar o repertório histórico-cultural do aluno. Criar relações ou associações permite novas descobertas, conceitos e possibilidades. O processo de construção do conhecimento no campo das artes advém destas aprendizagens.

Na Proposta Triangular para o ensino de Arte, Ana Mae Barbosa busca adaptar a teoria do DBAE (*Discipline Based Art Education*) para o Brasil, onde não apenas a produção artística é valorizada, mas atribuí-se semelhante valor às informações culturais e históricas, bem como a análise das obras. Para que este desencadeamento possa ocorrer faz-se necessário a proximidade entre a Arte, a compreensão histórica, a apreciação estética seguida de análise e reflexão com um espírito crítico. Estes procedimentos exigem os pré-requisitos no campo do conhecimento que são: a produção, a crítica, a estética e a história da Arte.

A experiência histórico-cultural é fator relevante para a compreensão e ampliação de conhecimentos e desenvolvimento de novas habilidades. Segundo Vygotsky (2009), “quanto mais rica a experiência da pessoa, mais material está disponível para a imaginação dela”(p. 22), e conseqüentemente mais elementos disponíveis ela poderá utilizar para a elaboração e construção no processo de criação. Smolka (2009) comenta que “a possibilidade de criação

ancora-se na experiência e qualquer experiência humana tem sua riqueza, suas possibilidades, suas formas de realização” (p. 23).

Em conformidade com estes pressupostos, a Proposta Triangular atende a estes ideários e constituiu-se uma importante metodologia para o ensino de Arte. A tentativa de informar aos alunos dados sobre o artista, trazendo pormenores de sua vida e obras foram observadas durante as aulas ministradas pelas duas professoras de Arte. Utilizaram livros de Arte, revistas que continham reproduções artísticas para conduzir os alunos ao universo artístico e estético. As obras de Arte eram contextualizadas oralmente, seguida de uma análise técnica da obra. Sequencialmente era feita a proposta de trabalho ou atividade como pintura, desenho, recorte e colagem.

A atividade constitui em fazer uma paisagem (rural, marítima ou urbana) utilizando os planos que foram ensinados nas aulas anteriores. A professora explica a posição dos elementos da paisagem (1º, 2º e 3º planos). Tentar dar a sensação de profundidade. O que está mais próximo? O que está mais longe? A professora orienta individualmente. Utiliza dois livros de Artes e mostra paisagens com linhas do horizonte em diferentes posições (DC, APÊNDICE B, Aula 19).

A professora explicou sobre a vida do artista. Utiliza um livro que contém o auto-retrato do artista José Panceti e algumas imagens de suas obras. Menciona que ele adorava o mar... Pede para os alunos fazerem uma paisagem (mar) como Panceti costumava fazer (DC, APÊNDICE B, Aulas 130 e 131).

A professora explica sobre natureza morta. Fala de Paul Cezanne, sua vida e obra. Mostra algumas figuras de suas obras em um livro de Artes. Explica sobre as cores, sobre composição e sobre os elementos que utilizava em seu trabalho (DC, APÊNDICE B, Aulas 139 e 140).

[...] eu acho que desde a primeira série, eu acho que o aluno tem que se localizar no tempo e no espaço, desde que é pequenininho, desde que ele aprende o hoje, o ontem, o amanhã, o depois de amanhã, ele pode aprender o que aconteceu....porque a Arte é permanente, atemporal, entendeu? Não existe um tempo, aconteceu naquela época e ficou ali, hoje ela é atual, então, a gente tem que conseguir fazer essa relação...(E, APÊNDICE D, Professora B).

Um aspecto a ser observado é que na prática desenvolvida pelas professoras poucos momentos durante as aulas podem ser apontados com intencionalidade de buscarem desenvolver a reflexão crítica. Notou-se uma atuação passiva entre artista/obra/professor/aluno. A utilização dos livros de Artes foi pouco explorada. Os comentários feitos pelas professoras direcionavam-se para as imagens e aspectos técnicos como cor, luz, sombra, número de elementos (pessoas, frutas, animais) que a obra continha. Os temas retratados foram pouco discutidos.

Para que a criança possa refletir sobre o tema abordado torna-se necessário estabelecer relações entre a obra e a realidade atual, perceber as equidades e diferenças entre os momentos históricos e fazer analogias, imaginar situações, possibilidades e entender as consequências ou efeitos da obra do artista e sua própria experiência.

As ações apresentadas pelas professoras potencializam as discussões propostas por Fusari e Ferraz (1993) onde muitas vezes as ações dos professores mostram-se diluídas, fragmentadas, deixando ao acaso possíveis questões da contemporaneidade. Pode-se mencionar a preservação do meio ambiente, uso da tecnologia, culturas de massa, que poderiam ser inseridas no cotidiano escolar e conduzir o aluno a reflexões sobre a realidade vivenciada.

Durante as aulas as professoras poderiam utilizar o tema escolhido, ou mais especificamente as obras de determinado artista, para trazer a atenção para aspectos da realidade escolar do aluno. Criar estas relações (obras artísticas/realidade) pode desenvolver o senso crítico e conduzir os alunos às reflexões pertinentes como, por exemplo, problemas ambientais, sociais e culturais. Deixar estas oportunidades ao acaso ou menosprezá-las significa omitir do aluno possibilidades de ampliar suas experiências.

Vygotsky (2009) aponta que quanto mais rica a experiência da pessoa, mais material está disponível para a imaginação dela. Este é um fator importante, pois as grandes descobertas ou invenções mostraram-se fruto de experiências acumuladas ao longo da vida. Negar ao aluno estas relações de análise e correspondência pode impedi-lo de desenvolver sua própria atividade criadora.

Vygotsky (2009) indica que a leitura é um ato de apropriação do conhecimento do sujeito com o meio social e cultural em que ele vive. A leitura no campo da Arte é também um processo de construção de sentidos para os sujeitos que a leem. As experiências anteriores e a visão individual de mundo possibilitarão diferentes interpretações de uma produção artística.

A reflexão crítica da obra lida, muitas vezes norteadas pelo professor, poderá ser ou não desenvolvida, dependendo da orientação e estimulação recebida. O professor passa a ser um mediador cultural e social nesse processo. Sua atuação pode ser decisiva para a construção de sentidos.

As professoras observadas mostraram pouca atenção para estas possibilidades. Levantar questões, instigar a curiosidade e a pesquisa são estratégias valiosas para promover o aprendizado. Quando trabalharam com artistas e suas obras, limitaram-se a expor a biografia e mostrar algumas reproduções de obras do artista. A mediação restringiu-se a um discurso

informativo construído em torno das obras. Este modelo de mediação exclui o observador que pretende se aproximar do artista.

[...] *Eu nunca, você teve a possibilidade de ver, eu sempre conto uma história, tá...eu dificilmente coloco um aluno numa situação de observador. Então se eu vou falar da vida de um pintor, eu vou contar alguns pontos que eu acho importante, que eu acho que são chamativos, que eu acho que a criança memoriza, e a partir daí, né, a partir dessa interpretação que ela já faz, o motivo que levou o pintor a agir daquela maneira, ela vai fazer a criação dela, o abra dela.* (E, APÊNDICE D, Professora B)

O arte-educador necessita de conhecimentos prévios, entendendo que o ensino precisa ser articulado com a realidade do aluno, informações atuais e onde o aluno pode criar processos de interação com sua própria realidade e interesse. A Arte como conhecimento, expressão e cultura devem ser considerados em seu contexto de origem com suas vinculações culturais, sociais e políticas. Para que o aluno possa ler a obra precisa ser detentor destes pré-requisitos e isto será possível com a intervenção do professor. A inter-relação destes conhecimentos propiciará sua fruição, aprendizagem, apropriação de conhecimentos significativos e o conduzirá a elaborar suas próprias críticas como sujeito reflexivo.

Nessa ótica, Coutinho (2009) aponta para a importância do mediador como fomentador de conhecimento,

A mediação pode potencializar esse processo de interpretação, seja no momento da ampliação, quando o mediador alimenta o leitor com novas informações, seja na articulação dessas informações, quando o mediador instiga o leitor com questões que provocam reações (p. 176).

A atuação heterogênea das professoras, ora privilegiando as técnicas artísticas, ora a expressão do aluno e finalmente enfocando a Arte como conhecimento, denota diferentes concepções no ensino de Artes, caracterizando-se como uma prática híbrida e a possibilidade de uma busca, objetivando encontrar o melhor caminho para sua prática de ensino.

A2. Formação docente e prática pedagógica

A formação do professor ficou evidente na prática pedagógica ao longo da observação durante o desenvolvimento da pesquisa. A professora de Artes A com formação em música e a professora B, em Artes Plásticas.

A professora A apresentou domínio no conteúdo musical e pode explorar estes conhecimentos, criando oportunidades para os seus alunos, como a formação de bandinha, com leitura de notações musicais. A música foi incluída nas atividades de forma definida e durante suas aulas a professora demonstrou domínio deste conteúdo e clareza dos objetivos pretendidos. Valorizou a música trazendo aos alunos a oportunidade de diferenciar os sons e ter contato direto com um instrumento musical. A música foi objeto de estudo durante um bimestre.

Inicialmente, quando a professora informou aos alunos sobre a bandinha e a possibilidade de tocarem instrumentos musicais, ficaram entusiasmados e ansiosos. Explicou o que é uma bandinha, o que tocam, fez com eles exercícios de ritmos com palmas, explicou e ensinou sobre as notações musicais, fez novamente exercícios com palmas utilizando estas marcações. Após este treinamento, distribuiu os instrumentos e treinou com eles utilizando as marcações musicais.

A professora ficou atenta ao desempenho dos alunos, analisando a habilidade em tocar e percebendo o desconforto de alguns trocou os instrumentos para que os alunos pudessem tentar acompanhar a classe (DC, APÊNDICE B, aulas 108 e 109).

Estas aulas podem ser consultadas no APÊNDICE B, Professora A. No que diz respeito a sua formação, a professora relata:

[...] a vida inteira, desde os seis anos de idade eu fazia música...(E, APÊNDICE D, Professora A)

[...]o que tinha era Educação Artística com especialização em música. Então, era o único curso que eu poderia fazer para continuar na área de música. Eu fiz educação artística com especialização...e com licenciatura em música .(E, APÊNDICE D, Professora A)

*[...] Me disse que tem que ter coragem para trabalhar a bandinha. Posso dizer que além de coragem é necessário experiência musical.
(DCPesq, APÊNDICE B, Aulas 108 e 109)*

A professora B, formada em Artes Plásticas, apresentou domínio na área de Artes Visuais. Demonstrou conhecimento extenso em História da Arte, utilizou vários livros de Artes para fundamentar suas aulas. Explorou amplamente o conteúdo conduzindo a maioria das atividades para as Artes plásticas. Utilizou desenho, pintura com lápis de cor, recorte e colagem para a proposição de trabalhos visuais, revelando sua preferência para estas práticas.

[...] eu fiz especialização em História da Arte. (E, APÊNDICE D, Professora B)

As outras linguagens artísticas (teatro, música e dança) foram trabalhadas com menor ênfase e destaque.

[...] Eu, por exemplo, eu trabalho Música porque eu sou obrigada a trabalhar a Música, mas não é o meu ponto forte. Meu ponto forte é trabalhar Artes Visuais. (E, APÊNDICE D, Professora B)

As duas professoras utilizaram os mesmos projetos para o ensino, mas realizaram atividades distintas. Dentre eles, o Projeto Alice no país das maravilhas, confecção de um boneco de jornal, Projeto conheça sua cidade. Estes projetos foram utilizados como referência de tema, contextualização e algumas sugestões foram seguidas. As professoras apresentaram flexibilidade nas estratégias de ensino e adaptaram seus conhecimentos para o desenvolvimento das propostas.

Esta escola confere autonomia a estas professoras para que possam trabalhar o conteúdo a ser abrangido com atividades diversas.

Estas atividades foram discutidas nas reuniões de HTPC.

[...] Nós tivemos vários cursos dentro da Secretaria, no ano passado, na Delegacia de Ensino. (APÊNDICE D, Professora B)

Nós temos, tivemos algumas capacitações na Diretoria de Ensino durante quatro anos, quando foi implantado Educação Artística no currículo de primeira à quarta série no Ensino Fundamental porque é... não tinha mais essa matéria, e... foi implantado, quanto foi implantado então a Diretoria de Ensino capacitou o Estado, capacitou os alunos, os professores de Artes nestas quatro linguagens. Então nós temos apostilas sobre estas quatro linguagens, algumas atividades, né? (E, APÊNDICE D, Professora A)

Esta professora também está desenvolvendo o projeto sobre a cidade, mas de maneira generalizada. Não utiliza o questionário que a outra professora de Artes utilizou e que foi fornecido pela Diretoria de Ensino. (DCPesq, APÊNDICE B, Aulas 67 e 68)

Ao analisar a prática pedagógica das professoras, considerando suas formações específicas, a seguinte questão se impõe: como a formação do professor de Arte pode influenciar ou até determinar sua prática docente?

Durante muitos anos, desde a implantação do ensino de Artes, muitas mudanças ocorreram. Inicialmente os professores formados em dois anos tinham que ensinar Artes Plásticas, Música, Dança e Teatro. Apresentavam uma formação universitária insuficiente e mostravam-se inseguros em aplicar fundamentações teórico-metodológicas de ensino e

aprendizagem de Arte. Em um período de dois anos, os conhecimentos adquiridos no curso de graduação forneceram a base para a atuação docente.

As dificuldades começam a aparecer dentro da sala de aula, quando o professor graduado encontrava-se diante de situações e conteúdos alheios ao seu conhecimento.

Estes sinais de fragilidade foram apontados pela professora A na entrevista:

[...] Olha, eu quando eu fiz faculdade é...foi muito rápido... essa... esse... conteúdo, por exemplo, do teatro e da dança. Dança na realidade eu não tive na faculdade. O teatro nós tivemos um semestre de aula de teatro. Algumas noções básicas. (E, APÊNDICE D, Professora A)

[...] Naquela época no curso de Educação artística não, teve só no primeiro semestre um conteúdo de música, muito básico. E quem não era ligado a esta área teve muita dificuldade para fazer, porque não entendia. (E, APÊNDICE D, Professora A)

A fragilidade na formação dos docentes na Disciplina de Artes é facilmente observável e compromete sua atuação presente e futura. A polivalência de ensino que o professor teve que assumir entre os anos 70 e 80 trouxe a falsa ilusão que poderia ensinar as linguagens artísticas (artes plásticas, música, dança e teatro) sem possuir um domínio em seu conjunto.

O PCN de Artes (1998) identifica o perigo que se estende até hoje em relação à formação do professor:

[...] Essa tendência implicou a diminuição qualitativa dos saberes referentes às especificidades de cada uma das formas de arte e, no lugar destas, desenvolveu-se a crença de que o ensino das linguagens artísticas poderia ser reduzido a propostas de atividades variadas que combinassem Artes Plásticas, Música, Teatro e Dança, sem aprofundamento dos saberes referente a cada uma delas. (p.27)

As duas professoras que participaram desta pesquisa concluíram sua graduação entre os anos 70 e 80, portanto suas formações acadêmicas trazem fortes traços deste período, onde o conhecimento profundo de cada uma das modalidades artísticas e as possibilidades de articulações entre elas, não contemplavam o currículo.

Nesse sentido, na área de Artes, a formação continuada torna-se imprescindível, pois pode ser o caminho para a obtenção de novos conhecimentos e estratégias para preencher a lacuna vinculada à formação inicial.

Em relação a formação docente e a prática pedagógica também nos remete a pensar nas diferentes formas de mediação. No dizer de Darras (2008), a mediação cultural existe no cruzamento de quatro entidades: o objeto cultural mediado; as representações, crenças e

conhecimentos de quem é o destinatário da mediação; as representações, crenças, conhecimentos e *expertise* do mediador e do seu mundo cultural de referência. Assim, a mediação que se desenvolve nesse cruzamento concentra os determinantes sociais ligados ao processo de transmissão de saberes, valores e emoções.

Desse modo, é possível afirmar que com uma formação precária, insuficiente, o professor de artes tem maior probabilidade de impor um único tipo de compreensão do objeto cultural, em detrimento de construir sistemas interpretativos variados que possam se articular.

B. O planejamento pedagógico em ação

B1. O papel da coordenação/ direção na ação docente

Tanto a coordenação como a direção da escola atua diretamente com o professor podendo interferir, contribuir ou alterar a ação docente, mediante solicitações advindas da Secretaria da Educação e/ou necessidades locais da escola.

As professoras possuem autonomia relativa para alterar o conteúdo do planejamento, feito coletivamente antes do início do ano letivo, e promover atividades diferenciadas, visto que, a direção da escola procura, regularmente, acompanhar o trabalho desenvolvido pelos docentes. Algumas dessas atividades, como por exemplo, exposição dos alunos ou apresentação teatral de uma data comemorativa, foram fotografadas e enviadas, por solicitação, à Diretoria de Ensino como um registro comprobatório das atividades desenvolvidas.

Entre uma explicação e outra a professora comenta sobre a reunião de HTPC anterior. Menciona que a diretora ganhou um livro de jogos e pediu para que as professoras de Artes, além dos conteúdos programados, incluíssem alguns jogos nas aulas. (DCPesq, APÊNDICE B, Aula 19)

As professoras foram, algumas vezes, solicitadas fazer, com os alunos, alguns trabalhos de Artes para serem enviados à Diretoria de Ensino. As datas comemorativas tiveram significativa influência na escolha dos conteúdos.

O calendário escolar apresenta algumas datas que são festejadas na escola como: Dia do Índio, Folclore, Páscoa, Dia das mães, Festa Junina, Proclamação da República, Natal, etc.

Essas datas representam uma interrupção nas atividades planejadas e no trabalho das professoras, pois muitas vezes durante o ano são convidadas a promover estes eventos e preparar os alunos para estas comemorações ou possíveis apresentações na escola.

As professoras efetivas da sala estavam pouco interessadas e deixaram para que as professoras de Artes fizessem com os alunos este coelhinho. Disse que gostaria de ter feito outra coisa, mais criativa, do que apenas pintarem este coelhinho. Reclamou que nas datas comemorativas são obrigadas a fazer enfeites (DCProf, APÊNDICE B, Aula 16).

Esta atividade não está incluída no planejamento, mas como acontece todos os anos, a professora de Artes sempre acaba tendo que fazer coisas para estas datas que são comemoradas (DCProf, APÊNDICE B, Aula 46).

Eu acho que nosso trabalho é muito quebrado, a todo momento, por coisas que eles querem que a gente faça, né? Naquele sentido de que o professor de Artes está aqui pra preparar festa, está aqui pra fazer comemoração, está aqui pra enfeitar a escola. (E, APÊNDICE D, Professora A)

Nas datas comemorativas somos obrigadas a fazer enfeites. (DCProf , APÊNDICE B, Aula 16)

A professora terá que montar (a pedido da diretora) uma cena de restaurante com pessoas (bonecos confeccionados anteriormente pelos alunos) e pratos de comida (esta semana o tema de estudo é sobre a alimentação saudável) para serem fotografados e enviados à Diretoria de Ensino. (DCPesq, APÊNDICE B, Aula 51)

A professora explicou a confecção das flores para a festa junina. (Interrupção do conteúdo para a elaboração de decoração para a escola). (DCPesq, APÊNDICE B, Aulas 74 e 75)

[...] às vezes, muitas vezes a gente começa um projeto e tem que interromper porque a coordenação quer que você faça outra coisa. (E, APÊNDICE D, Professora A)

O desapontamento das professoras em agir em conformidade com estas solicitações parece estar relacionado ao conceito que os outros docentes e direção possuem a respeito do ensino de Artes. Durante a entrevista as professoras mencionaram que a concepção de Artes para as outras professoras está diretamente relacionada a trabalhos artesanais com fins decorativos, tendo assim, um papel secundário na formação do aluno.

[...] Agora nós professores estamos tentando mudar a cabeça de muita gente que ainda acham que Arte são trabalhos manuais, que o professor de Artes é o decorador da escola. Porque é isso que a gente tem que mudar tanto na mentalidade dos alunos, dos pais, como também do próprio professor. (E, APÊNDICE D, Professora A)

[...] Tem muitos professores que ainda acham que é obrigação do professor de Educação Artística ficar fazendo festa, enfeitando a escola, fazendo bandeirinha. (E, APÊNDICE D, Professora A)

[...] Eu acho que eles acham que Arte não é tão necessária quanto ela é. Na realidade, eles tiveram também uma criação educacional onde a Arte ensina pregar botão, colocar zíper, era uma habilidade direcionada para o Artesanato, tá?...Então eu acho que pela criação do professor, ele não valoriza a Arte, e isto, talvez eles passem até para o aluno que é pior ainda...(E, APÊNDICE D, Professora B)

As atividades comemorativas embora façam parte do calendário escolar, não estão incluídas no planejamento. Dentre algumas observadas podemos destacar: Carnaval, Dia das mães, Dia do Índio, Páscoa, Folclore, Proclamação da República e outras.

Estas atividades são costumeiramente comemoradas na escola com os alunos e em outros momentos, com a participação de familiares e convidados. Embora estas ocasiões façam parte do calendário escolar, os preparativos para estas celebrações envolvem atividades plásticas e decorativas que requerem a participação efetiva das professoras de Artes e alunos.

As duas professoras demonstraram certo descontentamento em serem solicitadas para estes eventos visto que, seus projetos ficaram parcialmente comprometidos com a inclusão destas atividades.

A professora estava um pouco descontente, pois percebi que esta atividade foi imposta pela diretora na última reunião de HTPC. As professoras efetivas da sala estavam pouco interessadas e deixaram para que as professoras de Artes fizessem o coelhinho com os alunos. (DCPesq, APÊNDICE B, Aula 16)

[...] a diretora ganhou um livro de jogos e pediu para que as professoras de Artes além dos conteúdos programados incluíssem alguns jogos nas aulas. Mostrou-me algumas folhas de xérox onde os jogos são explicados. (CDProf, APÊNDICE B, Aula 19)

A professora explicou a confecção das flores para a festa junina. (Interrupção do conteúdo para a elaboração de decoração para a escola). Estas flores foram pedidas pela diretora e coordenadora da escola para enfeitar a festa junina. (DCPesq, APÊNDICE B, Aulas 74 e 75)

A professora foi na sala de aula, fez a chamada e explicou que os alunos não teriam aula porque ela e a outra professora de Artes iriam ajudar na decoração do palco e pátio para a festa junina. (APÊNDICE B, Aulas 92 e 93)

É importante ressaltar também que o processo de desenvolvimento da criatividade também é afetado por essas interrupções. Os estudos clássicos de Torrance (1976) já apontavam que o declínio do processo criativo em torno dos cinco anos e dos nove e dez anos estava

relacionado à entrada da criança no sistema escolar. Esse declínio, na interpretação do autor, estava relacionado aos efeitos normativos do ambiente escolar, da valorização das aprendizagens que diziam respeito às regras da vida escolar em detrimento da expressão criativa.

Nesse sentido, com a interrupção do trabalho previamente planejado, há uma perda na fluidez das atividades, dificultando a compreensão dos elementos que ligam uma atividade à outra e que sentido possuem. É possível também que a percepção estética e emocional fique prejudicada, assim como a dimensão afetiva, nos termos propostos por Vygotsky (2001).

B2. Fontes e fundamentação dos trabalhos desenvolvidos

Durante o ano letivo, as observações das práticas das duas professoras foram muitas vezes fundamentadas em livros de Arte ou revistas que traziam artigos referentes aos temas trabalhados em aula, acompanhados de propostas de atividades artísticas. Estas eram utilizadas principalmente como fonte de imagens de trabalhos de Arte, retratos de pintores e ilustrações.

A professora mostra e explica mediante a apresentação de figuras e pinturas coloridas de livros. (DCPesq, APÊNDICE B, Aula 11)

A professora mostra, por meio de revista de Artes, o trabalho de Joan Miró. (DCPesq, APÊNDICE B, Aulas 22 e 23)

A utilização de imagens por meio de livros ou revistas promove a observação e o desenvolvimento da leitura visual. O cuidado em verificar os elementos, as cores, técnica promovem a educação do olhar e torna-o sensível à aquisição de novos conhecimentos.

Barbosa (2005b) valoriza a apreciação, para possibilitar a leitura da imagem. Esse contato entre a obra/artista e professor/aluno aguça os sentidos e permite a expressão de significados existentes entre estes.

Algumas aulas também foram embasadas em cursos de capacitação de professores promovidos pela Diretoria de Ensino. Essas capacitações são realizadas com o objetivo de fornecer aos professores propostas diferenciadas e sugestões de atividades a serem incluídas nas suas *práxis*. As capacitações ou encontros fornecem uma fonte escrita de autoria de especialistas. Esse material procura entrelaçar textos, reflexões e propostas de atividades a serem desenvolvidas durante as aulas de Arte. Atribuem à Arte na educação a missão de revitalizar laços, estreitar relações e fortalecer o autoconhecimento, o conhecimento do outro e com o próprio mundo.

Esta atividade faz parte de uma capacitação que os professores receberam na Delegacia de Ensino. (DCPesq, APÊNDICE B, Aula 32)

[...] É porque a Delegacia de Ensino, de uns quatro anos pra cá, ela trabalhou por projetos, então o conteúdo, por exemplo, você partia de um filme, e dali você ia dar musica, dar cor, dar a interpretação, tudo baseado no filme da Alice, que foi o primeiro projeto nosso, pra primeira série. (E, APÊNDICE D, Professora B)

[...] A seguir apresentaremos sugestões de atividades em Artes Visuais, com o propósito de subsidiar o trabalho do professor de Educação Artística nas dimensões da produção, da apreciação e da contextualização. (1ª. Versão Preliminar do Projeto: Arte, Ensino e o Espaço da cidade, fornecido pela Secretaria de Educação, Anexo B)

As duas professoras utilizaram também, como referência de suas atividades, o planejamento anual por elas efetuado. Neste plano de ação pedagógica foram discriminado os temas das atividades que seriam propostas durante o ano letivo de 2008. Estes temas foram separados por conteúdo e série. Utilizaram como fonte de pesquisa as apostilas das capacitações (Anexo B) fornecidas pela Diretoria de Ensino, livros sobre educação e sites da internet (Anexo A).

Analisando o documento Anexo B, fornecido pela Secretaria Estadual de Educação, observam-se seguidas sugestões de atividades que podem ser desenvolvidas pelos professores a fim de trabalharem um conteúdo específico, no caso, o espaço da cidade.

Os autores propõem atividades de discussão, observação, realização de desenhos, trabalho em grupo, e interligam estas questões a História da Arte. Neste momento, sugere-se utilizar duas ou mais paisagens de artistas em diferentes períodos da história e realizarem a leitura da imagem, percebendo a ligação da obra, com a própria vida do artista escolhido.

Quando o professor consegue alinhar estas informações e trazê-las para a realidade do aluno, a atividade assume um significado dinâmico e amplo. As partes observadas passam a formar um todo e a visão amplia-se, possibilitando a aprendizagem intra e interdisciplinares.

O processo de percorrer visualmente a obra, analisar seu tema, técnica e paralelamente relacioná-la com outra obra de um artista diferente, confere ao educador o papel de mediador cultural, intercedendo nas relações entre os aprendizes e o mundo que devem conquistar pela cognição. Nesse sentido, os museus tornam-se os lugares experimentais desta mediação. São verdadeiros laboratórios de conhecimento de arte.

Barbosa (2009) reconhece a necessidade dos educadores levarem seus alunos a museus e continuarem agindo como mediadores propondo oficinas de pintura ou escultura para que possam concretizar estas relações de aprendizado. Segundo a autora, a pedagogia

questionadora é uma das melhores formas de mediação, onde o educador propõe questões que exigem reflexão, análise e interpretação.

As professoras pesquisadas apresentaram poucas intervenções durante a aplicação do projeto, sugerido no Anexo F, e não realizaram nenhuma visita a museus, lugares turísticos ou públicos da cidade.

O documento proposto pela Secretaria Estadual de Educação fornece orientações que atendem à Proposta Triangular sistematizada por Ana Mae Barbosa, que propõe a articulação das três vertentes: a leitura da obra de arte, o fazer artístico e a história da arte. Analisando o documento são sugeridas atividades para o aluno observar o meio, o caminho de sua casa à escola, tipos de vegetação, pessoas, construções. Em outro momento, a sugestão é conduzir o aluno à história da arte através de pinturas e realizar uma leitura dos aspectos da obra como: cores, textura, elementos representados, realizando uma contextualização entre obra/artista/observações do aluno em relação à cidade em que mora. E na sequência, realizar atividades práticas como desenho, pintura e criação de um texto integrando a imagem e as palavras.

É importante ressaltar a escassez de material e projetos de formação contínua dos órgãos oficiais relacionados ao ensino de Artes. Franco (1998) já registrava essa situação - que parece se perpetuar - em pesquisa realizada na década de 90 em escolas públicas paulistas na década de 90. O autor relata que a justificativa oficial para a ausência ou escassez de projetos de formação continuada para professores de Artes devia-se ao fato da área não ter sido avaliada pelo SARESP, fato que impossibilitou o levantamento de suas necessidades.

No entanto, concluímos, assim como Franco (1998), que tal justificativa apenas ratifica a desvalorização da área de Artes no contexto escolar.

C. Ensino e aprendizagem de artes e praticas avaliativas

C1. Critérios de avaliação

Não se poderia avaliar um aluno ou objeto, sem primeiramente se pensar em um conjunto de critérios definidos. Pode-se definir critério como uma característica ou propriedade de um objeto que permite atribuir-lhe um valor ou juízo. Logo, a leitura avaliativa é feita com base e

através do estabelecimento destes critérios. Se estes não estiverem claros ou forem imprecisos, a avaliação ficará comprometida ou embaralhada (HADJI, 2001).

A avaliação está ligada a determinação de um valor ou conceito estabelecido para determinada finalidade. Para que esta determinação de valor seja legítima algumas informações fazem-se necessárias. É preciso explicitar os critérios aos alunos, para se esclarecer o que se espera deles, quais as habilidades, capacidades e competências que precisam desenvolver.

Os critérios de avaliação utilizados pelas professoras apresentaram natureza semelhante. Em síntese, são: interesse, participação nas aulas, disciplina, higiene no trabalho.

As atividades desenvolvidas no caderno de desenho podem demonstrar o interesse em desenvolvê-la, higiene no trabalho, o cuidado com a técnica escolhida, mas não estão diretamente relacionadas ao conhecimento específico no campo das Artes. Podem ser entendidas como pontes, ou meios, para a construção desse conhecimento. Existem alunos primorosos em cópia, o que na maioria dos casos, não revela o entendimento e aprendizado que foi alcançado por eles.

Para verificar a participação e interesse do aluno chamavam pelo nome e anotavam o conceito na caderneta de classe.

Disse que quando chamasse o nome, eles deveriam levantar a mão que ela precisava ver o rosto de cada um. Estaria dando nota de participação. (DC, APÊNDICE B, Aulas 92 e 93)

Ela me explica que a avaliação será feita pelo capricho, grau de entendimento do conteúdo e pela aparência da margem. (DC, APÊNDICE B, Aulas 23 e 24)

[...] a gente vai dar a nota pela vontade que ele teve de fazer o trabalho, né? Pelo interesse que ele teve de aprender aquela atividade. (E, APÊNDICE D, Professora A)

[...] então a avaliação é realmente um processo, se ele participou realmente do processo, se ele se comunicou com o professor, se ele tirou dúvida... Ele teve interesse durante as aulas?, ele tentou fazer o mais limpo possível, o mais claro possível, ele tentou passar a ideia dele? (E, APÊNDICE D, Professora A)

A participação nas aulas está relacionada diretamente com o interesse e a associação destes fatores influirá determinadamente na produção do trabalho. A higiene está pautada mais ao capricho, zelo, cuidado e manuseio de materiais e habilidades com a técnica utilizada. A disciplina abarca fatores subjetivos atribuídos à família de origem dos alunos e seus aspectos socioculturais.

Embora a escolha destes critérios não esteja diretamente relacionada ao conhecimento específico no campo das Artes, foram utilizados para estabelecer um referencial ou guia de medida para a aprendizagem.

C2. Procedimentos de avaliação

No que diz respeito aos instrumentos de avaliação, as professoras utilizaram como principal instrumento de avaliação o caderno de desenho do aluno. Esse “registro”, construído durante as aulas pelo próprio aluno, apoiaram seus conceitos avaliativos. A produção do aluno ficou registrada nos cadernos revelando seu desenvolvimento durante as atividades.

Ela me disse que utilizava como instrumento de avaliação o caderno (se estava completo, caprichado, com os desenhos bem pintados, recortes). (DCPesq, APÊNDICE B, Aulas 37 e 38)

A professora ia olhando folha por folha e dando uma nota na caderneta do professor. Ela me disse que o caderno também é avaliado para compor o conceito final. (DCPesq, APÊNDICE B, Aulas 157 e 158)

[...] Eles têm um caderno que a gente segue o trabalho deles quando a gente ah...Às vezes esquece o nome de alguém, a gente não lembra, a gente vai no conteúdo que ele tem, no trabalho ali que ele fez, pra gente lembrar quem é o aluno. (E, APÊNDICE D, Professora A)

[...] o trabalho tem que ser, como um caderno de aula, tem que ser apresentável. Não é porque é uma aula de Artes, que o aluno pode sujar, pode bagunçar...ele tem que ter uma certa ordem, então a apresentação do produto final é importante... (E, APÊNDICE D, Professora B)

Outro instrumento empregado foi a escolha de uma atividade específica para a construção e atribuição de um conceito.

A professora A utilizou no primeiro bimestre uma prova como instrumento de avaliação. Esta avaliação continha três itens de temas que foram desenvolvidos em aulas anteriores.

A prova continha os seguintes itens:

- 1- Fazer o chapéu, o barco e a camiseta com o desenho do rosto de uma criança.
 - 2- Fazer a toalhinha rendada.
 - 3- Desenhar uma cesta de pesca ou bolsa trançada e pintar.
- (DC, APÊNDICE B, Aulas 42 e 43)

Enquanto os alunos faziam a prova, ela verificava os cadernos de desenho individualmente e anotava na caderneta de registro (Diário de Classe).

Ela me disse que era a primeira vez que dava uma prova para eles. Queria ver ou testar se tinham aprendido. (DCPesq, APÊNDICE B, Aula 42 e 43)

Esta declaração sugere a busca de alternativas para o ato avaliativo.

No segundo bimestre, para a segunda série, a professora A utilizou a bandinha ou a maneira do aluno tocar ou entender a música como critérios para avaliação. Poucas atividades artísticas foram desenvolvidas no caderno. As aulas consistiram em atividade prática de tocar instrumentos e entender as marcações musicais e agir em conformidade com elas. O aluno que apresentasse melhor desempenho ou familiaridade com os instrumentos teriam melhor nota.

[...] Se vocês não conseguirem entender esta marcação musical, não adianta dar os instrumentos musicais. Vocês terão que tocar olhando estas marcações. (DCProf, APÊNDICE B, Aulas 79 e 80)

Os instrumentos de avaliação que foram utilizados pelas duas professoras foram as atividades registradas no caderno de desenho e uma atividade específica escolhida pela professora.

No decorrer do trabalho de campo, ao longo do ano letivo, foi possível notar que as professoras priorizaram a avaliação formativa, pois através da observação desenvolvimento do aluno, que ficou registrado no caderno de desenho, puderam obter informações para estabelecer um conceito. Reconheceram a necessidade desse registro, embora em alguns casos, aquela determinada atividade do caderno, não conseguisse expressar o verdadeiro estágio de desenvolvimento ou de compreensão do aluno. Sendo assim, consideraram que faz-se necessário o registro de várias atividades para que este processo possa ser devidamente documentado.

A avaliação formativa apresenta como característica a “articulação entre a coleta de informações e a ação remediadora” (HADJI, 2001, p. 21).

O feedback fornecido ao aluno e professor é parte essencial deste processo. Hadji(2001), transmite o mesmo pensamento:

[...] uma avaliação formativa informa os dois principais atores do processo. O professor, que será informado dos efeitos reais de seu trabalho pedagógico, poderá regular sua ação a partir disso. O aluno, que não somente saberá onde anda, mas poderá tomar consciência das dificuldades que encontra e tornar-se-á capaz, na melhor das hipóteses, de reconhecer e corrigir ele próprio seus erros. (p. 20)

O registro das atividades no caderno de desenho foi um dos instrumentos utilizados por ambas as professoras, mas verificou-se a ausência do feedback aos alunos, impedindo uma ação remediadora para alcançar maior aproveitamento escolar e conseqüentemente, melhor conceito avaliativo.

As atividades práticas que foram escolhidas pelas professoras para a avaliação dos alunos foram distintas. Em um bimestre a professora A escolheu como atividade avaliativa para a 4ª série, o teatro de fantoches. A professora B escolheu o desenho de história em quadrinhos como atividade para avaliação na 4ª. série. As professoras apresentaram liberdade na escolha de atividades para estabelecer suas avaliações. A formação específica da professora não foi determinante para a escolha da atividade avaliativa.

As atividades desenvolvidas com os alunos durante as aulas, o conteúdo ministrado ou atividades práticas são registradas e constituem a base das avaliações. As professoras da rede estadual de ensino recebem, em todo início de ano letivo, as cadernetas de classe, em que a freqüência, atividades, notas e ocorrências podem ser anotadas para controle da docente e direção da escola.

Durante o trabalho de observação, as professoras não apresentaram o hábito de anotar todas as atividades desenvolvidas. Em algumas aulas as professoras não fizeram o registro das atividades desenvolvidas na caderneta fornecida pela Diretoria de Ensino.

Embora o processo seja acompanhado de perto, não há relatórios sobre as atividades. (DC, APÊNDICE B, Aulas 23 e 24)

A professora não fez um registro escrito da participação individual. Disse que estava observando. (DC, APÊNDICE B, Aula 78)

Durante outras aulas utilizaram a caderneta para registrar as atividades desenvolvidas, algumas vezes no início da aula e em outras, ao final.

Registra em sua caderneta (para controle pessoal) o conteúdo trabalhado e as atividades desenvolvidas. (DC, APÊNDICE B, Aulas 37 e 38)

Enquanto desenhavam, a professora registra a atividade na caderneta e faz a chamada. (DC, APÊNDICE B, Aula 149)

O fato de não terem registrado as atividades no Diário de Classe com freqüência, no início ou término da aula, não significa que não o tenham feito mais tarde, longe de minha presença.

As avaliações realizadas pelas professoras foram registradas na caderneta de classe fornecida pela Diretoria Estadual de Ensino. As professoras anotaram nesta caderneta um conceito relativo à produção dos alunos. Uma vez por bimestre, solicitaram os cadernos de desenho de cada aluno para atribuir um conceito. Estes registros foram realizados durante algumas aulas. As duas professoras seguiram o mesmo procedimento. Propunham uma atividade, geralmente um desenho, com um tema específico e, enquanto os alunos realizavam a proposta, as professoras analisavam os cadernos individualmente e faziam o registro na caderneta (Diário de Classe). Iam chamando os alunos por nome e cada um trazia o caderno de desenho e aguardava ao lado, enquanto a professora olhava e fazia uma rubrica em cada atividade. Em seguida, registrava na caderneta.

[...] Eu visto sim, os caderninhos, eu dou visto, passo uma tarefinha, dou visto, pra eles perceberem que a gente está atento, acompanhando o processo deles, mas....geralmente eu faço isso no final do bimestre. (E, APÊNDICE D, Professora B)

[...] A gente tem um caderno que a gente faz as anotações (Registro) Eles têm um caderno que a gente segue o trabalho deles. (E, APÊNDICE D, Professora B)

Os outros critérios de avaliação utilizados pelas professoras, como disciplina, participação, higiene do trabalho parecem estar implícitos nesta análise da produção dos alunos.

No momento em que a professora solicitava a presença do aluno para a verificação do caderno, tecia alguns comentários em voz alta sobre as atividades. Nesta ocasião as professoras forneciam um *feedback* aos alunos sobre suas produções finais que seriam utilizados para a avaliação final do bimestre.

Dirige-se ao aluno e levanta seu caderno e me mostra “Ficou muito bom”, disse a professora. (DC, APÊNDICE B, Aula 20 e 21)

As professoras não demonstraram o hábito ou a prática de informar oralmente as notas ou conceitos aos alunos. Estas eram notificadas apenas por meio do boletim, durante a reunião de pais realizada bimestralmente. O esclarecimento sobre o conceito fornecido pela professora só foi feito quando solicitado pelo aluno.

Durante a entrevista com a professora B esta questão foi levantada e por sua resposta pode-se perceber claramente esta afirmação.

[...] Eu dou desde que ele me questione, aí eu anoto e falo: Olha, tal dia você não me entregou uma tarefa, você não fez até o final da atividade..., aí sim, se ele me questionar, aí eu vou justificar....porque a gente deve...eu anoto estas coisas.(E, APÊNDICE D, Professora B)

Uma das características da avaliação formativa é o retorno de informações que o professor dá ao aluno sobre o seu desempenho. Com as orientações advindas do professor, explicações sobre o êxito, dificuldades encontradas e como estas podem ser superadas, constrói-se o suporte ou o alicerce, necessário para buscar a recuperação ou aprimoramento de suas aprendizagens. Quando este *feedback* não é fornecido, o aluno fica sem parâmetros para retomar ou refletir sobre o que produziu, avançou e sobre suas ações futuras, na tentativa de buscar melhor rendimento, ou conseqüentemente a obtenção de maior conceito.

C3. Relações entre as avaliações interna e externa

Conforme mencionado anteriormente, o SARESP (Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo) é a avaliação externa em larga escala que tem como finalidade avaliar as competências e habilidades desenvolvidas pelos alunos ao longo do Ensino Fundamental e do Ensino Médio na rede estadual paulista de ensino. Esta prova objetiva avaliar o desempenho dos alunos das 2^a, 4^a, 6^a e 8^a séries do Ensino Fundamental e da 3^a série do Ensino Médio.

É notória a preocupação da direção e corpo docente em relação ao bom desempenho dos alunos neste exame, especialmente nas séries em que esta pesquisa foi desenvolvida. Para garantir uma boa colocação entre as escolas avaliadas, algumas medidas pedagógicas foram tomadas. Em reuniões entre a direção e professores, decidiram recorrer a provas anteriores e buscar os conteúdos abordados, tipos de questões, buscando focar o ensino nesses núcleos.

As professoras de Artes incluíram em suas aulas, a pedido da direção, temas como sólidos geométricos e histórias em quadrinhos para que os alunos pudessem vivenciar situações e conhecer com mais propriedade estes assuntos.

A professora me explicou que a diretora pediu que explicasse aos alunos sobre estas questões de bidimensional e tridimensional, pois os alunos de 2^a. e 4^a. séries erraram algumas questões do SARESP por não terem estes conceitos bem esclarecidos. (DC, APÊNDICE B, Aulas 25 e 26)

A professora me disse que deu essa aula porque a diretora pediu para que preparassem os alunos para a prova do SARESP. (DC, APÊNDICE B, Aulas 94 e 95)

Outro procedimento foi de promover uma simulação de prova. As professoras copiaram a prova anterior do SARESP e utilizaram-na como um exercício de aplicação de prova. Houve revezamento entre os professores para que não auxiliassem seus próprios alunos.

Disse que farão um treino para a prova do SARESP. Pediu para que todos venham. (DC, APÊNDICE B, Aulas 121 e 122)

Uma professora de outra sala veio acompanhar o treino para a prova do SARESP. Eu perguntei quem tinha elaborado as questões e ela me disse que as professoras tiraram cópia da prova do ano passado para que os alunos pudessem ter uma ideia do que era o SARESP e como poderiam controlar o tempo para responder as questões. (DC, APÊNDICE B, Aulas 141 e 142)

Percebo que existe uma preocupação em preparar os alunos para que eles se saiam bem na prova. (DCPesq, APÊNDICE B, Aula 132)

A direção da escola acompanha os resultados do exame e muitas vezes responsabiliza os professores pelas notas baixas dos alunos em comparação com outras escolas.

[...] Então é medida a nota por sala de aula, e a sala que tem um menor rendimento, o professor realmente ele é chamado atenção, por que aquela sala, por quê que os alunos não conseguiram, né? Ter uma nota maior no SARESP. Então é muita cobrança. (E, APÊNDICE D, Professora A)

[...] eu acho que o resultado está sendo um pouquinho mascarado, principalmente de primeira à quarta. Não adianta o professor ficar um mês antes batendo em questão do SARESP, batendo, batendo, quando na realidade ele deveria dar naturalmente este conteúdo. Ao longo do ano, então a cobrança do professor tem uma cobrança muito brava, se a classe dele vai ser melhor ou pior... (E, APÊNDICE D, Professora B)

Estes depoimentos apontam a crescente preocupação da escola e docentes em obter resultados satisfatórios no desempenho dos alunos. Esse “treino” para a avaliação do SARESP denota a insegurança em relação ao que é cobrado no exame. Estes conteúdos sinalizam algumas fragilidades que interferem na prática docente da disciplina de Artes e podem comprometer o conceito e a atuação do professor em suas práticas avaliativas. Do ponto de vista da função educacional da escola, a ênfase no processo e nas condições gerais em que o ensino é oferecido torna-se condição essencial para que educadores, alunos e as próprias instituições educacionais usufruam dos resultados da avaliação. Estes devem ser

considerados como potencialmente capazes de redirecionar futuras decisões e também contribuir com a formação do estudante.

Entretanto, do ponto de vista da população, a quem muitas vezes não interessam diretamente os processos internos das instituições escolares, são os resultados apresentados pelos alunos nestes exames que validam as funções sociais exercidas pela escola. Em relação ao sistema de educação básica, a ênfase nos resultados tem sido utilizada para fornecer informações aos gestores, no caso em questão, ao próprio Estado.

A responsabilização pelos resultados recai sobre o professor e quando seus alunos apresentam índices insatisfatórios percebem essa realidade como ameaça e não identificam ou reconhecem os bons resultados e/ou insuficiências de seu trabalho.

Outro aspecto importante é que as professoras apresentaram preocupação e descontentamento por terem que interromper seu planejamento para trabalharem temas de outras disciplinas como Língua Portuguesa e Matemática. Estas solicitações foram feitas pela diretora da instituição e anunciam explicitamente a fragilização do ensino de Artes em favor de outras disciplinas.

Ultrapassando o nível do discurso, apesar das avaliações externas apresentarem seus resultados anualmente, não há ainda evidências de que estejam sendo desencadeadas mudanças significativas no desempenho dos alunos. Na realidade o que observamos é um panorama tenso e pouco esclarecido, quando a pauta é avaliação.

As avaliações externas (SARESP) valorizam disciplinas como Língua Portuguesa e Matemática e utilizam outras disciplinas como suporte para alcançar um bom resultado nos exames. A disciplina de Artes é vista como auxiliar e encontra-se a mercê de outras mais importantes. Como já exposto, durante o ano letivo as professoras muitas vezes interromperam seu planejamento para atender as solicitações da direção ou coordenação para utilizar suas aulas para servir a outros objetivos.

Dada a importância das avaliações externas e vivenciando a tensão existente dentro do contexto escolar para atingir uma boa colocação entre as instituições, o núcleo preocupante é como conseguir ser avaliado de maneira favorável.

Algumas medidas foram tomadas para atingir este objetivo como, já mencionado, fazer uma prova simulando o exame do SARESP, para que os alunos possam aprender a controlar o tempo, exercitar seu raciocínio, e testar seus conhecimentos.

Refletindo sobre estas observações e reconhecendo a alta cobrança das políticas públicas constatou-se que a disciplina de Artes serviu para subsidiar e impulsionar o desempenho em outras disciplinas mais valorizadas (Matemática, Língua Portuguesa) visando à obtenção de maior rendimento escolar no momento do processo avaliativo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões sobre este trabalho proliferam a cada dia. São inquietações que continuam me incomodando, mas diferenciadamente de quando iniciei esta caminhada. Investigando a literatura e indo a campo, algumas questões foram respondidas, outras levantadas.

A pesquisa realizada com as duas professoras revelou a presença de várias concepções sobre o ensino de Arte. Mostrou-se uma prática híbrida, permeada por conceitos tecnicistas, pré-modernistas e modernistas.

A Arte traz ainda, na concepção da comunidade escolar, a ideia do artesanato. O professor decorador e responsável pelos cenários das atividades comemorativas, enfeites e presentes, muitas vezes sendo obrigado a interromper seu planejamento anual para se submeter a solicitações da direção ou coordenação pedagógica.

A formação acadêmica do professor se reflete intensivamente na sua *práxis*, uma graduação de Educação Artística com duração de três anos, fornece conhecimentos superficiais das linguagens artísticas elencadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997): artes visuais, dança, música e teatro. As professoras apresentaram preferência em atuar com maior confiança na área específica de sua formação acadêmica.

A ação docente foi fundamentada pedagogicamente em livros e revistas que continham imagens e textos de História da Arte.

A Abordagem Triangular sistematizada por Ana Mae Barbosa e colaboradores é reconhecida e seus conceitos sobre a leitura da imagem, contextualização e o fazer artístico é o que norteia a metodologia de ensino na sala de aula.

Ainda que as finalidades de tal abordagem instigue o valor da História da Arte, faltou na prática observada, o papel do mediador cultural que configura-se pela capacidade de criar formas de experimentar propostas colaborativas de aprendizagem. Esta importante questão diluí-se, pois, de modo geral, não há questionamentos, alusões à realidade do aluno, investigações sobre como percebe, olha e interpreta a produção visual.

A falta de uma sala ambiente adequada para as aulas de Arte impediu a exploração de técnicas mais ousadas como a pintura, escultura, encenações teatrais e atividades ligadas ao corpo, como a dança e mímicas. Foi evidente a preocupação em manter a sala arrumada e organizada para a continuidade no período de aula subsequente.

A pesquisa forneceu dados para elucidar como uma escola estadual do interior paulista concebe a avaliação interna e externa. A forte tensão existente envolve toda a comunidade escolar. A direção da instituição demonstra sua ansiedade na obtenção de uma boa ou excelente pontuação dos alunos nas estatísticas. Os docentes sofrem esta pressão e a repassa aos alunos que entendem seu conceito de aprendizagem apenas através dos boletins de notas.

A intensa preocupação com as avaliações externas configura-se na supervalorização da Disciplina de Matemática e Língua Portuguesa. Estas disciplinas, consideradas “mais importantes”, acabaram descaracterizando a área de Artes, pois alguns conteúdos específicos destas disciplinas foram abordados durante as aulas de Artes.

A repercussão do resultado da avaliação externa assegurará e /ou garantirá novos recursos financeiros e promoverá a instituição e docentes por meio de prêmios (bônus), assegurando assim a permanência ou aumento no quadro de alunos.

A avaliação interna, ou específica, da disciplina de Arte apresentou um desenho frágil, pautada em critérios e instrumentos subjetivos, onde o avaliador buscou alternativas diferenciadas para estabelecer este processo.

A avaliação formativa foi indicada com prioridade na escolha das participantes.

Embora as professoras tenham utilizado critérios e instrumentos de avaliação semelhantes, continuam na busca de instrumentos alternativos para alcançarem uma abrangência eficaz na construção das práticas avaliativas.

A ausência do *feedback* aos alunos é um dado importante, pois é através dessa troca de informações e critérios utilizados para o ato avaliativo que possibilitará aos envolvidos no processo, o redirecionamento, a reformulação ou reconstrução de novas atitudes e saberes.

Um aspecto importante a ser mencionado é o reconhecimento dos limites da pesquisa. Por se tratar de um estudo de caso, apresenta limitações para a generalização dos dados e a respectiva interpretação, mas contribui para a compreensão do fenômeno e no levantamento de novas questões que se apresentam no processo avaliativo. Desse modo, esses dados precisam ser considerados como uma forma de conhecimento parcial, proveniente de alguns esquemas teóricos que permitiram a compreensão de determinados aspectos da realidade, mas que certamente desconhecem outros.

A precariedade de material documental fornecido para análise impediu um maior aporte de informações sobre as diretrizes do sistema para o ensino de Artes e os objetivos pedagógicos a que se propõe a instituição escolar pesquisada.

Estas questões limitaram o avanço das análises, mas forneceram dados para elucidar que o processo de pesquisa caminha em conformidade com as circunstâncias a que ele se submete.

No entanto, apesar das dificuldades impostas, a pesquisa trouxe contribuições relevantes para a apreensão e compreensão da prática dessas duas professoras de Artes, como também, informações de como elas concebem a prática avaliativa.

O longo trabalho de campo e as entrevistas realizadas para a coleta de dados permitiram apreender práticas e significados, na perspectiva dos professores e tentar, com estes dados, buscar novas práticas ou redirecionar as existentes. Não se trata apenas em fornecer um conceito ao aluno, mas analisar como este conceito é construído.

Sugerimos, para futuras pesquisas, visto que esta área de estudo ainda mostra-se pouco investigada, um maior aprofundamento nas práticas de avaliações e esclarecimentos aos docentes de como estas podem ser utilizadas a favor da aprendizagem e do ensino.

A formação acadêmica do professor é relativamente significativa para sua atuação futura e considerando esta relevância, entendemos que os cursos de formação inicial precisam fornecer elementos básicos e significativos para que o futuro docente possa atuar no campo da avaliação com clareza e suficientemente consciente que não está cometendo injustiças na construção dos critérios e instrumentos avaliativos.

Embora o ensino e a prática de Artes ainda sejam vistos com certa fragilidade no contexto escolar, arte-educadores continuam na luta emancipatória para que esta disciplina seja reconhecida como agente promotora de valores e como força gerativa de conceitos, ideias e reflexões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, F. A. G. de. **Movimentos escolinhas de Arte**: em cena memórias de Noêmia Varela e Ana Mae Barbosa. 2000. 166f. Dissertação (Mestrado em Artes). Escola de Comunicações e Artes. Centro de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000.

BARBOSA, A. M. **Teoria e prática da educação artística**. São Paulo: Cultrix, 1975.

_____. **Recorte e colagem**: influência de John Dewey no ensino da Arte no Brasil. 2. ed. São Paulo, 1989.

_____. **A compreensão e o prazer da Arte**. São Paulo: SESC Vila Mariana, 1998.

_____. **Arte-Educação no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

_____. **Uma introdução à Arte/Educação Contemporânea**. 10f. São Paulo, 2005a.

_____. **A imagem no ensino da Arte**. São Paulo: Perspectiva, 2005b.

_____.; COUTINHO, R. G. (orgs). **Arte/Educação como mediação cultural e social**. São Paulo, UNESP, 2009.

BARRETTO, E.S.S. A avaliação na educação básica entre dois modelos. **Educação & Sociedade**, Campinas, ano XXII, n. 75, ago. 2001.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais : arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC /SEF, 1998.116 p.

_____. Ministério da Educação. Plano Nacional de Educação . PNE / Ministério da Educação. . Brasília :Inep, 2001. Disponível em : <ftp://ftp.fn.de.gov.br/web/fnde/plano_nacional_educacao.pdf>. Acesso em 03/06/2008.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei 2.732 ,de 2008 Disponível em: < <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/567274.pdf>> . Acesso em 19/02/2009.

BERTONI, A.; POGGI, M.; TEOBALDO, M. **Evaluación nuevos significados para uma prática compleja**. Buenos Aires: Kapelusz, 1999.

BODGAN, R.; BIKLEN, S. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BRUNER, J. S. **A cultura da educação**. Porto Alegre, Artmed, 2001.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis : Vozes, 2006.

CIANFLONE, A.R.L. Pesquisa em ensino por meio de práticas avaliativas. In: Bicas, H.E.A.; Rodrigues, M.L.V. **Metodologia Científica**. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan/Cultura Médica, 2009.

DARRAS, B. **As várias concepções de cultura e seus efeitos sobre os processos de mediação cultural**. In: Barbosa, A.M.; Coutinho, R.G. *Arte/ educação como mediação cultural e social*. São Paulo,Unesp, 2008.

DEWEY, J. **A Arte como experiência**. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os pensadores).

EISNER, E. **The arts the creation of mind**. New Haven: Yale University Press, 2002.

FELDMAN, D. **Ayudar a enseñar**. Buenos Aires: Aique, 1995.

_____, D. Imágenes en la historia de la enseñanza: la lámina escolar. **Educación & Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 86, abr. 2004. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302004000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 10/08/ 2008.

FELDMANN, M.G. **A questão da formação de professores e o ensino de Arte na escola brasileira**: alguns apontamentos. *Olhar de professor*, Ponta Grossa, 11(1): 169-182, 2008. Disponível em <<http://www.uepg.br/olhardeprofessor>>. Acesso em 08/06/2009.

FRANCO, Francisco Carlos. **O professor de Arte: perfil do profissional que atua no ensino fundamental de escolas públicas paulistas, com alunos de 5^a. a 8^a. séries.** São Paulo: PUC. Dissertação de mestrado, 1998.

FREITAS, L. C. **Ciclos, seriação e avaliação: confronto de lógicas.** São Paulo: Moderna, 2003.

FUSARI, M. F. R e FERAZ, M. H. C. T. **Arte na educação escolar.** São Paulo: Cortez, 1993.

GARDNER, H. **Arte, mente y cerebro: una aproximación cognitiva a la creatividad.** Tradução Gloria G. M. de Vitale. Barcelona: Paidós, 1996.

GIMENO-SACRISTÁN, J. **Comprender e transformar o ensino.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

GOMES, K. B.; NOGUEIRA, S. M. A. **Ensino da Arte na escola pública e os aspectos da política educacional: contexto e perspectivas.** Ensaio: aval. Pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 16, n. 61, p. 583-596, out./dez. 2008.

HADJI, C. **Avaliação desmistificada.** Tradução Patrícia C. Ramos. Porto Alegre: Artmed, 2001.

HERNANDEZ, F. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

LOWENFELD, V.; BRITAIN, W. L. **Desenvolvimento da capacidade criadora.** São Paulo: Mestre Jou, 1977.

NOIZET, G., CAVERNI, J.P. **Psychologie de l'évaluation scolaire.** Paris: PUF, 1978.

OLSON, D; BRUNER, J. Folk Psychology and Folkly Pedagogy. In: Olson, D.; Torrance, N. **The handbook of education and human development.** Cambridge, Massachussets, Blackwell Publishers, 1996.

PEREIRA, J.E.D. As licenciaturas e as novas políticas educacionais para a formação docente. **Educação & Sociedade**, Campinas, ano XX, n.68, p. 109-125. dec.1999.

PERRENOUD, P. **Avaliação entre duas lógicas**: da excelência à regulação das aprendizagens. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

POZO, J. **Aprender y enseñar**. Madrid: Morata, 1998. cap. 4-5.

READ, H. **A educação pela Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

RIZZI, M. C. de S. Caminhos metodológicos. In: BARBOSA, A. M. (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da Arte**. São Paulo: Cortez, 2002.

RODRIGO, M. J.; RODRÍGUEZ PÉRES, A.; MARRERO, J. **Las teorías implícitas**: una aproximación al conocimiento cotidiano. Madrid: Visor, 1993. (Aprendizaje; v. 93).

RUBIN, H.J; RUBIN, I.S. **Qualitative interviewing**: the art of hearing data. London: Sage Publications, 1995.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. São Paulo: Cortez, 1986.

SHIROMA, E. O., MORAES, M. C. M.; EVANGELISTA, O. **Política educacional**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SILVA, E. M.A.; ARAÚJO, C.M. **Tendências e concepções do ensino de Arte na educação escolar brasileira**: um estudo a partir da trajetória histórica e sócio-epistemológica da Arte/educação. In: 30ª. Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 2007.

TORRANCE, E. P. A longitudinal examination of the fourth-grade slump in creativity. **Gifted Child Quartely**, 12, 195-199, 1976

VARELA, N. de A. **A formação do Arte-Educador no Brasil**. In: BARBOSA, A. M. (Org.). História da Arte-Educação. São Paulo: Max Limondad, 1986.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia da Arte**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Imaginação e criação na infância**. Apresentação e comentários Ana Luiza Smolka. Trad. Zóia Prestes, São Paulo, Ática, 2009.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro Preliminar de Observação

Foi elaborado, preliminarmente, o seguinte roteiro de observação:

Roteiro Preliminar de Observação

- Relações entre os objetivos definidos e as práticas avaliativas;
- Fontes teóricas de referência para a elaboração de referentes e critérios de avaliação;
- Instrumentos de avaliação utilizados;
- Temporalidade das avaliações;
- Critérios para o desenvolvimento dos trabalhos propostos;
- Formas de qualificação dos trabalhos e <i>feedback</i> aos alunos;
- Fundamentos das abordagens nos trabalhos propostos;
- Técnicas e materiais utilizados;
- Registro de acompanhamento do desempenho dos alunos;
- Relações entre o corpo docente/equipe pedagógica/direção no que diz respeito às avaliações e desempenho dos estudantes;
- Implicações das práticas avaliativas na sala de aula e escola.

APÊNDICE B – Diário de Campo

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aulas 1 e 2

DIA: 25-02-08

Aula de Artes (Aula Dupla): 3^a B

ESTRATÉGIA: Aula Expositiva e Desenho na Lousa

TEMA: Movimento e as Proporções – Linhas do Corpo Humano

MATERIAL INSTRUCIONAL: Utiliza a Lousa e Giz Colorido. Desenha na Lousa 3 figuras representativas de Corpo Humano, com as linhas e as curvas.

Inicialmente, explica sobre as figuras em movimento e as proporções correlacionando com as linhas do Corpo Humano e solicita que os alunos realizem os desenhos em seu caderno de desenho.

ALUNOS:

Material: Caderno de Desenho, Lápis Preto e Lápis de Cor e Borracha

Professora dirige-se a cada aluno, individualmente, fornecendo verbalmente, as orientações e solucionado as dúvidas.

Pode-se notar que, em alguns alunos, existe a intervenção direta no desenho auxiliando o aluno. Para alguns alunos pude ouvir os incentivos: “muito bem... , observe as proporções...você é capaz, tente... vamos caprichar” .

Algumas vezes a professora interrompe pedindo silêncio... Observar-se que é “uma conversa entre os alunos” no sentido de “enriquecimento”, alunos querendo “ajudar uns aos outros”.

O tempo de aula (50 minutos) foi suficiente para alguns alunos terminarem seus desenhos.

A Professora pediu que guardassem o material, e foi quase prontamente atendida, mas observei que alguns alunos “ainda queriam terminar o desenho”.

OBSERVAÇÃO GERAL: Esta atividade foi realizada de modo tranquilo e alegre com a condução efetiva e participação de todos os alunos.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – **Aulas 3 e 4**

DIA: 25-02-08

1^a B

ESTRATÉGIA: Desenho na Lousa

TEMA: Proporções e Linhas

MATERIAL INSTRUCIONAL: Utiliza a Lousa e Giz Colorido. Desenha na Lousa uma folha de caderno de desenho com divisões em 4 partes iguais. Solicita que os alunos dividam a folha do caderno em 4 partes iguais. Enumera cada parte com os números 1, 2, 3, 4.

ALUNOS:

Material: Caderno de Desenho, Lápis Preto, Lápis de Cor, Giz Cera Colorida, Borracha e Caderno de Desenho.

PROFESSORA: Explica, apontando o desenho da Lousa, enumerando as “4 partes”, em sentido horário, com os números 1,2,3 e 4.

Os alunos devem realizar no interior das partes:

Parte 1: Vários “pontos” com Giz de Cera e Lápis de Cor

Parte 2: Colocar a letra “A” e a letra “B” e unir com várias linhas retas coloridas

Neste momento a professora trabalha a forma do “corpo humano” com os alunos. Solicita que dois alunos dirijam-se até a frente da sala de aula, posicionando-se equidistante um do outro, sendo que um representa o ponto “A” e outro o ponto “B”. Neste momento pede que os outros alunos venham a fazer parte da atividade, representando “as linhas” entre os dois pontos. Outros alunos fazem o papel de linha reta e linhas com voltas (movimento de vai e vem). Em seguida os alunos voltam para seus lugares e desenharam no papel.

Os alunos fazem linhas quebradas. Linhas sinuosas. Linhas Onduladas.

A professora faz o desenho na lousa e explica para os alunos.

A professora dá atenção individualizada. Observa-se que soluciona as dúvidas.

O tempo de aula (50 minutos) foi suficiente para alguns alunos terminarem seus desenhos

OBSERVAÇÃO GERAL: Existe reciprocidade de atenção entre alunos e professora.

OBSERVAÇÕES – Prof^a B - Aulas 5 e 6**DIA: 28-02-08 - M****1^a A****Início da Atividade****ESTRATÉGIA:** Contar História**TEMA:** As cores do Arco Íris**MATERIAL INSTRUCIONAL:** Utiliza a Lousa e Giz Colorido.

A professora conta a história de um sonho que teve onde foi voando conhecer o arco-íris. Entra em cada faixa de cor e cita as sete faixas de cores.

Desenha na lousa as cores do Arco Íris (7 cores = Azul, Amarelo, Vermelho, Laranja, Roxo, Verde e Lilás).

ALUNOS:

Material: Caderno de Desenho, Lápis Preto, Lápis de Cor, Giz Cera Colorida, Borracha e Caderno de Desenho.

PROFESSORA:

Explica as diferenças entre as cores primárias e secundárias e solicita que os alunos realizem os exercícios pintando as sobreposições das seguintes cores primárias para os alunos “descobrirem” a formação das cores secundárias.

O + O = O Amarelo + Azul = O

O + O = O Amarelo + vermelho = O

O + O = O vermelho + Azul = O

OBSERVAÇÃO GERAL A condução das atividades foram estimulantes e despertaram interesses nos alunos, desde a atenção a “História do Arco-Íris” até “descoberta” das Cores Secundárias. A professora movimentava-se em toda a extensão da sala de aula indo de carteira em carteira. A alegria foi contagiante com a descoberta e denominação das cores secundárias.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A –Aulas 7 e 8**DIA: 28-02-08****1^a C****ESTRATÉGIA: Desenho na Lousa e Ditado**

TEMA: Linhas: Reta, Curva e Ondulada.

MATERIAL INSTRUCIONAL: Utiliza a Lousa e Giz Colorido

Desenha na Lousa as Linhas: Reta, Curva e Ondulada.

ALUNOS:

Material: Caderno de Desenho, Lápis Preto, Lápis de Cor, Giz Cera Colorida, Borracha e Caderno de Desenho.

PROFESSORA:

Explica as diferenças entre as Linhas (Reta, Curva e Ondulada). Muitas vezes utiliza fatos do cotidiano “Rua Reta”, “A estrada tem curva”, “O corredor da escola é reto”.

Os alunos fazem perguntas durante a explicação, a professora interrompe a explicação e responde.

Uma criança com necessidade especial (deficiente visual) tem certa dificuldade de entender as denominações de Reta, Curva e Ondulada. A professora ajuda o aluno, por meio de movimentos corporais. Na frente da sala, a professora e o aluno, demonstram com movimentos corporais Linhas Retas, Curvas e Onduladas. O aluno diz que entendeu e a professora solicita que ele desenhe no caderno.

Os demais alunos prestam atenção.

Utilizando a Lousa a professora desenha várias linhas e curvas coloridas. Os alunos copiam no caderno de desenho com giz de cera e lápis coloridos.

Para verificar o entendimento a professora dita aos alunos e pede que façam em seus cadernos os diferentes tipos de linhas. A professora diz em voz alta: “Linha Reta”. Os alunos deveriam desenhar a “Linha Reta”.

Os alunos não entendem a atividade “ditado”, pois a professora diz “Linha Reta” é para os alunos desenharem no caderno e não para escreverem “Linha Reta”. A professora dirige-se até a Lousa e explica com alguns exemplos, “ditando” e “desenhando”. Os alunos observam e entendem o exercício.

Retornando ao “Ditado” a professora diz em voz alta: “Linha Reta” e os alunos desenharam a “Linha Reta”.

Em seguida, a professora solicita que todos os alunos desenhem, livremente, vários tipos de linhas e vai de carteira em carteira.

OBSERVAÇÃO GERAL- Fato elogiável foi a maneira que professora ensinou o aluno especial (deficiente visual) sobre “linhas” com movimentos corporais.

Em relação ao “Ditado” houve a necessidade de ampliar as explicações para os alunos, pois eles estavam acostumados com o “Ditado Tradicional”.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aulas 9 e 10

DIA: 03-03-08

4^a C

ESTRATÉGIA: Recortar Figuras humanas e elaborar uma composição de cena.

TEMA: Composição de cenas.

MATERIAL INSTRUCIONAL: Utiliza Revista com figuras humanas coloridas

ALUNOS:

Material: Tesoura, cola, caderno e lápis de cor.

Professora distribui uma revista para cada aluno e diz que a atividade consiste em recortar com a tesoura as figuras e desenhar esta silhueta no caderno. Em seguida e deverão pintar o fundo do trabalho.

A professora explica que os recortes das revistas poderão ser colados na próxima folha: “deitados”, “em pé”, “inclinados” ficando a critério do aluno. Ela vai de carteira em carteira explicando e esclarecendo as dúvidas. Percebendo que existem muitas dúvidas, a professora dirige-se até a lousa e desenha uma figura e enfatiza que “o recorte é em torno da figura e não deve conter excesso nas laterais. Ela novamente enfatiza e explica que “deve ser em cima do contorno da figura”. Pergunta se todos entenderam e os alunos dizem que: sim!

O tempo de aula (50 minutos) não foi suficiente para alguns alunos terminarem sua atividade. Solicita que os alunos guardem os cadernos e entreguem as revistas e explica que vão continuar na próxima aula.

OBSERVAÇÃO GERAL: A condução das atividades com as revistas, para alguns alunos foi demorada. Esta procura levou muito tempo o que impediu o término da atividade.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aula 11**DIA: 03-03-08****3^a D****ESTRATÉGIA:** Aula Participativa com participação de um grupo de alunos**TEMA:** Planos.**MATERIAL INSTRUCIONAL:** Utiliza livros com Figuras e Desenho de Artistas**ALUNOS:****Material:** Tesoura e Cola.**PROFESSORA:**

Solicita que 4 alunos voluntários que se coloquem na frente da sala de aula e monta uma cena em planos diferentes (1º, 2º, 3º e 4º).

A professora mostra e explica mediante a apresentação de figuras e pinturas coloridas de livros e faz um exercício oral perguntando os diferentes planos em que as figuras se apresentam.

A professora realiza exercício: Distribui uma folha de papel, cortando ao meio. Dobra ao meio, e cada ponta dobra para fora. Explica. Oralmente, na frente da sala de aula. Enumera as partes de 1 a 4 para marcar os planos (É como um M). Devem desenhar cada figura em uma parte formando os quatro planos. Recortar e dobrar o papel em forma de M.

O tempo de aula (50 minutos) não foi suficiente para alguns alunos terminarem suas atividades.

OBSERVAÇÃO GERAL: A condução da atividade com a participação dos alunos foi muito animada. A professora agradeceu a participação dos 4 alunos e de todos em geral. Achei a atividade difícil para a faixa etária. Muitos alunos não entenderam e não conseguiram terminar, pois a professora teve que explicar várias vezes.

OBSERVAÇÕES – Prof^a B – Aulas 12 e 13**DIA: 06-03-08****1^a A****ESTRATÉGIA: Aula Expositiva****MATERIAL INSTRUCIONAL: Lousa, giz.****ALUNOS:****Material: revista, lápis grafite, caderno, tesoura e cola.****PROFESSORA:**

A professora ensina a fazer a margem no caderno com a régua. Orienta cada aluno de carteira em carteira. A aula hoje será sobre diferentes tipos de linhas. Explica que a linha horizontal está sempre dormindo, linha preguiçosa! Pede para os alunos levantarem e colocarem uma mão em uma linha horizontal da sala. Alunos se levantam e colocam a mão na moldura da lousa, esquadilha da janela. Agora, linha vertical (está sempre trabalhando e não descansa nunca). Linha inclinada (bebe um pouco). Linha tracejada (linha do velhinho anda um pouquinho e para). Linha pontilhada dá pulinhos e assim prossegue descrevendo outros tipos de linhas. Depois da explicação a professora pede para 10 alunos virem à frente da classe. Fala ao ouvido deles o nome das linhas e pede para representarem as linhas e os outros alunos adivinham o nome. Depois estes sentam e outros alunos vêm à frente para continuarem a brincadeira.

Atividade: os alunos recebem uma folha de revista e devem recortar as linhas (desenhar com lápis grafite na folha da revista e depois recortar), colar e escrever o nome da linha em baixo.

OBSERVAÇÃO GERAL: Pude perceber que esta professora gosta muito de contar histórias e sempre que possível introduz esta metodologia. As crianças prestam muita atenção e gravam com mais facilidade. A atividade de recorte foi um pouco difícil para entenderem, pois tinham que pensar em um tipo de linha, desenhar, recortar e escrever o nome. A professora auxiliou, repetindo algumas vezes o que deveriam fazer. A aula foi tranquila, mas alguns alunos não conseguiram concluí-la. Quando terminou a aula, a professora comentou que achou a atividade um pouco complexa para esta faixa etária, mas gosta de dar alguns desafios para eles.

OBSERVAÇÕES – Prof^a B – Aulas 14 e 15**DIA: 06-03-08****2^a A****ESTRATÉGIA: Aula Expositiva****MATERIAL INSTRUCIONAL: Lousa, giz.****ALUNOS:****Material: caderno, lápis de cor.**

PROFESSORA: A professora canta o hino da cidade com os alunos. Canta duas vezes acompanhando com uma cópia. Depois recorda com os alunos as cores primárias, neutras. Pede para pensarem em algumas palavras (ex: violência – preto, cinza, vermelho). A professora escreve algumas palavras na lousa: amizade, amor, raiva, saudade, tristeza, companheiro, dor, virtude, casa, escola. Os alunos devem escrever as palavras com as cores que escolherem. Depois de escrito, deverá ir à frente da sala explicar porque escreveram a palavra daquela cor. A professora explica novamente, dando exemplos. Espera até que os alunos concluam a atividade e repete para que eles olhem para a palavra e pensem em uma cor para poderem escrevê-la.

OBSERVAÇÃO GERAL: Os alunos não sabiam o significado da palavra virtude e perguntaram para a professora. A professora explicou e alguns escreveram com amarelo, outros com azul e rosa.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aula 16**DIA: 17-03-08****4^a A****ESTRATÉGIA: Aula Expositiva****MATERIAL INSTRUCIONAL: Lousa, giz.****ALUNOS:****Material: folha de papel sulfite, lápis de cor.**

PROFESSORA: A professora deu aos alunos um coelhinho mimeografado. Pediu para que pintassem e recortassem. Montou uma cestinha com este coelhinho e deixou no armário para levarem para a casa dia 21/03.

OBSERVAÇÃO GERAL: A professora estava um pouco descontente, pois percebi que esta atividade foi imposta pela diretora na última reunião de HTPC. “As professoras efetivas da sala estavam pouco interessadas e deixaram para que as professoras de artes fizessem com os alunos este coelhinho”, disse que gostaria de ter feito outra coisa, “mais criativa, do que apenas pintarem este coelhinho”. Reclamou que nas “datas comemorativas são obrigadas a fazerem enfeites”.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aula 17

DIA: 17-03-08

3^a B

ESTRATÉGIA: Aula Expositiva

MATERIAL INSTRUCIONAL: Lousa, giz.

ALUNOS:

Material: folha de papel sulfite, lápis de cor.

PROFESSORA: A professora repetiu a atividade do coelhinho. Os alunos estavam muito falantes e a professora teve que chamar a atenção várias vezes para a conclusão da atividade.

OBSERVAÇÃO GERAL: A aula foi um pouco agitada, os alunos levantaram muito do lugar, pediam lápis emprestado, falavam alto e a professora teve que intervir algumas vezes. Terminaram a atividade, a professora montou as cestinhas com grampeador e colocou no armário da sala.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aula 18

DIA: 24-03-08

4^a A

ESTRATÉGIA: Aula Expositiva e Desenho na Lousa

MATERIAL INSTRUCIONAL: Utiliza a Lousa e Giz Colorido.

A professora segue o estudo do corpo humano. Pede para os alunos formarem grupos de quatro alunos. Distribui quatro folhas de sulfite e explica que devem desenhar um corpo humano (8 partes). Esta aula de desenho já foi dada anteriormente. Com o desenho devem juntar para formar um boneco. Isto será apenas um esquema. As crianças têm dificuldades de entender e a professora explica novamente e desenha na lousa para que possam fazer. As crianças começam a fazer, mas

com dificuldades. Fazem a cabeça grande demais e o tronco pequeno. A professora faz um começo de cabeça e tronco, recorta e mostra. Vai de grupo em grupo fazendo a cabeça, pois é por meio da cabeça que eles farão todo o corpo. A professora comenta que percebe a dificuldade deles em entender o que será feito. Os alunos não conseguem terminar.

OBSERVAÇÃO GERAL: Achei a aula um pouco difícil para os alunos. Perguntei sobre esta atividade e a professora me disse que teve esta capacitação na Diretoria de Ensino do Estado.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aula 19

DIA: 24-03-08

3^a B

ESTRATÉGIA: Aula Expositiva e Desenho na Lousa

MATERIAL INSTRUCIONAL: Utiliza a lousa e giz colorido, livros de arte.

A aula de hoje começa com explicações sobre a linha do horizonte na lousa. A professora faz três paisagens explicando diferentes posições da linha do horizonte (LH). Linha do horizonte em baixo na folha, no meio, bem em cima e vai explicando sobre as diferentes paisagens formadas pela LH. A atividade constitui em fazer uma paisagem (rural, marítima ou urbana) utilizando os planos que foram ensinados nas aulas anteriores. A professora explica a posição dos elementos da paisagem (1º, 2º e 3º planos). Tentar dar a sensação de profundidade. O que está mais próximo? O que está mais longe? A professora orienta individualmente. Utiliza dois livros de Artes e mostra paisagens com linhas do horizonte em diferentes posições. Entre uma explicação e outra a professora comenta sobre a reunião de HTPC anterior. Menciona que a diretora ganhou um livro de jogos e pediu para que as professoras de Artes além dos conteúdos programados incluíssem alguns jogos nas aulas. Mostrou-me algumas folhas de xérox onde os jogos são explicados. Parecia um pouco incomodada.

OBSERVAÇÃO GERAL: A aula foi tranquila e a professora orientou os alunos de maneira calma, levando-os a observar as diferentes posições da linha do horizonte.

OBSERVAÇÕES – Prof^a B – Aulas 20 e 21
DIA: 27-03-08**1^a B****ESTRATÉGIA: Aula Expositiva e Desenho na Lousa****MATERIAL INSTRUCIONAL: Utiliza a lousa e giz colorido, livros de arte.**

A aula de hoje começa com uma história de Joan Miro (Espanhol). Conta história que Miro levava a irmã pequena na escola e ela chorava muito. Miró acabava ficando na escola para a irmã não chorar. Ficava olhando e via os desenhos das crianças e viu que sabia desenhar como elas. Voltava para casa e fazia alguns quadros. Quando teve uma exposição ele levou os quadros e vendeu quase tudo. Sempre incluía nas telas um olho e um sol. Ele usava as linhas de diversas formas. As crianças ouviram atentas e algumas vezes interrompiam a professora para fazerem alguns comentários.

Depois desta explicação a professora começa a falar de outro pintor: Mondrian. Explica que era professor de desenho geométrico e fazia quadros com estas formas usando as três cores primárias. A professora explica com delicadeza as histórias. A professora deixa os alunos se expressarem por meio de comentários. Pede para dividirem a folha ao meio. Escrevem em cima na 1^a. metade Miró e na 2^a. metade superior escrevem: Mondrian. Pede para pegarem quatro cores de lápis (vermelho, amarelo, azul e preto) e fazerem o fundo com as três primeiras cores e com o lápis azul, o desenho. O outro lado deve fazer figuras geométricas (linhas retas com contorno preto) e pintar com lápis de cor azul, amarelo e vermelho.

A professora avalia os trabalhos de carteira em carteira e faz alguns comentários em voz alta: “olha este aqui, entendeu bem”, “este precisa forçar mais o lápis”, “este parece Miro mesmo”. Comenta comigo em particular sobre um aluno que senta na frente. É um menino que não para sentado e a professora de sala interrompe o assunto e menciona que descobriu que ele é adotado e os pais não “ligam muito para ele”. O incrível é que a professora de artes diz que os trabalhos dele são excelentes. Dirige-se ao aluno e levanta seu caderno e me mostra. Ficou muito bom.

OBSERVAÇÃO GERAL: Achei a primeira parte da aula um pouco longa e as crianças dispersaram um pouco. Sobrou pouco tempo para a atividade no caderno. Considero ser difícil dividir o tempo entre a explicação e a atividade propriamente dita. Alguns alunos conseguiram concluir, mas grande parte não.

OBSERVAÇÕES – Prof^a B – Aula 22**DIA: 27-03-08****2^a A****ESTRATÉGIA: Aula Expositiva e Desenho na Lousa****MATERIAL INSTRUCIONAL: Utiliza a lousa e giz colorido, livros de arte. Aula de Planos.**

Explicação sobre planos. A professora pede para os alunos virem à frente da sala e distribui alunos em diferentes posições. Explica que está mais próximo está no primeiro plano, depois o 2º., 3º. e 4º. planos. Desenha na lousa em olho e explica que o que está mais perto aparece maior aos nossos olhos. Explica sobre o ponto de fuga e Linha do Horizonte. Faz desenho na lousa de seis barcos em planos diferentes. Pede para os alunos virem à lousa e enumerarem os planos dos barcos. Apaga a linha do horizonte e o ponto de fuga. Atividade: fazer a margem, escolher um elemento e repeti-lo várias vezes. Desenhar a linha do horizonte e o ponto de fuga. Explica que devem repetir o mesmo elemento escolhido. Criar sete planos. A professora vai de carteira em carteira orientando o tamanho dos desenhos. Quanto mais longe, menor. Alguns alunos fazem o elemento do tamanho errado. Pede para apagarem explica. Dá tempo para terminarem. Em outra folha pede para desenharem uma casa, duas árvores, duas nuvens, um sol, distribuídos em seis planos diferentes. A professora dá exemplos na lousa com outros objetos para entenderem. Os alunos começam a fazer, mas a maioria não consegue concluir.

OBSERVAÇÃO GERAL: Gostei muito da explicação sobre os planos. O desenho na lousa ficou bem didático e pude perceber bem os diferentes planos. Parece que a maioria dos alunos entendeu.

OBSERVAÇÕES – Prof^a B – Aulas 23 e 24**DIA: 03-04-08****1^a A****ESTRATÉGIA: Aula Expositiva e Desenho na Lousa****MATERIAL INSTRUCIONAL: Utiliza a lousa e giz colorido, revistas de Arte.**

A professora mostra por meio de revista de Artes o trabalho de Joan Miro. Pede para que os alunos coloquem no suporte da lousa (lugar onde se coloca o giz) os cadernos com a atividade anterior (desenhos com fundo azul, amarelo e vermelho e contorno preto). Pede para cada

fileira se levantar e olhar os trabalhos dos colegas. A professora faz isso com toda a classe. Espera com paciência. Uma aluna traz uma tela pintada de casa pelo irmão e a professora mostra para os alunos. Explica o que é elemento e o que é composição. Desenha na lousa e faz vários comentários. Explica o que é figura e o que é fundo. O fundo fica atrás da figura. Continua a explicação com Arte Abstrata (arte que permite a interpretação- feita com formas geométricas e mistura de cores). Arte Figurativa- feita com figuras conhecidas. Propõe a atividade: Dividir a folha ao meio e fazer uma arte abstrata e outra figurativa. Diz que este desenho vai valer nota. Na arte figurativa, o fundo deve ser pintado de uma só cor. Faço algumas perguntas informais quando a professora se aproxima de mim. Ela me explica que a avaliação será feita pelo capricho, grau de entendimento do conteúdo e pedido e pela aparência da margem. Ela está insistindo na margem para que entendam que é neste espaço que podem trabalhar. Alguns alunos não conseguem utilizar a régua, fazem as atividades de cabeça para baixo, etc. Pergunto como ela estabelece as notas e ela me diz que na primeira série nunca atribui nota inferior a seis. Sabe que eles são pequenos e que estão aprendendo. Alguns têm mais facilidade, outros não, mas têm aqueles que não gostam mesmo. As crianças realizam o desenho figurativo com entendimento, mas na parte abstrata sentem dificuldades e a grande maioria desenha elementos conhecidos como robô, caminhão, flores. A professora comenta comigo que eles têm dificuldades em entender o que é abstrato.

OBSERVAÇÃO GERAL: Esta aula foi muito importante para mim, pois a professora de maneira informal começou a me contar como realiza as avaliações. Senti que a preocupação com a estética ainda é muito forte. O resultado final é o que fica registrado. Embora o processo seja acompanhado de perto, não faz relatórios sobre as atividades. Algumas atividades serão avaliadas, mas os critérios a serem utilizados ainda não estão claros.

OBSERVAÇÕES – Prof^a B – Aulas 25 e 26

DIA: 03-04-08

2^a A

ESTRATÉGIA: Aula Expositiva e Desenho na Lousa

MATERIAL INSTRUCIONAL: Utiliza a lousa e giz colorido, livros de arte

A professora ensina a fazer a margem para quem tem dificuldade. Explica na lousa por meio de desenhos objetos bidimensionais (altura e largura) e tridimensionais (altura, largura e

profundidade). Explica e fornece exemplos (time de futebol quando é campeão duas vezes é bicampeão) e cubo de gelo (tridimensional), figuras do álbum (Harry Potter) em 3 D. Faz desenhos utilizando a figura do quadrado, depois o retângulo e o triângulo. Formam desenhos como paralelepípedo e pirâmide. Explica a espiral (de um jogo). Se mirar no centro vai errar, pois a imagem se movimenta. Menciona a Art Pop (a arte que se movimenta). A atividade é copiar os desenhos feitos na lousa. A proposta desta aula é entender que arte não é apenas bidimensional, mas pode ser tridimensional.

OBSERVAÇÃO GERAL: A professora me explicou que a diretora pediu que explicasse aos alunos sobre estas questões de bidimensional e tridimensional, pois os alunos de 2ª e 3ª. séries erraram algumas questões do SARESP por não terem estes conceitos bem esclarecidos.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aula 27

DIA: 04-04-08

4ª A

ESTRATÉGIA: Aula Expositiva e Desenho na Lousa

MATERIAL INSTRUCIONAL: Utiliza a lousa e giz colorido.

Professora calmamente dá instruções para realização da atividade que será realizada na próxima aula. Pede para fazerem alguns desenhos das roupas que serão utilizadas para vestir o boneco que farão de jornal. Os alunos desenharam e discutem o tipo de roupa entre eles. Fazem acessórios como relógios, pulseiras, bonés e sapatos de diferentes formatos e cores.

OBSERVAÇÃO GERAL: A aula foi meio improvisada porque não trouxeram o jornal para começarem a construir o boneco. A professora enfatizou a importância de não esquecerem o material porque do contrário ficarão atrasados em relação às outras turmas.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aulas 28 e 29

DIA: 04-04-08

2ª C

ESTRATÉGIA: História contada.

MATERIAL INSTRUCIONAL: Papel sulfite

A professora inicia a aula distribuindo uma folha de sulfite branca e passa a contar uma história. Pede para os alunos fazerem uma dobradura de chapéu e vai orientando nas dobras.

Explica passo a passo. Acompanha nas carteiras o andamento. Alguns têm dificuldades. Ela ajuda. Continua a história, fazem outras dobras diminuindo o chapéu. Continua a história e fazem do chapéu, um barco. Nesta sala tem um aluno com deficiência visual. A professora orienta com cuidado e embora ele não enxergue consegue fazer com a orientação e intervenção da professora. Pede para cortarem as laterais e o bico do barquinho. Abre o barquinho e formam duas camisetas. Cortam na linha dos ombros e separam as camisetas. Pede para pintarem e colarem no caderno. Os alunos sentiram dificuldades nas dobras.

OBSERVAÇÃO GERAL: A dobradura foi feita com uma história. Virou um chapéu, chapéu menor, barco e duas camisetas. Achei interessante, mas não entendi muito bem o porquê da atividade. Talvez por não ter o plano pedagógico em minhas mãos...Achei a atividade meio desconectada com as atividades anteriores.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aulas 30 e 31

DIA: 04-04-08

2^a B

ESTRATÉGIA: História contada.

MATERIAL INSTRUCIONAL: Papel sulfite

A professora repete a aula anterior. Teve que interromper várias vezes para chamar a atenção dos alunos. Esta turma está inquieta e falante. Percebo que apesar das conversas paralelas e brincadeiras parecem mais espertos que a turma anterior. Os alunos acompanham bem a atividade e poucas vezes a professora precisa repetir a explicação. Concluem o trabalho de dobradura a passam a pintar e colar no caderno.

OBSERVAÇÃO GERAL: De maneira em geral, a professora conduziu bem a atividade. Em alguns momentos chamou atenção de forma enérgica, mas imediatamente passava a falar de maneira calma. Esta professora parece ser muito equilibrada.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aula 32

DIA: 07-04-08

4^a A

ESTRATÉGIA: Aula Expositiva

MATERIAL INSTRUCIONAL: Jornal , cola e fita crepe.

Nesta aula os alunos vão ter terminar um boneco de jornal. A turma é dividida em grupos de quatro alunos. A professora se dirige de grupo em grupo e orienta na confecção. Os alunos

estão fazendo os braços e pernas. A cabeça e o tronco já foram feitos nas aulas anteriores. Todos trabalham conversando. A professora tira dúvidas quanto à montagem. Os alunos vão concluindo o boneco até o final da aula. Na frente da sala, a professora observa alguns grupos e deixa que eles mesmos tentem resolver as dificuldades. Quando é solicitada ajuda na montagem. Alguns alunos insistem em colar as pernas com cola o que dificulta a secagem. Quando percebem que vai demorar muito pedem fita crepe emprestado e utilizam na montagem. A montagem do boneco é finalizada. Agora vão levar para casa e cobri-lo com papel higiênico ou papel toalha com cola. Trarão na próxima aula para a pintura e colocar a vestimenta. A professora solicitou que arrumassem a sala e carteiras.

OBSERVAÇÃO GERAL: Nesta aula fiquei com muita vontade de ajudar. Via os alunos com dificuldades, mas percebi que a professora os deixava resolvê-las. Considero importante este aprendizado. Estas experiências são importantes para que a aprendizagem ocorra.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aulas 33 e 34

DIA: 07-04-08

3^a B

ESTRATÉGIA: Aula Expositiva

MATERIAL INSTRUCIONAL: Livros de Arte, lousa e giz.

A professora tem dificuldade para falar. Os alunos estão falantes demais. A professora efetiva da sala tirou licença e a sala está com uma professora substituta. Os alunos estão totalmente inquietos. Conversam o tempo todo e a professora de artes pede várias vezes para que ouçam e prestem atenção. Mostra um livro sobre o que está atrás e o que está frente. Desenha na lousa, distribui um papel colorido e um branco. Pedem para dobrarem ao meio, recortarem e dobrem ao meio novamente. Devem desenhar um losango na folha colorida e branca e coloquem em posições alternadas (colocar o colorido no branco e o branco no colorido). Em outra folha devem desenhar um retângulo e um círculo grande dentro. Dentro do retângulo fazer linhas onduladas e dentro do círculo, linhas retas. As linhas onduladas dão a sensação de movimento (explicação da professora). Destaca o que é elemento (figura) e o que é fundo.

OBSERVAÇÃO GERAL: Esta aula foi bem tumultuada e pude perceber a diferença dos alunos em relação à professora. É como um carro sem motorista em movimento. A professora de artes ficou desgastada e comentou que é difícil quando uma professora tira licença e vem uma substituta.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aulas 35 e 36**DIA: 07-04-08****1^a B****ESTRATÉGIA: Aula Expositiva****MATERIAL INSTRUCIONAL: Figuras geométricas.**

A professora explica sobre as formas geométricas (círculo, triângulo, quadrado e retângulo). Os alunos já recortaram as formas. A professora levanta questões e pede sugestões sobre “coisas ou objetos” que possuem estas formas. Os alunos participam dando exemplos. Pede para desenharem estes objetos nos cadernos. Em outra folha usam as formas coloridas pintando com giz de cera deitado formando uma composição abstrata. Em outra folha colam as formas geométricas e pintam o fundo. Dois alunos tinham faltado na aula anterior e não tinham as formas. A professora orienta para que façam e coleem na folha, concluindo a atividade.

A professora distribui uma folha com 2 Tangran. Eles começam a pintar e preparar para a próxima aula.

OBSERVAÇÃO GERAL: A aula foi tranquila e a professora pode agir com serenidade. Acompanhou bem a atividade e pode explicar bem sobre uma composição abstrata. Deixou os alunos construírem suas composições livremente.

OBSERVAÇÕES – Prof^a B – Aulas 37 e 38**DIA: 11-04-08****1^a B****ESTRATÉGIA: Aula Expositiva****MATERIAL INSTRUCIONAL:** lousa, giz, tesoura e papel sulfite.

A professora fala sobre os 100 anos da imigração japonesa. Fornece vários exemplos desse povo especial. Distribui uma folha de papel sulfite. Transforma essa folha em um quadrado. Corta o excesso. Dobra ao meio (retângulo). Dobra novamente ao meio (quadrado). Dobra ao meio formando um triângulo. Cortar as beiradas formando formas geométricas. Quando abrir fica um papel rendado. A professora explica e faz calmamente os recortes para que os alunos vejam. Vai de carteira em carteira e orienta. Pede para colarem no caderno o “molde” (folha em branco) e pede para desenharem a sequência de dobras no canto inferior do caderno para

depois “dar a nota”. A professora dá visto nos cadernos de carteira em carteira. Os alunos completam a atividade surpresos com o resultado.

OBSERVAÇÃO GERAL: Eu perguntei à professora como ela avalia seus alunos. Enquanto os alunos faziam a atividade, ela me disse que utilizava como instrumentos de avaliação o caderno (se estava completo, caprichado, com os desenhos bem pintados, recortes), o desenvolvimento da criança durante as aulas e uma ou duas atividades que escolhe de forma específica para dar uma nota. Disse de maneira informal que dificilmente atribui conceito menor que cinco (5,0). Existem alguns casos que por falta de disciplina e aliados aos instrumentos citados anteriormente, alguns alunos ficam com nota inferior a cinco (5,0). Essa conversa foi muito produtiva. Percebo que aos poucos, a professora começa a mencionar o que realmente é o foco da minha pesquisa, a avaliação.

OBSERVAÇÕES – Prof^a B – Aulas 39 e 40

DIA: 11-04-08

4^a D

ESTRATÉGIA: Aula Expositiva

MATERIAL INSTRUCIONAL: papel colorido, tesoura, giz de lousa

Na primeira aula a professora ensaiou o teatro do dia do índio e Tiradentes para a comemoração do dia 21/04. Os alunos ensaiaram um jogral que apresentava as características dos índios e sua contribuição para a colonização e desenvolvimento do Brasil. Na segunda aula a professora ensina a tecelagem praticada pelo índio. Os alunos devem riscar com lápis grafite, linhas verticais na folha colorida com distância de 1,5 cm. Recortar as tiras. Alguns alunos não levaram as folhas coloridas que a lista de material pedia no início do ano. A professora fica chateada com a falta de interesse dos alunos e pais por não terem providenciado os materiais. Alguns não têm régua, papel colorido, etc. Pede aos alunos que não tem folha colorida, arrancarem do caderno duas folhas e pintarem com cores diferentes. Depois que pintaram, riscaram e recortaram, ensina a trançarem as tiras como os indígenas tecem as cestas e balaios.

OBSERVAÇÃO GERAL: A professora ficou irritada com os alunos. Conversa com a professora efetiva da sala e diz que vai falar na reunião de pais sobre a necessidade de comprarem os materiais, pois, não são caros e duram todo o ano letivo. Tenta se explicar para mim e de maneira amigável, concordo com seu pensamento.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aula 41**DIA: 25-04-08****4^a B****ESTRATÉGIA: Aula Expositiva****MATERIAL INSTRUCIONAL:** caderno, tinta guache, pincel, água, lápis grafite.

A professora propôs como atividade pintura com guache. Os alunos estavam ansiosos para pintar. Forraram a carteira com jornal e dividiram a folha do caderno ao meio com uma linha vertical. Escreveram cores frias e cores complementares. Fizeram um desenho e começaram a pintar. Os alunos estavam eufóricos e o tempo de uma aula (50 minutos) não foi suficiente para concluírem a atividade. A professora pediu para levarem o caderno para casa e terminarem a pintura.

OBSERVAÇÃO GERAL: A aula foi um pouco tumultuada, pois os alunos estavam muito falantes e devido a conversas paralelas não conseguiram concluir. A professora insistiu para que guardassem o material, limpassem o pincel, jogassem a água fora. Depois de muita reclamação (positiva) arrumaram a sala. A professora me explicou em particular que ficam muito excitados quando usam tinta guache. Esta não é uma atividade freqüente porque as carteiras, sala, não são específicas para a utilização deste material.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aulas 42 e 43**DIA: 07-04-08****2^a B****ESTRATÉGIA: Aula Expositiva****MATERIAL INSTRUCIONAL: Avaliação Bimestral**

A professora, para minha surpresa, começa a aula dizendo que “a aula de hoje será uma avaliação bimestral”. A prova contém os seguintes itens:

- 1- Fazer o chapéu, o barco e a camiseta com o desenho do rosto de uma criança.
- 2- Fazer a toalhinha rendada.
- 3- Desenhar uma cesta de pesca ou bolsa trançada e pintar.

Os alunos copiaram estes itens em uma folha de papel sulfite e fizeram item por item. Muitos alunos tinham esquecido como fazer a dobradura e a professora fez novamente para que pudessem lembrar. Muitos me pediam para ensinar a dobradura e, com a permissão da professora dei algumas ajudas. Alguns ficaram atrasados. Enquanto faziam as atividades, a

professora deu nota nos cadernos (valor de zero a dez). Alguns terminaram a tempo e poucos entregaram sem terminar.

OBSERVAÇÃO GERAL: Durante o intervalo do lanche, perguntei para a professora como ela faria a avaliação. Ela me disse que era a primeira vez que dava uma prova para eles. Queria ver ou testar se tinham aprendido. Me disse que os cadernos também seriam outro instrumento de avaliação. E por fim, daria uma nota para o aluno como um todo, seu desenvolvimento, comportamento, dedicação. Todos estes itens valeriam de zero a dez e depois seriam somados e calculados a média.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aulas 44 e 45

DIA: 25-04-08

2^a B

ESTRATÉGIA: Aula Expositiva

MATERIAL INSTRUCIONAL: Avaliação Bimestral

A professora deu a mesma prova para esta sala. Pediu para que eu a ajudasse com as crianças. Esta sala terminou mais rápido. Somente alguns ficaram até o final da aula para concluir. A professora deu nota nos cadernos enquanto faziam a prova. A aula foi tranquila.

OBSERVAÇÃO GERAL: A professora pediu para os alunos, caso tivessem alguma dúvida, “pergunte para a professora Marisa”. Achei interessante esta atitude. Confesso dizer que me confortou um pouco. Começo a pensar que está me vendo como uma extensão. Procuo não interferir nas aulas e observar com certa distância os procedimentos nas aulas.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aula 46

DIA: 05-05-08

4^a A

ESTRATÉGIA: Aula Expositiva

A professora começa a aula dando aos alunos uma baianinha mimeografada para que pintassem. Colaram em um papel cartonado, recortaram e amarraram um pano de prato que trouxeram de casa formando o turbante e vestido da baianinha. Este será o presente do dia das mães. Todos os alunos trouxeram o pano e concluíram a tempo.

OBSERVAÇÃO GERAL: A professora efetiva ajudou para a conclusão do presente.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aulas 47 e 48**DIA: 05-05-08****3^a B****ESTRATÉGIA: Aula Expositiva**

A professora repete a atividade do presente. Esta sala é muito falante e estão muito agitados. A professora explica o que será feito, distribui as folhas e auxilia no recorte. Alguns alunos não trouxeram o pano de prato, a professora diz para terminarem a pintura e recorte, escreverem o nome atrás e pede para trazerem os panos amanhã que a professora efetiva ajudará na finalização do presente.

OBSERVAÇÃO GERAL: Nestas aulas onde a professora precisa fazer algo com data marcada de finalização e concomitantemente a agitação e excitação dos alunos, percebo um clima tenso por parte da professora. Seu semblante mostra-se preocupado e em alguns momentos diz algumas coisas entrelinhas, ou posso dizer que pensa em voz alta. Coisas como: “vamos ver o que acontece”, “será que vão gostar?”...

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aulas 49 e 50**DIA: 05-05-08****1^a B****ESTRATÉGIA: Aula Expositiva****MATERIAL INSTRUCIONAL:**

Nesta sala a professora efetiva já fez com os alunos uma borboleta que será o suporte do pano de prato. A professora de artes sugere a confecção de um cartão que acompanhará o presente. Traz alguns cortadores de papel em forma de corações, flores, folhas, etc. Pede para que eu a ajude a recortar os papéis coloridos. Distribui o material para as crianças e orienta na confecção do cartão. As crianças realizam a atividade com carinho e fazem comentários sobre o resultado e composição e distribuição dos recortes no cartão. A professora está calma e sugere algumas alterações nos cartões. Os alunos terminam e as professoras ficam satisfeitas com o resultado.

OBSERVAÇÃO GERAL: A professora mostrou-se calma, acho que pela atividade mais tranquila. Os presentes já estavam prontos e na verdade o que teria que fazer seria o complemento do presente, o cartão. Não recaía sobre ela o peso do presente em si. Seu semblante era outro, mais sereno, paciente.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aula 51**DIA: 12-05-08****4^a A****ESTRATÉGIA: Aula Expositiva****MATERIAL INSTRUCIONAL: Lousa e caderno de desenho**

A professora terá que montar (a pedido da diretora) uma cena de restaurante com pessoas (bonecos confeccionados anteriormente pelos alunos) e pratos de comida (esta semana o tema de estudo é sobre a alimentação saudável) para serem fotografados e enviados à diretoria de ensino. A professora fala com os alunos e pede para fazerem em casa e trazerem para a aula de quinta-feira (15/05). A professora passa na lousa o poema: Alimentos Saudáveis e pede para os alunos copiarem e fazerem uma ilustração sobre o texto.

Texto: Alimentos Saudáveis

Agora tomo cuidado

Com minha alimentação

Como pão com goiabada

Tomo leite quente

De manhã bem cedinho

No almoço é aquela festa

Com arroz e feijão.

Uma salada verde

Com folhas de agrião

Para beber,

Um delicioso suco de limão

De merenda,

Levo para a escola

Laranja, maçã, melão,

Banana ou mamão.

Tudo picadinho

Dentro de um potinho

Levo também ovo cozido,

Sanduíche e cenoura

Pro dentista lavou eu

Fazer a revisão

O dentista bem contente

Me diz com satisfação:

- Vejo que aprendeu

Uma importante lição:

Cuidando da alimentação

Terá muita saúde

E uma bela dentição.

OBSERVAÇÃO GERAL: A professora me contou sobre o que teria que dar como conteúdo nesta semana, no caminho para a sala de aula. Parecia contrariada e mencionou que durante o ano tem que interromper o planejamento várias vezes devido a pedidos da direção.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aulas 52 e 53

DIA: 12-05-08

3^a B

ESTRATÉGIA: Aula Expositiva

MATERIAL INSTRUCIONAL: lousa, caderno de desenho. A professora explica sobre o trabalho de alimentos saudáveis. Pede para os alunos e escreve na lousa o que deverão trazer para a próxima aula: alimentos feitos de massinha de modelar, argila, montando um prato, fruteira ou cesto com alimentos. A professora transcreve na lousa o texto para que os alunos copiem:

Texto: Alimentos de Fábrica

Fui ao dentista

Tive que parar

Quieto na cadeira

Com a boca bem aberta

Quase a tarde inteira

-Hi, encontrei uma cárie!

Exclamou o dentista, Com cara de preocupação.

-Vamos ter que arrumar,

Não vai demorar.

Quando ele terminou

Um discurso começou:

Para que seus dentes fiquem sempre bonitos

Você deve evitar

De comer: balas, pirulitos

Chicletes, bolachas

Doces, refrigerantes.

Deve escovar sempre

Muito bem os dentes.

Saí do dentista

Um pouco triste,

Afinal, deveria evitar

De comer o que mais gosto

Mas mamãe me aliviou

Quando me falou

Que se comesse

Só de vez em quando

Não haveria problemas

OBSERVAÇÃO GERAL: Quando a professora termina de passar o texto na lousa pede para os alunos fazerem uma ilustração do texto e explica sobre a importância de manter uma alimentação equilibrada com frutas, verduras, etc. Faz algumas perguntas a turma e eles respondem prontamente sobre hábitos alimentares. Reforça a idéia de que para ter uma dentição saudável não é bom ter o hábito de comer doces diariamente. Conversa com os alunos enquanto fazem os desenhos e faz algumas brincadeiras sobre ficar sem dentes, usar dentadura, etc. Vai de carteira em carteira comentando os desenhos. Reforça a tarefa: trazer alimentos feitos com massinha.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aulas 54 e 55

DIA: 12-05-08

1^a B

ESTRATÉGIA: Aula Expositiva

MATERIAL INSTRUCIONAL: Lousa, caderno de desenho, papel colorido, tesoura, cola.

Professora faz abordagens sobre alimentos, conversando com os alunos sobre alimentos saudáveis e não saudáveis. Conversa sobre as refeições: café da manhã (menciona os alimentos), almoço e jantar. Em seguida ao bate-papo, pede para os alunos fazerem desenhos

de sua alimentação diária. Escreveram na folha: Alimentação e começaram a desenhar em papel colorido. A professora deu sugestões: caixa de leite, frutas, suco, etc. Recortaram e colaram no caderno de desenho.

OBSERVAÇÃO GERAL: A aula foi tranquila e a professora ouviu com paciência os comentários dos alunos. Todos queriam falar. Foi solicitado que levantassem a mão e a professora foi chamando um de cada vez. Em um momento, a professora me mostrou um aluno que tinha dificuldade em recortar e comentou sobre seu comportamento desorganizado com os materiais. Neste comentário pude perceber um olhar mais direcionado ou posso dizer, avaliativo. Aos poucos os comentários vão surgindo de maneira informal. Estou atenta aos detalhes e ao comportamento professor/aluno.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aulas 56 e 57

DIA: 19/05/2008

4^a A

ESTRATÉGIA: Aula Expositiva

MATERIAL INSTRUCIONAL: A professora iniciou a aula dando explicações sobre o Projeto: “Olhando para minha cidade” que será desenvolvido com as 4^{as} séries. Inicia fazendo perguntas sobre o trajeto escola/casa dos alunos. Por onde passam? Têm árvores? Pessoas? Pontes? Viadutos? Etc. Os alunos respondiam. Todos queriam falar. Depois de ouvir os comentários, pediu para as crianças fazerem este trajeto no caderno de desenho com lápis grafite e depois pintar com lápis de cor.

OBSERVAÇÃO GERAL: A professora comentou comigo enquanto desenhavam que não ia aprofundar muito no assunto, pois muitos alunos faltaram neste dia devido à reunião de pais que ocorreria às 10h.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aulas 58 e 59

DIA: 19/05/2008

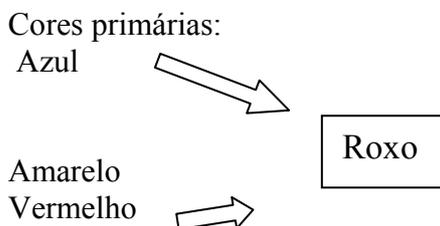
3^a B

ESTRATÉGIA: Aula Expositiva

MATERIAL INSTRUCIONAL:

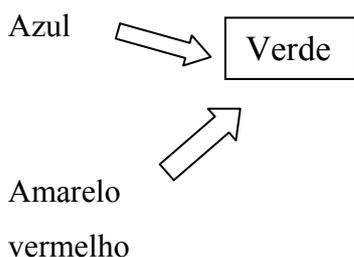
A professora quando chegou na sala de aula encontrou os alunos pintando a capa da avaliação de Português que a professora de sala deu. Disse que poderiam terminar de pintar enquanto fazia a chamada. Feito isso, os alunos formaram grupos de quatro, juntando as carteiras.

Forraram as mesas com jornal. Antes da atividade a professora deu explicações sobre as cores complementares e escreveu na lousa como estas cores eram obtidas. Exemplo:



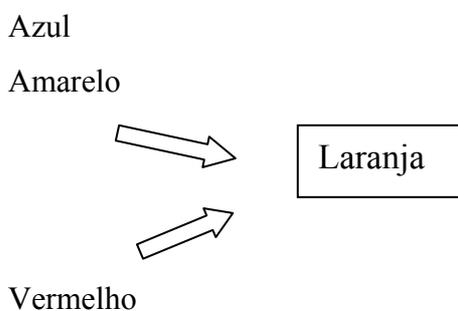
Perguntava em seguida: Qual cor não entrou na mistura? Os alunos respondiam: o amarelo. A professora dizia: “Então o amarelo é complementar do roxo”.

Continuava a explicação:



Perguntava em seguida: Qual cor não entrou na mistura? Os alunos respondiam: o vermelho. A professora dizia: “Então o vermelho é complementar do verde”.

Continuava a explicação:



Perguntava em seguida: Qual cor não entrou na mistura? Os alunos respondiam: o azul. A professora dizia: “Então o azul é complementar do laranja”.

Depois da explicação, pediu para os alunos realizarem uma pintura com as duas cores (uma complementar e a primária correspondente).

OBSERVAÇÃO GERAL: A aula foi muito produtiva. Os alunos estavam muito eufóricos em usar tinta guache. Fizeram a pintura no caderno de desenho e a professora pediu que colocassem o caderno em algumas carteiras vazias no fundo da sala para secar. Alguns alunos seguiram a orientação da professora, outros tentaram de maneira discreta, misturar outras tintas para descobrirem a cor resultante. A professora enfatizava a proposta da aula (pintar com as cores complementares), mas a curiosidade e euforia em trabalhar com tinta guache foi difícil de ser vencida. A professora ia de grupo em grupo orientando. Ela me disse: “É difícil para eles, pois trabalho poucas vezes com tinta guache. Esta sala não é apropriada e eles costumam fazer muita sujeira, derrubando água ou tinta. A professora da sala não gosta muito... mas paciência. Depois a gente deixa tudo arrumada para ela”. Concordei e ajudei a arrumar a sala.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aula 60

DIA: 26/05

4^a A

ESTRATÉGIA: Aula Expositiva

A professora retoma o projeto sobre a cidade de Faz comentários sobre a conversa que teve com os alunos na última aula. Pede para observarem o trajeto que fazem costumeiramente para virem até a escola. A professora pede para os alunos copiarem o questionário que deverão responder em casa e desenhar. Escreve na lousa:

“Olhando para minha cidade”

- 1- No trajeto que você realiza todos os dias, existem árvores? Como elas são? Suas copas são todas iguais? Os tons de verdes são sempre os mesmos? Costumam florescer? Quando? Dão frutos? Quais? Estão isoladas ou agrupadas com outras árvores? Ficam ao longo das calçadas? Enroscam-se em fios elétricos? Muros? Telhados de casas? Alguém cuida delas?
- 2- Existem muitas praças/jardins no seu bairro? E na sua cidade? Qual a mais bonita para você? Por quê? São bem cuidadas? Existem flores? São todas iguais? E animais? Quais? Você sabe que insetos? bichos habitam estes jardins e praças?

- 3- Como são as pessoas que você encontra pelos caminhos? O que elas fazem? São alegres? Tristes? Baixas? Novas? Apressadas? Como se vestem?
- 4- Você encontra animais no seu percurso? Quais são? Como são? Eles têm dono? Vivem soltos? São animais de estimação? São pequenos, grandes? Ferozes?
- 5- O que há mais no seu bairro/cidade? Rios?Pontes? Viadutos? Escadarias? Sítios? Praias? Velas? Fábricas? Parques?Cachoeiras?

Após colocar tudo na lousa a professora explicou os itens para que os alunos pudessem responder e fazer este relatório e desenhos.

MATERIAL INSTRUCIONAL: lousa, giz.

OBSERVAÇÃO GERAL: A professora deu as instruções dando vários exemplos e chamando a atenção para as particularidades da professora. Os alunos copiaram e disseram que iriam responder o questionário em casa para aproxima aula.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aulas 61 e 62

DIA: 26/05

3^a B

ESTRATÉGIA: Aula Expositiva

MATERIAL INSTRUCIONAL:

A professora explicou sobre a bandinha. Como será. Escolherá dentre os alunos da sala os que tocarem dentro do ritmo. Aproximadamente cinco alunos de cada sala.

Os alunos ficaram eufóricos e conversaram entre eles sobre o que sabiam tocar. Uns diziam: “eu sei tocar pandeiro”, “eu sei tocar teclado”, “eu sei tocar flauta”..... A professora chama a atenção sobre a conversa. Explica o que é a bandinha rítmica. Só faz o acompanhamento. São usados os instrumentos de percussão. Explica que a voz humana foi o primeiro instrumento utilizado pelos homens das cavernas para produzirem som. Dá várias explicações (exemplos) sobre ritmo, batidas. Fala sobre as batidas do nosso coração, ritmo quando andamos (nosso corpo), baterias que tocam no carnaval, etc.

Escreve na lousa: Música

Melodia: é uma sucessão de notas musicais cantadas ou tocadas com o auxílio de um instrumento.

Harmonia: é um conjunto de notas musicais tocadas ao mesmo tempo.

Timbre: é a qualidade do som (do instrumento ou voz).

Ritmo: é a pulsação (marcação da música).

Intensidade: som forte, fraco, meio forte.

Altura: grave, agudo, médio.

Duração: rápido, lento, ralentando, crescendo.

Tipos de ritmo: samba, valsa, rock, pagode, bolero, tango, marcha, polca, etc.

Exercícios Rítmicos

- 1) ABCD
- 2) A — C—
- 3) AB — —
- 4) A—CD
- 5) — BCD
- 6) A— — —
- 7) — — — D
- 8) — B — D
- 9) ABC—
- 10)—BC—
- 11)— —CD

Depois que escreve estes dizeres na lousa explicou como os exercícios seriam feitos. Eles deveriam bater as palmas das mãos. Onde aparece a letra- palmas, onde tem o traço- silêncio. A professora conduz a sala, contando de 1 a 4 (dando o tempo).

Alguns alunos têm muita dificuldade. A professora corrige e orienta. Tenta várias vezes. Diz para os alunos olharem para a lousa e não para ela. A aula termina com muita empolgação.

OBSERVAÇÃO GERAL: Esta aula foi muito boa. Os alunos ficaram muito contentes com os exercícios e realizaram-nos com muita atenção. Esta sala é muito falante, mas no momento dos exercícios ficaram concentrados para não errarem. Quando um colega batia as mãos em momento errado, logo o corrigiam e diziam: “você bateu errado”, “foi o que errou”. A professora pediu para treinarem em casa. Em alguns momentos a professora sorria em ver a atitude deles.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aulas 63 e 64

DIA: 26/05

1^a B

ESTRATÉGIA: Aula Expositiva

MATERIAL INSTRUCIONAL:

A professora explica sobre as cores primárias (amarelo, azul, vermelho) e cores secundárias (verde, laranja, roxo). Distribui o material: tinta guache, água em copo descartável, jornal para forrar a carteira. Explica para pintarem com estas cores e experimentarem fazer as misturas, no caderno de desenho.

OBSERVAÇÃO GERAL: As crianças observam a explicação da professora com atenção. Estão ansiosos para utilizarem a tinta. Fazem pinturas de paisagens, mar, sol, utilizando as cores primárias e realizando as misturas sugeridas. Fazem bem devagar, observando sempre o que o amigo do lado está fazendo. A professora explica sobre como utilizar a tinta, lavando sempre o pincel antes de misturar outra cor. Alguns não ouvem e misturam. A professora torna explicar dizendo que “precisam aprender a utilizar os materiais de forma correta, senão não dá para trabalhar com tinta”.

A aula foi cheia de descobertas. As misturas de cores iam aparecendo e os alunos me chamavam para ver. A aula terminou no tempo previsto e ao final todos ajudaram a guardar as tintas, lavar os pincéis, ir jogar a água fora no tanque do pátio, etc. A sala ficou em ordem.

OBSERVAÇÕES – Prof^a B – Aulas 65 e 66

DIA: 30/05

3^a A

ESTRATÉGIA: Aula Expositiva

MATERIAL INSTRUCIONAL:

A professora comenta com os alunos sobre a festa junina e explica o que os alunos devem trazer na próxima aula. Escreve na lousa os materiais que serão utilizados:

-2 folhas de papel cartonado colorido

-1 folha de papel crepom

-cola e tesoura

- 2 palitos para churrasco

Feita esta primeira explicação, começa definitivamente a aula com o assunto História em quadrinhos. Faz um histórico muito explicativo sobre a origem da HQ (História em quadrinhos), Walt Disney. Fala sobre a vida deste homem tão famoso e da criação de seus desenhos (Mickey, Pato Donald, Gasparzinho e outros). Explica sobre os filmes que criou, o estúdio que existe nos E.U.A, etc. Depois da explicação, ouve perguntas e comentários dos alunos. Explica sobre Maurício de Souza no Brasil e sobre a criação de seus personagens

(Cebolinha, Mônica, Magali, Cascão, Chico Bento). Pede para pensarem em um personagem que não existe e que gostariam de inventar. Pediu para dividirem a folha do caderno de desenho em seis quadrados iguais e que desenhassem no primeiro quadrado o personagem que pensaram. Nos quadrados seguintes deveriam desenhar uma história com este personagem e pintarem os desenhos. Este trabalho seria uma avaliação para eles.

Muitos alunos não conseguiam fazer o desenho e a professora explicou na lousa o esquema de um corpo de menino que denominou de “homem linguixa”. Aos poucos vão conseguindo fazer com a ajuda desse esquema. Iam levando para a professora ver e em alguns momentos a professora corrigia com o lápis.

OBSERVAÇÃO GERAL: De maneira geral, a professora forneceu uma base teórica bem completa sobre HQ. Falou de maneira clara e prendeu bem a atenção dos alunos. No momento de fazerem os desenhos a professora rapidamente interferiu e deu explicações para que pudessem efetuar a atividade. Enquanto realizavam o desenho dirigiu-se até o fundo da sala e conversou comigo dizendo que conheceu os estúdios do Walt Disney e que tem uma prima que trabalha nos estúdios Hanna Barbera (que são sobrinhos do Walt Disney). Conversou um pouco com a professora de sala sobre assuntos da infância (se conhecem há muitos anos). Ouvi mas não interferei em nada.

OBSERVAÇÕES – Prof^a B – Aulas 67 e 68

DIA: 30/05

4^a D

ESTRATÉGIA: Aula Expositiva

MATERIAL INSTRUCIONAL:

A professora fala sobre a festa junina e a necessidade de trazerem prendas para a festa. A professora titular reforça o pedido dizendo ... “que sem prenda não haverá graça. As barracas precisam de prendas e o Estado não dá estes itens. Os pais precisam colaborar, pois a festa é de nossa.”

A professora de artes passa na lousa o material que será utilizado para a confecção das flores. Os alunos copiam na agenda.

Terminado estas explicações a professora começa a explicar sobre o projeto de Escreve na lousa alguns itens que deverão ser pesquisados pelos alunos:

- história da cidade

-cotidiano da cidade – trazerem 3 fotos (garis varrendo rua, crianças indo para a escola, pessoas entrando no ônibus, motoqueiros, etc).

-casas antigas- 3 fotos

-autoridades/personalidades (fazer uma entrevista com alguém que ocupa um cargo de destaque: diretor de escola, delegado, artista, vereador, radialista; com 5 perguntas e respostas).

OBSERVAÇÃO GERAL: A aula foi muito tranquila e os alunos a medida que a professora falava, iam comentando pormenores sobre a cidade, lugares e pessoas que conheciam. Formaram entre eles grupos para realizarem o trabalho. Anotaram todos os itens e prometeram pesquisar.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aula 69

DIA: 02/06

4^a A

ESTRATÉGIA: Aula Expositiva

MATERIAL INSTRUCIONAL:

A professora pede para os alunos mostrarem suas produções (tarefa) sobre a cidade de Somente alguns alunos fizeram os desenhos de arvores. Os outros esqueceram em casa e outros não fizeram. A professora demonstra seu desapontamento dizendo que “desse jeito como vão fazer a exposição dos trabalhos? Onde está a responsabilidade? Como vamos ficar conhecendo nossa cidade se vocês não fizerem a pesquisa?” Os alunos prometem trazer na próxima aula. Coloca os desenhos que foram feitos presos com fita crepe na lousa e comenta um a um. Chama atenção para o tipo de arvores, formas, cores. Diz: “vejam a variedade das formas e cores. Como são diferentes! Por que todo mundo quando vai desenhar faz a arvore do mesmo jeito? Vocês precisam aprender a observar mais para poderem melhorar o desenho”.

Devolve os desenhos, depois dos comentários. Pede para guardarem no armário da sala.

Escreve na lousa para os alunos copiarem e pensarem:

“De tudo que viu, o que mais chamou sua atenção, do que mais gostou e do menos gostou.”

OBSERVAÇÃO GERAL: A professora ficou muito desapontada com os poucos trabalhos apresentados e chamou a atenção com seriedade. Mostro o valor da responsabilidade em cumprir com a tarefa escolar.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aulas 70 e 71**DIA: 02/06****3^a B****ESTRATÉGIA: Aula Expositiva****MATERIAL INSTRUCIONAL: lousa**

A professora explica sobre o ritmo e repete o exercício de palmas com toda a sala. Depois repete o exercício de fileira em fileira. Apresenta os instrumentos musicais. Escreve o nome na lousa e faz um desenho correspondente. Faz isso com os instrumentos: pandeiro sem pele, pandeiro com pele, tamborim, chocalho, ganzá, pratos, reco-reco, agogô, triângulo, guizos, colher, platinela, castanhola, sininho e coco.

Em sequencia explica sobre notação musical.

a) A — — — (símbolo musical)

1 2 3 4

○ 4 tempos = semibreve



d d 2 tempos = mínima



Semínima = 1 tempo

OBSERVAÇÃO GERAL: A aula foi muito interessante. As crianças acompanharam com dificuldade. Confesso que para mim foi tudo novidade, pois não possuo formação em música. Esta professora é formada em música e pude notar que domina o assunto com muita facilidade. Ao final ela me perguntou o que achei da aula e respondi que gostei muito e estou aprendendo bastante. Ela sorriu e disse compreender a dificuldade em entender a sequencia das marcações. Comentou que algumas crianças nunca entenderão. Perguntei por quê? Ela me respondeu que música é pura matemática. Fiquei pensando.... e acho que entendi porque tenho dificuldade em entender música.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aulas 72 e 73**DIA: 02/06****1^a B****ESTRATÉGIA: Aula Expositiva****MATERIAL INSTRUCIONAL:** vídeo, fita VHS, TV

Hoje a professora começa com as 1^{as} séries o Projeto Alice no país das Maravilhas. Este projeto faz parte de uma capacitação que a Secretaria do Estado de São Paulo realizou. Explica inicialmente sobre o filme e pediu aos alunos para que prestassem bastante atenção nas cenas de dança, música, nos personagens esquisitos que iriam assistir. Na sala de aula tem uma TV com vídeo fixado acima da lousa em um suporte de ferro (caixa) que fica trancado com cadeado. A professora abre, coloca a fita, liga a TV e o filme começa. As crianças prestam muita atenção nas cenas. Pedem para apagar a luz, mas a professora diz que se apagar a luz eles vão dormir. As crianças riem. Em determinado momento, para o filme e faz algumas perguntas para as crianças. “Que personagens esquisitos vocês viram?, Eles estão dançando? Quais os movimentos que fazem? Em que lugares estão?”As crianças iam respondendo conforme ela perguntava. A professora encerra a aula sem terminar o filme. Desliga o vídeo e TV e diz que terminarão de assistir na próxima aula.

OBSERVAÇÃO GERAL: As crianças gostaram muito de assistir o filme. Deram muitas risadas e faziam comentários entre as cenas. A professora assistiu também de forma atenta, embora já tivesse assistido a esse filme outras vezes. Explicou-me que depois irá trabalhar com os personagens, música, desenho. O filme será a base para os trabalhos futuros.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aulas 74 e 75**DIA: 06/06****3^a A****ESTRATÉGIA: Aula Expositiva****MATERIAL INSTRUCIONAL:** lousa, papel crepom, palitos, cola

A professora explicou a confecção das flores para a festa junina. Cortou o papel crepom em tiras, desenrolou, riscou um círculo em um papel cartonado colorido e foi enrugando delicadamente o papel crepom e colando nas extremidades do círculo com cola branca. Fez uma flor devagar até completar o círculo. Depois fez outro modelo de flor utilizando um palito de churrasco, papel crepom cortado em tiras e cola branca. Também fez este modelo de flor bem devagar para que os alunos pudessem acompanhar as explicações. Terminado as flores, deu os modelos para serem passados de aluno em aluno, para que pudessem ver de

perto como ficou. Nessa sala tem uma aluna com deficiência visual que ouviu com atenção a explicação da professora. Quando as flores chegaram à sua carteira ela disse: “Ah! A flor é de papel! Quem quer uma flor?” Todos riram e responderam: “eu!”. Os alunos trouxeram o material que foi pedido na aula anterior. Feito isso pediu para que iniciassem a atividade fazendo a primeira flor que explicou.

OBSERVAÇÃO GERAL: Os alunos confeccionaram a flor do círculo sem maiores dificuldades pedindo vez por outra o apoio da professora para iniciarem. Quando foram fazer a flor com o palito de churrasco, apresentaram muita dificuldade e pediam a ajuda da professora incessantemente. A professora pediu para que eu ajudasse também, o que fiz prontamente. Várias vezes reclamou, dizendo que estava com muita dor no pulso e não podia fazer movimentos de rotação. Os alunos ficaram muito ansiosos e alguns não chegaram a concluir. Quando terminou a aula ela me disse que irá operar o pulso, que sentia muitas dores e que só estava aguardando ser chamada para realizar a cirurgia.

OBSERVAÇÕES – Prof^a B – Aulas 76 e 77

DIA: 06/06

4^a D

ESTRATÉGIA: Aula Expositiva

MATERIAL INSTRUCIONAL: lousa, papel crepom, palitos, cola

A professora procedeu da mesma maneira que na aula anterior. Explicou sobre as flores, fez um modelo de cada flor e pediu para que fizessem o mesmo.

OBSERVAÇÃO GERAL: Esta turma realizou a atividade com mais facilidade. Talvez isso possa ser atribuído ao maior número de meninas que apresentam maior habilidade em trabalhos manuais. A professora pediu para que repetissem a flor do círculo, o que levou um tempo maior de aula. Quando faltavam quinze minutos para terminar a aula, a professora pediu para fazerem a flor de palito. Como o tempo foi curto, poucos alunos concluíram (grande parte meninas). Os meninos acharam muito difícil e preferiram fazer o modelo mais fácil, o que foi permitido pela professora. Os alunos guardaram as flores prontas em cima do armário no fundo da sala.

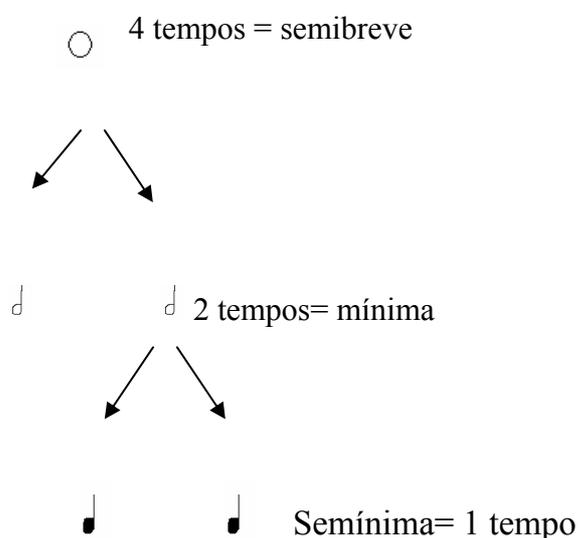
OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aula 78**DIA: 09/06****4^a A****ESTRATÉGIA: Aula Expositiva****MATERIAL INSTRUCIONAL:**

A professora está dando continuidade ao projeto sobre a cidade Pediu para os alunos se colocarem em grupos e darem continuidade ao cartaz sobre a cidade. Nas aulas anteriores os alunos fizeram observações e pesquisas sobre a cidade. Alguns desenharam tipos diferentes de árvores, pontos turísticos, hospitais, viadutos, parque. Hoje com estes desenhos em mãos começaram a recortar e colar na cartolina. Alguns alunos se reuniram em casa e trouxeram o painel pronto. Outros estão finalizando na aula. A professora acompanhou os grupos dando sugestões de como distribuir os desenhos e partes escritas da pesquisa: posição das figuras, pintura das figuras, quantidade de cola, etc. A aula transcorre de forma tranqüila. Antes do término a professora mostra à sala como alguns grupos concluíram seus cartazes. Pede para levarem o trabalho para casa e concluí-lo.

OBSERVAÇÃO GERAL: Os alunos trabalharam em conversando baixo. Enquanto alguns colavam outros recortavam, desenhavam. A professora me disse que esse trabalho será utilizado como avaliação dos alunos. Perguntei como ela vai avaliar e ela me disse que está observando o que cada um está trazendo e fazendo e depois avaliará também o próprio cartaz (conteúdo da pesquisa, desenhos, distribuição das figuras).

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aulas 79 e 80**DIA: 09/06****3^a B****ESTRATÉGIA: Aula Expositiva****MATERIAL INSTRUCIONAL:**

A professora começa a aula recordando as notações musicais. Escreve na lousa:



Depois que explicou as notações musicais fez na lousa algumas linhas com as marcações para que os alunos pudessem fazer os exercícios.

Este número indica que esta linha está dividida em 4 tempos.

4

1 2 3 4 1 2 1 2 1 2

4

Este número indica a quantidade de compassos.

3

4 1 2 1 1 1 1 1 1 1 1 2

4

6

1 1 1 2 1 2 1 1 1 1 1 1 1 2 1 2

4

A professora faz os exercícios com palmas. Aponta com uma régua na lousa e vai contando conforme os números que aparecem embaixo das marcações. Faz isso de fileira em fileira, isto é, uma fileira de cada vez. Alterna as fileiras para que todos possam fazer todos os exercícios. Após este treino inicial, pede para cada aluno construir linhas musicais com 5 compassos e 6 tempos.

OBSERVAÇÃO GERAL: A aula foi um exercício concentrado. As crianças erraram muitas vezes e a professora chamava a atenção deles pedindo que olhassem para a marcação, não para ela ou para o colega do lado. As crianças tentaram muitas vezes, erravam, acertavam, e acabavam rindo de seus próprios erros. Em alguns momentos a professora ria também em ver que estavam se esforçando, mas nem sempre conseguiam. Posso dizer que para mim também foi difícil. Trabalhar a sequência e coordenação motora simultaneamente me deixa um pouco embaraçada. Alguns alunos fizeram algumas brincadeiras e não prestavam atenção, o que deixou a professora um pouco irritada. Perguntaram repetidas vezes se a professora não ia dar os instrumentos, mas ela respondia: “Se vocês não conseguirem entender esta marcação musical, não adianta dar os instrumentos musicais. Vocês terão que tocar olhando estas marcações”. As crianças balançavam os ombros em sinal de frustração. Algumas crianças foram chamadas durante aula para irem ensaiar a dança da festa junina. A aula terminou e nem todos viram a explicação completa.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aulas 81 e 82

DIA: 09/06

1^a B

ESTRATÉGIA: Aula Expositiva

MATERIAL INSTRUCIONAL:

A professora inicia a aula com o filme: “Alice no país das maravilhas”. Os alunos trouxeram massinha de modelar para fazerem os bichos esquisitos que aparecem no filme. Outros não trouxeram. A professora explica que quem não trouxe vai fazer o desenho primeiro e na próxima aula traz a massinha para fazer os bichos. Os que trouxeram fazem os bichos primeiro e na próxima aula fazem o desenho. A professora coloca o filme no ponto que terminou a aula anterior. Os alunos terminam de assistir. A professora faz uma pequena discussão entre os alunos, pedindo que relatem a parte que mais gostaram do filme. Os alunos se manifestam. Quase todos levantaram a mão com o desejo de comentar alguma parte do filme. A professora ouviu e deu oportunidade para que pudessem se expressar. Após este diálogo, a professora distribui um papel sulfite para os alunos. Os que não trouxeram a massinha de modelar fizeram o desenho dos bichos esquisitos e quem trouxe a massinha, fez os bichinhos.

OBSERVAÇÃO GERAL: O filme foi concluído e as crianças gostaram muito. Fizeram muitos comentários. A professora lembrou algumas partes onde os bichos esquisitos aparecem (gato invisível, pata com patinhos, ostras esquisitas, etc). Realizam a atividade de

forma entusiasmada. A professora comenta que precisam aprender a prestar atenção para não esquecer os detalhes. Esta turma é muito educada e respeitam muito a professora. Quando terminam a professora coloca os desenhos e bichos no fundo da sala em um armário.

OBSERVAÇÕES – Prof^a B – Aulas 83 e 84

DIA: 13/06

3^a A

ESTRATÉGIA: Aula Expositiva

MATERIAL INSTRUCIONAL:

Hoje quando entramos na sala de aula a professora efetiva estava um pouco nervosa. Dissemos que os alunos não foram ensaiar a dança da festa junina porque no dia anterior fizeram muita bagunça e ela mal conseguia falar com eles. Teve que alterar a voz várias vezes e mesmo assim não adiantou. Devido a este mau comportamento, hoje eles não foram ensaiar a dança. Eu e a professora de Artes ouvimos seu depoimento. A professora de Artes fez um pequeno comentário dizendo: “Que pena gente, desse jeito fica difícil...”. Os alunos estavam quietos. A professora de Artes fez a chamada e começou a explicar sobre HQ (Histórias em quadrinhos). Deu uma explicação breve e pediu para pegarem uma folha de papel sulfite, fazerem a margem e dividirem a folha em seis partes. Cada parte deveria conter um desenho formando ao final uma história. Disse que esta atividade valeria nota. Cada aluno começa a fazer a sua história. Vendo que os alunos apresentaram alguma dificuldade na elaboração dos desenhos, a professora de Artes faz um esquema na lousa, dando um exemplo de uma história com três quadrinhos. Pede para não copiarem. Cada um deveria criar a sua própria história. Aos poucos os alunos iam fazendo e mostrando para se certificarem se estava “certo”.

Os alunos terminaram de construir a história, mas o tempo não foi suficiente para pintarem todos os quadros. A professora efetiva permitiu que continuassem mais um pouco, e ficou de entregar para a professora de Artes os trabalhos concluídos na hora do intervalo.

OBSERVAÇÃO GERAL: No início achei o clima um pouco tenso. A professora efetiva parecia muito contrariada e queria de alguma maneira puni-los pelo mau comportamento. Depois a situação foi ficando mais calma. Parece que esta atitude da professora surtiu um bom efeito. A sala trabalhou de maneira tranquila e em alguns momentos quando começavam a falar um pouco mais alto, a professora efetiva imediatamente os lembrava do mau comportamento. Isto aconteceu poucas vezes. Percebi que quando a professora de Artes disse que esta atividade valeria nota, os alunos agiram normalmente, ou seja, não expressaram maior preocupação. Normalmente quando o professor diz que o trabalho é para nota, o aluno

geralmente fica preocupado. Este comportamento aparentemente tranquilo pode ser atribuído à confiança, ou capacidade de fazer um bom trabalho, ou talvez pela existência da flexibilidade no ato de criar.

OBSERVAÇÕES – Prof^a B – Aulas 85 e 86

DIA: 13/06

4^a D

ESTRATÉGIA: Aula Expositiva

MATERIAL INSTRUCIONAL:

A professora fez a chamada olhando atentamente para cada aluno. Salientou a necessidade de os alunos trazerem prendas para a festa junina. Disse que poucos alunos estão colaborando e se não houver maior participação, a festa acabará mais cedo. Depois a professora começou falando sobre o funcionamento da memória. Explica sobre o consciente, subconsciente e inconsciente de maneira simples para que entendam. Os alunos prestam atenção. Depois de algum tempo pediu que uma aluna se levantasse e andasse de uma extremidade a outra da sala. Depois pediu que se sentasse. Começou a analisar em voz alta as características da aluna. Disse que parecia ser uma pessoa tímida, e que poderia ter muita habilidade com as mãos. Os alunos ouviram o depoimento da professora. Ela disse que pela observação, analisando a maneira da pessoa andar, mover as mãos, a cabeça, o ritmo do passo, etc, pode-se perceber como a pessoa é no íntimo. Alguns alunos interrompiam e diziam: “o que vamos fazer hoje?” A professora disse que estavam falando sobre o funcionamento do cérebro e como a observação é importante para se perceber as coisas.

OBSERVAÇÃO GERAL: Achei que esta aula foi como uma conversa. Fui acompanhando o raciocínio da professora, mas não entendia onde ela queria chegar. Talvez em lugar algum. Alguns alunos não acompanharam o ritmo da conversa e em alguns momentos interrompiam e perguntavam o que iriam fazer. Parece que na concepção deles, deveriam fazer “alguma” atividade. A aula terminou e quando saímos da sala a professora me disse que deu uma aula ligh. Não questionei. Percebi que estava um pouco perdida, talvez preocupada com sua saúde. Depois dessa aula foi ao médico consultar a mão. Reclamou de muitas dores no pulso e disse que terá que fazer uma cirurgia.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aula 87

DIA: 16/06

4ª A**ESTRATÉGIA: Aula Expositiva****MATERIAL INSTRUCIONAL:**

A professora retoma o trabalho sobre o projeto da cidade de ... Explica que os alunos que ainda não fizeram a pesquisa devem procurar sobre o histórico da cidade. Pergunta quem trouxe o cartaz pronto de casa. Dois grupos de alunos trouxeram. A professora fixa os cartazes na lousa com fita crepe e pede para os alunos virem à frente da sala explicar o que encontraram. Uma aluna vem e explica sobre alguns pormenores (nomes que a cidade recebeu, número de habitantes, pontos turísticos). A professora retoma a explicação e salienta a importância de conhecermos a história de nossa cidade. Elogia a aluna e pede para que outra aluna venha explicar o outro trabalho. A aluna diz que tem vergonha. A professora a incentiva a falar. A aluna vai até a frente da sala, mas não consegue, começa a rir. A professora intervém e inicia a explicação fazendo algumas perguntas para que a aluna responda. Aos poucos a aluna começa a explicação sobre algumas igrejas, time de basquete de ..., clube de futebol. A professora elogia seu esforço. A professora enfatiza a necessidade de concluir esta parte do trabalho (pesquisa). Disse na próxima aula iria ser o último dia para entregarem o cartaz.

Terminada esta parte da aula, a professora explica sobre um poema desafio e escreve o poema na lousa para as crianças copiarem.

Poema Desafio

Maricota dos rabichos
Nunca vi cabelo assim
Isso é trança ou é palha
Muito seca de capim?

Zé Vicente, falador,
Eu não sei se é de fato
Mais bonito o meu cabelo
Ou o seu pé de pato.

Ô mocinha, deixa disso,
Eu não sou tão falador.
O meu pé é muito grande,

Porque sou caçador.

Zé Vicente, caçador,
Onde está a valentia
De quem fugiu de uma onça,
Lá no mato outro dia?

Pro meu pé, não olha não.
Vem depressa ser meu par.
Ele é grande, mas garanto
Que ainda serve para dançar.

Minha gente, até logo.
Vamos contentes brincar.
Sempre fomos bons amigos,
Não precisam duvidar.

A professora pede para fazerem uma ilustração sobre o poema.

OBSERVAÇÃO GERAL: A professora procurou deixar os alunos a vontade para falarem sobre seus trabalhos. Muitos não conheciam pormenores e curiosidades sobre a cidade de Alguns alunos que não trouxeram o trabalho, disseram que esqueceram em casa. A professora disse que precisavam ter mais responsabilidade e não se esquecerem das tarefas escolares. Percebi que esta aula seria utilizada para as explicações dos cartazes mas como só dois grupos apresentaram, a professora optou em passar o poema na lousa e pedir para que fizessem uma ilustração. Quando a aula terminou, ela me disse que os alunos a cada dia parecem menos interessados. Não se preocupam com a tarefa, e esquecem as coisas com muita facilidade. Ouvi e concordei.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aulas 88 e 89

DIA: 16/06

3^a B

ESTRATÉGIA: Aula Expositiva

MATERIAL INSTRUCIONAL: papel dobradura

Nesta sala hoje, tinha poucos alunos. A grande maioria tinha ido ensaiar a dança para a festa junina. A professora distribuiu papel dobradura colorido (material que o aluno trás no início do ano) e ensina a dobradura de um balão. Vai explicando passo a passo. Os alunos acompanham e vão repetindo as dobras executadas pela professora. Alguns pedem ajuda e a professora explica repetidas vezes. Depois que concluem o balão, a professora distribuiu uma folha de papel sulfite e pedem para fazerem outro sozinho, assim poderão memorizar mais as dobras.

OBSERVAÇÃO GERAL: Poucos alunos estavam presentes, e a professora pode explicar de forma calma sem muita interrupção. A professora da sala estava colando umas bandeirinhas em um barbante para enfeitar a barraca que ia trabalhar na festa junina. A atividade proposta permitiu que ao final da aula alguns alunos ajudassem a professora a terminar de colar as bandeirinhas. O tempo foi suficiente. Quando faltavam cinco minutos para o término da aula os alunos chegaram do ensaio, agitados. A professora chamou atenção deles e disse que até aquele momento a sala estava tranquila e que não ia permitir que eles mudassem o comportamento da turma. Eles se acalmaram e quando bateu o sinal, foram para o intervalo.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aulas 90 e 91

DIA: 16/06

1^a B

ESTRATÉGIA: Aula Expositiva

MATERIAL INSTRUCIONAL:

A professora trouxe para os alunos um desenho mimeografado de um boneco articulado (caipirinha). Explicou para pintarem com lápis de cor e depois colarem em uma folha de papel cartonado. Pediu para recortarem. Enquanto estavam fazendo isso, ela tentou montar um boneco improvisando os alfinetes articulados (não tinha) com furinhos e nozinhos com fitilho de plástico. Pediu minha opinião. Disse que daria certo, mas iria demorar amarrar com nozinhos todas as partes do boneco. Concordou e disse que naquela aula os alunos não conseguiriam concluir e até a próxima aula ela iria pensar o que iria fazer. Os alunos pintam e recortam. A professora pede para guardarem dentro do caderno de Artes porque irão terminar na próxima aula.

OBSERVAÇÃO GERAL: As atividades propostas parecem estar relacionadas com a festa junina. Nesta atividade percebi que a professora estava um pouco atrapalhada. Não tinha o material adequado para a conclusão da atividade. A improvisação nem sempre dá certo.

OBSERVAÇÕES – Prof^a B – Aulas 92 e 93**DIA: 27/06****3^a D****ESTRATÉGIA: Aula Expositiva****MATERIAL INSTRUCIONAL:**

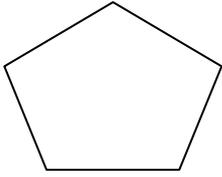
OBSERVAÇÃO GERAL: A professora foi na sala de aula, fez a chamada e explicou que os alunos não teriam aula porque ela e a outra professora de Artes iriam ajudar na decoração do palco e pátio para a festa junina. Disse que quando chamasse o nome eles deveriam levantar a mão que ela precisa ver o rosto de cada um. Estaria dando nota de participação. Fez a chamada e cada aluno levantou a mão. A professora ia marcando a lápis na caderneta. Depois perguntei para ela como ela ia avaliar os alunos e disse que ia olhar os cadernos, para algumas turmas iria utilizar um trabalho que pediu (HQ), e que a nota de participação nas aulas seria outro critério para avaliação.

OBSERVAÇÕES – Prof^a B – Aulas 94 e 95**DIA: 27/06****1^a D****ESTRATÉGIA: Aula Expositiva****MATERIAL INSTRUCIONAL:**

OBSERVAÇÃO GERAL: A professora procedeu da mesma maneira que na aula anterior. Depois foi arrumar o pátio da escola. A outra professora de Artes (A), eu e um professor de Ed. Física ajudamos na montagem e decoração da festa junina. Colamos flores de papel crepom que os alunos fizeram, penduramos um painel de TNT que a professora (B) pintou (um cenário com fogueira e casinhas ao fundo). Ajudamos o professor de Ed. Física a pendurar as bandeirinhas que os alunos trouxeram. As mesas e cadeiras foram colocadas no dia seguinte.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aula 96**DIA: 30/06****4^a A****ESTRATÉGIA: Aula Expositiva****MATERIAL INSTRUCIONAL:**

A professora começa a aula explicando sobre polígonos. A professora desenha na lousa:



Pentágono = 5 lados

Explica sobre ângulos.

Polígono → Poli = vários; gonos = ângulos

É uma figura plana que tem muitos ângulos, formada por uma linha poligonal fechada. Um polígono pode ser:

REGULAR = quando tem todos os lados e os ângulos iguais.

IRREGULAR = quando os lados e os ângulos são desiguais.

CLASSIFICAÇÃO DOS POLÍGONOS

Triângulo – polígono de três lados.

Quadrilátero - polígono de quatro lados.

Pentágono - polígono de cinco lados.

Hexágono - polígono de seis lados.

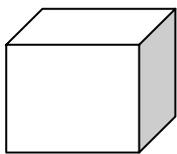
Heptágono - polígono de sete lados.

Octógono - polígono de oito lados.

Eneágono - polígono de nove lados.

Decágono - polígono de dez lados.

POLIEDROS São corpos geométricos que apresentam três dimensões (altura, largura (profundidade) e comprimento).



POLI = vários

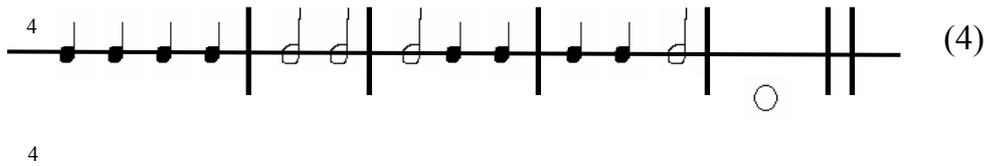
Edro = face

CLASSIFICAÇÃO DOS POLIEDROS

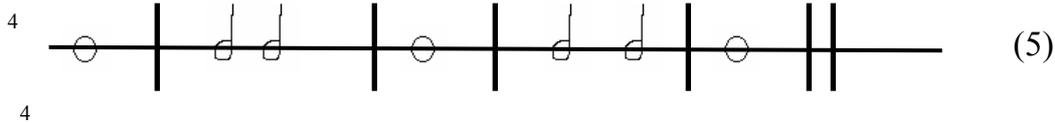
REGULAR = Tetraedro, hexaedro, octaedro, dodecaedro, icosaedro.

IRREGULARRES = Prismas e Pirâmides.

A professora terminou a aula pedindo para que os alunos trouxessem na próxima aula caixas de embalagens de tamanhos diferentes.



4



4

Após passar estes exercícios na lousa, distribui os instrumentos: tambor para a primeira fileira de alunos, triângulos para a segunda fileira de alunos, chocalho para a terceira fileira de alunos, prato para a quarta fileira de alunos e algumas colheres e cocos para a quinta fileira de alunos.

Os alunos ao pegarem os instrumentos começam a tocá-los cada um experimentando o seu. A professora diz repetidas vezes que espera o silêncio para poderem começar a treinar. Cada fileira devia tocar a linha correspondente que escreveu na lousa. Depois de muita tentativa, a professora começa apontando a primeira linha para que a primeira fileira toque. Repete com eles. Passa para a segunda linha e segunda fileira. Somente a fileira designada deveria tocar enquanto as outras aguardavam a vez. Alguns alunos tocam fora do tempo e a professora chama atenção. Assim vai prosseguindo até terminar todas as cinco linhas e fileiras. Os meninos com os tambores erraram muito e a professora troca os instrumentos. Pede para a fileira de pratos ficarem em pé no fundo da sala. Fizeram o exercício várias vezes. Depois tocaram todos juntos começando da primeira linha até a última. Repetem três vezes todos juntos. Parece que melhoraram.

Recolhe os instrumentos e escreve uma música na lousa para copiarem.

Escravos de Jô

Escravos de Jô jogavam caxangá

Tira, põe

Deixa ficar

Guerreiros com guerreiros Fazem zigue, zigue,zá.

Pai Francisco

Pai Francisco, entrou na roda

Tocando seu violão

Ta-ran-ran, tão-tão

Vem de lá seu delegado

E pai Francisco foi para a prisão

Como ele vem

Todo requebrado

Parece um velho

Desengonçado

Os alunos copiam e a aula termina.

OBSERVAÇÃO GERAL: A aula foi tumultuada no início com os alunos. Todos estavam muito eufóricos em tocar os instrumentos. Não atendiam o comando da professora, mas depois de muito pedido de silêncio e atenção os alunos atendem. No início erraram muito, mas depois melhoraram. Foi difícil para a professora controlar a classe.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aulas 99 e 100

DIA: 30/06

1^a B

ESTRATÉGIA: Aula Expositiva

MATERIAL INSTRUCIONAL:

A professora retomou o filme: Alice no país das maravilhas. Pediu para os alunos prestarem atenção em algumas partes onde os personagens dançam. Pediu para observarem bem os movimentos que faziam. Passou algumas partes do filme onde os personagens apareciam dançando. Desligou a TV e vídeo e convidou os alunos para irem ao pátio. Formou um grande círculo com eles. Eu fui incluída. Fez um movimento com os braços. O aluno deveria repetir o movimento da professora e inventar outro “passo”. O aluno fez. O próximo aluno deveria repetir o movimento da professora, do colega ao seu lado e inventar outro “passo”. Assim foi fazendo até completar o círculo. Alguns alunos demoravam um pouco e a professora dava algumas ideias (passo pra frente, para o lado, balançar a cabeça, etc). Todos fizeram e

conseguiram lembrar-se dos movimentos anteriores. Nesta sala tem uma criança com deficiência visual (Vitor) e ele acompanhou bem apesar das dificuldades porque a professora ia descrevendo os movimentos em voz alta.

OBSERVAÇÃO GERAL: Esta aula foi muito divertida. Os alunos gostaram muito da brincadeira e em alguns momentos a professora mencionava o filme, comentando os movimentos que os personagens realizaram. Dizia: “Lembram dos gêmeos? Como eles dançavam? E as rosas?” Os alunos respondiam com gestos e movimentos de pular para o lado e para frente. Essa professora trabalha muito com a música, expressão corporal. Percebo como a formação do professor influencia sua maneira de ensinar. Todos voltaram para a sala cansados de pular e dançar.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aula 101

DIA: 11/08

4^a D

ESTRATÉGIA: Aula Expositiva

MATERIAL INSTRUCIONAL:

A professora disse que no dia 30 de agosto haverá apresentação na escola sobre o Dia do Folclore. Eles irão apresentar um teatro de fantoche sobre uma lenda. A professora pediu para se dividirem em grupos e escolherem uma lenda. Deverão fazer um fantoche em casa com personagens dessas lendas para poderem apresentar no palco. Explicou que folclore é o conjunto de tradições, a cultura de um povo. São suas danças, músicas, lendas, comidas típicas, remédios caseiros, ditados populares, etc. Explicou que deveriam trazer para a próxima aula a história (mito ou lenda) com os personagens de cada um. Distribuiu uma folha mimeografada com desenhos quadriculados (Curupira, Saci) para poderem desenhar (repetir o desenho e pintar).

OBSERVAÇÃO GERAL: A aula foi tranquila. A professora explicou como seria realizada a apresentação com os fantoches. Os alunos ficaram entusiasmados. Quanto à atividade proposta, percebo que a professora utiliza desenhos mimeografados. Esta é uma característica predominante não só da professora de artes, mas também das professoras efetivas das salas. A

professora me disse todo ano neste período, as aulas são voltadas para este tema. (Datas comemorativas estão incluídas no calendário escolar).

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aulas 102 e 103

DIA: 11/08

3^a B

ESTRATÉGIA: Aula Expositiva

MATERIAL INSTRUCIONAL:

A professora pega o aparelho de som portátil e diz que vai escolher 15 alunos para tocar na bandinha no dia do Folclore (apresentação que os alunos farão na escola). Ela escolhe duas músicas folclóricas. Coloca no som um Cd com músicas folclóricas para os alunos ouvirem. Explica o que é folclore e com os comentários dos alunos vai formando o conceito de folclore. Explica sobre a influência dos portugueses, índios e africanos. Escreve na lousa as letras das músicas. Utiliza uma revista com matéria folclórica (Revista Folclore – Guia Prático- Ensino Fundamental I) que contém a letra da musica para poder orientá-la.

Escreve:

Vira Samba

Esta dança que danço agora	}	2 X
É pra se aprender		
Pois juntamos o nosso samba		
E o vira português		

Se prepare pegue um par	}	2 X
E bata os pés		
Virando de um lado e de outro		
Como dança o português		

A baiana vem rodando	}	2 X
Com todo o seu gingado		
Mostrando samba no pé		
E um ritmo bem marcado.		

Nesta roda tem um índio
 Com o rosto bem pintado
 Que contribuiu na dança
 Com tambores e chocalhos

} 2 X

Esta roda representa
 O meu Brasil
 Que acolheu toda essa gente
 Que aqui surgiu

} 2 X

Quero ser sempre criança

Refrão:

Quero ser sempre criança e me esbaldar
 Um carrinho e uma boneca pra eu ninar

Carrinho de rolimã
 Descendo a ladeira
 Pula, pula, pula amarelinha
 A tarde inteira
 Bola de gude
 Lá no terreiro
 Roda que, roda que roda pião
 O dia inteiro

Refrão

Boneca de pano
 E cabelo de milho
 Brinca, brinca sim, brinca menina
 E o menino
 Solta a pipa

Balão galinha
 Faz comidinha e brinca
 Que brinca de casinha

Refrão

Tem também esconde-esconde
 E pique-bandeira
 Pula, pula, pula, pula corda
 De trás pra frente
 Tem faz de conta
 Que eu sou rei
 E eu decreto através da canção
 Feliz serei.

Depois que escreveu a letra na lousa e os alunos copiaram, colocou mais uma vez o Cd para tocar e as crianças ouviram e cantaram acompanhando a letra. Bateu o sinal.

OBSERVAÇÃO GERAL: Esta sala está com professora substituta. É um pouco difícil para a professora de artes manter o silêncio. Chama atenção várias vezes para poder falar. Todos falam juntos. Apesar desse aspecto falante, percebo que gostam de cantar e “quase” todos copiaram as letras. Nesta sala tem um aluno, o Igor, que fala demais, as professoras só reclamam dele, dizem que não faz as atividades e que anda o tempo todo pela sala. O Igor não copiou as letras das músicas. A professora de artes parece ter paciência, mas disse a ele que se ele não copiasse não poderia cantar na próxima aula. Ele ignorou.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aulas 104 e 105

DIA: 11/08

1^a B

ESTRATÉGIA: Aula Expositiva

MATERIAL INSTRUCIONAL:

A professora é recebida com carinho pelos alunos. Todos estavam sentados esperando sua chegada. Os alunos disseram: “Professora F!!!! ehehehehe!!!!” Ela ri e agradece o carinho. Explica sobre o folclore. O que é uma parlenda? Dá exemplos: Um, dois, feijão com arroz...,

dedo mindinho, seu vizinho....., cadê o toucinho que estava aqui? O gato comeu, cadê o gato?....

Depois desta explicação oral, pediu para copiarem no caderno de artes:

Parlendas são versos rimados que servem para embalar, divertir e organizar brincadeiras.

“Dedo mindinho

Seu vizinho

Pai-de-todos

Fura-bolo

Mata-piolho.”

Depois que copiaram (isto levou um tempo) pediu para colocarem a mão sobre o caderno de artes e fazer o desenho da mão. Cada dedo deveria ser um fantoche. Deveriam fazer desenhos diferentes nas pontas dos dedos e pintarem. Enquanto faziam os desenhos, a professora colocou um Cd de música folclórica para ouvirem. A música dizia: “polegares, onde estão? Eles se saúdam e se vão... Indicadores, onde estão? Eles se saúdam e se vão....

Enquanto os alunos copiam, a professora se dirige para o aluno com necessidade especial, deficiência visual (Vitor), senta ao seu lado. Entrega uma folha e pede para dobrar ao meio. O aluno dobra, a professora elogia. Dobra ao meio novamente. Elogio. Empresta a tesoura e pede para cortar na dobra. Passo a passo a professora ensina e auxilia para que ele possa fazer um fantoche (ou dobradura) de gatinho. Em alguns momentos não consegue e a professora faz por ele. Chegam ao término juntos. O aluno sorri e entende o que foi feito. Começa a brincar com o fantoche. Quando os alunos terminam de copiar a professora distribui uma folha de papel sulfite para a classe e inicia o semelhante processo de ensino. Os alunos conseguem concluir.

OBSERVAÇÃO GERAL: Esta turminha é muito tranquila. A professora deu a aula calmamente e auxiliou de maneira individual o aluno com necessidade especial. Os outros alunos pediram minha ajuda e com a permissão da professora auxiliei alguns também.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aulas 106 e 107

DIA: 18/08

4^a A

ESTRATÉGIA: Aula Expositiva

MATERIAL INSTRUCIONAL:

Hoje cheguei cinco minutos atrasada. A professora estava distribuindo os cadernos de artes. A tv estava ligada pois estava acontecendo os jogos olímpicos (Brasil X Alemanha), futebol feminino.

A professora de artes trouxe um cenário de teatro para que os alunos pudessem utilizar os fantoches que fizeram como tarefa em casa. É uma estrutura de madeira com uma janela e cortina. A professora explica como pode ser usada. Chama o grupo que faz a história “mula sem cabeça”. Os alunos se posicionam atrás da estrutura e encenam a história. Fizeram fantoches com meias e tecidos. Contaram a história. Os outros alunos ouviram atenciosamente e riram pela graça da história e interpretação dos personagens. Ao término aplaudiram. Outro grupo foi chamado para encenar a “mula sem cabeça”. Este grupo fez um cenário sobre uma cartolina e encaixaram na janela da estrutura. Fizeram os fantoches de papel. Apresentaram a história. Assim que terminaram os outros alunos disseram: o primeiro grupo ficou melhor. A professora, talvez por delicadeza, balançou a cabeça num gesto de incerteza. Outro grupo foi chamado para contar a história da Iara. Depois da apresentação a professora faz alguns comentários sobre a posição dos bonecos. Disse que em alguns momentos a Iara tem que desaparecer. Pede para fazerem uma árvore para compor o cenário. Dois grupos não trouxeram os fantoches e não se apresentaram. A professora diz que este trabalho é para a nota e que devem trazer na próxima aula.

A professora diz que mesmo os alunos que não poderão estar presentes no dia da apresentação deverão fazer os fantoches e apresentar o teatro.

OBSERVAÇÃO GERAL: Esta professora parece comprometida com seu trabalho. Dá orientações aos alunos e orienta de maneira calma. Embora tenha formação em música, busca inovar na condução das atividades. Nesta aula, a professora não fez anotações conferindo “uma nota” para quem apresentou o teatro.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aulas 108 e 109

DIA: 18/08

3^a B

ESTRATÉGIA: Aula Expositiva

MATERIAL INSTRUCIONAL:

A professora inicia a aula distribuindo os cadernos de artes que ficam guardados no armário da sala. Hoje tem dois alunos novos (J. e G.). A professora liga o som e pede para que os alunos acompanhem o ritmo do Cd com a letra de música que escreveram a aula passada. Os

alunos cantam. A professora para e explica o ritmo correto. Coloca a música de novo e os alunos cantam. Terminada a música, faz um exercício de canto sem o som (só os alunos cantando). Vai orientando aos poucos. Repete desde o começo sem o som. Escreveu a letra da música Vira samba na lousa e dividiu a música colocando entre parênteses, o instrumento que deveria ser tocado (pandeiro, triângulo, tambor, chocalho, colher, tambor, etc). Distribuiu os instrumentos da bandinha aos alunos e começaram a ensaiar acompanhando o ritmo do Cd.

OBSERVAÇÃO GERAL: Foi difícil para a professora manter a ordem depois que distribuiu a bandinha. Os alunos tocavam em hora errada e por várias vezes a professora mencionou que iria desistir. Alguns não conseguiram acompanhar o ritmo tocando o instrumento e percebendo isso, ela trocou alguns instrumentos de alunos. Alguns persistiam em “fazer graça com os instrumentos”- fala da professora. Assim, retirou-os das mãos destes. Disse que eles não estavam preparados para aprender um instrumento. Quando terminou a aula, comentei com ela que foi difícil. Ela me disse que apesar do ocorrido eles estão melhores que a turma da tarde. Me disse que “tem que ter coragem para trabalhar a bandinha”.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aulas 110 e 111

DIA: 18/08

1^a B

ESTRATÉGIA: Aula Expositiva

MATERIAL INSTRUCIONAL:

A professora explicou o que é trava-línguas. Deu alguns exemplos lendo em uma revista sobre o folclore. As crianças riam enquanto ela lia. Depois distribuiu uma folha de papel sulfite e pediu para copiarem:

Trava-línguas são versos com palavras de difícil articulação e pronúncia.

“Se o Pedro é preto

O peito do Pedro é preto.

E o peito do pé do Pedro é preto.”

A professora distribuiu um fantoche de papel (só o contorno) para ser pintado e recortado. Eles pintaram e desenharam o rosto e roupas. Enquanto isso a professora recortou o fantoche para o Vitor (portador de necessidade especial-visão) e pediu para que eu o ajudasse a pintar. Fui perguntando qual cor ele queria usar e de acordo com a resposta dava o lápis de cor para ele. Fiz dois furinhos para que ele pudesse encaixar os dedos. Enquanto eu o ajudava alguns alunos vinham me mostrar o que estavam fazendo.

OBSERVAÇÃO GERAL: Alguns alunos não conseguiam fazer os furinhos para encaixar os dedos. A professora pediu para que eu a auxiliasse em fazer estes furinhos. Estou sentindo agora o desejo de questionar se houve aprendizado nesta atividade. Pareceu-me uma atividade empirista, apenas algo para ser feito ou produzido. Embora isto me ocorra agora, devo admitir que a professora veio preparada com material adequado.

OBSERVAÇÕES – Prof^a B – Aulas 112 e 113

DIA: 21/08

3^a D

ESTRATÉGIA: Aula Expositiva

MATERIAL INSTRUCIONAL:

Hoje a professora de Artes voltou de licença saúde (20 dias). Fez a chamada e comentou sobre alguns ditos populares sobre o Folclore: “...quando ver um gato preto, morder a manga da camisa, mancha na unha é sinal de presente, coçar a mão é dinheiro à vista...”. Falou também sobre as crenças populares como cartomantes (pessoas que adivinham o futuro), ciganos que leem a mão. A professora explica que haverá uma festa do folclore na escola e convida alguns alunos para estarem presentes e serem “benzedores” (fazer o papel de). Três alunos levantam a mão. Pede para trazerem uma bacia com água, arruda e usar na cabeça um lenço e anéis no dedo. Ensina que deverão fazer uma oração e benzer com água os convidados que se aproximarem dele. Pede para uma menina ser uma cigana e ler a sorte com búzios (conchinhas). Esta deverá vir com muitos colares, pulseiras, trazer um pano, peneira e conchinhas. A outra modalidade é ler com o auxílio de uma bola de cristal. Esta crença veio do oriente. Deve usar roupa branca. Dois alunos se candidataram para ler com a bola de cristal. A professora conta várias histórias e os alunos interagem. Conta uma história com o título almoçando com o diabo. Depois pede para desenharem a parte que mais gostaram da história. Este desenho vai ser exposto no dia da festa do folclore. Pede para fazerem a margem no caderno de desenho e começam a desenhar. A professora diz que este desenho valerá nota. Irá recolher e montar um painel formando a sequência da história. Enquanto os alunos desenham a professora lê algumas adivinhas utilizando um livro sobre o folclore.

OBSERVAÇÃO GERAL: Em um momento da aula a professora diz que não vai dar nota observando se o aluno sabe desenhar ou não, mas vai dar nota pelo capricho, pintura. Estou

observando que a palavra **nota** é um instrumento poderoso utilizado pelas professoras para a obtenção de um bom resultado plástico.

OBSERVAÇÕES – Prof^a B – Aulas 114 e 115

DIA: 21/08

2^a A

ESTRATÉGIA: Aula Expositiva

MATERIAL INSTRUCIONAL:

A professora faz a chamada. Explica sobre o folclore, o que é e como se caracteriza aqui no Brasil. Menciona algumas frases de caminhão e adivinhas. A professora pede para que eu a ajude a escrever algumas adivinhas na lousa. Na sala de aula tem 6 fileiras de carteiras. Ela fica responsável por três fileiras e eu por mais três. Diz um número de 1 a 12 para cada aluno, em sequência. Cada aluno deverá copiar da lousa o número que recebeu da professora. Ela divide a lousa com um risco de giz. Escreve 12 frases de um lado e eu mais 12 do outro. Cada aluno copia apenas a frase correspondente ao seu número. Com base nesta frase fazem um desenho para a exposição do folclore.

OBSERVAÇÃO GERAL: Os alunos gostaram muito desta atividade. A professora deu várias sugestões para o aprimoramento dos desenhos. Utilizou livros de Folclore como referência para os alunos.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aula 116

DIA: 25/08

4^a C

ESTRATÉGIA: Aula Ensaio

A professora faz a chamada e pede para os alunos pegarem o fantoche que fizeram em casa e os leva para o pátio da escola. Busca na biblioteca uma estrutura de cenário de teatro. Os alunos ensaiam contando as histórias do folclore tais como: Iara, Mula sem cabeça, Saci. Acompanha as apresentações dando sugestões para a apresentação final que será dia 30/08. Uma aluna faltou e não trouxe os fantoches do grupo. Isto irritou a professora que falou sobre a falta de responsabilidade. Explica que no dia da apresentação toda a equipe tem o

compromisso de estar presente. Diz que vai dar zero se o grupo não vier. Os alunos ouvem e ficam em silêncio.

OBSERVAÇÃO GERAL: A professora parece preocupada com esta apresentação. Diz-me em particular que os alunos algumas vezes faltam da comemoração e a diretora a responsabiliza indiretamente pelo sucesso ou não das apresentações. Diz que não vê a hora de passar este evento, pois os pais costumam apoiar e vêm para assistir.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aulas 117 e 118

DIA: 25/08

3^a B

ESTRATÉGIA: Aula Expositiva

MATERIAL INSTRUCIONAL:

A professora distribuiu os instrumentos da bandinha. Fala sobre a responsabilidade da apresentação. Todos os alunos devem dar a certeza que poderão vir na apresentação. Explica sobre as músicas que vão ensaiar para tocar. Escreve a letra da música na lousa e pede para que copiem.

Vira Samba

Início: todos

1^a Estrofe- pandeiro, clava, platanela e côco.

Repetição- chocalhos, reco-reco, clavas, côco, colher, tambor, surdo.

2^a Estrofe- triângulos, agogô, reco-reco, clavas, côco, colher.

Repetição- chocalhos

3^a Estrofe- triângulos, clavas, coco, pandeiro, tambor, agogô.

Repetição- reco-reco.

4^a Estrofe- chocalhos, tambor, clava, coco.

Repetição- pandeiros.

Final – Todos Repetirão- triângulos, clavas.

Coloca o CD no aparelho de som e pede para ouvirem atentamente. Chama atenção para o som dos instrumentos.

Os alunos ensaiam várias vezes para a apresentação. A professora escolhe alguns que estão tocando melhor e que dão certeza que estarão presentes no dia da apresentação.

OBSERVAÇÃO GERAL: Durante a aula a professora chama a atenção várias vezes dos alunos. Eles ficam muito entusiasmados com os instrumentos nas mãos. Falam muito e a voz da professora em alguns momentos se perde. Ao final da aula tenho a impressão que entraram no ritmo.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aulas 119 e 120

DIA: 25/08

1^a B

ESTRATÉGIA: Aula Expositiva

MATERIAL INSTRUCIONAL:

A professora coloca no aparelho de som o CD que contém a história de Pedro Malasartes – O urubu mágico. As crianças ouvem atentamente. Depois a professora pede para que os alunos recontem a história. Um aluno começa a contar, a professora interrompe e pede para outro continuar e assim continua até o final da história. Todos participam alegres. A professora pede para pegarem o caderno de Artes e fazerem um desenho referente à história. Enquanto fazem os desenhos coloca a história novamente para ouvirem.

OBSERVAÇÃO GERAL: A professora me mostrou o fantoche que vai fazer com os alunos. É um menino mimeografado que eles vão pintar, com pernas e braços de barbante. Isto será para a próxima aula.

OBSERVAÇÕES – Prof^a B – Aulas 121 e 122

DIA: 28/08

1^a A

ESTRATÉGIA: Aula Expositiva

MATERIAL INSTRUCIONAL:

A professora conta a história do rei e do piolho (história que contam nas festas de folclore na cidade de Olímpia – SP). As crianças fazem as ilustrações no caderno de desenho. Quando terminam de desenhar e pintar, pede para os alunos virarem a folha do caderno no verso e riscam um quebra-cabeça com formas e recortam. Depois tentam montar a figura. Em seguida, a professora pede para trocarem com o colega e tentam montar o que foi trocado. Devolvem o quebra-cabeça para o autor e colam em uma folha do caderno de Artes. A aula foi interrompida pela coordenadora que veio explicar sobre a atividade que ocorrerá amanhã:

“Agita Galera”. Explicou também sobre a importância de estarem na fila, no pátio, antes de começar a cantar o Hino Nacional. Também abordou sobre o SARESP. Disse que farão um treino para a prova do SARESP. Pediu para que todos venham.

OBSERVAÇÃO GERAL: Esta professora gosta muito de contar histórias. Disse-me em particular que anos atrás ia a convite dos patrocinadores, em Olímpia, para contar histórias folclóricas em uma festa que ocorre todo ano. Atualmente não vai mais por falta de tempo. Achei a atividade dinâmica e pareceu-me que os alunos gostaram de realizá-la.

OBSERVAÇÕES – Prof^a B – Aulas 123 e 124

DIA: 28/08

2^a A

ESTRATÉGIA: Aula Expositiva

MATERIAL INSTRUCIONAL:

Esta aula a professora reservou para uma atividade que será avaliada. Pediu para que cada aluno criasse um personagem folclórico. Poderia ser a mistura de alguns que já existem ou inventar um diferente, bem esquisito. Cada aluno deverá desenhar e escrever a história deste personagem. O desenho valerá o conceito de 5,0 e a história mais 5,0. Os alunos começam a pensar e a fazer. Fazem algumas perguntas para a professora sobre o tamanho do desenho, traços e conversam entre eles para saber o que o colega vai fazer. A professora pede para fazerem individualmente. Cada um deve pensar e montar uma história para o seu personagem.

OBSERVAÇÃO GERAL: Enquanto os alunos realizam a atividade, a professora pede meu auxílio para colar alguns desenhos que foram feitos pelos alunos sobre o folclore. Estes foram colados em cartolinas brancas e serão expostos no dia da festa de comemoração do folclore na escola. Algumas vezes pedem a orientação da professora. Ela para o que está fazendo e ajuda o aluno no desenho, dando explicações ou fazendo algumas sugestões para que possam concluir a atividade. Não sei se esta nota valerá como conceito ou servirá para o conceito final. Tive vontade de perguntar mas fiquei com um pouco de receio. Poderia parecer intromissão demais.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aula 125**DIA: 29/08****4^a B****ESTRATÉGIA: Aula Expositiva****MATERIAL INSTRUCIONAL:**

Hoje foi o dia do “Agita Galera”. Os alunos assim que chegaram, levaram as mochilas para a sala de aula e voltaram para o pátio com os professores. Fizeram trinta minutos de exercícios com a orientação da professora de Educação Física, com acompanhamento musical. Algumas professoras participaram junto. Voltamos para a sala de aula. Os alunos se acomodaram. A professora de Artes começou a recolher alguns itens que foram pedidos aos alunos para a festa que farão em comemoração ao Folclore Brasileiro. Recolheu açúcar, guardanapo, chá, copos descartáveis, canjica. Esta sala vai montar um espaço com alimentação típica do campo. A festa será amanhã.

OBSERVAÇÃO GERAL: A aula foi comprometida pelo tempo. Não realizaram nenhuma atividade de Artes. Estavam empolgados com a atividade anterior e com a festa que viria no dia seguinte. Estavam muito falantes e agitados.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aulas 126 e 127**DIA: 29/08****2^a C****ESTRATÉGIA: Aula Expositiva****MATERIAL INSTRUCIONAL:**

A professora conta a história de Pedro Malasartes. Os alunos ouvem atentos. Distribui a folha mimeografada com o desenho (Pedro Malasartes) e pede para pintarem e recortarem. Os alunos realizam a atividade concentrados. A professora corta barbantes (pés e braços) para poder montar o fantoche. Pede minha ajuda. Eu ajudo.

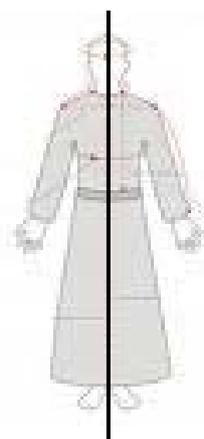
OBSERVAÇÃO GERAL: A aula foi tranquila embora pouco explorada. A atividade está praticamente realizada. O desenho está pronto, é só pintar. Os barbantes são entregues já recortados. A professora mostra um fantoche pronto e pede para que os alunos montem. Eles realizam a atividade sem problemas. Alguns demoram mais, pois gastam mais tempo na pintura. Quando terminam ficam satisfeitos com o resultado e mostram os fantoches uns aos outros.

OBSERVAÇÕES – Prof^a B – Aulas 128 e 129**DIA: 11/09****1^a A****ESTRATÉGIA: Aula Expositiva- Tema: Simetria****MATERIAL INSTRUCIONAL:**

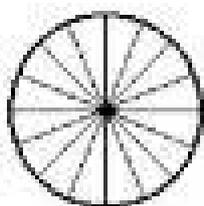
A professora distribuiu o caderno de Artes, giz de cera. Pediu para os alunos fazerem a margem. Auxilia para colocarem um caderno com pautas em baixo da folha para poderem enxergar as linhas. Escreve na lousa:

Simetria são partes iguais. Estas partes são divididas em uma linha (eixo).

Simetria Bilateral: é quando as duas partes são divididas por um eixo central. Faz um desenho de um homem e desenha um risco ao meio, cortando o homem em duas partes iguais.



Simetria Radial: Quando as partes são iguais e partem de um ponto central. Exemplo: roda de bicicleta.



A professora distribuiu uma folha de árvore para cada aluno. Pediu para que observassem bem a folha e marcassem a simetria (Uma linha imaginária). Explicou utilizando a folha, a simetria. Pediu para desenharem no caderno a folha, olhando bem de perto. Demoraram muito para fazer isso. Alguns tiveram dificuldades. Quando terminaram, pediu para colocarem a

folha de árvore sob a folha e passaram o giz de cera em cima da folha do caderno. Aos poucos a forma da folha de árvore ia aparecendo no caderno, com todas suas partes. Fizeram de várias cores, preenchendo a folha toda do caderno de desenho.

Depois disso, a professora pediu para dividirem a folha de árvore ao meio (rasgando-a). Colocaram a folha de árvore sob a folha do caderno e realizaram o mesmo procedimento. Apareceu só metade do desenho. A outra metade pediu para que desenhassem com lápis grafite, completando assim o desenho da folha de árvore. Fizeram isso duas vezes. A professora explicou que um lado é simétrico ao outro.

OBSERVAÇÃO GERAL: Achei esta aula muito informativa. Como a folha de árvore é algo conhecido deles, ficou fácil fazê-los entender simetria. Gostaram de realizar a atividade e mostraram surpresa quando o desenho ia aparecendo. São coisas simples que favorecem o aprendizado.

OBSERVAÇÕES – Prof^a B – Aulas 130 e 131

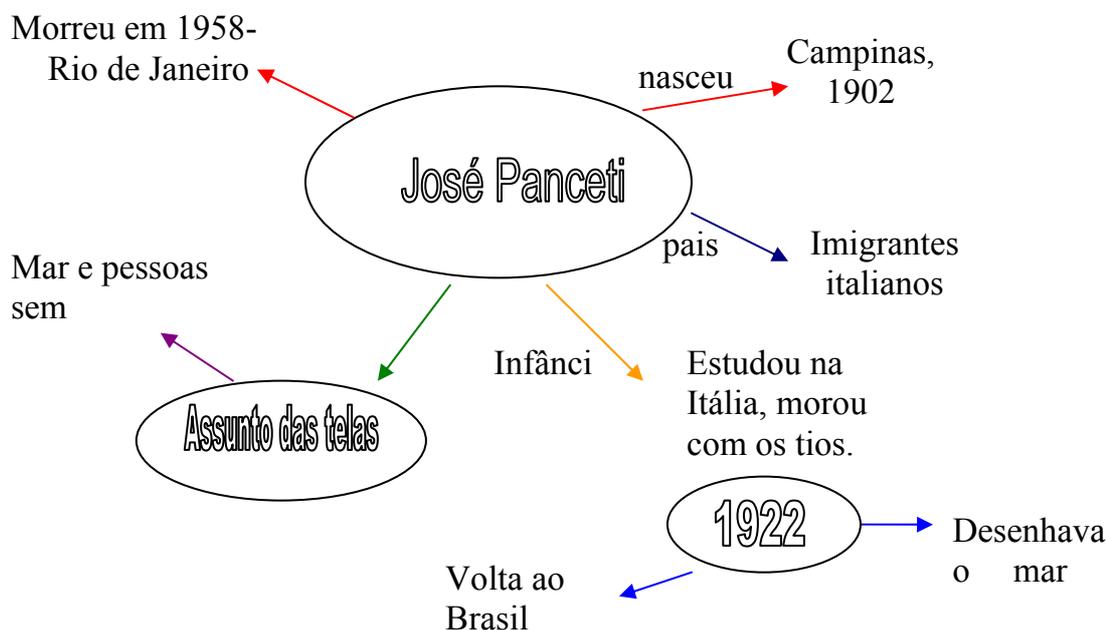
DIA: 11/09

2^a D

ESTRATÉGIA: Aula Expositiva- Tema: José Panceti

MATERIAL INSTRUCIONAL:

A professora explicou sobre a vida do artista. Utiliza um livro que conte o auto-retrato do artista José Panceti e algumas imagens de suas obras. Menciona que ele adorava o mar. A professora explica que dará o ponto usando o “mapa mental”. Faz um esquema na lousa utilizando setas coloridas e escrevendo as informações de maneira simplificada.



A professora pede para uma aluna ir a frente da sala e explicar. Todos ouvem e a professora a auxilia dando algumas explicações complementares. Mostra o livro sobre Panceti novamente. Pede para os alunos fazerem uma paisagem (mar) como Panceti costumava fazer.

OBSERVAÇÃO GERAL: A aula foi diferente seguindo este esquema de flechas. Os alunos conseguiram gravar os pontos principais sobre o tema da aula. Fizeram vários tipos de praias e pintaram.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aula 132

DIA: 15/09

4^a A

ESTRATÉGIA: Aula Expositiva

MATERIAL INSTRUCIONAL:

Os alunos fizeram na aula passada um roteiro para fazerem uma história em quadrinhos. A professora me disse que esta atividade estava sendo realizada porque queria dar um “treino” para o SARESP. A professora me disse que todo ano na prova cai alguma coisa relacionada com Histórias em quadrinhos. Estas aulas são preparatórias para o exame que realizarão em novembro. Os alunos recortam de revistas os personagens e o cenário deverá ser construído

por eles com desenho e pintura. Os alunos conversaram bastante durante a atividade e mostravam uns aos outros o que encontravam nas revistas. A professora ia orientando-os sobre as figuras que poderiam ser coladas no caderno para a construção da história.

OBSERVAÇÃO GERAL: Percebo que existe uma preocupação em preparar os alunos para que eles se saiam bem na prova.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aula 133 e 134

DIA: 15/09

3^a B

ESTRATÉGIA: Aula Expositiva- “Os animais em obras de arte”

MATERIAL INSTRUCIONAL:

A professora utiliza um livro para mostrar imagens de animais que são o tema de algumas pinturas. Mostra várias imagens e comenta com a classe fazendo perguntas incentivando a participação dos alunos e a observação. Depois de fazer várias perguntas e comentários sobre algumas obras, a professora sugere que façam um desenho no caderno de artes contendo um animal. Depois que os alunos terminaram de fazer, a professora propõe a confecção de um “livro maluco”. Cada aluno recebe duas folhas de papel sulfite e dividem-na em três partes iguais. Em seguida, pede para fazerem uma margem com lápis grafite. A professora pede para fazerem um desenho em cada parte (cabeça, tronco e pés). A folha é dividida em três partes. Depois esta folha é dividida em três partes de tal modo que quando folhear o livro, cada parte poderá se misturar com as outras formando um animal maluco. Exemplo: cabeça de porco, tronco de ave, e rabo de cachorro.

Cabeça
Tronco
Pés

OBSERVAÇÃO GERAL: Observei que a professora tem a preocupação de estimular a observação. Fez várias perguntas sobre as imagens que utilizou e dava tempo para os alunos responderem. Alguns alunos concluíram, outros não conseguiram e deixaram para terminar na próxima aula.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aulas 135 e 136

DIA: 15/09/08

1^a B

ESTRATÉGIA: Aula Expositiva

MATERIAL INSTRUCIONAL:

A professora começou a aula falando sobre o dia da árvore e início da Primavera. Pediu para desenharem em uma folha de papel sulfite, flores ou árvores diferentes. Distribuiu pratinhos de papelão para poderem misturar as tintas guaches, formando novas cores. As carteiras foram forradas com jornal. Distribuiu um copo descartável com um pouquinho de água e um lenço de papel para enxugarem o pincel, quando necessário.

OBSERVAÇÃO GERAL: As crianças estavam muito ansiosas para trabalharem com a tinta guache. Algumas não se preocuparam em pintar os desenhos, mas percebi que gostavam de ver a mistura das cores. Algumas crianças deixaram o potinho de tinta cair na carteira, mas socorriam a tempo! A professora chamava a atenção e pedia para que tomassem cuidado para não desperdiçarem tinta e não sujarem a sala de aula. Ela comentou comigo que falta uma sala ambiente onde poderia trabalhar com mais tranquilidade. Os trabalhos ficaram coloridos. Sugeri que fossem pendurados na sala de aula com percevejos. A professora gostou da ideia e pediu permissão para a professora da sala. Ela concordou e ajudou em fixar as pinturas. Todos ficaram satisfeitos em verem suas “obras” expostas.

OBSERVAÇÕES – Prof^a B – Aulas 137 e 138

DIA: 18/09/08

1^a A

ESTRATÉGIA: Aula Expositiva

MATERIAL INSTRUCIONAL:

Na aula passada a professora pediu para os alunos trazerem uma figura de pessoa recortada. Somente quatro alunos trouxeram. A professora falou sobre a responsabilidade de realizarem a tarefa. Explicou que deveriam sempre na noite anterior à aula, olhar na agenda ou caderno

para verem se devem providenciar algo para o dia seguinte. Depois desta explicação pediu para fazerem a margem na folha do caderno de desenho e escreveu na lousa: “Silhueta é uma linha que contorna um desenho. Ela é usada para dar destaque à composição. Geralmente é pintada de uma só cor, podendo ser preta ou vermelha.” Pediu para os alunos copiarem.

As crianças que não trouxeram a figura recortada receberam uma folha de revista contendo algumas figuras para que pudessem escolher e recortar. De acordo com a orientação da professora, colocaram a figura no centro do caderno de desenho, contornaram com lápis grafite. Retiraram a figura. Exemplo: cavalo. Desenharam o ambiente em que a figura poderia estar. Exemplo: cavalo na fazenda, céu, árvores, sol, e pintaram colorido. Somente a silhueta do cavalo foi pintada de preto. A professora foi de carteira em carteira dando exemplos de ambientes possíveis em que a figura escolhida pelo aluno poderia estar.

OBSERVAÇÃO GERAL: A professora ficou um pouco irritada com a atitude os alunos em não atenderem seu pedido de trazer a figura recortada. A professora de sala interrompeu o assunto em determinado momento e disse que tinha lembrado os alunos no dia anterior. Este comentário deixou a professora ainda mais chateada. Disse que na próxima vez que pedir algo e eles não trouxerem, eles não farão a atividade da aula.

Passado este momento, os alunos trabalharam bem e tentaram caprichar nos desenhos e pintura.

OBSERVAÇÕES – Prof^a B – Aulas 139 e 140

DIA: 18/09/08

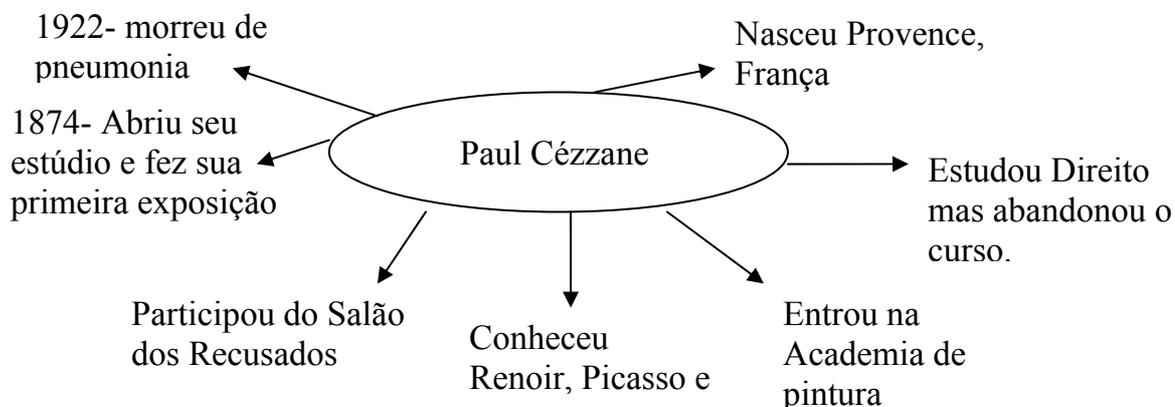
2^a A

ESTRATÉGIA: Aula Expositiva

MATERIAL INSTRUCIONAL:

A professora explica sobre natureza morta. Fala de Paul Cezanne, sua vida e obra. Mostra algumas figuras de suas obras em um livro de Artes. Explica sobre as cores, sobre composição e sobre os elementos que utilizava em seu trabalho. Pede para os alunos trazerem algumas frutas, jarra de suco, copos de vidro, toalha de mesa. Faz uma lista na lousa e vai escrevendo o nome dos alunos ao lado do objeto que se comprometeram em trazer. Na próxima aula a professora vai montar uma mesa na sala de aula para os alunos poderem pintar a natureza morta com seus elementos. A professora faz desenhos na lousa de taças, garrafas e frutas e explica sobre quais objetos estão na frente e quais estão atrás. Explica sobre os tamanhos dos objetos e a marcação deles no papel.

Faz o seguinte esquema na lousa e pediu para os alunos copiarem:



OBSERVAÇÃO GERAL: Achei esta aula muito interessante. As crianças prestaram muita atenção em tudo. Quando a professora pediu para trazerem objetos e frutas, os alunos se ofereciam de imediato. Ficaram muito animados em fazer esta atividade diferente. A medida que a professora ia fazendo o esquema na lousa, ia explicando e mostrando algumas fotos nos livros que trouxe para os alunos poderem conhecer mais sobre Cezane. No final da aula, a professora fez algumas perguntas sobre o que explicou e as crianças responderam sem problemas. Esta professora gosta muito de História da Arte e percebo que domina bem o conteúdo que ensina.

OBSERVAÇÕES – Prof^a B – Aulas 141 e 142

DIA: 25/09

1^a A

Treino para o SARESP

Uma professora de outra sala veio acompanhar o treino para a prova do SARESP. A professora de Artes ficou na sala, ajudou a distribuir a prova aos alunos. A prova era de Português. A professora leu as questões em voz alta. Alguns alunos chamaram a professora durante a prova dizendo que não sabiam ou que não tinham entendido a pergunta. Ela tentava explicar rapidamente e em alguns momentos, corrigia o que tinham colocado como resposta. Algumas crianças demoraram para terminar, cerca de uma hora. A professora de Artes ficou corrigindo provas da 4 a. série enquanto os alunos terminavam a prova.

OBSERVAÇÃO GERAL: Eu não sabia que existia este tipo de treino. Percebi algumas dificuldades dos alunos. A professora pedia para que ficassem em silêncio, como se estivessem “fazendo a prova mesmo”. Eu perguntei quem tinha elaborado as questões e ela me disse que as professoras tiraram cópia da prova do ano passado para que os alunos pudessem ter uma ideia do que era o SARESP e como poderiam controlar o tempo para responder as questões.

OBSERVAÇÕES – Prof^a B – Aulas 143 e 144

DIA: 25/09/08

2^a A

ESTRATÉGIA: Aula Prática- Desenho com frutas

A professora com a ajuda dos alunos juntou duas carteiras, colocou a toalha de mesa, e foi colocando as frutas e objetos que os alunos trouxeram. Os alunos estavam muito animados. Colocou uma jarra de vidro com suco de uva que prepararam, duas taças de vidro, uma travessa com uvas, mamão, pera, bananas e algumas frutas sobre a toalha. Montou uma natureza morta. Fez isso com a ajuda dos alunos. Quando terminou de montar, pediu para olharem bem e observassem o que estava na frente e o que estava atrás. Pediu para desenharem no caderno de Artes como estavam vendo. Cada desenho ficaria diferente, pois cada aluno estava sentado em um lugar diferente. Os alunos começaram a desenhar. A professora ia dando orientações como, por exemplo, o tamanho dos objetos. Se não quisessem desenhar tudo da mesa, poderiam escolher um cantinho para observar e desenhar. Enquanto estavam desenhando a professora colocou um CD de música clássica para que pudessem ouvir. Alguns desenhos ficaram muito parecidos, outros não. A professora insistia na observação e pedia para que olhassem bem para as frutas e como elas estavam colocadas na mesa.

Lembrou sobre as obras de Paul Cezanne e mostrou algumas obras em um livro.

OBSERVAÇÃO GERAL: Os alunos gostaram muito desta aula. Estavam entusiasmados e tentaram fazer os desenhos com capricho. Percebi a insistência da professora de Artes em fazê-los observar bem o que estavam vendo. Fiquei surpresa pela quantidade de frutas e objetos que trouxeram. Quando faltavam dez minutos para o fim da aula, a professora distribuiu as frutas entre os alunos para que pudessem comê-las. Guardaram os objetos e

deixaram a sala arrumada. Foi uma experiência divertida. Perguntei a professora se ela não ia tirar fotos da atividade e ela me disse que estava sem máquina.

OBSERVAÇÕES – Prof^a B – Aulas 145 e 146

DIA: 26/09/08

3^a A

ESTRATÉGIA: Treino para o SARESP

Uma professora de outra sala de 3^a série veio acompanhar o treino. A professora de Artes entrou na sala, fez a chamada e foi para a sala dos professores colocar a caderneta em dia. Pedi para ficar na sala, em um cantinho. A professora permitiu. Ela distribuiu as provas, leu em voz alta as questões e em alguns momentos, percebi que fazia alguma referência de alguma matéria ou assunto que tinham estudado. A prova durou cerca de uma hora. Alguns alunos não sabiam fazer os exercícios e ela dizia que não podia dar a resposta. Deviam pensar para responder.

OBSERVAÇÃO GERAL: Fiquei até o final. Quando iam terminando, a professora recebia a prova e pedia para ficarem quietos no lugar enquanto os colegas terminavam. Tive alguns questionamentos enquanto observava. Até que ponto esta prova valia de treino para aquelas crianças? Será que os professores estavam mesmo interessados em saber sobre o aprendizado deles? Fiquei pensando muito...

OBSERVAÇÕES – Prof^a B – Aulas 147 e 148

DIA: 26/09/08

4^a D

A professora explica sobre a atividade que valerá nota. Apresenta um livro: Regina Rennó-500 anos- FTD. Este livro contém apenas imagens, sem texto. A professora explica que os alunos deverão “ler” as imagens. Faz isto com duas imagens para dar um exemplo. Pede para formarem duplas ajuntando as carteiras (um livro para dois alunos). Escreve as questões na lousa e pede para que copiem e respondam:

- Construa um barco de papel

1- Leia com atenção:

-Nome do livro:

-autora:

-editora:

- 2- Qual o significado do desenho da capa?
- 3- Enumere: - numero de páginas e acontecimentos.
- 4- Na visita ao MASP (Museu de Arte de São Paulo) existem obras de Alfredo Volpi. Faça a releitura de uma obra e pinte apenas com as cores primárias.
- 5- Como foi a vida os escravos no Brasil?
- 6- Que outro nome você daria para este livro?
- 7-Quando eu observo o observador que tipo de pronome devo usar?
- 8- Nas imagens propostas, o que mais chamou a sua atenção?
- 9- Pinte o barco construído e escreva no barco cinco atividades que melhorariam nosso país.
- 10- Como você “batizaria” o Brasil, hoje?

A professora explica como deveriam fazer as questões e pede para fazerem com atenção. Cada um deve responder a sua maneira.

OBSERVAÇÃO GERAL: Achei que a professora tentou inovar sua avaliação. A proposta foi boa e criativa, mas considerei o tempo muito curto para fazer todos as questões. Talvez pudesse reduzir o número de perguntas. Gastaram muito tempo copiando, com a explicação da professora, e não conseguiram concluir. Foi um bom exercício para eles mas precisa ser planejado: ações/tempo.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aula 149

DIA: 29/09/08

4^a A

ESTRATÉGIA: Aula Prática

A professora de Artes distribuiu os livrinhos (Histórias em quadrinhos) que começaram a fazer na aula anterior. Pediu para terminarem hoje. Os alunos fizeram na aula passada um roteiro para a história. Hoje precisam fazer os quadrinhos e desenhar as imagens. Enquanto desenham, a professora registra a atividade na caderneta e faz a chamada. Alguns alunos já tinham começado a desenhar, outros não. Retomam a atividade sem problemas, parecendo que estão gostando da proposta. Comentam entre eles sobre os desenhos e a história. A professora chama atenção algumas vezes pedindo para que concluam que ela quer levar os

trabalhos. O tempo de aula não foi suficiente para terminarem. A professora deixou levarem para casa e pediu para trazerem na próxima aula, sem falta.

OBSERVAÇÃO GERAL: Perguntei a um aluno se alguma pergunta do treino do SARESP tinha Histórias em quadrinhos e ele me disse que tinha duas questões de Português que eles tinham que ler e responder as perguntas. A professora de Artes me disse que todo ano no SARESP tem alguma questão que inclui Histórias em quadrinhos e por isso ela acha importante incluir esta atividade no conteúdo administrado.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aulas 150 e 151

DIA: 29/09/08

4^a C

A professora distribui o “livro maluco” que iniciaram na aula anterior. Os alunos terminam pintando com lápis de cor. Alguns alunos que já terminaram conversam e a professora chama a atenção. Pede para os alunos que já terminaram pegarem o caderno de Artes e fazerem uma HQ com estes personagens que desenharam no livro maluco. Cada um deverá ter um nome e uma ação entre eles. A professora explica na lousa por meio de um roteiro como poderiam fazer a história. Deveriam pensar em um tema, personagens, balões (grito, fala, cochicho, pensamento). Faz os desenhos dos balões para que possam adaptar em suas histórias. Alguns conseguiram concluir, outros, não. Os outros alunos concluem o “ livro maluco”. A professora recolhe todos os livrinhos.

OBSERVAÇÃO GERAL: Esta sala tem ritmo bem diferente. Alguns são mais rápidos e outros conversam muito e as atividades ficam atrasadas. Enquanto uma parte da sala ainda não tinha concluído a atividade anterior, a outra parte da turma começou a fazer outra coisa. A professora de Artes me disse que estes livrinhos serão avaliados para a nota do bimestre.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aulas 152 e 153

DIA: 29/09/08

1^a C

ESTRATÉGIA: Aula Prática- História em quadrinhos.

A professora pede para os alunos, com lápis grafite e com o auxílio de uma régua, dividirem em quatro partes iguais uma folha do caderno. Irão fazer uma história em quadrinhos. Escreveu na lousa o seguinte roteiro:

Aconteceu na Primavera

- 1- Raysa plantou uma sementinha.
- 2- A sementinha dormindo na terra fofa.
- 3- O sol acorda a sementinha com seus raios.
- 4- A chuva molha a terra e a sementinha ergue um braço.
- 5- A lua e as estrelas saúdam a plantinha e surgem as folhas.
- 6- A cada dia a plantinha cresce mais.
- 7- Todo o dia surge o sol e o vento e nasce um botão no alto do caule.
- 8- Apareceu a margarida para enfeitar o jardim de Raysa.

Depois que fazem os desenhos e pintam, a professora chama alguns alunos para fazerem a encenação da história. Uma aluna é a sementinha, outro o sol, a chuva, lua, estrelas, vento, margarida. Enquanto uma parte participa, a outra assiste. Depois, reveza. A outra parte participa e a outra assiste.

A professora efetiva da sala ri e parece gostar do desempenho dos alunos.

OBSERVAÇÃO GERAL: Esta aula foi muito divertida. Além da atividade plástica, a professora incluiu o teatro. Uma história simples que pode ajudar os alunos a se expressarem e perder a timidez. Os alunos gostaram e fizeram muitas brincadeiras. Todos riram e se divertiram.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aula 154

DIA: 06/10/08

4^a A

ESTRATÉGIA:

A professora pede para terminarem a atividade que foi iniciada na aula anterior. (Enquanto alguns alunos terminaram a HQ ela deu esta atividade). A professora registrou a atividade na caderneta. Antes de devolver aos alunos, ela me mostrou. Alguns não chegaram a concluir suas histórias. Outros três alunos só fizeram o roteiro e não desenharam nada. Perguntei a ela como estes alunos ficariam em relação à nota. Ela me disse que ficariam com uma nota inferior. Esta atividade foi avaliativa no bimestre. Mesmo já tendo dado a nota para eles na caderneta, pediu para concluíssem em casa, aqueles que não o fizeram. Depois que devolveu as histórias, pediu para que trocassem entre si e que lessem a história do colega. Discutiram sobre as histórias e sobre os desenhos.

OBSERVAÇÃO GERAL: Alguns alunos pareciam lentos, talvez com sono. A professora me disse que estes costumam ir dormir muito tarde e que geralmente quando isto acontece ficam sonolentos e mostram pouco interesse.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aulas 155 e 156

DIA: 06/10/08

3^a B

ESTRATÉGIA:

A professora pede para os alunos que não terminaram o “livrinho maluco” para que o fizessem. No próximo sábado, haverá uma apresentação na escola “Show de Talentos”. A professora conversa com alguns alunos sobre esta apresentação. Alguns alunos se colocam a disposição para tocar violão. Algumas meninas combinam ensaiar uma dança para poderem apresentar. A professora anota o nome dos alunos e o quê irão apresentar. Terminado este assunto, a professora retoma a HQ dos personagens do “livro maluco”. Pede para que terminem no caderno os desenhos e pintura. Dá tempo para a conclusão. No final da aula, ela coloca um CD com a música “O caderno” de Toquinho e pede para prestarem atenção e descobrirem o nome da música. Coloca duas vezes para ouvirem e os alunos acabam descobrindo com as dicas que a professora dá.

OBSERVAÇÃO GERAL: Parte da aula foi utilizada para preparar esta apresentação que ocorrerá na escola. Os alunos ficaram um pouco agitados e falavam ao mesmo tempo. A professora teve que organizar o que cada um gostaria de fazer. Estas atividades extras causam certo tumulto entre professores e alunos. São situações delicadas em que os professores não apresentam muito entusiasmo. Percebi um descontentamento em terem que assumir este compromisso.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aulas 157 e 158

DIA: 06/10/08

1^a B

ESTRATÉGIA:

A professora chamou um aluno de cada vez e olhou as atividades do caderno de Artes. Enquanto ela fazia isso, pediu para que os alunos fizessem um desenho de seu animal preferido e desenhos de animais imaginários (mistura de animais). Fazer com lápis grafite e pintar com lápis de cor.

OBSERVAÇÃO GERAL: Esta atividade de desenho foi proposta, sendo a própria professora, para que ela pudesse avaliar os cadernos. Alguns alunos terminaram todas as atividades e outros deixaram de concluir partes. A professora ia olhando folha por folha e dando uma nota na caderneta do professor. Ela me disse que o caderno também é avaliado para compor o conceito final.

OBSERVAÇÕES – Prof^a B – Aulas 159 e 160

DIA: 09/10/08

1^a A

ESTRATÉGIA: Aula expositiva

A professora pediu para os alunos trazerem uma ou mais figuras de animais. Ela leu uma poesia que falava de animais e explicou a atividade na lousa. Desenhou na lousa a Arca de Noé e explicou como a colagem dos animais poderia ser feita. Escreveu na lousa a poesia para os alunos copiarem:

“Na Arca de Noé”- Cláudio Fontana

Ta faltando um bicho
Na Arca de Noé
Você sabe o nome dele?
Então diga qual é

Já entrou o cavalo
Gato, pato, bode, rato
Boi, girafa, elefante
Cachorro e leão
Entrou macaco
Onça, tigre, urso, cobra,
Burro, foca, avestruz
Ai, que confusão!

Já entrou a pulga
Essa eu sei
Eu já me cocei

A dona coruja já chegou
Eu já lhe olhei
Se o vaga-lume já chegou
Essa eu não sei.

Já entrou a galinha,
Galo, zebra, porco
E a baleia Orca
Vai acompanhar
Muita atenção
Nos bichos que vamos contar
A arca vai zarpar
E nenhum pode ficar.

Os alunos copiaram a poesia, desenharam a arca, colaram as figuras que trouxeram e pintaram o desenho. A professora foi dando um visto nos cadernos à medida que os alunos iam terminando.

OBSERVAÇÃO GERAL: A professora explica a atividade que devem fazer, mas acho que falta estabelecer laços com os conteúdos anteriores. Os alunos simplesmente realizam ações que são solicitadas. A atividade em si, torna-se algo mais. Parecem atividades para compor um caderno. Estou um pouco confusa com alguns questionamentos. O que aprenderam nesta aula? Por que fizeram esta atividade? Somente recortaram, colaram, pintaram? Bem fizeram estas coisas, então desenvolveram habilidades... não sei...

OBSERVAÇÕES – Prof^a B – Aulas 161 e 162

DIA: 09/10/08

2^a A

ESTRATÉGIA:

A professora dá continuidade à aula passada que constituiu na confecção de um livrinho de seis páginas sobre uma história de uma sementinha que é lançada na terra, vem o sol, a chuva e ela brota. Dá flores que enfeitam o jardim de Raysa. Os alunos terminam desenhando e pintando. Alguns alunos faltaram na aula passada e a professora lê em voz alta para poderem

ouvir. Pede para transformarem esta história em quadrinhos. Enquanto a professora de Artes assume a sala, a professora efetiva cola alguns palhacinhos que as crianças pintaram, em saquinhos de pipoca doce que serão distribuídos aos alunos no final do dia de aula em comemoração ao dia da criança.

OBSERVAÇÃO GERAL: O desenho do palhacinho que as crianças pintaram foi mimeografado.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aula 163

DIA: 13/10/08

4^a A

ESTRATÉGIA:

A professora de Artes distribuiu o livro 500 anos- Regina Rennó. Na aula passada os alunos já tinham copiado da lousa um questionário com dez perguntas que deveriam ser respondidas. Pede para formarem grupos de quatro alunos e recomeçam a responder as perguntas de onde interromperam. Alguns alunos que faltaram na aula passada pedem o caderno emprestado para copiarem as questões.

OBSERVAÇÃO GERAL: Durante a aula os alunos conversam muito entre si. Faziam a atividade mais existia muita conversa paralela. Algumas duplas de meninas falavam de outros assuntos, riam e se distraíam muito. Pela observação, achei a atividade longa para uma aula. Esta turma quase sempre não conclui os trabalhos pelo tempo curto disponível.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aulas 164 e 165

DIA: 13/10/08

3^a B

ESTRATÉGIA: Aula de Música

A professora escreve na lousa a letra da música que colocou para eles ouvirem na aula passada. Pede para copiarem no caderno de Artes.

O caderno – (Toquinho)

Sou eu que vou seguir você

Do primeiro rabisco até o be-a-bá'
Em todos os desenhos coloridos vou estar:
A casa, a montanha, duas nuvens no céu.
E o sol a sorrir no papel.
Sou eu que vou ser seu colega,
Seus problemas ajudar a resolver
Te acompanhar nas provas bimestrais
Você vai ver
Serei de você confidente fiel
Se seu pranto molhar meu papel
Sou eu que vou ser seu amigo
Vou lhe dar abrigo, se você quiser
Quando surgirem seus primeiros
Raios de mulher.
A vida se abrirá, num feroz carrossel
E você vai rasgar meu papel.

O que está escrito em mim, comigo
Ficará guardado se lhe dá prazer
A vida segue sempre em frente, o que se há de fazer

Só peço a você um favor se puder,
Não me esqueça num canto qualquer.

| Bis

A professora explica como cantar a música. Canta com os alunos em acompanhamento do som duas vezes. Coloca a música e canta duas vezes, fazendo as correções no ritmo. Os alunos gostam de cantar e parecem entender com as explicações da professora.

OBSERVAÇÃO GERAL: A aula foi dinâmica e engraçada. Alguns alunos riam de si mesmo, outros riam dos colegas. A professora sempre chamava a atenção para o ritmo da música. Quando terminou a aula, alguns alunos ainda continuavam cantando baixinho.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aulas 166 e 167**DIA: 13/10/08****1^a B****ESTRATÉGIA:**

Esta aula foi a continuação da atividade anterior. Os alunos fizeram um jogo de memória. Receberam da professora de Artes uma folha mimeografada com vários desenhos de animais formando pares. Exemplo: vaca, boi; gato, gata; galo e galinha, etc. Pediu para pintarem com lápis de cor, colarem em uma folha de papel dobrador, recortarem, e distribuiu um envelope para cada um colocarem as pecinhas e não perderem. Quando terminaram brincaram com os colegas. Levaram para casa felizes.

OBSERVAÇÃO GERAL: A aula foi tranquila e os alunos gostaram muito da atividade. A professora ia dando as orientações quando eram solicitadas. Ela me disse que deu esta atividade devido ao dia das crianças. Assim teriam um jogo para brincarem.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aula 168**DIA: 03/11/08****4^a A****ESTRATÉGIA: Radio-Novela**

A professora colocou um CD gravado com uma história contendo cinco capítulos. Foi colocando capítulo por capítulo para que os alunos ouvissem. Esta atividade começou na aula anterior. Os alunos já tinham ouvido até o capítulo três. A professora deu tempo para que pudessem escrever os capítulos 2 e 3 (já tinham escrito o capítulo um). Perguntei para a professora sobre a história e ela me mostrou uma revista de apoio (Contação de Histórias- Editora Lua). Os alunos terminaram de escrever os capítulos dois e três.

OBSERVAÇÃO GERAL: A professora me disse que o objetivo desta atividade é promover a interpretação de texto ouvido, visto que muitas vezes, os alunos não entendem o sentido das palavras e fazem interpretações erradas. Depois desta explicação, entendi a atividade. Este objetivo não foi mencionado aos alunos.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aulas 169 e 170**DIA: 03/11/08****3^a B****ESTRATÉGIA: Radio-Novela**

A professora explica sobre o início da radio-novela. Como os atores apresentavam as falas e os sons ao vivo. Outros artistas como músicos e produtores de sons apoiavam para que as radio-novelas pudessem ser realizadas. A professora coloca o CD para ouvirem. Ouvem o capítulo um. Pede para os alunos reescreverem o capítulo com suas palavras, ou se preferirem podem desenhar estes acontecimentos. Coloca o capítulo dois e procede da mesma maneira. Permite que os alunos escrevam ou desenhem. Coloca o capítulo três e repete o pedido. Os alunos reclamam algumas vezes e pedem mais tempo para terminarem.

OBSERVAÇÃO GERAL: A aula foi tranquila, sem dificuldades. A professora, muito calma, explica e orienta como devem fazer. Pede para ouvirem com atenção para comporem a história.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aulas 171 e 172**DIA: 03/11/08****1^a B****ESTRATÉGIA: História cantada**

A professora trabalha com a história cantada da galinha ruiva. Colocou a música para que pudessem ouvir. Escreveu algumas frases na lousa (perguntas) e algumas respostas que os personagens da história falam. Os alunos cantaram fazendo as vozes dos personagens. Copiaram no caderno e ilustraram a história.

OBSERVAÇÃO GERAL: Todos participaram cantando e fazendo as vozes dos animais. A professora dividiu as falas dos personagens por fileiras de alunos e quando era a vez do personagem falar ela apontava para a fileira dando o comando de voz e imediatamente os alunos respondiam.

Esta professora gosta muito de música e utiliza muito a música em suas aulas.

OBSERVAÇÕES – Prof^a B - Aulas 173 e 174**DIA: 07/11/08****4^a D****ESTRATÉGIA:**

A professora faz a proposição de um trabalho em grupo. Escreve na lousa:

- 1- Criar um nome para a empresa. Os alunos devem escrever na folha: Nome da empresa, endereço normal e eletrônico, fone.
- 2- Mostrar o produto. Folha: Desenhar o produto com: a- nome, b- preço, c- utilidade.
- 3- Criar uma frase de impacto
- 4- Questionário (7 perguntas)
- 5- Apresentação e venda.

A professora divide a sala em grupos de cinco alunos. Escreve o nome dos alunos e grupos na lousa.

Dá alguns exemplos de produtos para serem vendidos: xampu, sabão em pó, desodorante, pasta de dente.

A professora chama individualmente os alunos para ver os cadernos e “dar nota”. Alguns alunos esqueceram e a professora pede para trazerem na próxima aula.

OBSERVAÇÃO GERAL: A professora gastou muito tempo explicando o que deveria ser feito e os alunos não conseguiram avançar muito. Ficaram conversando demais sobre o assunto mas estavam meio perdidos com esta atividade. Teriam que pensar muito e rápido. Acho que foi demais para eles.

OBSERVAÇÕES – Prof^a B – Aulas 175 e 176**DIA: 07/11/08****3^a A****ESTRATÉGIA:**

A professora lembra os alunos que na próxima aula deverão entregar o cartão de natal que valerá “nota de prova bimestral”. A professora explica o que é elemento e composição. Utiliza livros de Arte para ilustrar situações com um elemento, vários elementos que formam uma composição. Pede para dividirem a folha do caderno ao meio com um traço de lápis grafite e desenhar na primeira metade a repetição de um elemento e na outra metade, uma composição com vários elementos. Terminada esta tarefa, pede para fazerem em outra folha um desenho

sobre o Dia das Bruxas. A professora chama individualmente os alunos para dar visto nos cadernos. Esta nota é atribuída à participação dos alunos.

OBSERVAÇÃO GERAL: Os alunos realizam as atividades calmamente. Desenham e pintam com lápis de cor. A professora consegue mantê-los ocupados enquanto verifica os cadernos. Faz anotações na caderneta do professor.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aula 177

DIA: 10/11/08

4^a A

ESTRATÉGIA:

A professora pede para os grupos apresentarem as rádio-novelas que gravaram. Um grupo de 2 alunas apresentaram a história “A noite barulhenta” que gravaram em um CD. Todos ouvem, riem pelos sons que produziram (som de trem, descendo escada, barulhos, etc). Outro grupo apresenta pessoalmente produzindo sons com a boca. Este grupo fica a desejar, pois falta diversidade de sons. A professora comenta este trabalho e incentiva a produção de diferentes sons com objetos diferentes. Uma aluna fez sozinha e gravou no celular. Ela mostra pra a sala. Todos ouvem e no final aplaudem. A professora elogiou e anotou o nome dos que apresentaram.

OBSERVAÇÃO GERAL: A aula foi muito produtiva. Os alunos puderam ouvir diferentes sons e entenderam como eram realizadas as rádio-novelas. Tiveram várias idéias e a professora deu diversas sugestões.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aulas 178 e 179

DIA: 10/11/08

3^a B

ESTRATÉGIA:

A professora pediu para três alunos que quisessem participar da Comemoração de 15 de Novembro, no próximo sábado. Haverá uma apresentação para a escola de um jornal falado. Como muitos alunos queriam participar, a professora achou melhor fazer um sorteio. Depois que os alunos foram sorteados, a professora dá uma folha impressa de um diálogo entre três

pessoas que explicam o que é a Proclamação da República. Os alunos leem e dizem que poderão vir. Depois pede para ficarem no fundo da sala treinando o diálogo. Coloca no aparelho de som o CD com a história de uma mudinha que tinha colocado na aula anterior. Pede para os alunos ouvirem atentamente, pois deverão escrever a história que ouvirem. Alguns alunos começam a fazer, mas não concluem.

OBSERVAÇÃO GERAL: Estas comemorações tomaram certo tempo da aula. Os alunos sempre estão dispostos a comparecer.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aulas 180 e 181

DIA: 10/11/08

1^a B

ESTRATÉGIA: Dobradura

A professora dá atividade de uma dobradura, um porquinho. Ensina os alunos a cortarem o papel numa forma de quadrado e vai fazendo passo-a-passo. Pede minha ajuda, pois alguns tiveram dificuldades. Vai fazendo e mostrando cada dobra. Terminado de dobrar pintam e fazem a carinha do porquinho.

OBSERVAÇÃO GERAL: A aula foi diferente para os alunos. Alguns não conseguiam e pediam muito a ajuda da professora. A professora manteve-se calma e atendia as solicitações. Ao final comentou comigo que é difícil para eles começarem a entender dobraduras.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aula 182

DIA: 24/11/08

4^a A

ESTRATÉGIA:

A professora distribuiu papel cartonado colorido e pediu para os alunos fazerem um cartão de natal. Os alunos levantaram várias vezes para pedir cola, tesoura emprestado ao colega. A professora deu ideias de recorte, purpurina e mostrou alguns cartões prontos (feitos por alunos) para terem ideias.

OBSERVAÇÃO GERAL: A professora me disse que a diretora vai escolher alguns cartões para mandar para a Diretoria de Ensino. Os alunos fizeram recortes variados e usaram brocol, lantejoulas, e papéis coloridos. Ficaram bem diversificados.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aulas 183 e 184

DIA: 24/11/08

3^a B

ESTRATÉGIA: Confecção de fantoches

A professora iniciou com os alunos a confecção de dois fantoches. Um peixe e um rei. Personagens de uma história que contou a eles. O peixe foi uma dobradura onde era possível encaixar os dedos. O rei foi feito parte por parte com recorte e colagem. A professora fez vários moldes de papel duro. Os alunos riscavam as partes, recortavam e colavam. Pintaram e fizeram o rostinho do rei com canetinha. Encenaram a história em duplas.

OBSERVAÇÃO GERAL: A professora atendeu as solicitações e deu orientações para que pudessem concluir os fantoches. Depois que encenaram a história do peixe e do rei, criaram histórias diferentes para os personagens e brincaram com os fantoches.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aulas 185 e 186

DIA: 24/11/08

1^a B

ESTRATÉGIA: Confecção de fantoches

Os alunos terminaram de fazer os fantoches da história- A professora releu a história para os alunos e eles representaram utilizando os fantoches. Quando terminaram esta representação, a professora pediu para fazerem desenhos de natal no caderno de Artes. Os alunos pediram para que ela fizesse alguns na lousa e ela fez arvores de natal, meias, guirlandas, sinos. Os alunos copiaram alegando que não conseguiam fazer sozinhos.

OBSERVAÇÃO GERAL: Percebo o cansaço dos professores. Ao final de um ano letivo, devo admitir que as forças estão se esgotando. As professoras reclamam dos alunos, das notas, do desempenho, etc. Ouço atentamente sem demonstrar reação. Algumas vezes percebo que de maneira em geral, elas gostariam que eu me expressasse, mas me contenho.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aula 187**DIA: 01/12****4^a A****ESTRATÉGIA:**

Nesta aula os alunos terminam o cartão de natal que começaram na aula anterior. Alguns já haviam entregado à professora e para que não fiquem sem atividade, a professora pede para fazerem desenho de natal no caderno de Artes. A professora sugere alguns detalhes para que concluam.

OBSERVAÇÃO GERAL: A professora diz várias vezes para capricharem que a diretora vai escolher alguns para enviar para a Diretoria de Ensino. Os alunos capricham e procuram inventar acabamentos e dobras.

OBSERVAÇÕES – Prof^a A – Aulas 188 e 189**DIA: 01/12/08****3^a B****ESTRATÉGIA:**

Os alunos terminaram de fazer o fantoche do rei. A professora distribuiu o molde do cabelo e da coroa do rei. Colaram e fizeram o rosto com canetinha. Quando terminaram a professora distribuiu papel colorido para fazerem um cartão de natal. Deu ideias de sinos, árvores de natal, guirlanda, presentes, etc. Os alunos fizeram cartões variados e coloridos.

OBSERVAÇÃO GERAL: A aula foi bem tranquila e os alunos capricharam bastante. Acho que gostaram muito de fazer este cartão. Pediam glitter emprestado, cola colorida, etc. A professora pediu para colocarem o nome atrás do cartão e recolheu.

APÊNDICE C – ROTEIRO PRELIMINAR DE ENTREVISTAS

As entrevistas foram realizadas com as professoras de Artes ao final do trabalho de campo, e tiveram como objetivo apreender o significado de suas ações, conhecer suas crenças e valores. Para as entrevistas também foi elaborado, preliminarmente, um roteiro de observação:

Roteiro Preliminar para entrevistas

- Dados pessoais e formação pedagógica;
- Justificativas para os critérios, instrumentos e métodos de avaliação utilizados;
- Fontes de referência e orientação para as práticas avaliativas;
- Justificativas para a temporalidade das avaliações;
- Papel da formação acadêmica no processo de atuação e avaliação;
- Funções da avaliação: no trabalho pedagógico, na escola e para os alunos.

APÊNDICE D - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS**PROFESSORA DE ARTES A - (PA)****PESQUISADORA – P**

P- Então PA, eu queria saber de você, por exemplo, sobre a disciplina de Artes. Por quê você escolheu fazer Artes? Primeiramente gostaria de ouvir sua opinião.

PA – Bom, primeiramente eu escolhi por causa da música. E a vida inteira, desde os seis anos de idade eu fazia música...tocava piano, fiz nove anos de piano, teorias, depois quando eu fui entrar na faculdade, é... fui influenciada pelas professoras do curso de piano do conservatório para fazer a faculdade de música. Em (uma cidade do interior paulista), o que tinha era Educação Artística com especialização em música. Então, era o único curso que eu poderia fazer para continuar na área de música. Eu fiz educação artística com especialização...e com licenciatura em música.

P – Você fez onde?

PA – Na (uma universidade privada de uma cidade do interior paulista).

P – Ah...tá... Faz quanto tempo que você fez?

PA – Ah...Faz...vinte... vinte e dois anos...

P - Pena que fechou o curso da (uma universidade privada de uma cidade do interior paulista), né?

PA – Fechou.

P – Fechou, era um curso bom. Eu conheço algumas pessoas que fizeram o curso na (uma universidade privada de uma cidade do interior paulista). Vamos supor...então desde criança que você está envolvida com música?

PA – Além da musica... assim...ah ... eu fazia no curso numa escola, mas a parte eu sempre gostei de bordar... gostei de...

P – Sempre gostou de bordar...

PA – Pintar, desenhar...é...sempre fazendo alguma coisa relacionada à Arte. Dançar, fiz ballet...

P – Ah!...que bom...

PA - Fiz Jazz, ia fazendo as coisas assim, música, dança...é... artes manuais, visuais, sempre gostei muito, muito de ler, é...livros assim, é bom...livros, é...assim, livros ligados à Arte e artistas. Sempre me interessei por essa área mesmo.

P – Vamos supor, você acha que o curso foi bom, assim, ele forneceu para você uma orientação nas linguagens da Arte: música, dança, teatro, artes visuais...

PA – Olha, eu quando eu fiz faculdade é...foi muito rápido... essa... esse... conteúdo, por exemplo, do teatro e da dança. Dança na realidade eu não tive na faculdade. O teatro nós tivemos um semestre de aula de teatro. Algumas noções básicas. Agora o que enfocava mais... eram as artes visuais, né?

P – Ah...

PA – Quando era pintura... os artistas ... era mais nessa área na faculdade que enfocava mais.

P – Então você conciliou a sua formação de música que você já tinha.

PA – É.

P – Com seu curso, então veio a completar.

PA- Naquela época no curso de Educação artística não, teve só no primeiro semestre um conteúdo de música, muito básico. E quem não era ligado a esta área teve muita dificuldade para fazer, porque não entendia.

P – Ah...

PA – Mas foi o único contato que eles tiveram com música, certo. Então é naquela eu achava que o curso era de dois anos.

P – Ah...

PA – E depois você fazia licenciatura. Então o tempo era muito curto para se dar tudo.

P – Então dois anos tinha todas as matérias.

PA – Todas as matérias. Cada semestre você via alguma coisa.

P – E depois de dois anos?

PA - Aí você escolhia a licenciatura ou em desenho ou artes visuais, ou em música.

P – Aí você escolheu música.

PA – Escolhi música.

P – Aí você acha que durou quanto tempo?

PA – Eu fiz mais um ano em licenciatura e depois eu fiz graduação em instrumento.

P - Lá na (uma universidade privada de uma cidade do interior paulista)?

PA – Foi, no piano. Aí eu fiz três anos de graduação e terminou. O que tinha em (uma cidade do interior paulista) na época era isso, relacionado à música. Se eu quisesse fazer mais alguma coisa eu teria que sair de (uma cidade do interior paulista).

P - Muito bem. Depois disso você fez mais...fez algum curso, depois que você se graduou ou logo prestou concurso e entrou?

PA – Não... não, o concurso, isso veio com o tempo. Depois que eu casei mudei de cidade, fui para uma cidade pequena, (outra cidade do interior paulista). E lá como não existia professor de Educação Artística. Era difícil o acesso, tinha que vir professor de fora...de Jaboticabal e de outros lugares. Eu tinha muita aula de educação artística para dar, nas duas escolas estaduais que tinham lá. E como eu era vizinha do diretor. Dois diretores, um era diretor em uma escola e a esposa era diretora em uma escola e o marido, na outra, sabendo da minha formação, né, em Educação Artística, eles me convidaram para dar aula de Educação Artística.

P – Ah, tá...

PA – Aí eu comecei, lá em (outra cidade do interior paulista) em 1986 a dar aula como ACT, no Estado, dei aula lá durante cinco anos, depois mudei de lá, aí parei de dar aula e fui para outra cidade.Quando voltei para (outra cidade do interior paulista) a quinze anos atrás,aí peguei algumas aulas no Estado em substituição, parei de novo por problemas particulares, e faz sete anos que eu voltei.Ah...aí surgiu o concurso, a cinco anos atrás, prestei o concurso, passei, e estou aqui efetiva agora.

P – Parabéns, então. Então PA, o meu trabalho, assim, o foco do trabalho é sobre avaliação. Então eu queria saber de você assim...ah... como que você faz isso, visto que a área de Artes não tem assim uma prova, não existe um modelo, como que você costuma avaliar os seus alunos aqui no Estado?

PA – Bom, a nossa avaliação é feita diariamente, né? Todas as atividades que são dadas nós já estamos observando os alunos, avaliando o desempenho, a gente avalia já a coordenação, a gente avalia a. o método de trabalho, se ele é um aluno que tem método, se ele tem dificuldade em alguma coisa, a gente já vai percebendo... então essa avaliação é constante, toda aula, toda atividade a gente já qual que vai ser o desempenho, a postura do aluno, tem alguns que preferem desenhar, outros preferem dançar, outros preferem participar de uma peça de teatro, outros gostam mais de música... Então isso daí é feito é...em cada linguagem, né? independente, porque uns se saem melhor numa linguagem do que a outra, e...e no final do bimestre a gente tem que dar uma nota pra esse aluno. Então as notas são dadas pelo desempenho dele em sala de aula. Mesmo que ele, é...não saiba desenhar, é o que eles sempre falam: - Não sei desenhar! Mas não é bem isso, né? E... a gente não vai dar a nota porque ele não sabe desenhar, a gente vai dar a nota pela vontade que ele teve de fazer o trabalho, né?

Pelo interesse que ele teve de aprender aquela atividade, independente do resultado final que ele conseguir.

P- É por que às vezes o resultado não é tão bonito mas...

PA – É verdade, então pra ele aquilo é muito importante. Se ele se interessou, se ele teve vontade, mesmo que não tenha saído perfeito, ele merece uma boa nota.

P – Então, você não acha, por exemplo, que aqui no Estado, geralmente as salas têm trinta, trinta e dois, como que você geralmente procede a essa avaliação? Você, ah... tem um registro , como que você faz, por exemplo, na hora de dar esse conceito?

PA – É...

P – Você mantém esse registro?

PA – É. Primeira coisa a gente tem que conhecer todos os alunos, né? Aprender a conhecer, individualmente. Lógico que isso é difícil com tantos alunos, mas a gente passa a observar e fazer anotações, né? A gente tem um caderno que a gente faz as anotações. Eles têm um caderno que a gente segue o trabalho deles quando a gente ah...

Às vezes esquece o nome de alguém, a gente não lembra, a gente vai no conteúdo que ele tem, no trabalho ali que ele fez, pra gente lembrar quem é o aluno. Mas com o tempo a gente passa a conhecer cada um, pelo nome quem é e até pelo trabalho a gente sabe quem fez.

P- Ah...

PA – A gente conhece o trabalho do aluno, então com o tempo a gente passa a conhecer e a ter mais habilidade nessa hora de avaliar. A gente olha o aluno, vê a maneira como ele se comporta, como ele resolve os seus problemas lá na atividade, a gente já sabe como vai ser o resultado. Então, é... a gente tem estes registros dos alunos, né? Que ficam geralmente guardados na própria sala de aula. E quando a gente necessita pra avaliação, a gente pega estes registros dos alunos, mais o que a gente tem anotado sobre a sala, sobre cada um na hora do trabalho, a gente vê a dificuldade. A gente tem no Estado que anotar tudo que acontece durante uma atividade. Por exemplo, a aceitação do trabalho, é...qual foi a dificuldade, o que eles mais gostaram, o que eles não gostaram...

P – E isso fica pra você, ou você tem que entregar na Secretaria?

PA – Não, depende da escola. Tem escola que exige um registro do aluno, é...mas tem escola que não é necessário. Esse registro fica apenas para nossa avaliação, né? Pra que a gente, aí a escola pega só as notas que a gente passa.

P- Ah...

PA – Se o aluno tem algum problema, aí nós vamos chamar e então comentar o problema do aluno. Mas caso contrário, os registros ficam com a gente mesmo.

P – E essa avaliação, vamos supor, qual é a frequência, a temporalidade dela, é bimestral?

PA – É bimestral.

P – Ah...

PA – Ou se a gente trabalha com projetos, tem escola que trabalham apenas com projetos, então seriam quatro projetos por ano, pra gente desenvolver. Um em cada linguagem, né? Um projeto de dança, um projeto de música, um projeto de artes visuais e um projeto de teatro. Então o tempo dessa avaliação vai ser o tempo que o projeto leva pra desenvolver e pra acabar. Tem projeto, que você consegue fazer em dois meses, tem projeto leva quinze dias, né? Mas nós dividimos no Estado mais ou menos, essas linguagens por bimestre. São quatro bimestres, a gente trabalha as quatro linguagens.

P – A música, a dança...

PA – O teatro e as artes visuais.

P – Certo. E esses projetos é o professor que elabora ou já vêm preparados pelo Estado?

PA – Nós temos, tivemos algumas capacitações na Diretoria de Ensino durante quatro anos, quando foi implantado Educação Artística no currículo de primeira à quarta série no Ensino Fundamental porque é... não tinha mais essa matéria, e... foi implantado, quanto foi implantado então a Diretoria de Ensino capacitou o Estado, capacitou os alunos, os professores de Artes nestas quatro linguagens . Então nós temos apostilas sobre estas quatro linguagens, algumas atividades, né? Só que o professor de Artes pode estar sempre criando, sempre mudando, dentro dessas quatro linguagens.

P – Ou seja, criar novos projetos desde que estejam...

PA – Isso...

P - ...Acompanhando a linguagem....

PA – Isso...

P – Ta...Por exemplo, quando você fez sua graduação, você teve alguma disciplina sobre avaliação?

PA – Não.

P – Nada!

PA – Nada. Nem como dar aula, o que eu encontraria dentro de uma escola, dentro de uma sala de aula, nada relacionado à isso.

P – Nem na matéria de Didática?

PA – Não.

P- Não?

PA – Não, era tudo muito ligado à leis. Leis da educação, é...tudo é muito teórico. Não como o professor deveria se comportar dentro de uma sala de aula com os alunos, uma didática é...realmente pratica para esse tipo de aula, né?

P – Prática de Ensino...

PA – Prática de ensino deveria ter uma matéria assim, prática de ensino.

P – Quando você ingressou, você sentiu dificuldade, assim em estabelecer esses critérios?

PA – Muita, muita dificuldade. Por que uma, eu nunca tinha entrado numa sala de aula, eu não estava preparada, eu não sabia o que eu ia dar de matéria, porque em 1986 era o ciclo básico. O ciclo básico tinha aula de educação artística, mas não tinha um registro do conteúdo, não tinha uma norma para que a gente pudesse seguir. Naquela época o que os professores de Artes faziam era dar aula de artesanato. Porque o que era ligado à Arte, eram fazer trabalhos manuais, enfeitar a escola...

P – Você acha que agora mudou?

PA – Agora mudou. Agora nós professores estamos tentando mudar a cabeça de muita gente que ainda acham que Arte são trabalhos manuais, que o professor de Artes é o decorador da escola. Ele pode até ajudar, como todos os outros, mas, hoje nós temos um conteúdo para ser aplicado. Nós temos as quatro linguagens para desenvolver com esses alunos, né? Não somos mais meros decoradores e fazedores de lembrancinhas, né? Porque é isso que a gente tem que mudar tanto na mentalidade dos alunos, dos pais, como também do próprio professor.

P – Existe uma certa resistência, não é?Eu também percebo isso.

PA – Existe. Tem muitos professores que ainda acham que é obrigação do professor de Educação Artística ficar fazendo festa, enfeitando a escola, fazendo bandeirinha, e sendo que a gente é...tem o nosso conteúdo, tem os nossos projetos para desenvolver.

P – Hummm...Seu grau de satisfação PA, aqui na escola, vamos supor, você acha que você consegue dar estes conteúdos, essas linguagens, você mudaria alguma coisa? Pode ficar a vontade de falar, o que você acha? Fica a desejar, você está satisfeita? O que você mudaria?

PA – Olha, é o seguinte...essa escola que eu trabalho, eu considero muito boa. Agora eu gostaria assim, no meu pensamento, porque é... as vezes muitas vezes a gente começa um projeto e tem que interromper porque a coordenação quer que você faça outra coisa, tem alguma data comemorativa que eles querem que você trabalhe, é...aí a direção vem, quer fazer uma festa, você tem que parar para ensaiar os alunos, pra cantar, pra dançar, ou pra fazer alguma coisa que não tem nada a ver com o conteúdo do projeto que você está...

P - ...trabalhando.

PA – Trabalhando. Então, é... eu gostaria muito que todos tivessem consciência de que nós, como os professores de Matemática, de Português, de Ciência, de História, nós temos o nosso conteúdo de Arte pra dar, e que nós fôssemos respeitados nesse conteúdo. Eu acho que nosso trabalho é muito quebrado, a todo momento, por coisas que eles querem que a gente faça, né? Naquele sentido de que: o professor de Artes ta aqui pra preparar festa, ta aqui pra fazer comemoração, ta aqui pra enfeitar a escola. Então, é onde nosso conteúdo fica um pouco comprometido.

P – Então você mudaria isso...

PA – Mudaria isso.

P – E por exemplo, ah...a questão do SARESP, que é uma avaliação externa. Você acha que essa avaliação consegue medir o conhecimento dos alunos?

PA – É eu acho que consegue até certo ponto. Porque o SARESP quer medir esse conhecimento, apenas se o aluno está alfabetizado ou não. Se ele sabe fazer as contas de Matemática, as quatro operações, ou não. O interesse dele é saber isso. Qual a dificuldade do aluno na Língua Portuguesa e na Matemática. Ele não está interessado no...em outro conteúdo qualquer do aluno, né? Os alunos, eles, cada um tem um interesse e consegue desenvolver o seu conteúdo através, né, talvez nem sempre na Língua Portuguesa e da Matemática, né? Eles têm as vezes tem uma vivência em outra linguagem, por exemplo, as Artes Visuais. Tem aluno que consegue ser alfabetizado por uma imagem, não as vezes ele tem mais dificuldade na escrita. A interpretação de texto, a Arte é muito importante pra isso, desenvolver estes conteúdos, só que é muito difícil fazê-los entender isso, né?

P – Por que às vezes outros meios poderiam facilitar o aprendizado...

PA - ...facilitar . A Arte facilita demais todos esses conteúdos.

P – E você, vamos supor, tem alguma pergunta relacionada à Arte no exame do SARESP?

PA – Não, não. Nenhuma porque o exame do SARESP é muito básico. É muito só texto, às vezes cai algum trecho, por exemplo, no SARESP deste ano, de 2008, caiu um trequinho na prova da segunda série do Pedro Malasartes, que é um personagem folclórico, e isso foi dado na aula de Artes pra eles. Eles nem conheciam o personagem. Quando eles viram esse texto na prova, eles ficaram alegres porque eles já sabiam quem era Pedro Malasartes. Já conheciam o personagem e tiveram mais facilidade pra fazer a prova. Então, é...a gente...eu fiquei até muito feliz por isso...

P – Foi uma intuição, isso ou estava no planejamento?

PA - Não, não estava. Eu acho que o professor de Artes, ele tem uma intuição a mais que os outros, por quê? Geralmente o que a gente pega de musica, ou é...de teatro, algum texto ou

alguma coisa pra que eles desenvolvam alguma atividade, eu não sei se é sorte, eu não sei o que é , mas acontece alguma coisa, que na prova, alguma atividade naquele ano...A gente sempre está muito atualizado, né?

P – É talvez seja isso...

PA – Porque nós professores, a gente se interessa muito pelo que está acontecendo, e talvez isso, inconscientemente faça, influencie na hora da gente escolher o conteúdo, né? Aquilo que está no noticiário, aquilo que está acontecendo na nossa cidade, na nossa comunidade, no Brasil, no mundo, e isso acho que influencia um pouco a escolha do nosso conteúdo.

P – E alguma vez, vamos supor, ou a direção ou algum professor pediu pra você dar algum conteúdo na sua área porque poderia cair no SARESP?

P – Já.

PA – Já aconteceu?

P – Já , inclusive a gente pode ajudar nesse sentido. Mas nem sempre este conteúdo, seria é...pra que a gente desse, né? Seria mesmo para a professora de outra área, né? Mas como eles acham que está ligado, por exemplo, Matemática, né? Geometria, sólidos geométricos, a gente pode ajudar os alunos a trabalhar, mas de uma outra maneira. Não explicando o que é um poliedro, um sólido, isso daí é o professor de Matemática que teria que fazer, né? A gente entra com a parte deles trabalharem as formas, fazer uma escultura... essas coisas. Mas, é aí que ta, né? Os outros professores, direção, coordenação não entendem muito bem isso.

P – É...vamos supor, você acha PA, que o resultado, porque eu sei que aqui foi muito bem, os alunos foram bem ...

PA – Foram bem.

P – E isso influencia o relacionamento da coordenação com o corpo docente? Por exemplo, existe uma cobrança isso não ocorre?

PA – Muito grande! Muito grande! Porque no SARESP você sabe de cada aula, de cada sala, e de cada aluno. Então é medida a nota por sala de aula, e a sala que tem um menor rendimento, o professor realmente ele é chamado atenção, por quê que aquela sala, por quê que os alunos não conseguiram, né? ter uma nota maior no SARESP. Então é muita cobrança. E pro ano seguinte, se esse professor continua na escola, os problemas grandes do Estado é essa rotatividade do professor também, porque se mantivesse o mesmo corpo docente todos os anos na escola, seria mais fácil trabalhar, mas todo o ano tem uma rotatividade muito grande de professor, então cada professor que entra, você não sabe o desempenho dele, então é um trabalho que você tem que iniciar todos os anos , e quando você chega no final, na conclusão para continuar o trabalho no outro ano, o professor muda de escola. Então que

acontece, se continua na escola, é feito um trabalho pra tirar essa defasagem, qual foi a maior dificuldade do aluno? Ah... foi em tal conteúdo, então esse professor vai trabalhar esse conteúdo com os alunos que tiveram dificuldade, então vai ter que desenvolver algumas atividades, vendo o quê que vai desenvolver? Então o grupo todo ajuda.

P – Então no ano seguinte que essa defasagem é corrigida?

PA – É corrigida.

P – Nem sempre pelo mesmo professor.

PA – Nem sempre.

P – Ah...

PA – Aí a escola vê aonde que foi, né? Que foi a menor nota, o quê que aconteceu...se todos os alunos tiveram a mesma dificuldade...,né?

P – Hum...

PA – E aí, é... e aí que é revisto então, e são feitos os trabalhos em cima disso.

P – Ah, tá... E agora só para fechar a nossa conversa, é... por exemplo, na área de Artes, na área de Artes, PA, o quê que você observa? Você falou que observa algumas coisas, se o aluno desenvolveu, mas o quê que você observa? Por exemplo, para estabelecer um conceito?

PA – Um conceito...

P – Porque eu sei que a gente tem que dar uma nota no final do bimestre...

PA – Olha, eu observo muito o interesse. Porque o aluno interessado, por mais dificuldade que ele tenha, ele tenta superar essas dificuldades, é... ele não desiste, né?

P – O interesse que você diz é nas aulas?...

PA – Nas aulas. Nas atividades. Porque a gente percebe quando eles gostam da atividade ou não. Às vezes a gente tem que mudar um pouco, dependendo do interesse deles também, né? Mas o que mais me leva assim, hum..., o conceito básico ao que me leva mesmo a dar a nota é o desempenho dele nas atividades. É a vontade dele de fazer o trabalho, por mais dificuldade que ele tenha. Mas se ele tiver vontade, ele consegue, de uma maneira ou de outra.

P – Porque eu percebo assim, que na área de Artes, as pessoas veem muito o resultado final...

PA – É. Mas isso nós aprendemos nas capacitações, também. Que o aluno, é... A gente como professor de Artes, a gente deve tentar sentir, deve tentar chegar mais próximo do aluno, e dependendo da linguagem que você trabalha, ele até desperta demais suas emoções, seus sentimentos, e aí é onde você vê qual é o problema daquele aluno, né? O que acontece com ele? Por quê que ele às vezes é muito tímido? Por quê que ele é calado? O quê que ele gostaria de fazer? Então, qual é a vida dele? Através da Arte você consegue ver isso no aluno. Às vezes ele desenha muita gente morrendo, às vezes desenha muita gente namorando, às

vezes desenha muitas flores... então, você percebe conversando com o aluno, quais são os problemas dele e aonde você pode conseguir é...ganhar este aluno. Puxar, trazer ele, fazer com que ele desenvolva, fazer com que ele coloque pra fora. Tem muitos alunos que quando agente vai dar alguma dança, ou alguma peça de teatro, eles ficam encolhidinhos no fundo, eles não querem participar. Tem vergonha, são tímidos, mas eles passam a ver os colegas e ficam mais à vontade. No final, às vezes eles se saem melhor do que os outros, então, é...a gente, é por isso que a nossa avaliação tem que ser nisso, na vontade . Aquele aluno que se recusa o tempo todo a fazer qualquer tipo de trabalho, aí sim, nós temos que avaliar o resultado final porque é quase impossível tirar alguma coisa dele, né... mas a gente , aquilo que a gente conseguir tirar, já é um mérito. Então a gente não pode avaliar o aluno com zero. É impossível um aluno na aula de Artes tirar zero. Alguma coisa ele faz. É que a gente tem que dar nota, números, mas a gente poderia avaliar de outra maneira, né?

P – Como, por exemplo?

PA – Ah...eu acho que poderia ser...não tem jeito, né? Tem que ser alguma coisa regulamentada, regras, né? Seguir regras. Mas eu gostaria muito de avaliar o aluno como é...tem mais...o desempenho se foi melhor, é...a vontade, as atitudes, na verdade...

P - ...um relatório...

PA - ...de um relatório. Se bem que a gente tem mais ou menos esse relatório durante o ano nas nossas anotações sobre cada aluno, né?No final temos que dar a notas, né?

P – Você não acha que seria muito árduo, fazer um tipo de relatório desse pra cada aluno?

PA – É...mas no inicio das capacitações, no ano da capacitação, foi pedido que a gente fizesse um relatório de cada aluno, e depois a gente tinha que escolher de cada sala de aula, um relatório e levar, né?...Que seria o ...

P – Portfólio.

PA – O portfólio. Então, neste primeiro ano de capacitação, foi muito difícil, uma mudança muito grande no conteúdo e nós tínhamos que fazer o portfólio. Gravar os alunos, toda atividade a gente tinha que gravar. Eu achei interessante isso. Gravar, tirar fotos, filmar...

P – Registro...

PA – Registro. Mas nós tínhamos que fazer de cada aluno.

P – Deu conta?

PA – Não. (risos) Impossível, fazer isso de cada aluno. E era exigido. Na próxima capacitação que levasse o portfólio. Então, a gente escolhia alguns, mas era impossível fazer de todos, todos, todos, né? Então ao invés do portfólio que a gente teria que fazer de todos, a gente mantém estes registros apenas. Que é mais fácil você registrar, que você registra rapidamente

e...muito interessante que a gente não poderia esquecer é estar permitindo então que eles realizem as atividades.

P- Que é um registro.

PA – É um registro.

P – Então PA, você ah...por exemplo, teve alguma orientação, você falou sobre esse tipo de orientação que a Secretaria deu, né? Pra fazer essa avaliação, mas você já tentou outros métodos, além do registro?

PA – Não, na realidade não. Eu vou muito pelo que realmente o aluno faz em sala de aula.

P – Seria interessante, vamos supor, se assim, um pesquisador lançasse mão talvez de um modelo, não um modelo pra ser seguido mas, uma referência?

PA – Eu acho que seria muito interessante uma referência. Cada professor tem uma maneira de avaliar, diferente, né? Tem professor que dá prova de Artes. Chega no final, de cada projeto, ele aplica uma prova e a nota é em cima dessa prova. Mas, tem muitas coisas que ele, por exemplo, como que ele vai fazer uma prova, quando a linguagem é o teatro, ou é a dança, ou é musica? Que prova que eles vão fazer? É eu acho que a avaliação tem que ser o desempenho deles, a desenvoltura, o desenvolvimento durante os trabalhos, a disciplina, né? O interesse...esta pra mim é a verdadeira avaliação do aluno. Porque às vezes ele tem dificuldade pra escrever, ou não guarda muito bem um conteúdo mas na hora de praticar, na pratica ele é excelente. Como que eu vou avaliar esse aluno?

P – É difícil, né? Você leu alguma coisa sobre avaliação em Artes?

PA – Já. Isso daí era dado pra gente quando começaram as capacitações, tinha a parte de avaliação. É...como avaliar? Mas sempre foi falado que cada professor ia escolher os seus...

P- ...os seus critérios...

PA – Os seus critérios. Que cada professor saberia avaliar os eu aluno. Ninguém melhor do que o professor pra avaliar o seu aluno. E que a avaliação tinha que ser constante, tinha que ser diariamente, teria que ser durante todas as atividades. Tanto que durante todas as atividades nós teríamos que fazer um registro, né? Da dificuldade, ou não encontrada pelo aluno durante aquele trabalho.

P – humhum...

PA – Então aí você especificar. Você gravar os alunos, perguntar: - O que vocês acharam deste trabalho? Vocês gostaram? Por quê? Não gostaram? Por quê? Quais as dificuldades? O quê que vocês sentiram? Tiveram dificuldade em alguma coisa? Não tiveram? Gostariam de repetir?

P – Mudar alguma coisa...

PA- Mudar alguma coisa? Como vocês fariam? Se fosse...não é? Que sugestão vocês dariam? Então, esse seria um relatório, né... do trabalho final. E a avaliação... isso daí vale mais do que uma avaliação escrita.

P – Um depoimento.

PA – Um depoimento do que ele aprendeu.

P – Muito bem PA, eu gostaria de agradecer, né? Seu depoimento esse ano, foi muito bom.

PA – Você também foi muito boa, nós gostamos demais de você, né? As portas estão sempre abertas, pode vir à vontade, quando estivermos dando aula e que bom que você escolheu a gente, né?

P- Obrigada...

PA- risos...

PROFESSORA DE ARTES B - (PB)**PESQUISADORA – P**

P- Entrevista com a professora PB, dia 12/12/2008.

P – Então PB, eu queria que você falasse um pouquinho sobre a disciplina de Artes. Por que você resolveu ser professora de Artes?

PB – Bom P, na realidade, Ahhhh, meu interesse mesmo era estudar Arquitetura, e na época em (uma cidade do interior paulista) não existia faculdades de Arquitetura e eu fiz opção para Educação Artística. Por quê? Eu sempre gostei de trabalhar com....manualmente, eu sempre gostei de trabalhar com a criatividade, eu sempre gostei de inovar dentro das coisas, ah... eu sempre tive interesse em trabalhar com o ser humano, tanto é que a minha aula de artes eu falo muito em Psicologia, eu trabalho muito a Psicologia junto com a arte, então uma coisa que eu iria fazer, totalmente racional eu passei a trabalhar com o lado bem emocional das pessoas . Gostei, continuei fazendo curso de especialização...

P – Ah! Você se formou aonde?

PB – Eu me formei aqui na(uma universidade privada do interior paulista)

P- Faz tempo?

PB – Ah.... eu fui a turma de 76.

P – Ah! Acho que foi a última turma ...

PB – É... foi a última turma da ... depois foi fechado o curso. Depois eu fiz especialização em História da Arte...

P – Aonde? Lá mesmo?

PB – Não, em (uma cidade do interior paulista), porque era a única que tinha na época, na região e....fiz muito curso assim paralelo relacionando a Arte com Psicologia... Achei legal

trabalhar com essa parte. Fiz um trabalho muito bonito com Salvador Dali e o subconsciente, a memória.... então eu comecei a entrar ah, a relacionar Psicologia e Arte.

P – Tem muita coisa a ver...

PB – Tem muita coisa a ver... Tem tudo a ver. Então eu acho que a pessoa vai buscar no subconsciente o motivo para poder botar pra fora tudo que sente, ou desenhando, ou pintando, ou falando, se expressando de alguma maneira.

P – Professora, atuar como professora faz tempo que você dá aula ou começou faz pouco tempo?

PB – Não, não faz tempo.... eu comecei em 77 como professora...

P – Ah....

PB - Aí eu parei uma época, né, daí eu trabalhei aqui no (uma escola pública), depois fui pro (outro estado), trabalhei em (cidade de outro estado), oito anos, nove quase depois voltei pra cá mas durante o tempo que minhas crianças eram pequenas eu dei uma parada, não é, mas sempre trabalhando com Arte e Psicologia, nunca Arte pura, não é, sempre envolvendo essa relação ...

P – Essa ligação, não é?... E o concurso de professora do Estado, você prestou faz tempo?

PB – É eu prestei o concurso quando eu estava em (cidade de outro estado) em 84... me parece que foi em 83. Aí comecei a trabalhar concursada lá. Só que quando eu voltei pra cá, voltei para o Estado de São Paulo, não valeu o concurso ...

P – Hummm... outro estado....

PB – É, outro Estado, daí eu prestei outro concurso, é....parece que foi em 2000 ou 2001 agora que teve....aí eu voltei a ser efetiva do Estado, não é? Mas eu nunca parei de trabalhar durante este período.

P- Ah!! Bem PB meu trabalho, na realidade tem o foco na avaliação...

PB – Certo....

P – Então, eu gostaria de saber de você, no seu curso de graduação ou Pós-graduação, você teve alguma disciplina, ou de didática.... que lhe deu alguma orientação de como avaliar os seus alunos na sua disciplina?

P Y– Tive. Tive didática, avaliação mesmo, como disciplina.... Ah....que deu uma noção do que era bonito, feio, certo, errado, como você podia dividir isso dentro da cabeça ,da atividade do aluno, ah.... a minha visão não fugia muito da visão oficial,num é?

P – Essa visão oficial seria o quê?

PB – O Belo, arte e o belo.

P – Ah! Ta...

PB – O belo, você avaliava o aluno de acordo com o resultado do trabalho.

P – O resultado estético?

PB – Estético. A estética sempre em primeiro lugar.... você admirava aquilo que era bonito. Eu não, eu nunca avaliei o resultado final, eu sempre avaliei o processo, como é que o aluno chegava do nada, ou de alguma habilidade que ele já possuía e foi se desenvolvendo até chegar no final do conteúdo. Então esse tipo de avaliação eu aprendi também na faculdade mas já era meu modo de pensar .

P – E ... ah... Qual é a orientação que eles dão nesse sentido? Como o professor deve avaliar? Não como você faz, mas qual a orientação que você teve?

PB – Bom....

P – Lembra?

PB – Lembro. A orientação prioritária deles ah.... sempre foi baseada na perfeição, certo? Então por exemplo, uma reprodução, ela deveria ser muito fiel, quanto mais fiel ela fosse, mais nota o aluno deveria tirar, segundo a orientação da escola, ta?

P – Hummmmm...

PB – Eles não davam muita importância pela criatividade do aluno e sim pelo efeito final, estética, ahh...dentro da arte. Mas eu acho que depois da Ana Mae Barbosa, que mudou toda essa visão de arte, né, inclusive modificou até o nome da disciplina, ela conseguiu, eu acho que toda essa visão hoje, se eu voltasse para estudar, essa orientação seria diferente em relação a isso, então eu tive debates homéricos na faculdade sobre avaliação. Eu não aceitava uma avaliação baseada na estética, no belo, na cópia fiel, na reprodução, sabe... eu nunca aceitei isso.

P – Era como se mais perfeita, maior seria o conceito? Melhor seria esse aluno?....

PB – Sim.

P – Mas você não pensa assim....

PB – Não, não penso. Pra mim o resultado final é a conclusão de um processo, como ele conseguiu fazer esse processo, como ele conseguiu crescer dentro desse processo, como ele interpretou essa imagem, entendeu? Então era essa avaliação, que eu tento fazer até hoje. Às vezes eu consigo, às vezes não, dependendo da atividade, Ah... o próprio aluno hoje se questiona, ele tem vergonha do trabalho dele, principalmente o adolescente. Ele fala: Olha, não mostra meu trabalho pra ninguém. Vira o trabalho em cima da mesa, porque ele mesmo vê que esteticamente, não tá perfeito.

P – Hummmm... ele até compara com...

PB – Ele até compara com quem tem um pouquinho mais de habilidade do que ele, então não é isso que o professor não deve deixar acontecer. Cada um é um, a avaliação é muito individual,

P – Hummm

PB - Ah... o processo é muito importante para chegar até lá....

P – O que você usa para avaliar? Quais os critérios que você usa para dar um conceito para o seu aluno? O que você leva em conta... O que é fundamental? Vamos pensar nisso...

PB – Fundamental... bom... ah... Eu nunca, você teve a possibilidade de ver, eu sempre conto uma história, ta... eu dificilmente coloco um aluno numa situação de observador. Então se eu vou falar da vida de um pintor, eu vou contar alguns pontos que eu acho importante, que eu acho que são chamativos, que eu acho que a criança memoriza, e a partir daí, né, a partir dessa interpretação que ela já faz, o motivo que levou o pintor a agir daquela maneira, ela vai fazer a criação dela, o abra dela. Nem sempre a obra fica parecida com a obra do autor. Eu procuro também nunca mostrar uma obra de arte antes de contar uma história pra eles. Eu sempre quero que eles façam a primeira imagem dentro deles.

P – Hummm...

PB – Então às vezes quando eles concluem o trabalho, quando eu levo uma obra pra mostrar daquela história que eu contei, não tem muita coisa a ver, a história com o trabalho deles, então eles ficam um pouco decepcionados, mas era tudo isso exatamente que eu queria, entendeu? Procurar a individualidade deles, dentro de cada um através da interpretação.

P – Mas como que você registra isso? Por exemplo, porque eu acho que uma sala que tem 40 alunos...

PB – É muito difícil... Bom... o registro... Em primeiro lugar, eu dou muita importância para a higiene do trabalho, tá?... o trabalho tem que ser, como um caderno de aula, tem que ser apresentável. Não é porque é uma aula de Artes, que o aluno pode sujar, pode bagunçar... ele tem que ter uma certa ordem, então a apresentação do produto final é importante...

P – Ahammm...

PB - Porque ali ele vai colocar algumas diretrizes, algumas regras, não somente de Artes, mas também como dentro da vida dele. Então tem que ser um trabalho limpo, tem que ser um trabalho que não fuja muito do tema... minha avaliação é baseada nisso... mesmo que o resultado não seja idêntico, ou muito parecido, mas ele tem que mostrar que ele entendeu aquilo que eu falei, né, ih, o tipo de material que foi pedido, se ele utilizou, se ele não

conseguiu utilizar, se ele conseguiu, ah... relacionar o uso do material que ele tem em mãos com a proposta do trabalho; então a avaliação é realmente um processo, se ele participou realmente do processo, se ele se comunicou com o professor, se ele tirou dúvida... Não existe avaliação de pegar um produto e falar... olha, o desenho dele é esse e ele vai ter a nota por isso, não. Ele teve interesse durante as aulas?, ele tentou fazer o mais limpo possível, o mais claro possível, ele tentou passar a ideia dele? Então todo esse processo eu tenho que avaliar, mesmo que a classe seja grande... não rotular um aluno. Ah... pela aparência final dessa produção dele.

P – Mesmo porque tem aluno que não é bom numa disciplina, e às vezes na disciplina de Artes ele acaba se saindo bem...

PB - É realmente é isso, aquele aluno bagunceiro, aquele aluno que apresenta um desvio de comportamento, ele é excelente na aula de artes, aliás eles desenham as aulas todas, como se fossem todas as aulas de Artes, né; então a gente que puxar o gancho por aí. Então às vezes existem algumas incoerências na avaliação, o professor da classe diz: _ Mas você deu uma nota boa pra esse aluno, esse aluno não faz nada. Mas comigo ele é ótimo, entendeu? Desde que a gente consiga motivar o aluno até onde a gente quer.

P – Mas vamos supor, na hora de dar o conceito, você lembra de cada um?

PB – Lembro.

P – Então você mantém algum registro...

PB – Não... Eu mantenho algumas regras básicas, igual eu falei: higiene no trabalho, reparo se ele está interpretando aquilo que eu falei, se ele conseguiu entender aquilo que eu falei, entendeu? Ah... se o registro que ele está pondo ali no papel ou na tela, ou uma argila, seja lá onde for, se aquele registro tem a ver com o conteúdo que está sendo feito, não foi feito por acaso, então tudo isso eu tento perceber, e a gente...a aula de Artes é muito interessante porque é igual um professor que pega o caderno de um aluno que a mãe fez a tarefa, o

professor detecta na hora que não foi o aluno, e a professora de Artes também detecta se o aluno entendeu o conteúdo ou não, através da produção dele, né? Existe algum, se ele aprendeu ou se ele colocou alguma coisa dele que é importante, não é só aprendeu... se aquele aprendizado de alguma maneira, P, transformou o aluno então...

P – Se houve alguma mudança...

PB – Alguma mudança, eu só entendo que existe aprendizado quando a gente muda alguma coisa na pessoa seja ela dentro de qualquer que seja situação. Então essa mudança, que na realidade é o conteúdo mais a criatividade do aluno, vai gerar uma produção, e a produção vai ser avaliada aí, e eu tenho como detectar se ele prestou atenção na aula, se ele participou, pelo conteúdo final, se ele realmente fez, se alguém fez por ele, então essa avaliação é quase automática.

P – E qual é a periodicidade dessa avaliação?

PB – Bom, eu trabalho, a minha avaliação é sempre feita assim de uma maneira prática, dependendo, por exemplo, o Fundamental I. O Fundamental I a gente trabalha com vistos...

P – No caderno?

PB – No caderno. Então toda atividade a gente vista. Eu nunca dei nota em caderno de aluno. Eu coloco “Ótimo, e Muito Bom”, “Podia caprichar mais”, entendeu? Mas nunca coloquei nota porque eu acho muito difícil você dar uma nota, pra alguém que ta tentando...

P – Tirar...

PB – colocar alguma coisa pra fora, colocando... se expressar. Então de repente eu dou um cinco, um quatro, o aluno vai se bloquear por uma atividade que às vezes não é a realidade dele o ano todo. Então eu dou um visto, e eles me questionam: - Olha e a nota? Quanto que eu tirei? Aí eu falo a nota é comigo... Eu não passo a nota pro aluno, entendeu? Eu não consigo fazer isso, porque eu não quero desmotivar o aluno, mesmo aquele que é mais “porquinho”, que é mais... eu não quero desmotivar dele produzir, dele botá aquilo que ele ta sentindo, pra

fora, então eu nunca coloco nota. Eu visto sim, os caderninhos, eu dou visto, passo uma tarefinha, dou visto, pra eles perceberem que a gente ta acompanhando o processo deles, mas... geralmente eu faço isso no final do bimestre.

P – Ah, tá! Você dá uma olhada nos cadernos...

PB – Daí eu somo a participação, ah... ah....o interesse do aluno...geralmente a gente nem pode falar em interesse, porque quem deve motivar o aluno é o professor, essa palavra dentro da avaliação, uma incógnita, se o aluno não tem interesse, é porque ele não foi motivado pra isso, então toda vez que o professor fala em interesse ,.... esse tipo de verbo... Ah! Esse aluno não tem interesse. Pera aí, mas o que foi que você fez pra ele ter interesse?

P – É verdade...

PB – Então é uma palavra meio problemática pra você usar... Então eu trabalho bimestralmente, apesar de que o visto é dado propriamente em todas as aulas, mas a soma destes vistos, eu faço por bimestre.

P – E algum aluno já te questionou em relação à nota? Ah! Professora por que eu tirei tanto?

PB – Sim, já! Primeiro lugar você tirou a nota, por exemplo, no boletim: tem aluno que vai com nove e tem aluno que vai com seis. Eu posso medir a capacidade criadora dum e do outro? Não! Às vezes o que tirou seis deu o melhor de si, e o que tirou dez tem habilidade, ele fez com a maior facilidade, ele nem precisou se esforçar muito. Mas o que pondera muito numa hora dessas? É a higiene do trabalho, é a entrega periódica de trabalho, a participação dentro de sala de aula, entendeu? Então tudo isso, vai levar a uma conclusão que infelizmente tem que ter uma nota.

P – E o feedback, você dá, costuma dar pro aluno? Vamos supor, ah... se ele falar: tirei seis, por quê?

PB – Eu deixo...

P – Interessante, não é?...

PB – Eu dou desde que ele me questione, aí eu anoto e falo: Olha, tal dia você não me entregou uma tarefa, você não fez até o final da atividade..., aí sim, se ele me questionar, aí eu vou justificar ... porque a gente deve...eu anoto estas coisas.

P – E geralmente quem dá muito valor a nota é pai e mãe também, não é?

PB – É... o aluno, o aluno hoje, sabe P, eu tô sentindo isso, porque eu dou aula em escola particular também, e a gente sente hoje uma competitividade muito grande, o aluno não tem interesse em aprender, ele tem interesse em passar, e pra isso ele precisa de nota. Então, hoje a nota passou a ser um instrumento muito forte dentro da escola, sabe, o aluno tem a nota, não interessa como ele chegou até ali. Ele tirou aquela nota e acabou. Ele saiu da porta, ele esqueceu tudo que ele aprendeu, mas ele tá tranquilo, ele tá com a consciência tranquila, ele atingiu a média. Então, isso é uma coisa muito grave, sabe. Eu acho que o momento da avaliação é muito sério. Às vezes você dá uma nota menor pro aluno até pra ele ser mais motivado pra melhorar; entendeu? mesmo aquele que ele tem habilidade, eu sou muito difícil de dar um dez pro aluno, eu nunca dou. Eu acho que não existe uma perfeição. Eu não me daria dez, eu... dou nove pro aluno muito bom, mas eu não quero que ele se acomode com esse nove, entendeu?

P – Você acha que tirou dez, não precisa fazer mais nada...

PB – Eles acham, eu não...

P – É eles...

PB – Eu por mim, se eu tirasse dez eu ia querer tirar onze, modo de dizer... acho que se eles tirarem dez, chegou no segundo bimestre, eu já quase fechei a nota, então, pra que que eu vou fazer? Então eu procuro, não é segurar o aluno pela nota, não. Eu procuro mostrar pela nota que ele pode fazer coisa melhor.

P – Então, estes critérios que você utiliza, PB, por exemplo, interesse...

PB – Participação...

P – Participação, veio de você ou você obteve essa orientação ou na Secretaria...

PB- Oh, oh! Nós tivemos bastante cursos dentro da Secretaria, no ano passado, na Delegacia de Ensino. É... mas, esse pensamento meu, eu sempre trouxe, eu sempre avaliei o aluno desta maneira. Tudo bem que a gente aprende sempre em curso, né? a gente sempre procura aprender um pouquinho mais que a gente sabe...mas essa noção sempre foi minha. Agora, a Delegacia de Ensino de uns toques muito legal, nos cursos o ano passado...

P – Sobre avaliação?

PB – Sobre avaliação.

P– O que eles falam sobre a avaliação? Eles dão uma orientação?...

PB – Por exemplo, você nunca deve dar uma nota, entre aspas, vermelha, prum aluno de Arte. Você nunca deve arrancar uma folha de um caderno do aluno porque você tá ... Ah...chocando o aluno. Você não consegue medir a capacidade de criação desse aluno, então, o que você acha que é uma porcaria, é o máximo que ele pode dar. Então, por exemplo, as noções da Delegacia, quanto à avaliação eram essas: você nunca deve tirar folha de caderno de aluno, você nunca pode dizer que ta uma porcaria, você pode dizer que está sujo, ele poderia ter lavado a mão, ele poderia ter apontado melhor um lápis, o efeito seria outro, mas não que está ruim.

P – Hum...

PB – Então eles coíbem os professores de Arte de dar nota vermelha, você não pode porque o aluno tem que ter o mínimo possível, para manter aquela média, entende? Então isso eu aprendi agora com eles, não que eu tivesse dado nota vermelha, mas eu acho que no fundo... eu acho que no fundo, a gente se questiona, volta um pouquinho, pra ver como você faz de novo essa avaliação, ah... você às vezes sem querer você comenta, você fala: - Ah...se eu fosse você eu arrran.....ah....se eu você , eu faria outro, olha, vamos tirar essa folha? Que você acha? Eu dou a sugestão...

P – Sugere, né?

PB – Eu dou a sugestão, mas eu nunca tirei uma folha dum caderno, entendeu? E isso a Delegacia de Ensino, bateu muito em cima. A gente nunca deve realmente fazer. A gente nunca deve dar uma nota vermelha porque nós não temos condições psicológicas pra medir a criatividade de um aluno, e nem temos um tempo suficiente dentro de sala de aula pra conhecer individualmente cada aluno.

P – São poucas aulas, né, por semana...

PB – Poucas aulas...

P – Por exemplo, que nem tem o SARESP que mede, faz essa avaliação externa... Você acha que o resultado do SARESP, vamos supor, a disciplina de Artes, pra melhor, uma melhoria do resultado?

PB – Bom, graças à Deus, a disciplina de Artes hoje melhora tudo, porque é impossível hoje um aluno, por exemplo, de Fundamental II não conseguir fazer uma leitura de uma imagem. Ele vive num mundo iconográfico, então ele não pode nunca deixar de interpretar aquilo que ele vê. Hoje em dia a gente não estuda arte pra levar um aluno no museu, tá? A gente não estuda pra levar um aluno perante uma exposição de arte e olhar como se fosse uma vitrine de shopping, esse bonito, esse é feio. Ele tem que saber o por que o artista fez aquilo, pó que ele pintou aquilo, o que passava na cabeça dele na época dele...Então a História da Arte abriu uma gama muito grande de interpretação. E infelizmente a História da Arte mesmo perante a Delegacia de Ensino é vista só no Ensino Médio. Nós só desenvolvemos a habilidade do aluno até o oitavo ano, que seria o nono agora. Então todas as atividades estão direcionadas à habilidade. Conteúdo, conteúdo, mesmo segundo a DE (Delegacia de Ensino), é desenvolvido no Ensino Médio, onde a criança já tem uma condição de abstrair e de interpretar melhor. Eu sou contra, eu acho que desde a primeira série, eu acho que o aluno tem que se localizar no tempo e no espaço, desde que é pequenininho, desde que ele aprende o hoje, o ontem, o

amanhã, o depois de amanhã, ele pode aprender o que aconteceu....porque a Arte é permanente, atemporal, entendeu? Não existe um tempo, aconteceu naquela época e ficou ali, hoje ela é atual, então, a gente tem que conseguir fazer essa relação...

P – Muito bom. E vamos supor... ah... dependendo do resultado do SARESP, vocês tem uma cobrança, por exemplo, se os alunos forem bem, ah....ou se eles forem mal, você acha que essa avaliação interfere aqui na ...ou na escola, na cobrança para com os professores....

PB - Ah ... sim! É igual eu te falei, nós vivemos num mundo onde não é importante o ser humano, é importante em que posição da sociedade você se coloca, então, entre as escolas também existe um hanking, tá?

P – Hum hum....

PB – Medido talvez hoje pelo SARESP, né...Na escola de Fundamental, porque a gente tem orgulho de ver que o aluno se saiu bem, mas aí eu acho que é muito pouco ah....o que é cobrado no SARESP, Matemática e Português. Eu acho que deveria entrar todas as disciplinas.

P – Artes não tem?

PB - Não, não tem Artes no SARESP. Agora, o que dá condição pra ele ir bem em Português? É se ele tiver uma boa professora de Artes, uma professora que consiga fazer ele ler a imagem, não somente o escrito, que consiga abstrair daquela imagem, e depois escrever sobre aquilo que ele conseguiu entender? Então eu acho que hoje Arte é um ponto de apoio para qualquer disciplina.

P – Interdisciplinar...

PB – Ela é interdisciplinar . Ela tem um conteúdo muito abrangente, eu acho que hoje não são quatro linguagens, eu diria que são vinte.

P – Diversificou muito.

PB - Diversificou muito hoje, por exemplo, quem vai prestar o vestibular, se não tiver noção de Arte, ele não presta, porque ela entra em conhecimentos gerais, ela entra em Física com uma tela com o Miró, com o equilíbrio... ela entra em várias.....você tem que ler a imagem pra poder depois...

P – Resolver o...

PB – Resolver uma questão que não tem nada a ver com Arte. Então hoje Arte não é só para uma classe social alta, que consegue chegar num museu, que consegue fazer uma viagem para o exterior. Arte hoje tá num outdoor em frente da escola...

P – Todo lugar né?...

PB – É, então...

P- O curso que você fez PB, por exemplo, na graduação , é... porque nós sabemos, como você falou, a Arte está dividida em muitas linguagens, mas o que é ensinado são quatro: o desenho e pintura, teatro, música e a dança.

PB – Isso.

P - Você acha que o que você aprendeu na faculdade te deu suporte para você trabalhar essas quatro linguagens ou essas vinte linguagens que nós temos hoje na atualidade?

PB – Bom, além do que a gente aprende P, existe a habilidade da gente. Eu por exemplo, eu trabalho Música porque eu sou obrigada a trabalhar a Música, mas não é o meu ponto forte. Meu ponto forte é trabalhar Artes Visuais.

P – Humhum...

PB – Então suporte deu porque a gente tem que manter. Você chega no Ensino Médio, por exemplo, ah... o aluno tem que saber do Barroco, ele tem que conhecer a música Barroca, ele tem que saber como ela é dividida, ah...a parte de música, ele tem que saber qual é a relação com a Literatura, entendeu? Então, você obrigatoriamente tem que passar por todas essas linguagens, entre aspas,Você caminha por muito mais. Então a faculdade te dá

um suporte básico pra isso, agora é lógico, eu acredito, tô falando por mim, que cada professor puxa a sardinha pro seu lado. Então eu dou a Música, mas eu sempre vou puxar a sardinha pras Artes Visuais, porque...

P – É a segurança, né?

PB – É onde eu me sinto mais segura pra trabalhar, entendeu?

P – Mas você consegue dar as quatro linguagens durante o ano?

PB – Eu consigo. Inclusive eu trabalho numa escola, que nosso currículo é dividido por bimestre. Um bimestre é Musica, era né? Um bimestre para cada linguagem. Então, no final do conteúdo do Fundamental II, eles teriam que ter as quatro linguagens, só que eu acho muito difícil separar as quatro linguagens. Você não pode dar dança sem música, entendeu? Você não pode abstrair uma tela, interpretar uma tela puxando para a abstração, pra uma memorização, se você não tiver um ambiente aconchegante pra isso, se você não colocar uma música gostosa, se você não fizer uma tela viva daquela tela, começando com um gestual, então ela vai interpretar a tela primeiro, por exemplo, dentro da linguagem do Teatro, depois eles vão trabalhar a tela com um fundo musical, vão saber localizar essa tela dentro do espaço musical da época, então depois...

P – Uma contextualização...

PB – Exatamente, depois de brigar muito eu consegui que na escola não fosse feito essa divisão de Arte. Era definido: primeiro bimestre, teatro; segundo, musica; terceiro... quer dizer, impossível...então praticamente eu estou trabalhando as quatro linguagens juntas.

P – Aqui não, eu percebi que vocês tem mais liberdade pra trabalhar... ou por exemplo, na época do folclore, vocês fizeram teatro, trabalharam as musicas...

PB – É porque a Delegacia de Ensino, uns quatro anos pra cá ela trabalhou por projetos, então o conteúdo, por exemplo, você partia de um filme, e dali você ia dar musica, dar cor, dar a interpretação, tudo baseado no filme da Alice, que foi o primeiro projeto nosso, pra primeira

série. O conteúdo todinho do ano era baseado um único filme. Só que ali, você ia abrindo o filme em diversos, diversas partes, e aí você ia colocando seu conteúdo sem o aluno perceber...

P – Hum...

PB – Então esses projetos, essa visão nossa de Arte, que a própria Delegacia de Ensino hoje tem, eu acho que...

P – Mas vocês tem que seguir esse projeto, ou fica a critério...

PB – Obrigatoriamente a gente teria...

P – Todo ano?

PB – Todo ano. Só que às vezes acaba se tornando um pouco repetitivo, o aluno cansa também, porque é sempre... não muda muito esse projeto; então a gente tenta mais ou menos manter o conteúdo do projeto, mas a gente dá umas fugidinhas de vez em quando...

P – Diversifica as atividades...

PB – Senão fica cansativo, sempre a mesma coisa, né? Segundo a Delegacia nós deveríamos trabalhar os projetos, tem projeto pra primeira, pra segunda, pra terceira e pra quarta série .

P – E a questão da avaliação, por exemplo, para o aluno, você acha que o aluno... como que ele encara a avaliação, você acha que é positivo pra ele? Ou pra ele tanto faz ... na sua área por exemplo, não assim, você já falou que o importante hoje é as pessoas terem uma boa nota, mas na sua disciplina...

PB – Oh, eu acho que o aluno ainda não está preparado para uma avaliação em Artes... O professor teve que se preparar pra isso, né? Agora o aluno ainda não valoriza essa avaliação, eu acho que, sei lá, que tem muita coisa de errado sabe P, dentro do ensino hoje. Uma delas é a avaliação. Eu acho que o aluno primeiro deveria de saber como é que ele vai ser avaliado Eu tento fazer isso nas primeiras aulas do ano. Eu falo: você vai ser avaliado dessa maneira,

dessa, dessa, porque é uma cobrança que vem escrita, que é o boletim, então o pai vai questionar o filho, por que você tirou essa nota, filho? Ele vai ter que saber falar sobre isso...

P – Humhum...

PB – Agora, eu acho que o aluno hoje ainda não tem preparo pra receber uma avaliação de Artes, ele acha que Artes é uma avaliação tranquila, é uma avaliação que qualquer coisa serve, né? E nós sabemos que não é nada disso na realidade. É importantíssima, a avaliação. Não a avaliação como nota, mas como processo e... infelizmente você não pode explicar o processo individual, para cada aluno, para cada pai, então você usa o boletim, na minha opinião, já é um sistema totalmente ultrapassado, mas que é o único meio de contar frente ao pai e a escola, é através da nota . Se o aluno tirou dez, você nem vai conhecer o pai até o final do ano, agora se você colocar uma nota bem baixa, ele vem correndo saber o motivo, e talvez seja um desses motivos: olha, ele não traz material, ele não comprou caderno, ele não tem interesse em aprender, ele num... aí, talvez a nota ainda é uma porta aberta de relação entre professor e pai.

P – Você já leu alguma coisa , PB, sobre avaliação em Arte? Algum artigo...

PB – Li.

P – Algum livro...

PB – Eu li muita coisa, eu durante muito tempo eu me comuniquei com a Ana Mae Barbosa, conversávamos muito pela Internet. Agora ela tava com problema de saúde, então ela se afastou um pouco. Mas, ah... o tripé que ela montou, né...da arte, ah...a maneira de ela encarar a Arte a partir de setenta e oito, a maneira que ela batalhou pra isso, não só ela mas, outras pessoas mais, ah...principalmente ela que foi um ...eu li muita coisa, conversei muito com ela, trocamos muito e-mail, então muita coisa que eu tinha dúvida, eu ...

P – Perguntava...

PB – Perguntava pra ela, e tentava aprender um pouquinho mais. Ela é uma pessoa muito aberta, ela é ótima, é uma pessoa que tem uma capacidade muito grande, e tem outra pessoa que eu me comunico muito por e-mail, que é da...da... -----, e a Cidinha Bacega também, que hoje está no ramo de Publicidade e Propaganda dentro de Arte, que ela, ela hoje questiona novela, televisão, ela partiu para essa parte de consumo da população, que é muito interessante, não é? Eu tenho muito contato com a Cidinha, inclusive eu converso com a Cidinha uma vez por mês pessoalmente com ela,

P – Humhum...

PB - E ela também me ajudou muito nessa questão de avaliação dentro de Arte, muita coisa...

P – É difícil, eu também sou professora de Artes, eu sei, pó exemplo, Português tem uma prova, um trabalho, dá pra você medir, agora Artes, é muito subjetivo, não é?

PB – Claro...

P – Então nós temos que nos agarrar em alguns instrumentos para poder estabelecer este conceito.

PB – É pra você não ficar fazendo um conceito errado de um aluno, né? Porque é igual eu te falei, em criatividade é impossível, depende de seu estado de humor, depende do que aconteceu na sua casa, você vai ter mais facilidade ou menos, pra produzir alguma coisa, ou mesmo pra entender alguma coisa. Às vezes você prepara uma excelente aula, você vem achando que a aula é o máximo, e a aula não flui, ninguém se interessa pela tua aula... faltou um feeling ali...entendeu?

P – Humhum...

PB – Então é importante que antes de você preparar a aula, você descubra qual é o feeling...e por ele...

P- Humhum

PB – E por ele você vai para o conteúdo ...

P – Humhum...

PB – As vezes você chega na sala de aula e o aluno te faz uma pergunta no início da aula que modifica todo teu esquema de aula. A pergunta dele é tão interessante que dá pra gente conversar, discutir durante duas horas, então eu acho que do mesmo jeito que o professor é pego de surpresa, o aluno também é, na hora de uma averiguação, a nota pra ele às vezes é questionável.

P – Alguma vez você pensou: - Meu Deus, como vou avaliar esse aluno?

PB – Várias vezes, muitas. Muitas vezes, eu tinha alunos perfeitos numa reprodução e péssimos em uma criação.

P – E aí?

PB – Ele reproduzia, por exemplo, eu vou dar um exemplo, na idade dele, eu tenho alunos que tem uma habilidade imensa para fazer mangá, é assim, de admirar, até a habilidade, mas não tem habilidade criadora nenhuma, ele é copista, vai ser copista a vida inteira, então agente voltaria lá no Renato Simões, onde o grande feeling do cara era ser copista, quanto melhor ele copiava melhor...

P – Então como que você faz? Quando você tem esse embate?

PB - Eu... eu tenho um impacto..por que? Porque ele é bom copista, bom desenhista, mas ele não é nada criativo, no caso. E eu me interesse por pessoa que modifique, que consiga botar pra fora, por exemplo, alguma coisa. Aí eu vou tentar puxar esse aluno, ah...prum outro tipo de atividade. Eu vou tentar fazer alguma coisa especificada com ele, pra que ele possa colocar alguma coisa dele... não só olhar e copiar de um gibi, de um livro, entendeu? Então aí entra a função do professor: é poder detectar dentro da sala de aula, o aluno que precisa de uma atividade especial, que precisa de uma atenção especial...

P – Diferenciada, né?...

PB – Diferenciada... porque as vezes é um excelente aluno. É um excelente desenhista, quando você vai ver, ele não é desenhista, ele é copista. E esse aluno se julga o máximo em Artes, ele é péssimo.

P – É e assim tem criança que copia muito bem da lousa, mas não sabe ler ...

PB – Exatamente...

P – Não é?

PB – Ou até copia errado da lousa, o professor escreve certo, e ele copia errado, mas o que é que acontece aí? Alguma coisa não ta batendo, entendeu? Ou o problema ta nessa mensagem que ele... aí que eu falo, a Arte entra muito nisso, ele tem que aprender a interpretar, a ler não só o escrito, como também a imagem, então eu acho que Arte entra em tudo, principalmente para alunos problema. Arte ainda é uma solução em sala de aula.

P – Agora, só para finalizar, vamos supor, qual o seu conceito, você acha que os seus colegas aqui na escola, seus colegas de trabalho, os professores, a direção... você acha que eles mantêm o conceito correto sobre Artes?

PB – Não.

P – Que você pensa sobre isso?

PB - Eu acho que eles acham que Artes não é tão necessária quanto ah...quanto ela é. Na realidade, eles tiveram também uma criação educacional onde a Arte ensina pregar botão, colocar zíper, eh... era uma habilidade direcionada para o artesanato, ta? Então o que é que acontece? Você faz uma colagem bonita, você é uma ótima artista, e a gente sabe que isso hoje não existe. Então eu acho que pela criação do professor, ele não valoriza a Arte, e isto, talvez eles passem até para o aluno que é pior ainda... - Ah! faz qualquer coisa aí que ta bom! Não é assim! Hoje nós não ficamos satisfeitos com qualquer coisa. Qualquer coisa o aluno chegou na escola sabendo e se ele não acrescentar nada ele vai sair fazendo qualquer coisa, não é? Então eu acho que a gente pode enriquecer e eles não percebem. E outra, eu acho que

tem muito professor que não quer ter trabalho, e infelizmente o professor de Arte dá muito trabalho na sala: faz sujeira, faz bagunça, não é uma aula de estátua, nem eu quero... Então eu acho que, quando eu cheguei aqui, tinha uma professora, que quando eu entrava, ela punha até a mão na cabeça, porque ela sabia que era recorte, era isso...e....

P- Você ia sujar a sala...

PB – Então era muita bagunça, não era aprendizado pra elas.

P – Humhum...

PB – Então eu acho que o professor não ta preparado pra receber o professor de Artes. Ele enxerga o professor de Artes ainda, infelizmente, como aquele decorador. Festa junina ele corre pro professor de Artes, painel, corre pro professor; mas e o conteúdo que ta por detrás disso? Eu acho que pra ele não é importante. E pra gente é muito importante.

P – Agora você falou em conteúdo, eu lembrei de uma coisa: Alguma vez você teve que parar sua atividade para dar algum conteúdo que poderia cair num SARESP, numa prova, alguma coisa assim?

PB – Tive. Coisa de um mês atrás. Eu tô ... eu trabalhando pras aulas propriamente, e eu tava trabalhando os artistas. Eu peguei três artistas e comecei a trabalhar a vida, a maneira de expressão, o porque que fazia aquilo, eu tava ... eles já estavam afiadíssimos. Tanto é que o dia que teve reunião de pais, a última, quando eu entrei na sala, os pais bateram palmas, eu tive um impacto com aquilo. Numa primeira série, eu nunca tinha visto a sala da Marli, eu nunca tinha visto aquilo...

P – Ah....

PB – E eles bateram palmas. Essa aqui que é a PB, professora de Artes, eles bateram palmas a hora que eu entrei. E me contaram a história do Van Gogh que o filho contou, do Portinari, contaram como eu fazia, contando histórias, eles contaram pra família inteira. Então isso pra

mim foi muito importante. Mas eu fui obrigada a parar um pouco com o meu conteúdo, nas quartas séries, pra dar desenho geométrico.

P – Humhum...

PB – Porque os sólidos geométricos, no caso, as professoras não conseguiam dar, e ia cair no SARESP. Então pediram socorro pra professora de Artes, para fazer isso.

P – Ah... e caiu no SARESP?

PB – Caiu.

P – Ah....

PB – Caiu... mas aí você quebra o teu conteúdo, o tua programação que você tinha feito, pra dar uma coisa que é importante? É importante também, mas não é aquilo que você daria na tua aula...

P – Isso vem até a reforçar aquilo que você falou, como que a avaliação é como que uma posição, status, né....

PB – É o status....

P – O que é medido...

PB – É a mesma coisa que você chegar com uma roupa de marca, você é recebido de uma maneira, se você chegar de qualquer jeito você é recebido de outro. Eu acho que o SARESP também funciona hoje, como uma vitrine, onde mesmo que a situação não seja boa, ela deve parecer boa perante os olhos dos outros.

P – Você acha que ele consegue realmente medir...

PB – Não. Não acho que consegue medir, eu acho que foi uma tentativa muito válida do governo. Por quê? Porque não existia avaliação, igual ao provão, da faculdade. Eu acho que tudo isso, dar uma nota pra uma faculdade, eu acho importantíssimo. Ah... a faculdade que não consegue três anos seguidos, ela tem que fechar o curso. Eu acho que o governo fez as coisas com as melhores intenções, só que não é desta maneira que está funcionando. Eu acho

que você preparar um aluno para o SARESP num existe. Você tem que preparar o aluno pro ano seguinte, pra vida. Então não adianta um mês antes o professor se matarem dando os exercícios parãã.....pra você é uma coisa que as vezes não é a realidade da escola. Então eu pessoalmente acho que o governo fez a coisa muito certa, muito bem pensada, já que ele tem um gasto muito grande... é aquela coisa, eu vendo, mas eu quero saber o que estou comprando, né?

P – É verdade...

PB - Então eu acho que na realidade o governo investiu muito em escola, tudo bem, se pudesse teria investido até mais, mas eu acho que ele investe e ele está procurando um resultado, só que eu acho que o resultado está sendo um pouquinho mascarado, principalmente de primeira à quarta. Não adianta o professor ficar um mês antes batendo em questão do SARESP, batendo, batendo, quando na realidade ele deveria dar naturalmente este conteúdo.

P- Ao longo do ano...

PB – Ao longo do ano, então a cobrança do professor tem uma cobrança muito brava, se a classe dele vai ser melhor ou pior...

P – É um peso, né?

PB – É, é, colocada dentro da escola, mas eu acho que ainda não é a realidade da escola. Pode estar satisfazendo o governo, pode estar satisfazendo o diretor da escola, mas eu acho que ainda não é a realidade .

P – Humhum... Bom PB, deu pra eu dar uma gravadinha aqui na sua ideia...

PB – (riso)...

P- -Agradecer este ano que eu estive aqui...

PB – (risos)... Imagina foi tão bom te conhecer... trocamos tanta coisa...

P – Estar aqui na escola foi muito bom.

PB – É e estar com você também foi ótimo.

P- Ah! Obrigada.

PB – (risos) ...

P – Um abraço.

ANEXOS

ANEXO A – PLANEJAMENTO ANUAL DE ARTES

PLANEJAMENTO

DE

2008

OBJETIVOS GERAIS

Os projetos desenvolvidos durante o ano letivo têm como objetivos capacitar o aluno, dentro da leitura e da escrita, a apreciar histórias, textos literários, que o levem a conhecer a vida dos grandes artistas, assim como a época em que as produções aconteceram. Na proposta triangular, conhecer, fazer e apreciar, reescrever tem como significado também a releitura de um período histórico-social. Através deste conhecimento, o aluno será capaz de produzir seu próprio texto e interpretá-lo.

Os projetos também visam desenvolver, em matemática, diferentes situações e estabelecer relação entre eles, utilizando conhecimentos relacionados aos números, às operações, às medidas, ao espaço e às formas, ao tratamento das informações.

As imagens artísticas vão se tornar instrumentos de observação e interpretação oral, escrita e sinestésica.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Desenvolver o sentido social do aluno (valores, atitudes e comportamentos).
- Interpretar imagens por meio dos procedimentos de observação e descrição.
- Reconhecer a importância do estudo das cores como meio de expressão e sentimento.
- Desenvolver a comunicação por meio de sinais, gestos, expressões e símbolos.
- Organizar e desenvolver diferentes situações para trabalhar teatro.
- Despertar o interesse pela arte.
- Dar conhecimento às crianças sobre música, instrumentos musicais e autores.

AVALIAÇÕES

Devem ser feitas antes, durante e depois da ação pedagógica, verificando o progresso do aluno.

HABILIDADES

- Materializar o desenvolvimento de uma idéia a partir do estabelecimento de novas relações ou da organização em novas bases.
- Desenvolver o entendimento do mundo tecnológico.
- Utilizar os elementos visuais e suas interações, para o enriquecimento da expressão e da recepção de mensagens visuais.
- Compreender e relacionar aspectos históricos, sociais, econômicos e culturais ligados ao trabalho.
- Relacionar conhecimentos científicos com as operações necessárias à resolução de problemas.
- definir claramente cada situação problema, com que se depara no dia a dia.
- Estar habilitado para se expressar na linguagem visual, teatral e musical.

ESTRATÉGIAS

Conjunto de ações do professor orientadas para alcançar objetivos de aprendizagens predefinidas através de projetos, tais como:

- Leitura interpretativa (tela viva)
- Supermercado
- Cantigas de roda

- Bandinha
- Dança Folclórica
- Teatro de fantoches
- Semana de Arte Moderna

CONTEÚDO – 1ª SÉRIE

- Identificação – Projeto Diagnóstico
- Projeto “artes visuais” – ponto, linha, formas e artistas (Paul Klee e Miro)
- Projeto “Páscoa” (várias atividades como representações, músicas, desenhos e esculturas)
- Teatro “Os Três Porquinhos”
- Cantigas de roda
- Bandinha (conhecendo instrumentos e ritmos)
- Músicas folclóricas
- Danças folclóricas
- Projeto de música - Outras variações sobre o tema
- Releitura de obras e pintura

CONTEÚDO – 2ª SÉRIE

- Cores primárias, secundárias, neutras, quentes e frias
- Projeto “Páscoa” (música, desenho e representações)
- Releitura de artistas (trabalhando volpi)
- Utilizando sucatas e materiais diversos
- Projeto: “O ensino da arte: o fogo da criação”
- Projeto: “Corpos Sonoros – dança e música”
- Músicas e brincadeiras folclóricas
- Bandinha (instrumentos, ritmos e músicas)
- Teatro infantil (representando histórias infantis)
- Semana de Arte Moderna (exposição)

CONTEÚDO – 3ª SÉRIE

- Projeto de artes visuais “cores e pré-história”
- Montando um livro infantil
- Criando uma história com personagens
- Arte abstrata (apresentando alguns artistas)
- Projeto “Supermercado”
- Bandinha (conhecendo, ritmos e músicas)
- Danças folclóricas
- Semana de Arte Moderna (exposição)
- Projeto “Dança com autonomia”
- Teatro infantil – expressão corporal

CONTEÚDO – 4ª SÉRIE

- Projeto artes visuais: cores complementares, preto, branco e vibrantes.
- Disco de Newton
- Esculturas em relevo

- Teatro infantil: jogos teatrais
- Estudo de textos
- Pinturas
- Bandinha rítmica
- Danças folclóricas
- Projeto “Leitura interpretativa” (tela-viva)
- Teatro de fantoches
- Semana de arte moderna (exposição)
- Folclore (brincadeiras, músicas e danças)
- Projeto: “O corpo humano e suas representações”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Apostila das capacitações da Oficina Pedagógica da Diretoria de Ensino de Ribeirão Preto)
- “Avaliação e Arte” – Eliana Pougy – 1ª a 4ª séries
- Coleção: “Arte na Pré Escola e no Ensino Fundamental” – Maria Radespiel
- Sites pesquisados na internet: google etc.

ANEXO B – PROJETO ELABORADO PELA SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO**PROJETO ELABORADO PELA SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO****ARTE, ENSINO E O ESPAÇO DA CIDADE****Possibilidades de um trabalho de Arte no
Ensino Fundamental**

Proposta de Formação Continuada para os Assessores Técnicos Pedagógicos da Área de Educação Artística da Rede Oficial de Ensino do Estado de São Paulo e Subsídio para o Professores de Educação Artística.

Caro professor!

Esse material, configurado nesta proposta entrelaça textos, reflexões e propostas de atividades a serem desenvolvidas nas aulas de educação artística nas séries iniciais do Ensino Fundamental, tendo a área de artes visuais como objeto de estudo. Temos como foco do trabalho o espaço da cidade, espaço esse que é natural e também construído pelo ser humano ao longo da sua caminhada na história.

Num primeiro momento de forma sucinta refletimos sobre o espaço habitado pelo ser humano procurando apontar como o Homem foi ocupando esse espaço (meio ambiente) ao longo do tempo e de que forma conhecer o espaço circundante (sua cidade, seu bairro, sua comunidade) pode ser a possibilidade de resgatar elos perdidos com a natureza e com sua própria história.

A arte como objeto de conhecimento permite conhecer e reconhecer o entorno como parte de cada um de nós, pois ao longo da história da arte o espaço circundante foi representado pelos artistas em diferentes épocas, contextos e de diferentes maneiras.

Acreditamos que esse conhecimento pode revitalizar laços, estreitar relações, fortalecendo assim de forma sensível, crítica, criadora e significativa o conhecimento consigo mesmo, com o outro e com o próprio mundo.

A seguir apresentamos sugestões de atividades em Artes Visuais, com o propósito de subsidiar o trabalho do professor de Educação Artística nas dimensões da produção, da apreciação e da contextualização.

O ESPAÇO HABITADO E O ESPAÇO CRIADO E REPRESENTADO NA ARTE

A Arte sempre esteve presente na caminhada da humanidade. Ela sempre representou o lugar, o elo de ligação entre a vida humana e os aspectos simbólicos. Por meio da criação cada sociedade expressou seus medos, suas alegrias, suas expectativas, seu viver cotidiano, suas crenças, suas magias, seus encantamentos, suas histórias. Expressou também seus modos de viver, de habitar, de trabalhar, de se divertir, de se relacionar, de conviver com a natureza e de modificar o espaço habitado.

Há milhares de anos o homem faz arte e, ao fazê-la, olha, indaga e interpreta o mundo a sua volta: paisagens, animais, outros homens, as casas, as construções. Do entorno, das suas vivências no espaço o artista extrai aquilo que para ele e seus semelhantes tenha um significado ou possa transmitir uma idéia, um sentimento, uma sensação, um propósito, uma reflexão. O ser humano re-cria, re-apresenta o espaço vivido, e ao fazer isso ele cria um outro espaço, que é o espaço da arte: O espaço da representação.

Neste sentido o foco deste trabalho é olhar, perceber, interpretar, representar e ler as representações que foram produzidas pela arte, sobre o espaço da cidade, espaço esse que é natural e também construído pelo ser humano ao longo da sua caminhada na história.

Portanto, se faz necessário tocar em questões que envolvem o espaço da cidade, seus rios, prédios, construções, pessoas, histórias, paisagens e degradações, tendo a linguagem da arte como o objeto de conhecimento que possibilita re (encontrar) e estabelecer relações com o espaço que foi construído e vai se definindo histórica, cultural, social e afetivamente.

Segundo Ferrara (1999), a percepção urbana é uma prática cultural que concretiza certa compreensão da cidade e se apóia, de um lado, no uso urbano e,

de outro, na imagem física dela, da praça, do quarteirão, da rua, entendidos como fragmentos habituais da cidade. Uso e habito reunido, criam a imagem perceptiva da cidade que se sobrepõe ao projeto urbano e constitui o elemento de manifestação concreta do espaço. Para a autora, decodificar esse urbano supõe o reconhecimento de sua sintaxe. Ferrara toca na questão do habitante desta cidade, que ele denomina de usuário. Referindo-se a ele ela nos diz:

“Ruas, avenidas, praças, monumentos, edificações, configuram-se como uma realidade signica que informa sobre seu próprio objeto: o contexto urbano. Entretanto, o elemento que aciona esse contexto é o usuário e o uso é a sua fala, sua linguagem: a transformação da cidade é a história do uso urbano como significado da cidade, sua vitalidade nos ensina o que o usuário pensa, deseja, despreza, a relação de suas escolhas, tendências e prazeres. A transformação da cidade é a história do uso urbano escrita pelo usuário, e o significado do espaço é o desenvolvimento daquela recepção.”
(Ferrara, 1999,19)

Propomos assim, um olhar sobre a cidade, buscando descobrir em cada um a cidade que habita, que foi construindo ao longo dos tempos e que junto aos alunos do Ensino Fundamental pode representar a possibilidade de ir consolidando um olhar, uma produção e um conhecimento mais apurado, crítico e sensível para com o tema e para com a Arte, pois ao longo da História os artistas de diferentes formas olharam para as suas regiões, para os seus espaços e deixaram suas marcas, suas impressões e seus olhares registrados sob a forma de Arte.

Refletir acerca do espaço que o Homem vem ocupando e criando ao longo da sua trajetória aqui no planeta, cumpre o propósito de nos conduzir até o espaço mais próximo de cada um, a princípio a cidade e talvez a um lugar mais próximo ainda: a comunidade, o bairro, a rua, a casa e por que não o espaço interno de cada um: professor/coordenador/aluno. Ou então o contrário, partindo do espaço interno de cada um, refletir e estabelecer relações com espaços mais

distantes: a casa, a rua, o bairro, a comunidade, a cidade e tantos outros que configuram o Planeta.

Portanto, o objetivo maior é que o poder da linguagem da Arte crie em nós o sentimento de pertença e autoria na construção de uma prática criadora que é individual e também coletiva, onde nos vemos como sujeitos da História.

Para assegurar e sistematizar a proposta elaboramos e apresentamos atividades onde a cidade é vista sob diferentes focos que, apesar do recorte, nos proporcionam olhar para o todo do espaço que habitamos: A cidade e suas paisagens; A cidade, suas pessoas e histórias; A cidade, suas construções e o meio ambiente.

A CIDADE E SUAS PAISAGENS

As paisagens compõem-se de elementos tanto da ação da natureza quanto da ação do homem em sociedade. O homem sempre estará inserido num contexto espaço-temporal, condicionando-se muitas vezes pelos fenômenos da natureza ou modificando a paisagem à sua volta, transformando a natureza e construindo o lugar onde vive em função de necessidades diversas – para morar, trabalhar, plantar, se divertir, se deslocar, etc.

A percepção dos componentes da paisagem local e de outras paisagens pode se ampliar na medida em que aprendemos a observá-los de forma intencional, orientada por questionamentos que nos são propostos: “que animais e plantas convivem conosco? Que sons marcam este lugar? Como era este lugar há 20, 30 100 anos atrás? Como era este lugar quando os nossos pais eram crianças? O que mudou em nossa cidade? A vida numa cidade grande (ou pequena) é igual à vida em nossa cidade?”.

A paisagem é dinâmica e é fundamental perceber as mudanças e as permanências que ocorrem no lugar onde vivemos, estabelecendo relações entre as variações ocorridas e os fenômenos que as desencadeiam: estações do ano, o tempo, o dia e a noite, o clima, a vegetação, as pessoas, os seres vivos pertencentes a este local, as construções e intervenções humanas.

Portanto, questionar se existem plantas que só podemos perceber em determinadas épocas do ano; se as frutas, produtos que vemos nas feiras são os mesmos em março, julho e dezembro; como é a cidade (ou o bairro) de dia e de noite; que brincadeiras se brincam nos diferentes meses do ano; como é a paisagem do campo, do meio rural e do centro da cidade; se as pessoas que compõe a paisagem vestem-se iguais nos diferentes bairros da cidade; usam-se

os mesmos meios de transporte; é **imprescindível** para a ampliação do olhar e a percepção do entorno da paisagem local.

A Arte como já sabemos, possibilita este trabalho de registrar artisticamente estas observações e transformações lançando mão de uma linguagem rica e inerente ao ser humano. A História da Arte nos permite constatar como os artistas em diferentes épocas e locais representaram suas paisagens/cidades sob diferentes olhares, pontos de vista.

Professor, o objetivo deste recorte temático é possibilitar ao aluno perceber que cada paisagem tem suas características próprias . Características essas que são diversificadas conforme o espaço geográfico no qual a paisagem está inserida, alterando-se conforme as estações do ano, a hora do dia e o tempo, as intervenções do homem, sendo que cada uma dessas mudanças produz uma impressão diferente no observador.

Também é objetivo deste recorte temático, perceber como as características da paisagem têm sido e podem ser representadas nas linguagens visuais.

Portanto, observar, relacionar e ser capaz de selecionar o que lhe interessa, de intensificar a impressão/sensação despertada se faz necessário para que os alunos desenvolvam habilidades que lhe permitam colocar no papel, registrar, produzir, expressar artisticamente o seu olhar, a sua leitura do **espaço/ cidade** e de suas paisagens. O termo *expressar artisticamente* exprime aqui a visão da Arte como linguagem, como objeto de conhecimento, numa dimensão onde cada aluno tenha a possibilidade de reconstruir o seu entorno, configurando este **espaço circundante** sob forma de Arte.

PROPOSTA DE ATIVIDADES

OLHANDO PARA A MINHA CIDADE

1- Os alunos deverão observar o entorno, a paisagem a sua volta, percebendo o trajeto que normalmente fazem entre a casa e a escola, procurando ver as árvores, as construções, o rio (caso tenha), os pontos conhecidos que normalmente servem de referência para os habitantes, o modelo da arquitetura, os prédios históricos.

Professor, seu papel aqui é imprescindível, pois você deverá estimular a percepção visual mais apurada de cada aluno, para que os olhos possam divagar e contemplar o espaço circundante/cidade, de uma maneira não habitual, descobrindo outras paisagens nas mesmas paisagens. Estas observações, recomendações e intervenções devem ser feitas com antecedência para que o aluno realmente se sinta estimulado e predisposto para um olhar diferenciado. Procure fazer uma relação de perguntas onde o aluno possa buscar informações através da pesquisa que será realizada. Estas perguntas poderiam conter as seguintes abordagens:

- No trajeto que você realiza, nas suas ações cotidianas, existem árvores? Como elas são? Suas copas são todas iguais? Os tons de verde são sempre os mesmos? Costumam florescer? Quando? Dão frutos? Quais? Estão isoladas ou agrupadas com outras árvores? Ficam ao longo das calçadas? Enroscam-se em fios elétricos? Muros? Telhados de casas? Alguém cuida delas?
- Existem muitas praças/jardins no seu bairro? E na sua cidade? Qual a mais bonita para você? Por quê? São bem cuidadas? Existem flores? São todas iguais? E animais? Quais? Você sabe quais insetos/bichos habitam estes jardins e praças?

- Como são as moradias do seu trajeto? Há casas, apartamentos, barracos, hotéis? Há prédios históricos, casas antigas no seu bairro? E na sua cidade? O que estes lugares abrigam: moradia? Museu? Biblioteca? Órgão Público? Ponto Comercial? Estacionamento? Escola?
- Como são as pessoas que você encontra pelos caminhos que percorre no seu dia-a-dia? O que elas fazem? São alegres? Tristes? Baixas? Novas? Apressadas? Como se vestem?
- Você encontra animais no seu percurso? Quais são? Como são? Eles têm dono? Vivem soltos? São criados visando algum tipo de produção? Ou são animais de estimação? Qual o porte destes animais? São pequenos? Grandes? Ferozes?
- O que mais há no seu trajeto/bairro/cidade? Rios? Pontes? Viadutos? Escadarias? Sítios? Praias? Velas? Fábricas? Parques? Cachoeiras?

Oriente seus alunos para o registro gráfico das observações realizadas e das impressões que ficaram sobre as paisagens observadas procurando evidenciar os aspectos que realmente tenham sido significativos para cada um. Significativo aqui assume o seguinte sentido. De tudo o que viu, o que mais chamou sua atenção, do que mais gostou e do que menos gostou.

Ressalte a importância do registro como exercício que configura e atesta aquilo que foi visto, é a apreciação e o registro de um olhar criador, que servirá de fonte para a pesquisa e informações para outro fazer, para outras produções-. Ressalte também a necessidade de que esses registros venham para a sala de aula possibilitando a troca e assim outro momento de aprendizagem.

LEMBRE-SE: Produzir Arte exige pesquisa, trabalho, disciplina e sistematização. Portanto, ter os registros materiais das observações realizadas “in loco” faz parte de um processo de pesquisa e criação que, inclusive muitos artistas utilizam para desenvolver seus trabalhos.

Professor, também aprendemos com a apreciação da produção dos alunos, com as formas da natureza e com as obras de Arte. Neste momento, o centro desta etapa do trabalho são as produções, os registros gráficos das observações realizadas pelos alunos. Instigar a apreciação, através de problematizações, é imprescindível para a construção do conhecimento que este momento possibilita.

2- Crie uma situação, onde as produções possam ser vistas por todos ao mesmo tempo, de tal forma que se possa apreciar, opinar e comentar. Afastar as carteiras, fazer um grande círculo com as cadeiras e colocar as produções no centro pode ser uma opção. Ou quem sabe sair para outro espaço, caso sua escola tenha disponível. Não tenha pressa de realizar essa etapa, ela é tão importante quanto o momento do fazer. Aqui é o momento da sistematização, de aprender com o que o outro descobriu, com a fala do outro, com a sensibilidade do outro.

Perguntas como as sugeridas a seguir muito auxiliam na compreensão daquilo que você quer que o aluno perceba. Tendo as produções/registros como objeto de estudo neste momento, você pode indagar:

- As árvores /plantas observadas e registradas são semelhantes ou diferentes? Como foram representadas/resolvidas as copas das árvores, as folhas, flores, troncos? Como são os tamanhos e formas destas árvores?
- E as casas/prédios são parecidos? São antigos, novos, grandes, pequenos? São sobrados, têm jardins, garagens, portões? Onde podemos perceber estas características nas representações destas construções? Quais cores foram mais utilizadas para pintá-los? Quais materiais artísticos foram utilizados para realizar estas produções? Como?
- Olhando para as produções, como são as linhas representadas: retas, horizontais, verticais, grossas, suaves, fortes, circulares, torcidas, finas, contínuas, curvas, diagonais?

- Os animais observados/registrados e apresentados são de conhecimento de todos? Há insetos, pequenos animais, pássaros entre eles? Como foram representados?
- Pensando nas formas, quais podemos identificar nas representações das paisagens: arredondadas, triangulares, quadradas, retangulares?

É importante que o professor instigue e promova a leitura das produções a partir das imagens e elementos nelas contidas, destacando alguns, ampliando o olhar e o universo de informações dos alunos, pontuando o que existe e não foi registrado/observado; percebendo e apontando diferentes formas de representar e apresentar um mesmo lugar.

3- Os alunos deverão listar quantos lugares ou detalhes citados por seus colegas ainda não conheciam e em grupo, fazer um desenho da paisagem da cidade que observaram, utilizando os elementos dos registros que fizeram. Não há necessidade de usar todas as informações colhidas, mas detalhes que mais chamaram a atenção do coletivo da sala e/ou do grupo.

Professor, fomente a imaginação dos seus alunos lembrando-se de que não há a pretensão de simplesmente reproduzir fotograficamente partes da cidade, mas sim de que os alunos possam produzir imagens carregadas de intencionalidades, imaginação, significados, pois é possível considerar os lugares/elementos que chamaram a atenção, que trouxeram lembranças, que promovem a relação com a sua história, a de sua família, podendo elaborar uma nova paisagem com estas imagens. Afinal, a proposta é o resgate da própria cidade que está sendo construída e reconstruída dentro de cada aluno.

Nesta atividade propomos um trabalho em pequenos grupos utilizando suportes do mesmo tamanho e cortados no mesmo formato (retangular, que será utilizado no mesmo sentido: horizontal), onde os alunos deverão desenhar e pintar sua paisagem. Como sugestão de suporte: cartolina, Kraft, duplex, papel jornal,

canson, jornal colado e pintado com tinta látex e papelão. Como sugestão de materiais plásticos: lápis preto, giz de cera, lápis de cor, tinta guache, carvão, canetinha, e aquarela.

OBS: Antes de iniciar a produção plástica, o professor poderá oferecer folhas de papel sulfite para que os alunos possam juntos, pensar, escrever e se preferir rascunhar/esboçar através do registro gráfico suas idéias, levando em consideração e respeitando as sugestões de cada componente.

Faz-se necessário também, elaborarmos antes do início das produções, combinados do tipo: tamanho e formato do papel, suporte e material plástico a ser utilizado; que o trabalho será realizado primeiro em pequenos grupos e depois ganhará a forma final no todo da sala. É necessário que as regras sejam explícitas para que haja uma harmonia entre os trabalhos, para que os alunos não fujam do tema abordado e para que os resultados produzidos consigam encaixar-se no momento da formação do painel.

4 - Organize as produções dos grupos juntando-as e montando uma grande faixa horizontal que poderá ser única ou montada por partes isoladas que, reunidas pelos grupos, irão formando um painel, em uma parede da sala ou da escola de modo a tornar todos estes desenhos uma única imagem. Caso o espaço escolhido não seja suficiente para se tornar um todo único, organize 2 ou 3 faixas, cuidando para não separar as produções apresentando-as como se fossem individuais.

5- Organizado o(s) painel(s) , realize uma apreciação propondo que observem as imagens geradas; como cada grupo organizou as imagens no espaço/suporte (composição); como resolveram a relação figura-fundo; quais foram os lugares e detalhes mais representados pela classe; que materiais o grupo utilizou e como os utilizou; como ficou o produto final, o painel.

Professor, é preciso que a apreciação seja instigada e mediada sempre, para que o olhar dos alunos torne-se cada vez mais amplo, rico, apurado, sensível,

crítico e tolerante, percebendo diferenças, aprendendo e convivendo com elas. Não esqueça de garantir que, tanto o fazer quanto o apreciar destas produções sejam momentos significativos, onde haja respeito pela própria produção e pela produção do outro; que os alunos possam falar sobre os itens propostos e questionados, pois é nesta troca que as informações circulam, a reflexão sobre o fazer acontece e, conseqüentemente, a aprendizagem com o outro ocorre.

Aprendendo Sobre Paisagem a Partir da História da Arte

6- Neste momento vamos entrar em contato com a produção de artistas de diferentes épocas e locais que representaram paisagens, sejam elas naturais (campestres, marinhas, noturnas e diurnas, jardins, florestas) e construídas (casas, prédios, ruas, pontes, viadutos, praças, centros urbanos, fábricas). Como sugestão, o professor poderá trabalhar com imagens de: Jean Baptiste Debret, Alfredo Volpi, Renoir, Georges Seurat, Tarsila do Amaral, Lasar Segall, Claude Monet, Van Gogh, Evandro Carlos Jardim, Hopper, Hokusai, devendo ser acrescentado aqui artistas locais e regionais que deverão ser investigados com os alunos.

Professor, escolha 2 ou mais imagens dos artistas selecionados para fazer uma leitura de imagem com seus alunos. Você pode iniciar apresentando imagens de vários períodos da História da Arte que contemplem o assunto. Faça uma seleção juntamente com seus alunos, para eleger quais serão trabalhadas neste primeiro momento.

Após ter selecionado conduza a leitura de imagem de modo que o aluno participe e se envolva com a proposta. Para que isto ocorra faça perguntas abordando os elementos da linguagem visual, sobre as diferentes formas que os artistas representaram a paisagem, como representaram, as diferentes técnicas, suportes e tamanhos utilizados, assim como os diferentes enfoques que foram dados ao tema central que é “ A Cidade e suas paisagens”.

Sugestões para leitura das imagens apresentadas:

- O que é paisagem? Isto é uma paisagem? Por quê?
- Em que época e local as paisagens foram retratadas ?
- Que tipo de pessoas viviam neste local e/ou nesta época?

- As paisagens representadas são paisagens campestres, naturais, urbanas, noturnas, diurnas?
- Em que as paisagens se assemelham e em que se diferenciam?
- As cores utilizadas pelos artistas são as mesmas? Quais mais aparecem? São do mesmo tom ou há variação?
- Os diferentes artistas representaram, pintaram da mesma forma? Como podemos perceber estas diferenças ou semelhanças na imagem apresentada?
- De que forma os diferentes artistas utilizaram os elementos da linguagem visual (cor, forma, textura, linha, luz, composição) para representar paisagens?
- O que nestas paisagens faz lembrar nossa cidade? Por quê?
- Qual paisagem/imagem você gostou mais ? Por quê?
- Se você tivesse que escolher um local/paisagem destas para morar, qual seria? Por quê?
- Das paisagens produzidas pelos artistas e apresentadas, você gostou mais?

Seria oportuno neste momento apresentar alguns detalhes biográficos sobre os artistas trabalhados (nome, época e local onde viveu; que temas gostava de retratar em seus trabalhos; como costumava realizar suas produções; onde realizava suas pinturas, desenhos, gravuras; e outras características ou assuntos que sejam pertinentes à proposta e ao momento).

Outras imagens poderiam ser levadas para a sala de aula de modo a enriquecer e ampliar o repertório imagético dos alunos, como: cartões postais, fotografias, calendários, trechos de filmes, revistas, livros, Diversifique as imagens apresentadas para apreciação e leitura, garantindo sempre a qualidade e considerando as possibilidades que estas trazem para melhorar a produção dos seus alunos e também o conhecimento deles para com a cidade: o que os alunos ainda não sabem e precisam conhecer? O que os alunos querem conhecer? O

que considero importante que os alunos aprendam: informações sobre a cidade e suas paisagens; melhorar o traçado; melhorar a forma como representa; utilizar um mesmo material de diferentes formas; melhorar a forma de pintar, colorir os desenhos; enfim, como as imagens que apresento possibilitam melhorar a qualidade das produções dos alunos.

Lembre-se que há diferentes formas de perceber a mesma coisa, bem como representá-la, pois cada indivíduo se expressa de uma forma e isto deve ser valorizado e respeitado.

Devemos ver a produção como parte de um processo sistematizado e como tal podemos aprimorá-la incorporando conhecimentos adquiridos com o meu próprio fazer, com o fazer do outro, com a produção da História da Arte e também com as observações e apreciações que faço das formas da natureza.

Estes conhecimentos ampliam repertório possibilitando que o aluno vá agregando novos elementos que dão consistência a sua produção plástica, quer seja no traçado, na cor, na composição, na utilização dos materiais, nos temas abordados ou na relação figura/fundo. Porém, para que isto realmente aconteça é preciso criar condições para que o aluno perceba o caminhar do seu próprio processo: perceba onde e como estava sua produção, como está agora e como pode ficar.

O que buscamos é a forma como cada um vê, percebe, sente, imagina e representa a sua cidade, seu **espaço** vivido, portanto não há certo, nem errado, há FAZERES; é preciso respeitar a individualidade e particularidade de cada um. O espaço local, o espaço próximo pode e precisa ser visto e valorizado, bem como o espaço distante, o diferente, o novo, o antigo. O maior ganho em todo o trabalho são as relações, o ir e vir entre o cotidiano, o outro, o meu lugar e aquele que talvez eu nunca vá pessoalmente, mas que tenho o direito de saber, de

conhecer, de viver, de vivenciar através da magia que uma obra de arte pode proporcionar.

7- Agora que já conhecemos um pouco mais sobre a cidade/paisagem com o nosso olhar e o olhar do outro (alunos, professor e artista) a proposta é revisitar o painel construído – Olhando para a minha cidade –, apreciá-lo novamente para que o aluno possa fazer uma relação com o que já conhece da cidade, com a produção realizada e as novas informações obtidas ao apreciarem as obras /reproduções dos artistas. É importante conduzir esta relação entre as produções, para que o aluno possa realmente observar, lembrar, relacionar, construir e criar uma nova paisagem através dos conhecimentos adquiridos.

Professor, proponha aos seus alunos a criação uma paisagem da sua cidade (podendo retratar detalhes ou fazer agrupamentos de várias partes dela) fazendo uso dos conhecimentos adquiridos (pinturas, técnicas, cores, formas de representar, o espaço a ser utilizado e construído, a linha, a composição..).

Selecione e ofereça diferentes suportes em diferentes tamanhos e formatos, bem como materiais plásticos variados para que cada aluno possa escolher com que material, tamanho e formato gostaria de trabalhar. A oferta de materiais e suportes diferentes respeita a necessidade de cada um e aponta para a riqueza e diversidade dos processos criadores, o que deverá ser instigado e ressaltado no momento da apreciação.

SUPORTE	MATERIAL PLÁSTICO
Papel cartolina	Giz de cera, lápis de cor ou lápis aquarela
Papel Vegetal - *	Giz de cera, lápis de cor e canetinha
Papelão (caixa)-	Tinta Guache
TNT (tecido não tecido)	Giz de Cera ou tinta guache
Papel Kraft grosso	Giz pastel oleoso ou carvão
Jornal colado e pintado	Tinta guache, lápis de cor, giz de cera, carvão

* Ao expor os trabalhos em papel vegetal, considere a necessidade de um outro suporte, de preferência de uma cor única realçando as produções dos alunos.

Após a produção, realize uma apreciação para que os alunos possam perceber e observar como cada um resolveu o seu trabalho, ou seja, como cada um utilizou os conhecimentos adquiridos em outros momentos já citados.

Organize com os alunos a exposição dos trabalhos em um espaço da escola (sala de aula ou fora dela), de forma que fiquem agrupados de acordo com critérios pré-estabelecidos: materiais usados, temas representados, técnicas utilizadas.

Professor, uma proposta que poderá enriquecer muito esta atividade seria a socialização dos painéis e trabalhos produzidos por outras unidades escolares da cidade. A nossa proposta é que as Oficinas Pedagógicas proponham uma exposição coletiva destes painéis num determinado espaço da cidade (uma escola com espaço maior é mais adequado, um centro cultural, uma sala de exposições ou mesmo num evento que possa ser realizado numa praça da cidade). É importante salientar que esta proposta/atividade possibilita aos alunos de vários bairros, o intercâmbio das diferentes visões dos **espaços**, tendo assim um olhar mais amplo e diversificado da cidade.

A CIDADE, SUAS PESSOAS E HISTÓRIAS.

Este recorte temático tem por objetivo “olhar” a cidade e o espaço circundante a partir das pessoas e suas histórias, enfatizando aqui cenas do cotidiano. Para tanto iniciaremos nossa proposta de atividade sugerindo alguns artistas que abordaram esta temática em diferentes épocas e locais, utilizando diferentes técnicas e suportes, representando diversas cenas: de refeições, de famílias reunidas, de festas, pessoas trabalhando, se divertindo, lendo, passeando, dançando, nos afazeres domésticos, conversando, etc. São eles: Bruegel, Vermeer, Toulouse-Lautrec, Gauguin, Renoir, Degas, Botero, Segall, Portinari e Djanira/Primitivistas.

1- Dentre os artistas sugeridos e pesquisados por você, selecione algumas imagens que retratem cenas do cotidiano, procurando diversificar os locais onde elas se passam, a forma como foram representadas, as temáticas abordadas, as técnicas utilizadas e como os elementos da linguagem visual (cor, forma, linhas, texturas, composição, luz) foram utilizados para configurar as imagens.

Apresente estas imagens aos alunos realizando uma leitura que pode seguir o seguinte roteiro:

- O que vemos nestas imagens? Pessoas? Árvores? Lugares? Animais? Objetos?
- Se há pessoas, o que estão fazendo? Que roupas estão vestindo? São novas ou velhas? Ricas ou pobres? Elas se conhecem? Moram juntas? Estão alegres ou tristes? Elas gostam do que estão fazendo?
- Esta imagem é atual ou antiga? Como podemos perceber qual época retrata?

- Onde fica este lugar? Você conhece um lugar como este? Faz calor ou frio? É dia ou noite? Está organizado ou bagunçado? Você gostaria de estar neste lugar? Por quê?
- De que forma o artista representou as pessoas, objetos, lugares, animais que aparecem nesta imagem?
- Que cores foram utilizadas para colorir esta cena? Você percebe linhas nesta imagem? Como são: retas, curvas, grossas, finas, emaranhadas, fortes, circulares?
- O que vemos no lado direito da imagem? E no esquerdo? O que está representado na frente? E no fundo? O que vemos na parte de cima da imagem? E na parte de baixo?
- Quando você olha para esta cena/imagem o que sente: alegria, tristeza, calma, solidão, agressividade, amor, dor, paz?
- Como as cenas ocupam estes **espaços**?
- Como é a ocupação do **espaço**?

Professor, **lembre-se** que este roteiro é uma possibilidade, mas que a condução da leitura depende da escolha da imagem, do que você quer que os alunos aprendam/percebam, construindo desta forma um olhar estético mais apurado, crítico, sensível e investigativo.

A leitura só é possível se todos os alunos puderem visualizar e bem a imagem apresentada, portanto é preciso **cuidado** com a qualidade, o tamanho ou forma de apresentação (prancha, transparência, mini pranchas individuais, slides, data show).

Importante ressaltar que as imagens devem ser apresentadas e apreciadas gradativamente (de duas em duas ou uma por vez ou mais que duas para comparação), considerando a faixa etária dos alunos, a quantidade a ser apreciada e o objetivo da leitura (o que os alunos irão aprender/perceber com

estas imagens: sobre o tema? Cores? Técnica? Como o artista representou plasticamente a cena?).

É preciso também variar o roteiro, quer seja mudando as perguntas quer seja salientando só as mais pertinentes no momento, podendo ainda realizar a leitura no coletivo ou em pequenos grupos, registrando a fala dos alunos ou sugerindo que eles registrem suas observações para utilizar em suas produções.

Este é também um bom momento para apresentar o(s) artista (s), contando seu nome, onde e quando nasceu e viveu, o que gostava de retratar em suas obras, quem eram seus amigos, como gostava de pintar/desenhar/gravar (estilo), as cores e materiais que mais utilizava, onde costumava produzir suas obras (atelier, ao ar livre, em casa) e outras curiosidades ou características que sejam pertinentes.

2- Após a leitura de algumas imagens, propor aos alunos uma pesquisa de cenas do cotidiano encontradas em revistas, jornais, fotos, catálogos, propagandas, cartões postais e outros.

Estas imagens serão socializadas com a turma na sala de aula. Por isso, o aluno pode registrar por escrito suas observações sobre as cenas/imagens trazidas, buscando fazer uma leitura das mesmas, uma vez que já vivenciou isto em sala de aula.

3- Disponha as imagens trazidas pelos alunos de forma que todos possam visualizar e falar sobre elas, fazendo uso dos registros realizados em sua pesquisa individual.

Professor, estas imagens poderão fazer parte de um acervo da sala servindo de fonte de pesquisa e informação na elaboração e produção de seus trabalhos plásticos.

4- Após esta socialização, proponha aos alunos agrupar as imagens de acordo com os temas abordados nas diferentes cenas: de lazer; de pessoas trabalhando; de festas; de pessoas na rua; de pessoas em casa; em momentos de família; de pessoas estudando, brincando, comemorando.

Este momento permite ao aluno perceber semelhanças e diferenças entre as imagens e a forma como foram configuradas. Estas comparações ampliam o repertório do aluno, alfabetizam visualmente, oferecem informações e conhecimentos para que possa melhorar e aprimorar suas produções: desenhos, pinturas, traçado, a forma como representa, lê, constrói e reconstrói o seu entorno, a cidade e as pessoas que nela habitam.

5- Utilizando lápis preto, lápis de cor e diferentes suportes, os alunos deverão desenhar individualmente cenas do cotidiano da cidade onde mora, a partir da seguinte questão:

“Se você fosse apresentar a nossa cidade para alguém que não a conhece, que cenas desenharia para mostrar o que fazem e como fazem as pessoas que moram aqui?”

Procure fazer com que o aluno retome e faça uso das apreciações, leituras, pesquisas, observações, falas e registros realizados anteriormente, pois estas atividades ofereceram conhecimentos que poderão ser incorporados no fazer do aluno. Não como cópia, mas sim como diferentes possibilidades de representar e apresentar as cenas que serão produzidas: os alunos podem pintar ou desenhar como determinado artista, seja na expressividade da cor, da linha, da textura; seja na organização dos elementos que compõem a cena; seja nas formas como as pessoas/objetos/lugares/ são representados.

Lembre-se: Arte é linguagem, estudo, pesquisa, observação, esboço, registro gráfico, trabalho, construção, troca, expressão, contextualização e produção.

6- Após algumas aulas onde os alunos puderam realizar vários desenhos, propor que, utilizando papel canson ou outro suporte - tamanho A3, no formato de um quadrado, e utilizando giz pastel oleoso, lápis de cor ou outro material, o aluno crie uma cena a partir dos elementos presentes nos desenhos produzidos e/ou das demais referências oferecidas.

7 - Após o término do desenho e da pintura, propicie um momento para que o aluno aprecie a produção realizada e elabore um texto sobre a mesma. Este texto pode ser apresentado em forma de um poema, frase, palavras, histórias, "causos". Este texto não deve ser descritivo, mas estar carregado de poesia, de magia, de memórias, de lembranças, de significado.

Ofereça então, uma folha de papel vegetal do mesmo tamanho da folha utilizada para o desenho, para que o aluno registre o seu texto utilizando caneta hidrocor ou caneta própria para retroprojeter.

Esta folha transparente, contendo o texto, deverá ser anexada/sobreposta ao desenho de forma que se tornem uma única produção, onde a escrita e imagem se encontram, desvelando histórias por trás das cenas.

Este trabalho com a intertextualidade (integração imagem-palavra enquanto ação criadora) poderia ocorrer em parceria com o professor de sala (PEB I).

8- Junto com os alunos pense a melhor forma de expor estes trabalhos para outras pessoas (alunos de outras turmas, pais, comunidade, alunos de outras escolas, professores e funcionários da escola).

Uma possibilidade é reunir as cenas produzidas, juntamente com os textos, em formato de um Álbum que retrate a cidade, suas pessoas e histórias e cuja apresentação pode ser realizada por você professor.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)